

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DANIELA FARENZENA AFFONSO**

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO TELEJORNALISMO GAÚCHO:  
ADAPTAÇÕES NA ROTINA DE PRODUÇÃO DO BOM DIA RIO GRANDE DA  
RBS TV**

**CAXIAS DO SUL  
2021**

**DANIELA FARENZENA AFFONSO**

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO TELEJORNALISMO GAÚCHO:  
ADAPTAÇÕES NA ROTINA DE PRODUÇÃO DO BOM DIA RIO GRANDE DA  
RBS TV**

Trabalho de Conclusão de Curso para  
obtenção do grau de Bacharel em  
Jornalismo, na Universidade de  
Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Ma. Adriana dos  
Santos Schleder

**CAXIAS DO SUL**

**2021**

**DANIELA FARENZENA AFFONSO**

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO TELEJORNALISMO GAÚCHO:  
ADAPTAÇÕES NA ROTINA DE PRODUÇÃO DO BOM DIA RIO GRANDE DA  
RBS TV**

Trabalho de Conclusão de Curso para  
obtenção do grau de Bacharel em  
Jornalismo, na Universidade de  
Caxias do Sul.

Orientador: Profª Ma. Adriana dos  
Santos Schleder  
Aprovado em: \_\_/\_\_/2021

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Ma. Adriana dos Santos Schleder  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Profa. Dra. Alessandra Rech  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof. Me. Jacob Raul Hoffman  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

## AGRADECIMENTOS

O meu processo de elaboração desta pesquisa iniciou em um momento complicado da minha vida, em que precisei passar por muitas adaptações. Por isso, nada melhor do que agradecer pela conclusão deste trabalho que me orgulha tanto. Primeiramente, agradeço a Deus, pois Nele encontrei todas as forças que precisei para seguir em momentos difíceis. Agradeço também aos meus pais, Silvana Farenzena Affonso e Clóvis Santos Affonso, meus eternos incentivadores, que sempre me apoiaram e acreditaram no meu sonho e no meu potencial. Agradeço ao meu irmão, Rodrigo Farenzena Affonso, por sempre ter me ouvido. E claro, ao meu namorado, Valber Henrique Defaveri, que esteve ao meu lado em todos os momentos, me motivando sempre.

Agradeço à minha orientadora, prof<sup>a</sup> Adriana Schleder, que com muito carinho me guiou na escrita desta pesquisa. Desde o início incentivou o meu trabalho, me ajudando a seguir o caminho certo. Agradeço também a todos os professores e professoras que fizeram parte da minha graduação, os seus ensinamentos possibilitaram que eu realizasse o meu grande sonho, sou eternamente grata. Agradeço também às jornalistas Simone Lazzari, Daniela Ungaretti, Mariana Pessin e Tainara Alba que aceitaram fazer parte da minha pesquisa. Admiro essas profissionais que contribuíram muito com o meu trabalho.

Amigos, sempre existem aqueles que jamais soltam a nossa mão. E posso dizer que sou muito feliz em poder contar com pessoas tão especiais. Primeiramente, agradeço ao meu amigo Lucas de Souza Marques, que percorreu o mesmo caminho de TCC que eu neste ano. Juntos formamos uma boa dupla, enfrentando os momentos difíceis e também comemorando as conquistas. A minha amiga Thais Strapazzon, que é uma grande inspiração para mim, sempre esteve disposta a ouvir, apoiar e auxiliar.

Agradeço também à minha tia Marília Affonso, que é uma grande amiga para mim. Desde o início da graduação me apoiou, me incentivou e me aconselhou. Não posso deixar de agradecer também as minhas amigas Caroline Rafaela Franco, Gabriela Peresin Zandoná, Camila Bordignon Bim e Débora Farenzena Bim, por terem ficado do meu lado em todos os momentos, ouvindo os meus desabafos e me incentivando a seguir em frente. A todos que de alguma forma me apoiaram e acreditaram na realização do meu sonho, meu sincero obrigado!

## RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo analisar os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV. O método utilizado foi a Análise de Conteúdo acompanhado pelas técnicas de pesquisa bibliográfica, observação simples e entrevista. Foram abordados no trabalho os gêneros e formatos dos programas de TV, com maior enfoque na categoria de informação e no gênero telejornal; as etapas de produção do conteúdo jornalístico audiovisual; e os impactos da covid-19 na comunicação e no telejornalismo. Por meio da pesquisa foi possível perceber que a pandemia teve grande influência na rotina de produção do programa, que encontrou alternativas para seguir entregando os conteúdos.

**Palavras-Chave:** Bom Dia Rio Grande. Telejornalismo. Rotinas de produção. Impactos covid-19. RBSTV.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reportagem sobre mortes por coronavírus em hospitais psiquiátricos de Porto Alegre .....	124
Figura 2 – Quadro ‘Vozes da pandemia’ .....	126
Figura 3 – Entrada ao vivo durante <i>home office</i> sobre mortes por Coronavírus em hospitais psiquiátricos .....	131
Figura 4 – Imagens gravadas pelas fontes .....	135
Figura 5 – Tela com os dados sobre a matéria a respeito dos casos de coronavírus em hospitais psiquiátricos de Porto Alegre .....	136
Figura 6 – Arte com dados de pesquisa divulgada na reportagem sobre a aproximação entre pais e filhos durante a quarentena .....	136
Figura 7 – Repórter Tainara Alba em entrada ao vivo externa em Bento Gonçalves .....	141
Figura 8 – Queda de sinal durante entrevista ao vivo .....	146
Figura 9 – Postagem da repórter em suas redes sociais .....	149
Figura 10 – Depoimento na reportagem sobre casos de coronavírus na Serra .....	150
Figura 11 – Voluntários ajudam na construção de leitos na Serra .....	151
Figura 12 – Pais e filhos se aproximam durante a quarentena no RS .....	152
Figura 13 – A apresentadora Daniela Ungaretti comenta a situação vivida .....	156
Figura 14 – Vinheta do quadro ‘Mãos à obra’ .....	161
Figura 15 – Vinheta do quadro ‘Ajuda Rio Grande’ .....	162

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2 GÊNEROS E FORMATOS DE PROGRAMAS DE TV .....</b>	<b>11</b>
2.1 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS .....	11
2.2 CATEGORIA INFORMAÇÃO .....	12
<b>2.2.1 Gênero Debate .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2.2 Gênero Documentário .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2.3 Gênero Entrevista .....</b>	<b>16</b>
2.3 TELEJORNAL .....	17
2.4 HIBRIDISMO .....	20
<b>3 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO</b>	
<b>AUDIOVISUAL .....</b>	<b>22</b>
3.1 O QUE É NOTÍCIA .....	22
3.2 ROTINAS DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NO JORNALISMO .....	26
<b>3.2.1 Escolha da pauta .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2.2 Apuração da notícia .....</b>	<b>29</b>
<b>3.2.3 Entrevista .....</b>	<b>31</b>
<b>3.2.4 Entradas ao vivo .....</b>	<b>33</b>
<b>3.2.5 Edição .....</b>	<b>34</b>
3.2.5.1 Texto .....	36
3.2.5.2 Vídeo .....	38
3.2.5.3 Exibição .....	41
<b>4 IMPACTOS DA COVID-19 NA COMUNICAÇÃO E NO TELEJORNALISMO</b>	
.....	<b>43</b>
<b>5 METODOLOGIA .....</b>	<b>52</b>
5.1 MÉTODO .....	52
<b>5.1.1 Pré-análise .....</b>	<b>52</b>
<b>5.1.2 Exploração do material .....</b>	<b>53</b>
<b>5.1.3 Tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação .....</b>	<b>54</b>

5.2 TÉCNICAS .....	55
<b>5.2.1 Pesquisa bibliográfica .....</b>	<b>55</b>
<b>5.2.2 Observação simples .....</b>	<b>56</b>
5.2.2.1 Objeto de Estudo .....	57
5.2.2.2 <i>Corpus</i> da pesquisa .....	58
5.2.2.2.1 <i>Glossário</i> .....	59
5.2.2.2.2 <i>Decupagem</i> .....	61
<b>5.2.3 Entrevista .....</b>	<b>78</b>
5.2.3.1 Fontes de informação .....	79
5.2.3.1.1 <i>Simone Lazzari</i> .....	80
5.2.3.1.2 <i>Daniela Ungaretti</i> .....	96
5.2.3.1.3 <i>Mariana Pessin</i> .....	100
5.2.3.1.4 <i>Tainara Alba</i> .....	113
<b>6 ANÁLISE DE CONTEÚDO .....</b>	<b>122</b>
6.1 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO .....	122
6.2 PROGRAMA AO VIVO .....	144
6.3 HERANÇAS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO BOM DIA RIO GRANDE ...	158
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>165</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>169</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>175</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>176</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo tem papel fundamental na vida das pessoas, sendo um companheiro do início da manhã até o final da noite. Muitas são as formas de transmissão de uma notícia, mas, na essência, o conteúdo deve prezar pela ética e responsabilidade social. Os contextos históricos que envolvem a sociedade também influenciam nas maneiras que as reportagens são apresentadas ao público. Em março de 2020, quando os efeitos da pandemia da covid-19 começaram a ficar visíveis no Brasil, o Jornalismo foi uma das áreas que precisou manter-se em pé apesar das adversidades, afinal, naquele momento, as pessoas necessitavam estar bem informadas.

Nesse sentido, é importante destacar que muitos veículos de comunicação modificaram suas rotinas e adaptaram os modos de produção de conteúdo para não deixar a população sem informações. O audiovisual foi uma das áreas impactadas com a pandemia da covid-19. Entrevistas por aplicativo e entradas ao vivo dentro das próprias casas são apenas algumas das adaptações realizadas durante o período.

Dentre as grandes funções do Jornalismo para a sociedade está a de ser um serviço e, por conta dessa importância, nesta pesquisa será analisado o Bom Dia Rio Grande, telejornal que acompanha o café da manhã de muitos gaúchos. Começar o dia com informação bem apurada e em tempo real é o que motiva os fãs do telejornal.

A programação matinal é completa, com previsão do tempo, trânsito, entrevistas e matérias dos mais variados temas. Conhecer essa produção será fascinante, pois é o Jornalismo real, sendo produzido com qualidade e agilidade. Desde quando eu ensaiava noticiar os mais diversos fatos aos 11 anos de idade, eu sabia que o audiovisual ocupava um espaço importante na minha paixão pela profissão. Seria meu grande sonho ter um contato mais próximo com um telejornal completo que está a serviço dos espectadores que saem de casa todas as manhãs com as informações necessárias para começar o seu dia.

Com essa pesquisa, o intuito é analisar quais foram as alternativas encontradas pelo telejornal para continuar informando a população, mesmo durante uma pandemia. Diante disso, a questão norteadora desta monografia reflete sobre *quais*

*os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV?*

O objetivo geral do estudo segue nessa linha de analisar os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV. Já os objetivos específicos são: *conceituar os gêneros e formatos de um conteúdo de televisão para entender onde o Bom Dia Rio Grande está inserido na classificação dos programas de televisão; estudar como se dá o processo de produção de conteúdo de um telejornal para compreender melhor como funciona a apuração da notícia; pesquisar os impactos da pandemia da covid-19 no Jornalismo para entender melhor as adaptações que precisaram ser feitas pela equipe; conhecer como é a rotina de produção do Bom Dia Rio Grande para poder analisar os processos que a envolvem; entrevistar profissionais responsáveis pela produção do programa para compreender como se dá o processo de criação do Bom Dia Rio Grande e os impactos da covid-19 na rotina de produção; e avaliar os impactos da pandemia da covid-19 no programa Bom Dia Rio Grande por meio do conteúdo selecionado a fim de concluir quais foram as mudanças ao longo do período de isolamento e também depois de algumas flexibilizações.*

A partir dos objetivos da pesquisa, foram elaboradas quatro hipóteses: *as mudanças exigidas devido à pandemia da covid-19 alteraram o processo de produção do programa Bom Dia Rio Grande, mas não comprometeram a qualidade do conteúdo; as produções de reportagens em casa, além das participações ao vivo do mesmo local, não impediram a devida apuração e o acesso do espectador ao conteúdo; as entrevistas passaram de presenciais para remota visando maior segurança em meio à uma pandemia. Isso possibilitou a aproximação entre o entrevistado e o espectador; e mesmo com as adaptações necessárias, muitos repórteres ainda precisaram ir às ruas respeitando os protocolos. Isso fez com que a essência do Jornalismo, por meio da apuração no local do fato, também fosse preservada.*

O método utilizado para o desenvolvimento do estudo é o da Análise de Conteúdo, proposto por Laurence Bardin (2004), juntamente das técnicas de revisão bibliográfica, observação simples e entrevista. O desenvolvimento da pesquisa resultou em seis capítulos que serão apresentados na sequência.

No capítulo dois, *Gêneros e formatos dos programas de TV*, são conceituados categorias, gêneros e formatos, com ênfase na categoria informação. Dentro dela, os gêneros abordados foram: telejornal, documentário, entrevista e debate. Além disso, o capítulo apresentou o hibridismo.

O capítulo três apresenta as *Etapas de produção do conteúdo jornalístico audiovisual*. Foi abordado o conceito de notícia, além das etapas de produção de conteúdo jornalístico audiovisual, como pauta, apuração, entrevistas, entradas ao vivo, edição e exibição.

Já o capítulo quatro apresentou *Os impactos da covid-19 na comunicação e no telejornalismo*. A fim de trabalhar este tema, foram abordados diversos estudos sobre as mudanças que os veículos de comunicação enfrentaram durante a pandemia.

O capítulo cinco, *Metodologia*, apresenta o processo metodológico desta pesquisa, em que o método de Análise de Conteúdo foi descrito com o passo a passo das etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação, junto com as técnicas de revisão bibliográfica, observação simples e entrevista.

No capítulo seis, *Análise de Conteúdo*, são apresentadas três categorias de análise: *Produção de conteúdo; Programa ao vivo; e Heranças da pandemia da covid-19 no Bom Dia Rio Grande*. A resposta da questão norteadora é apresentada no capítulo sete, nas *Considerações finais*, que foram abordadas no capítulo sete.

## 2 GÊNEROS E FORMATOS DE PROGRAMAS DE TV

Para realizar esta pesquisa é importante estudar alguns conceitos referentes à televisão. Neste capítulo serão apresentados os conceitos de categorias, gêneros e formatos dos programas audiovisuais, como também serão caracterizados os gêneros da categoria informação. Além disso, será abordado o hibridismo no Jornalismo audiovisual.

### 2.1 CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

De acordo com José Carlos Aronchi de Souza, no livro *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira* (2015), costuma-se separar as mais variadas coisas em categorias. Para ele, “a separação dos programas de televisão em categorias atende à necessidade de classificar os gêneros correspondentes. Por isso, a categoria abrange vários gêneros e é capaz de classificar um número bastante elevado de elementos” (SOUZA, 2015, p.29). Os diferentes gêneros que compõe as categorias, na visão do autor, podem ser definidos como um conjunto de espécies que apresentam certo número de características comuns.

No artigo *Das utilidades do conceito de modo de endereçamento para análise do telejornalismo* (2006), Itânia Maria Mota Gomes conceitua os gêneros como formas reconhecidas socialmente a partir das quais se classifica um produto dos *media*. Segundo ela, cada programa televisivo pertence a um gênero particular, como a ficção seriada ou o programa jornalístico, e é a partir desse gênero que o programa é reconhecido.

Levando em conta estas características, conforme Souza (2015), os gêneros podem ser entendidos como estratégias de comunicabilidade, fatos culturais e modelos dinâmicos. Segundo o autor,

somos capazes de reconhecer este ou aquele gênero, falar de suas especificidades, mesmo ignorando as regras de suas produção, escritura e funcionamento. A familiaridade se torna possível porque os gêneros acionam mecanismos de recomposição da memória e do imaginário de diferentes grupos sociais (SOUZA, 2015, p.34).

Sob o mesmo ponto de vista, Elizabeth Bastos Duarte, no artigo *Reflexões sobre*

os gêneros e formatos televisivos (2006), também aborda o gênero como uma estratégia de comunicabilidade. Segundo ela, “os gêneros são então categorias discursivas e culturais que se manifestam sob a forma de subgêneros e formatos” (DUARTE, 2006, p.20). A autora também afirma que em televisão os gêneros parecem ser macroarticulações de categorias semânticas, podendo abrigar um conjunto amplo de produtos televisivos que partilham poucas categorias comuns. Conforme a pesquisadora,

a noção de gênero em televisão não passaria de uma abstração, seria da ordem da virtualidade [...]. O gênero funcionaria, então, em cada caso, como substância de uma forma que ele se projeta, decorrente da articulação entre subgênero(s) e formato(s), e não teria outra existência possível além dessa de ser substância ‘em-formada’ (DUARTE, 2006, p.22).

Ao contextualizar gênero, Adayr Tesche, no artigo *Gênero e regime escópico na ficção seriada televisual (2006)*, ressalta que o gênero não é apenas uma determinada forma que o jogo assume, mas são quadros de referências que fazem a mediação entre texto, enunciador e enunciatário. Sendo assim, segundo ela, sua função é de mediação entre as condições de produção e de reconhecimento e interpretação. Além disso, a autora afirma que o gênero pode ser considerado como um dispositivo que auxilia a televisão a configurar seu produto, a fim de que as expectativas do consumidor sejam atendidas.

De uma forma mais sucinta, as autoras Ana Teresa Peixinho e Teresa Almeida Santos, no artigo *Hibridismo e Géneros Jornalísticos: análise de uma ‘reportagem-folhetim’ (2021)*, abordam os gêneros jornalísticos como categorias classificatórias. Segundo elas, eles têm impacto nos processos de construção dos textos, nos processos cognitivos de leitura e interpretação.

Após a compreensão dos conceitos acima, é importante abordar o formato, que está associado diretamente ao gênero de um programa. Souza (2015) explica que, no caso de programas de TV, a forma é a característica que ajuda a definir o gênero, ou seja, a forma de uma coisa diz sobre suas possibilidades e limitações. O autor destaca que “em televisão vários formatos constituem um gênero de programa, e os gêneros agrupados formam uma categoria” (SOUZA, 2015, p.35).

Seguindo a mesma linha, Tesche (2006) afirma que “os formatos são configurações muito peculiares que os produtos midiáticos adotam dentro de uma

categorização mais abrangente de plasmação estática e de comunicação formada pelo gênero” (TESCHE, 2006, p.73). Para compreender de forma interligada os três conceitos, Souza (2015) explica que formato é a nomenclatura própria do meio para identificar a forma e o tipo da produção de um gênero de programa de televisão.

Depois de compreender os conceitos, serão apresentadas as cinco categorias que possuem gêneros próprios definidas por Souza (2015): *Entretenimento, Informação, Educação, Publicidade e Outros*.

- a) *Categoria Entretenimento*: programas de auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filmes, *game show* (competição), humorístico, infantil, interativo, musical, novela, *quis show* (perguntas e respostas), *reality show* (tv-realidade), revista, série, série brasileira, sitcom (comédia de situações), *talk show*, teledramaturgia (ficção), variedades, *western* (faroeste);
- b) *Categoria Informação*: debates, documentários, entrevistas e telejornais;
- c) *Categoria Educação*: programas educativos e instrutivos;
- d) *Categoria Publicidade*: chamadas, filmes comerciais, políticos, sorteios e telecompras;
- e) *Categoria Outros*: transmissão de eventos, programas religiosos e especiais.

Como a pesquisa envolve um programa de caráter jornalístico, neste trabalho, serão aprofundados apenas os gêneros da categoria *Informação*.

## 2.2 CATEGORIA INFORMAÇÃO

A informação é a base do trabalho do jornalista, porém, há diversas formas de se aproximar aos telespectadores. Segundo Olga Curado, no livro *A notícia na TV (2002)*, os programas jornalísticos existem para oferecer aos telespectadores informação sobre os fatos da semana, do dia, da hora, do momento. As maneiras escolhidas para noticiar as informações caracterizam os gêneros. Conforme afirma Nísia Martins no artigo *Informação na tevê: a estética do espetáculo (2006)*, o campo

da televisão é formado por um discurso complexo, heterogêneo, que se organiza sobre uma diversidade de linguagens. Para compreender essa variedade, é de suma importância conceituar e explicar cada um dos quatro gêneros da categoria *Informação*.

Neste subtítulo serão abordados os gêneros debate, entrevista e documentário. O gênero telejornal vai receber um subtítulo especial porque está diretamente relacionado ao objeto da pesquisa que é o programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV.

### 2.2.1 Gênero Debate

Neste gênero, segundo Souza (2015), a principal característica é o número de entrevistados e entrevistadores. Segundo o autor, “podem aparecer no vídeo mais de um entrevistador e convidados que também atuam como comentaristas” (SOUZA, 2015, p.107). É importante destacar também que o debate pode ser sobre apenas um ou variados assuntos ao longo do programa, o que garante um tom de atualidade e variedade.

No artigo *O Debate Televisivo: um estudo das Estratégias Argumentativas no Discurso Feminino (2007)*, Eliete Sampaio Farneda afirma que o debate se trata de uma interação verbal, em que o interlocutor expõe seus pontos de vista utilizando-se de estratégias argumentativas. Para a autora,

os debates televisivos contribuem para a constituição da imagem do locutor, permitem que esse assumam uma posição de domínio, constroem uma imagem perante o outro que se adapta à expectativa que se julga ser conhecida e cujos contornos definem-se em função do interesse em persuadir o interlocutor (FARNEDA, 2007, p.65).

O formato mais frequente deste gênero, de acordo com Souza (2015), é o de mesa-redonda. Além do debate, o programa pode apresentar pequenas reportagens que ilustram o assunto ou até mesmo entrevistas com convidados principais. Outra característica do formato é a duração do programa, que é mais elástica, com mínimo de trinta minutos e até mais de uma hora.

Em relação à argumentação, Farneda (2007) comenta que o debate televisivo é, antes de tudo, um discurso orientado que tem finalidade a persuasão. A autora explica

que sendo televisivo o debate possui uma modalidade mais competitiva, principalmente se estiver ligado à esfera política tradicional. Quando busca a resolução de problemas passa a ter um caráter de ampliar os conhecimentos da comunidade. A pesquisadora reforça que ambas as formas contribuem para a opinião pública.

### **2.2.2 Gênero Documentário**

Neste gênero, os assuntos abordados possuem relevância e aprofundam temas do cotidiano. Conforme afirma Souza (2015), no documentário é demonstrada a qualidade dos programas de telejornalismo. As origens deste gênero estão no cinema. Para o autor, “a necessidade de pesquisa, de aprofundamento do tema, com entrevistas e produção de imagens em diversos locais, eleva o orçamento do gênero. Por isso, nem todas as redes produzem documentários” (SOUZA, 2015, p. 108). Uma alternativa encontrada pelas emissoras, ocasionalmente, é a compra de produções estrangeiras.

O pesquisador explica que a duração dos documentários é maior do que das reportagens apresentadas em telejornais. Isso porque o objetivo é sempre buscar o máximo de informações sobre um tema. Sendo assim, “o documentário pode apresentar muitos formatos dentro do próprio gênero, como videoclipes, entrevistas, debates, narração em off, com o objetivo de não torná-lo cansativo e apresentar de forma variada as informações colhidas de várias fontes” (SOUZA, 2015, p. 109). O documentário tem como base o próximo gênero a ser apresentado, que é a entrevista.

No artigo *Breve relato sobre o documentário segundo Karel Reisz (2006)*, a autora Liliana Sulzbach explica que o documentário se ocupa com a apresentação e desenvolvimento de um tema. Este, que é o ponto de partida que necessita de uma interpretação. A pesquisadora compara o documentário com a reportagem, esta, é a apresentação de um tema e, aquele, é a interpretação desse tema. Segundo ela,



a interpretação de um tema é sempre uma questão pessoal. Por isso é muito importante que o diretor, o roteirista e o montador, se não forem a mesma pessoa, estejam completamente sintonizados. Afinal, afirmar que em documentário tudo se decide na montagem, significa pressupor que a montagem começa muito antes da chegada do material na ilha de edição ou sala de montagem. O roteirista, que muitas vezes é o próprio diretor, já deve pensar na montagem quando decide a forma de conduzir a sua história (SULZBACH, 2006, p.232).

Ao refletir sobre a importância do gênero, Sulzbach (2006) ressalta que o documentário começa a ganhar mais valor quando vai além da simples observação e busca transmitir e despertar emoções que vão mais fundo na interpretação dos fatos.

### 2.2.3 Gênero Entrevista

O gênero relaciona-se aos programas jornalísticos que procuram pessoas das mais diversas áreas para ficar frente a frente com o apresentador. Conforme a autora Cárilda Emerim, no artigo *Informação televisiva: entrevista (2006)*, a entrevista seria uma resposta à curiosidade que os telespectadores têm sobre as pessoas, sobre as coisas do mundo. Segundo ela,

as entrevistas televisivas, em suas diferentes formas de estruturação e formato, em princípio, parecem por em contato e fazem interagir, na tela, diante dos olhos dos telespectadores, mídia e sociedade, relacionando-as a partir de alguma coisa que aconteceu ou que está em curso (EMERIM, 2006, p.160).

Uma entrevista é um processo comunicativo simples que utiliza a linguagem verbal como forma de expressão. Desse modo, conforme Emerim (2006), são apresentadas para o telespectador pessoas diretamente envolvidas com os acontecimentos, que enquadradas em primeiro plano na tela da televisão, se comunicam com ele. Segundo Souza (2015), geralmente são jornalistas de renome que conduzem as entrevistas. Ele explica que pode haver uma redefinição do gênero entrevista quando existe descontração e intimidade. Neste caso, com esses dois elementos, o programa se aproxima do classificado como *talk show*.

Souza (2015, p. 110) afirma que “no gênero entrevista, o entrevistado é o foco e não há show comandado pelo jornalista apresentador”. O pesquisador também destaca que os assuntos que costumam fazer parte das entrevistas são política e

atualidades. Outro ponto importante destacado pelo pesquisador é que, diferentemente do *talk show*, o apresentador de entrevista não tem o compromisso de deixar o entrevistado à vontade, ele pode questioná-lo sobre fatos polêmicos e chegar até a discórdia.

Conforme Souza (2015), alguns programas do gênero entrevista são ilustrados por reportagens, que podem auxiliar na abordagem do assunto. Elas podem ser ao vivo ou gravadas. Emerin (2006) complementa ao afirmar que as entrevistas televisivas podem aparecer inseridas no interior da programação, manifestando-se enquanto unidades autônomas, como blocos, fragmentos de blocos ou reportagens de um programa.

### 2.3 TELEJORNAL

O gênero *Telejornal* possui características próprias e evidentes, segundo Souza (2015), algumas delas podem ser relacionadas ao formato do programa, que normalmente conta com o apresentador no estúdio anunciando reportagens sobre os fatos mais recentes. Seguindo esta linha, o jornalista William Bonner, no livro *Jornal Nacional: modo de Fazer* (2009), destaca que no Jornal Nacional, considerado por ele o principal veículo de informação do Brasil, o objetivo é mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo. Esse telejornal faz parte da vida de muitos brasileiros, já que ultrapassou os 50 anos de trajetória.

Retornando um pouco na história, Souza (2015) explica que os telejornais conquistaram importância na grade horária da programação e isso fez com que as emissoras investissem no Jornalismo tanto quanto em outros gêneros. Segundo o autor, o telejornalismo podia ser caracterizado como insubstituível nas grades, pois o gênero ocupava espaço e visibilidade fundamentais para o conceito de rede de televisão. Ele ainda relata que as redes de televisão mantêm uma estrutura independente e com tecnologia para programas voltados à categoria informação. Souza (2015) explica que no Brasil o desenvolvimento do telejornalismo foi alavancado por patrocinadores multinacionais que já conheciam o sucesso e a importância do gênero em seus países de origem.

O autor também descreve que o primeiro formato do gênero foi o noticiário, programa em que o apresentador lia textos para a câmera, sem imagens ou

ilustrações. Conforme Souza (2015), esta é a fórmula básica até os dias atuais, pois hoje um ou mais apresentadores leem os textos e apresentam as reportagens externas realizadas pelos jornalistas, que podem ser ao vivo ou gravadas. O pesquisador ainda destaca que uma característica dos principais telejornais é que eles continuam sendo transmitidos ao vivo, pois isso dá um tom de atualidade e permite a realização de entrevistas em diversos pontos do país e do mundo.

Antes da apresentação das reportagens, característica importante do gênero, está um trabalho de um dia inteiro. Ao abordar a rotina de produção do Jornal Nacional, Bonner (2009, p. 65) enfatiza que “uma das maiores dificuldades [...] sempre foi responder a que horas o Jornal Nacional começa a ser produzido. É que, a rigor, ele nunca para”. O foco da equipe, segundo ele, é veicular os fatos mais importantes em nível nacional e internacional com clareza, correção, isenção e pluralidade. Entretanto, esse é um trabalho para inúmeros tipos de profissionais e em grande número, a fim de dar conta de todas as informações.

A pesquisadora Yvana Fechine, no artigo *Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal (2006)* resume o telejornal como um conjunto que emerge da articulação de sucessivas unidades numa instância que as engloba. Segundo ela,

nas suas mais variadas formas – reportagens gravadas, entrevistas no estúdio, entradas ‘ao vivo’, gráficos, material de arquivo, etc.-, todos os enunciados englobados (unidades) organizam-se em função desse enunciado englobante implícito (todo) justamente porque estão inseridos, e são articulados entre si, numa mesma temporalidade definida pelo início e pelo fim do programa (FECHINE, 2006, 140).

No artigo *Telejornalismo no Brasil (2009)*, Jaciara Novaes Mello afirma que apesar de não estar na história como a criadora do telejornalismo brasileiro, a Globo acabou ditando as regras de como fazer o telejornalismo. Conforme a autora, “a emissora ligou o texto à imagem, e traduziu nos telejornais um formato mais interessante para o público. Nessa adequação, o fator principal foi que a emissora introduziu as modificações sem improvisos” (MELLO, 2009, p.6). Além disso, outro ponto citado por ela como fundamental para a ascensão da Rede Globo refere-se ao padrão de horários para a exibição dos seus programas.

Ainda sobre o Jornal Nacional, Bonner (2009) afirma que a produção do programa jornalístico de televisão é um trabalho muito importante para os dois

suportes de um telejornal. Um deles é o factual, que são os assuntos do dia, e o outro é o de atualidades, que são assuntos atuais, mas não urgentes. No caso do Jornal Nacional, o jornalista salienta que a maior parte das notícias puxam para o factual, porém, em dias que não há muitos acontecimentos, importantes temas da atualidade são apresentados, e estes, podem ser sobre variados assuntos.

Os temas de atualidade são um apoio muito bem-vindo – e a importância deles reside no fato de permitirem que o espectador compreenda fenômenos, acontecimentos contemporâneos, dentro do contexto em que se dão. Reportagens sobre esses assuntos permitem ao público enxergar mais amplamente o momento que o país e o mundo atravessam, compará-lo com acontecimentos passados, intuir tendências, formar opinião sobre esses assuntos (BONNER, 2009, p.19).

Apesar da importância dos temas de atualidade, Bonner (2009) reforça que a característica do telejornal é de ter um “jeitão’ meio ansioso, de quem está cheio de novidades para contar. [...] Esta é a natureza do JN. Um jornal de vocação factual. Nos Estados Unidos, isso tem um nome: *hard news*” (BONNER, 2009, p.20).

Um telejornal como o Jornal Nacional, por exemplo, oferece uma gama completa de conteúdos ao público que o acompanha. Sobre a experiência que programas jornalísticos de televisão proporcionam aos telespectadores, Guilherme Jorge de Rezende, no livro *Telejornalismo no Brasil – Um perfil editorial (2000)*, destaca que “com a transmissão direta de imagens e sons, a tv realiza a sua obra jornalística máxima. Permite ao telespectador testemunhar um fato como se estivesse presente no local” (REZENDE, 2000, p. 73).

Além de ressaltar as características do gênero, é importante acompanhar suas modificações. Segundo Souza (2015), além do formato tradicional, o telejornalismo buscou outros formatos,

por isso mantém-se em evidência em todas as grades de programação. São programas de debate e entrevista mediados pelos jornalistas da rede, e também os documentários e reportagens especiais, que ocupam os departamentos de jornalismo das emissoras (SOUZA, 2015, p.113).

Para o pesquisador, dentro do gênero telejornalismo há formatos que se firmam como gêneros por sua importância. Além disso, vale destacar que outros formatos são criados a partir desses mesmos gêneros, provocando o hibridismo. A respeito disso, no livro *Jornalismo de TV (2008)*, Luciana Bistane e Luciane Bacellar caracterizam o

telejornalismo como um gênero que disputa a atenção dos telespectadores que buscam diversão nas programações. Segundo as autoras,

o público gosta de receber informação, mas de maneira interessante, comportamento que vale também para os jornais e revistas. Não é de hoje que os noticiários buscam capturar o público pela emoção. Essa preocupação existe desde os primórdios, quando o jornalismo tinha uma roupagem literária (BISTANE, BACELLAR, 2008, p.86).

Sob o mesmo ponto de vista, a autora Iluska Coutinho, na obra *Dramaturgia do Telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG (2012)*, aborda a presença de entretenimento no telejornalismo. Conforme ela,

ao agregar informação e entretenimento, quer pela edição das matérias com ênfases visuais, quer pela combinação de temas e de seu encadeamento, o telejornalismo, especialmente no Brasil, oferece aos telespectadores informação e entretenimento, conquistando assim a audiência (COUTINHO, 2012, não paginado).

A partir disso, é importante compreender que a mistura de formatos gera outros formatos e gêneros e isso é uma consequência do hibridismo, que é o tema do próximo subtítulo.

## 2.4 HIBRIDISMO

A hibridização também está inserida no Jornalismo pelos diferentes formatos de conteúdos que surgiram a partir da formalização dos produtos. O termo faz relação com o que é híbrido, ou seja, algo que é formado por mais de um elemento. Neste caso, seriam os gêneros televisivos que acabam se mesclando.

Ao abordar o tema, Peixinho e Santos (2021, p. 60) afirmam que “também no Jornalismo os gêneros evoluem, transformam-se e sucedem-se num processo de renovação, dependente dos contextos, da evolução dos dispositivos de mediação, das linguagens e da relação comunicacional estabelecida”. Já os autores António Granado e Dora Santos Silva, no artigo *Hibridismo e Jornalismo (2021)*, salientam que hoje a condição de híbrido é indissociável do ecossistema mediático, pois define a fusão de

linguagens, modelos e práticas. Entretanto, segundo os autores, o hibridismo não é novo no Jornalismo. Eles explicam que

a essência do hibridismo (ou hibridez) é mesmo essa: algo formado a partir de elementos diferentes; na gramática, significa uma palavra formada por elementos de línguas diferentes; na música, uma peça que une o clássico ao popular, e por aí fora. Os sistemas mediáticos sempre foram híbridos, variando na extensão ou no tempo (GRANADO e SILVA, 2021, p.9).

No artigo *Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro – A Liga e o Espetáculo Pseudo Jornalístico* (2015), as autoras Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Bruna Vanessa Dantas Ribeiro seguem na mesma linha, ressaltando que a hibridização é a marca da televisão moderna. Segundo elas,

em meio há um ritmo frenético de produção e consumo, as fronteiras entre categorias se apagam, gêneros se misturam, formatos se fundem para formar novos formatos híbridos que se estabelecem em um espaço entre gêneros e contribuem com a espetacularização (TEMER, RIBEIRO, 2015, p.3).

Nesse sentido, Elizabeth Bastos Duarte, no artigo *Televisão: entre gêneros/formatos e produtos* (2003), reforça que a condição natural de toda a produção para a televisão é a complexidade e a hibridação. Ela explica que o conteúdo se expressa simultaneamente por meio de diferentes linguagens sonoras e visuais. A autora afirma também que as diferentes lógicas que presidem a produção televisiva são as responsáveis por muitas das características dos textos televisivos em geral: complexidade, hibridação, fragmentação, intertextualidade, repetição, etc. Sobre este tema, Duarte (2003) destaca que

a par da complexidade, esse tipo de produção opera com a superposição de diferentes níveis de hibridação, estabelecendo-se pela apropriação, numa espécie de processo intertextual que se alimenta de referências, alusões, repetições. Mas, ao transpor, colar e fundir diferentes sistemas, esse tipo de processo opera verdadeiras perfusões que apaga as origens, constituindo-se nos elementos fundantes (1) de uma nova gramática de formas de expressão: a gramática televisiva ; (2) de novos gêneros e formatos : aqueles compatíveis com o processo comunicativo que manifestam (DUARTE, 2003, p. 2).

A hibridização está presente de diversas formas nas produções jornalísticas e, acima, foram apresentadas algumas de suas características. A partir da revisão dos conceitos apresentados é possível perceber que o objeto de estudo em análise, o

programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV, tem características híbridas, de telejornal tradicional, mas também se utiliza de debates, entrevistas, e outros formatos para apresentar o seu conteúdos. Na Rede Globo de Televisão há outros programas semelhantes, como o Jornal Hoje e o Jornal da Globo.

O artigo *Narrativas híbridas no telejornalismo brasileiro contemporâneo: Análise dos Programas Profissão Repórter e CQC (2015)*, escrito por Mauro dos Santos Cardoso e Isabel Regina Augusto analisam outros dois programas que segundo eles, se enquadram nessa perspectiva de fazer televisão. Os autores afirmam que os dois formatos, Profissão Repórter da TV Globo e CQC, que era exibido na Band, entram numa proposta de misturar informação com entretenimento. Os autores ainda destacam que hoje, na era da informação, a convergência de mídias vem nos colocar perante a produções cada vez mais difíceis serem categorizadas em um gênero ou formato definido.

A partir da compreensão do que é categoria, gênero, formato e da influência da hibridização na criação de formatos diferenciados, será possível compreender as etapas de produção do conteúdo jornalístico audiovisual, assunto do próximo capítulo.

### **3 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO AUDIOVISUAL**

Nos telejornais com o formato do programa Bom Dia Rio Grande, as pessoas buscam informação sobre o que acontece a sua volta. Por meio do trabalho dos jornalistas é que as notícias chegam ao público. Por isso, é importante analisar quais são as etapas de produção do conteúdo jornalístico audiovisual. As rotinas dos telejornais assemelham-se, por isso, além da compreensão de alguns conceitos, neste capítulo serão apresentadas detalhadamente as etapas que envolvem a criação de conteúdos jornalísticos para televisão.

#### **3.1 O QUE É NOTÍCIA**

Antes de estudar as etapas, é necessário conceituar a notícia, elemento chave em uma produção jornalística. Segundo Olga Curado, em sua obra *A Notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo* (2002, p.15), “a notícia é a informação que tem relevância para o público. A importância de um acontecimento é avaliada pelo

jornalista, que julga se o fato é notícia e deve ser divulgado”. Além disso, ela explica que a notícia revela como os fatos se passaram, identifica os personagens envolvidos, localiza geograficamente onde ocorreram ou ainda estão ocorrendo, descreve as circunstâncias e contextualiza a situação a fim de traçar uma perspectiva.

Resgatando a história, Nilson Lage, no livro *Estrutura da notícia* (2006), afirma que

nos primeiros jornais, a notícia aparece como fator de acumulação de capital mercantil: uma região em seca, sob catástrofe, indica que certa produção não entrará no mercado e uma área extra de consumo se abrirá, na reconstrução; a guerra significa que reis precisarão de armas e dinheiro [...] (LAGE, 2006, p.10).

A respeito da escolha sobre o que deve ser noticiado pelos veículos de comunicação, Lage (2006) ressalta que a divisão de trabalho nas redações centralizou o *gatekeeping*, que é a decisão sobre o que vai ou não ser publicado, em editores que se orientam ora por leis de mercado, ora por conveniências que traduzem o jogo dos grupos de pressão. Os repórteres apuravam e processavam as informações a partir de procedimentos padrão, sem muita intervenção ou consciência desse processo. O autor afirma que esse procedimento começou a mudar a partir do século XX. Segundo ele, foi “quando a informatização impôs a escolha de profissionais aptos a desempenhar várias funções – apurar, redigir, corrigir, diagramar as páginas, participar da feitura de infográficos – [...]” (LAGE, 2006, p.15-16).

A respeito da distribuição de atividades, Curado (2002) afirma que a decisão sobre o que vai ou não ser veiculado depende do profissional que analisa a qualidade, o impacto e a oportunidade da divulgação da notícia. Segundo ela, normalmente essa decisão é tomada pelo editor do programa, mas pode ser pelo chefe de redação ou até mesmo pela soma de opiniões. A autora destaca também que “a importância da notícia é geralmente julgada de acordo com a sua abrangência, isto é, segundo o universo de pessoas às quais pode interessar” (CURADO, 2002, p. 16).

Abordando os critérios, conforme Curado (2002), a notícia é a informação a serviço do público. Segundo ela, o nível de interesse dos telespectadores pode variar de uma simples curiosidade por algum aspecto de vida de uma personalidade à busca de informações sobre o funcionamento de um serviço público. A autora divide os interesses em categorias: na primeira, de amenidades, estão notícias sobre celebridades, por exemplo; e no grupo das informações de serviço, estão as



descobertas científicas ou novas regras para cobrança de impostos. Entretanto, no meio destas duas, segundo Curado (2002), estão as notícias que não abordam amenidades ou aspectos práticos do cotidiano. Elas “dão contemporaneidade, pondo-nos em contato com a atualidade social, política e econômica, ainda que não possamos influenciar ou tomar decisões imediatas a partir desse conhecimento” (CURADO, 2002, p.16).

Estes critérios mencionados correspondem ao valor/notícia, citado por Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior na obra *Decidindo o que é notícia* (2014). Segundo ele, pode se conceituar a noticiabilidade como o conjunto de elementos pelos quais a emissora controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos entre os quais vai selecionar as matérias. Um dos elementos é o *valor/notícia* que define quais fatos são interessantes o suficiente, significativos e relevantes para se tornarem reportagens. O autor afirma que os *valores/notícia* são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção, da captação à apresentação do conteúdo.

Descrevendo a notícia, Lage (2006, p.17) aponta que do ponto de vista da estrutura ela se define “como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. A estrutura da notícia é composta por alguns itens imprescindíveis, um deles é o *lide*. O autor explica que ele é o primeiro parágrafo da notícia, em Jornalismo impresso, embora possam existir outros pontos importantes dentro da notícia. O *lide* corresponde à primeira frase de uma notícia radiofônica, ao texto lido pelo apresentador ou a *cabeça* lida pelo repórter em uma passagem no início de uma notícia em televisão.

Quanto ao conteúdo, este primeiro item da notícia relata a informação principal de uma série, aquilo que é mais importante ou mais interessante. Segundo Lage (2006, p.29), “o lide, [...] informa quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê”. O autor também explica que nos telejornais o *lide* aparece na voz do apresentador, que está no estúdio, ou na *cabeça* da reportagem, em que o repórter aparece falando no local do acontecimento. Comparando com o rádio, o autor ressalta que a televisão é transparente, pois revela muita coisa em gestos e atitudes, e mobiliza a atenção de quem assiste ao noticiário.

Adequando a teoria à prática, no livro *Jornal Nacional – Modo de Fazer* (2009), William Bonner, afirma que num dia típico do telejornal, o editor-chefe precisa tomar

dezenas de decisões depois de ouvir variadas opiniões sobre praticamente todos os temas. Muitas são as opções, mas, segundo o jornalista, o foco é o objetivo básico que é veicular os fatos mais importantes que aconteceram no Brasil e no mundo com clareza, isenção, pluralidade e correção. Para fazer essa seleção, Bonner (2009) cita critérios como a *abrangência*, que leva em conta o universo de pessoas atingidas por um fato. O segundo é a *gravidade das implicações*, e depois dele vem o *caráter histórico*, que pode ser exemplificado com a morte de um papa ou com um ataque terrorista, por exemplo. São fatos que ficam marcados na história e que sempre terão importância e espaço nos telejornais.

Continuando com os critérios de seleção primários do Jornal Nacional, Bonner (2009) destaca o *peso do contexto*. Nesse caso, é preciso considerar a importância relativa de uma notícia quando comparada às outras que serão veiculadas naquela edição. O último dos principais critérios citados pelo jornalista é a *importância do todo*, ou seja, para facilitar a compreensão, as notícias precisam estar em seu contexto e organizadas em uma sequência lógica.

Depois da seleção inicial a partir dos critérios explanados acima, ainda é preciso decidir de que forma cada notícia será levada ao público. Conforme Bonner (2009), neste momento entram os critérios secundários. O primeiro deles é a *complexidade*, quanto mais complexo o assunto, maior será a probabilidade de a reportagem ficar maior, com um repórter conduzindo-a, entrevistas, imagens e recursos de arte para ilustrar. O segundo critério é o *tempo*, que, dependendo da quantidade de temas factuais relevantes, tem importância maior que o habitual na seleção de assuntos e forma como serão exibidos. Desse modo, aumenta ainda mais a necessidade de ser seletivo. Por fim, Bonner (2009) aponta que haveria ainda um terceiro critério nesta lista: a disponibilidade de imagens do assunto em questão. Nesse sentido, ele afirma que o leitor pode perguntar porquê ele não estaria nos primários, já que se trata de um programa audiovisual. A resposta dele é que

o JN é um programa jornalístico de televisão. Sua natureza básica, sua vocação inicial é fornecer informação qualificada ao telespectador [...]. Portanto, a falta de imagens não determina se publicaremos uma notícia ou não. Mas tão somente como a publicaremos” (BONNER, 2009, p.110).

Depois dessa apresentação inicial, o próximo subtítulo vai abordar as rotinas de

produção audiovisual no Jornalismo.

## 3.2 ROTINAS DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NO JORNALISMO

A partir da compreensão do que é notícia, a pesquisa apresenta como se dá o processo de produção audiovisual no Jornalismo, que é composto por uma série de etapas, iniciando pela escolha do tema que será abordado.

### 3.2.1 Escolha da pauta

Para se elaborar uma reportagem jornalística de televisão é preciso seguir algumas etapas. Inicialmente, segundo Curado (2002), deve-se escolher quais informações poderão se tornar pautas, para depois definir quais serão as escolhidas. De acordo com ela, “a pauta é um conjunto de dados que dão partida a uma reportagem” (CURADO, 2002, p.40). A autora também destaca que a pauta de televisão só existe se puder ser proposta em três linhas. Sucinta, ela mostra uma notícia completa que deverá ser desdobrada.

Seguindo a mesma linha, João Elias da Cruz Neto, na obra *Reportagem de Televisão: como produzir, executar e editar* (2008), afirma que a pauta é definida em uma reunião específica chamada *reunião de pauta*. O autor afirma que os repórteres não participam desse encontro e por isso, a pauta deve ser clara para que o profissional entenda que tipo de matéria deve realizar. Conforme o autor,

a reunião é realizada, geralmente, com os produtores, chefes de reportagem e/ou editor de jornalismo e todas as sugestões são discutidas. Algumas são reprovadas porque, por um motivo ou outro, não vale a pena serem realizadas. (CRUZ NETO, 2008, p. 22).

Complementando, Bonner (2009) define a reunião de pauta do telejornal como um ritual descentralizado de discussão dos assuntos que possam ser abordados em reportagens. Nesse processo, jornalistas da própria equipe e das emissoras integrantes da rede discutem pautas, elaboram sugestões e enviam à produção. Para o jornalista, “o Jornal Nacional é produto de um grupo enorme de pessoas. São muitos a sugerir, a opinar, a divergir. E o resultado disso é que uma edição completa se modifica inúmeras vezes no longo do dia. Invariavelmente pra melhor” (BONNER,

2009, p. 115).

No momento da aprovação da matéria, é definido como ela deve ser realizada, qual o seu enfoque. De acordo com Cruz Neto (2008), a definição da pauta facilita uma pesquisa sobre o que já foi mostrado. Além disso, ele afirma que com esse planejamento é possível controlar mais os gastos, já que o deslocamento de uma equipe de televisão costuma ter custos elevados. Dentro da redação, as sugestões de pautas são tarefas, principalmente, de produtores, editores-chefes de cada jornal e chefes de reportagem, porém, todos devem dar sugestões.

Sobre a construção da pauta, na obra *Jornalismo de TV* (2008), Luciana Bistane e Luciana Bacellar (2008) reforçam a importância de a produção verificar o tema, os dados, os fatos e as fontes, com o intuito de justificar a reportagem. Elas vão ao encontro de Cruz Neto (2008) ao falar que deslocar uma equipe custa caro e além disso, caso a pauta não renda, não se sustente, corre-se o risco de ficar com um espaço vazio no jornal na hora do fechamento.

Ao abordar os tipos de pautas, Cruz Neto (2008) pontua que elas incluem acontecimentos programados e também passados, que podem voltar a ser notícia. Também tem a possibilidade de levarem em conta desdobramentos de reportagens já realizadas e abordar assuntos da observação direta do jornalista em algum fato da sociedade. Cruz Neto (2008) salienta que

a pauta não é uma camisa-de-força que aprisiona e sufoca o trabalho de execução do repórter. Se o repórter no momento em que estiver realizando a matéria perceber que a realidade não é bem aquela descrita na pauta, ele pode, sim, mudar o gancho e fazer a matéria de acordo com o que ele está percebendo na rua. Ele deve apenas comunicar a chefia de redação ou ao editor-chefe do telejornal (CRUZ NETO, 2008, p. 25).

A etapa de produção, que é anterior à ida do repórter ao seu trabalho de campo, é a primeira parte da reportagem. Segundo Cruz Neto (2008), o produtor elabora como a matéria deve ser feita e, por isso, precisa estar a par de todo o processo do jornal. As características dessa função são

estar sempre procurando algo. É necessário ser incansável e bem informado. Precisa ter visão sobre o que desperta interesse e saber repercutir acontecimentos. Além de tudo precisa ter agilidade e um talento especial para lidar com as pessoas [...]. O produtor deve, principalmente, saber criar idéias [*sic*] e modos de apresenta-las eficazmente. Isto é ainda mais importante que os procedimentos e técnicas que ele deve dominar (CRUZ NETO, 2008, p.21).

Seguindo na mesma linha, Curado (2002) destaca o papel do produtor na realização de reportagens, que é marcar as entrevistas, identificar as fontes de imagens, reunir o arquivo sobre o assunto, roteirizar a pauta, propor a forma como a matéria deve ser estruturada e, por fim, encaminhar essa produção ao repórter. Conforme a autora, a pauta

contém um *lead* com a notícia concisa e a sequência de entrevistas ou de filmagens a serem feitas. Ao fim, resume em poucas linhas a proposta e o ângulo da reportagem. A pauta deve incluir uma boa pesquisa com dados relevantes avivando os antecedentes dos fatos para contextualizar a matéria (CURADO, 2002, p. 44).

Cruz Neto (2008) explica que a estrutura da pauta é composta por duas partes. A primeira delas é o cabeçalho, onde consta a retranca, que é o nome que se dá a pauta; os nomes dos entrevistados; os telefones de contato; o endereço com indicações de como chegar, caso não seja um local conhecido; e o nome da pessoa que fez os contatos. E a outra parte é o desenvolvimento, onde estão o gancho, informações e encaminhamentos. O autor detalha que o *gancho* é onde se diz de forma objetiva, em no máximo três linhas, o que se pretende com a matéria; no campo de informações, o produtor coloca o que sabe sobre o assunto e o passo a passo da matéria. Cruz Neto (2008) destaca que o produtor pode propor perguntas a serem feitas ao entrevistado e imagens que podem ser gravadas pelo cinegrafista. Uma vez que é importante prever o que vai ilustrar as informações da matéria. O autor destaca que alguns assuntos são difíceis de serem divulgados em televisão devido à dificuldade na obtenção das imagens.

No que diz respeito à escolha das fontes, o autor salienta a importância de o produtor ter diversas fontes sobre os mais variados assuntos. Elas podem ser oficiais e não oficiais ou primárias e secundárias. Segundo Cruz Neto (2008), as oficiais são as representantes do poder público e estão autorizadas a falar pelo órgão. Já as não-oficiais não tem nenhuma relação com o poder constituído. As primárias são as que vão ser entrevistadas na matéria e as secundárias são as que apenas passam informações. Conforme ele, “o uso das fontes deve seguir um caminho duplo: é preciso ouvir as fontes autorizadas sobre o assunto em pauta, mas é necessário estar sempre atento a outras opiniões, as pessoas que tenham algo novo a dizer” (CRUZ

NETO, 2008, p. 32-33).

Também abordando as fontes, Bistane e Bacellar (2008) fazem uma crítica ao relatar que há repetição de entrevistados. Segundo elas, especialistas de determinados assuntos costumam sempre ser chamados a opinar na mesma emissora. Conforme as autoras, “são sempre os mesmos, por comodismo ou falta de tempo para procurar outras fontes, e o resultado é que os telejornais – de maneira geral – não surpreendem” (BISTANE, BACELLAR, 2008, p. 47).

Depois da definição da pauta e de sua produção, com o levantamento de informações e agendamento de entrevistas, é o momento de ir a campo realizar a apuração da notícia.

### **3.2.2 Apuração da notícia**

Com a pauta em mãos, chega o momento de o repórter ir a campo em busca das informações, entrevistas e imagens. Conforme Curado (2002), quando a equipe vai a campo, a experiência permite que o repórter enxergue a matéria de um modo diferente do produtor. A autora explica que quando há algum conflito entre a expectativa da pauta e da produção e editores com o que está sendo feito, a equipe deve informar a redação.

Além da importância do produtor, relatada no subtítulo anterior, é relevante destacar a outra peça fundamental, que é o repórter. Para a pesquisadora, ele é o líder de uma equipe externa e suas funções são basicamente dar o ritmo ao time, discutir as necessidades do trabalho em campo, reunir as informações, fazer as entrevistas e produzir o texto da reportagem.

Bistane e Bacellar (2008) afirmam que o desafio diário do repórter de televisão é relatar com precisão e síntese. Para isso, eles precisam além de ouvir a história, entendê-la o suficiente para poder contá-la, transmitindo o que há de relevante de forma atraente e inteligível.

Os momentos pré-reportagem são importantes para o bom desenvolvimento da pauta. Segundo Bistane e Bacellar (2008), costuma-se combinar toda a matéria ainda na redação. O repórter e o cinegrafista saem da redação com um roteiro de trabalho completo, com nome do entrevistado, local e horário das gravações e o que se espera da matéria. Apesar de toda essa preparação, as autoras ressaltam que não se pode programar as respostas do entrevistado, pois assim o jornalista pode perder a chance

de ouvir algo mais interessante do que o planejado. Nesse sentido, elas afirmam que “se a missão do repórter se limitasse a trazer exatamente o que a apuração levantou, ele seria dispensável. Bastaria orientar o cinegrafista para que captasse as imagens necessárias, e o editor redigiria o texto” (BISTANE, BACELLAR, 2008, p.51).

Nas gravações de imagens e entrevistas, o repórter conta com o apoio do cinegrafista. Segundo Curado (2002), ele é o olho do telespectador, tem a curiosidade do repórter juntamente com a sensibilidade do artista fotográfico. Sua função é captar as imagens que irão ao ar. Entretanto, para a autora, “o bom cinegrafista não se limita a cumprir uma pauta que designa cenas a serem filmadas. Procura compreender contexto e enfoque da matéria” (CURADO, 2002, p.50).

De acordo com Vera Íris Paternostro, no livro *O texto na TV* (2006), um dos pontos mais importantes no telejornalismo é a imagem. Conforme ela, “a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde sua função. O papel da palavra não é brigar com a imagem” (PATERNOSTRO, 2006, p.86).

Bistane e Bacellar (2008) também destacam a força da imagem no Jornalismo audiovisual ao dar credibilidade à notícia. Segundo as autoras, “uma imagem é capaz de garantir a veiculação de um assunto que talvez nem fosse ao ar se o cinegrafista não tivesse a sorte de captar o flagrante” (BISTANE, BACELLAR, 2008, p.41). Em contraponto, elas afirmam que se uma imagem é capaz de incluir determinado assunto no telejornal, a falta dela não pode ser motivo de exclusão. Nesse sentido, uma nota curta, lida pelo apresentador ou uma entrada ao vivo do local, feita pelo repórter, cumprem a função de informar os telespectadores.

Retornando com a abordagem da apuração, é válido destacar que o repórter sendo o chefe da equipe tem a função de gerenciar os trabalhos. Segundo Cruz Neto (2008), todos devem se unir para produzir o melhor material possível, sendo assim, no caso de imprevistos, a equipe deve também tentar buscar uma solução ao invés de só ficar esperando um retorno.

O trabalho de campo precisa ser em equipe. Conforme Bistane e Bacellar (2008), trocar ideias sobre o foco da matéria com quem está gravando é importante para que haja sintonia entre texto e imagem. Isso porque, segundo elas, os cinegrafistas podem conseguir imagens que traduzem a informação.

Apesar dessa forma tradicional de trabalho, que envolve mais de um profissional

na apuração, existem os repórteres que trabalham sozinhos. Os autores do livro *Manual de Telejornalismo – Os segredos da notícia na TV*, Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2002) afirmam que o *repórter abelha* ou *videorepórter* surgiu no Brasil no final de 1987. Uma das características da videoreportagem, citada pelos autores, é que ela privilegia a informação em detrimento da qualidade plástica. De acordo com eles, “o jornalista que faz videoreportagem tem que treinar o suficiente para coordenar a entrevista com o microfone na mão esquerda, a câmera no ombro e procurar a melhor imagem do entrevistado [...]” (BARBEIRO, LIMA, 2002, p.75). Curado (2002) complementa ao afirmar que na função de repórter audiovisual estão profissionais com características de comunicabilidade, boa voz e presença empática.

É a forma como os fatos são apurados que determina a qualidade da reportagem. Barbeiro e Lima (2002) afirmam que o repórter precisa ter o máximo de informação sobre o assunto que cobriu. Nesse sentido, segundo eles, “a reportagem deve responder a todas as perguntas comuns que o telespectador poderia fazer. Na apuração, o que deve predominar é a exatidão dos fatos, a qualificação e a idoneidade das fontes” (BARBEIRO E LIMA, 2002, p. 70).

Depois da apresentação destes autores que abordaram a apuração da notícia, o próximo subtítulo vai apresentar a etapa da entrevista.

### **3.2.3 Entrevista**

É relevante abordar um ponto crucial, que é a realização da entrevista, momento da apuração em que são colhidas as principais informações. Bistane e Bacellar (2008) salientam a importância de estar preparado para o assunto, a fim de realizar boas perguntas, encaminhar a conversa e selecionar o mais importante. O ideal é preparar-se e conversar com o entrevistado antes da gravação. Segundo as autoras, “essa conversa prévia para esclarecer pontos e eliminar dúvidas proporciona objetividade à gravação. [...] O bate-papo com o repórter serve também para descontrair o entrevistado, deixá-lo mais à vontade” (BISTANE, BACELLAR, 2008, p.17). De acordo com elas, na maioria das vezes, o bom repórter consegue tirar todas as informações que quiser do entrevistado, sem ser indelicado ou agressivo. Para que isso seja possível, cada profissional desenvolve o próprio método de trabalho.

Ao apresentar diferenciais do Jornalismo audiovisual, Barbeiro e Lima (2002) destacam que a entrevista em televisão tem o poder de transmitir o que o Jornalismo



impresso não consegue, que é a exposição da intimidade do entrevistado. Segundo eles, os gestos, o olhar, o tom de voz, o modo de se vestir e a mudança no semblante influenciam o telespectador. Um dos destaques dos autores é a necessidade de preparo a respeito do que será perguntado. De acordo com os pesquisadores, “boas entrevistas são as que relevam conhecimentos, esclarecem fatos e marcam opiniões. Quando isso acontece a notícia avança e abre espaços para novas entrevistas e reportagens” (BARBEIRO, LIMA, 2002, p. 84).

Sobre a importância da entrevista, Curado (2002, p.98) afirma que ela é “o mecanismo do qual se obtêm respostas a perguntas feitas a alguém em benefício de um público. Portanto, como disse Voltaire, é preciso assegurar que façamos perguntas que sejam perguntas e não perguntas que sejam respostas”. Para a autora, a entrevista é a maior fonte de informação jornalística. Apesar de haver meios como a pesquisa, a entrevista continua sendo o elemento mais forte, pois tem uma relação dinâmica com a autoridade que possui a informação, é ela que pode esclarecer os fatos.

Ao conceituar a etapa, Cruz Neto (2008) ressalta que a entrevista é o meio pelo qual o repórter apura informações que serão utilizadas na matéria. Ele ainda explica que na entrevista audiovisual algumas informações servem para o repórter elaborar o texto e outras, gravadas na voz do entrevistado, são exibidas na matéria.

A respeito do papel do jornalista, Curado (2002) afirma que saber perguntar é quase uma arte. Isso porque a pergunta indica que há necessidade de esclarecimentos sobre determinada situação ou tema e revela a atenção do entrevistador. A autora destaca que “o jornalista não compete em conhecimento com a fonte – que possui dados – mas ao indagar demonstra entendimento sobre o assunto e busca aprender utilizando uma genuína curiosidade” (CURADO, 2002, p.98).

O planejamento de perguntas, segundo Curado (2002), se trata de uma ordem de questões a fim de auxiliar o entrevistador e assim fazer uma ponte com o entrevistado. Entretanto, isso não significa a produção de uma detalhada e inflexível sequência. Ela ainda salienta que as entrevistas feitas no estúdio obedecem as mesmas regras de uma entrevista gravada. Ao abordar a postura do repórter, a autora afirma que

a firmeza do entrevistador aqui é imprescindível para manter a entrevista na trilha. O telejornal não é um *talk-show* e a entrevista tem uma finalidade intimamente relacionada com cobertura dos fatos do dia, ou parecerá uma encomenda artificial, o que reduz a credibilidade do programa (CURADO, 2002, p. 101).

Sob outro ponto de vista, Cruz Neto (2008) afirma que o ideal não é preparar um questionário de perguntas para o entrevistado, pois assim, o repórter vai ficar mais preocupado com as perguntas escritas do que em ouvir o que o entrevistado está falando. De acordo com o autor, o repórter deve ficar atento ao que o entrevistado está falando para poder questioná-lo sobre as respostas.

A fim de fazer bons questionamentos, segundo Cruz Neto (2008), a dica é que o repórter se coloque sempre na posição do telespectador, pensando como ele e fazendo perguntas que as pessoas envolvidas com a situação fariam. Antes da gravação da entrevista, a recomendação do autor é que o repórter converse com o entrevistado, tirando as dúvidas e confirmando as informações da pauta. Entretanto, existem casos de entrevistas mais rápidas, em que não é possível ter esse momento. Nessas situações, o importante é não perder a entrevista.

O gerenciamento de tempo na entrevista pode contribuir com as próximas etapas da elaboração da reportagem. Cruz Neto (2008) explica que um repórter não pode deixar o entrevistado falando dois, três, cinco minutos ou até mais, se a edição vai utilizar, no máximo, 20 segundos. O autor é objetivo ao afirmar que “repórter que deixa o entrevistado falar o que quer e quanto tempo quer, é repórter que, na verdade, não sabe o que quer do entrevistado” (CRUZ NETO, 2008, p.45-46).

Depois de abordar as entrevistas, o próximo subtítulo vai apresentar as características de outro tipo de matéria presente nos telejornais, que não é a reportagem gravada, mas sim, a entrada ao vivo.

### **3.2.4 Entradas ao vivo**

Em telejornais como o Bom Dia Rio Grande, objeto de estudo desta pesquisa, as entradas ao vivo são frequentes. Bistane e Bacellar (2008) destacam que nesses processos diversos profissionais se envolvem, cada um com sua função: a equipe técnica garante a qualidade da imagem e do som, o editor acerta o texto com o repórter e atualiza as informações e o cinegrafista escolhe o melhor enquadramento. Entretanto, na chamada ‘hora H’, a maior responsabilidade é do repórter, pois é ele

quem fica diante da câmera informando em tempo real os telespectadores.

Com as facilidades criadas pela tecnologia, as transmissões ao vivo são mais comuns. Bistane e Bacellar (2008) explicam que isso dá agilidade e facilita a cobertura de assuntos que acontecem em cima da hora. Dentre os benefícios, as autoras citam a garantia de imagens em tempo real ao invés de edições apressadas e o auxílio na prestação de serviço, que é uma das funções do Jornalismo.

Diferentemente de uma reportagem gravada, cujos detalhes foram abordados anteriormente, no *ao vivo* o repórter não tem a chance de refazer ou de gravar algumas vezes e escolher a melhor versão. Nesse sentido, Bistane e Bacellar (2008) salientam a importância de o repórter estar calmo e saber o que está falando. Segundo elas, há várias formas de se preparar para uma entrada ao vivo, cada repórter escolhe o modo que mais se adapta.

Há os que fazem uma lista com os tópicos que pretendem destacar e improvisam para falar com mais naturalidade. Outros preferem escrever tudo o que vão dizer. Decoram e, por precaução, levam o texto nas mãos. Trata-se de uma medida de segurança para evitar o temível 'branco' – silêncio incômodo provocado pela falha de memória (BISTANE E BACELLAR, 2008, p. 19-20).

A respeito disso, Barbeiro e Lima (2002) destacam que as entradas ao vivo, principalmente as improvisações, exigem do repórter o controle das emoções, um bom vocabulário e também concentração para transmitir corretamente o acontecimento.

Após essa diferenciação entre reportagem gravada e entrada ao vivo, será abordada a etapa de edição de matérias audiovisuais, que vem depois da apuração das informações, gravação de imagens e entrevistas.

### **3.2.5 Edição**

No caso das reportagens gravadas, depois de estar com as gravações e entrevistas em mãos, o próximo passo é o da edição deste material. Segundo Barbeiro e Lima (2002), a edição é a montagem final da reportagem que vai ao ar no telejornal. Para eles, “editar uma reportagem para a TV é como contar uma história, e como toda a história, a edição precisa de uma sequência lógica que, pelas características do meio, exige a combinação de imagens e sons” (BARBEIRO e LIMA, 2002, p.100). Já Paternostro (2006) afirma que a edição exige sensibilidade, concentração,

criatividade, dedicação, habilidade, paciência e fidelidade às informações.

Seguindo a mesma linha, Bistane e Bacellar (2008) reforçam que as características de um bom editor de imagem são a sensibilidade, o capricho, o acabamento da matéria, o cuidado com o áudio e a valorização do trabalho do cinegrafista, optando pelas melhores cenas. É tarefa do editor de texto escolher o que será incluído ou excluído da matéria. Portanto, essa função é fundamental, pois pode comprometer a reportagem.

Curado (2002) comenta que para chegar do material bruto até o conteúdo pronto é preciso passar por uma série de etapas:

- a) *Avaliação do conjunto de informações*: nesta etapa devem ser reunidos todos os dados colhidos durante a reportagem, considerando a hierarquia das informações que serão usadas em diferentes partes da matéria;
- b) *Decupagem*: o repórter avalia o material bruto das gravações e entrevistas e separa o que pretende utilizar;
- c) *Roteirização*: a reportagem deve ser estruturada a partir da sequência das imagens e das falas que vão compô-la;
- d) *Redação*: levando em conta as imagens e as entrevistas, deve ser escrito o texto base da reportagem;
- e) *Outros recursos*: com as imagens, texto e roteiro em mãos, é preciso verificar se há necessidades adicionais para ilustrar a reportagem, como o uso de gráficos, mapas e animações, que podem contribuir com a compreensão da notícia;
- f) *Gravação do texto*: nesta etapa deve ser gravado o texto que vai sobrepor as imagens que já foram selecionadas;
- g) *Montagem*: o desafio aqui é adequar o texto e imagens a uma única narrativa. São diversas dicas para uma boa edição, tais como evitar juntar movimento com movimento e não usar imagens semelhantes ou em sequência, no mesmo plano. Além disso, a autora afirma que o bom conhecimento dos programas de edição pelo profissional faz a diferença na qualidade do material;
- h) *Áudio e vídeo*: neste momento, é preciso verificar se nenhum som de fundo está se sobrepondo e atrapalhando a compreensão da reportagem.

A fim de abordar a etapa de forma aprofundada, a edição será apresentada em duas partes: texto e vídeo.

### 3.2.5.1 Texto

Depois de colhidas as informações, um dos passos é a produção do texto. Cruz Neto (2008) explica que ele é usado no *off*, texto lido pelo repórter e coberto com imagens; na *passagem*, texto falado pelo repórter quando ele aparece na matéria; na *cabeça*, lida pelo apresentador para anunciar a matéria; e, também, na *nota-pé*, lida pelo apresentador depois da exibição da matéria a fim de completar com alguma informação.

Conforme afirma Curado (2002), antes do processo de escrita, o redator deve reunir os dados, organizar o pensamento e as informações. Sobre a redação, segundo Barbeiro e Lima (2002), o texto jornalístico deve ser claro, conciso, direto, simples e objetivo, isso em qualquer veículo de comunicação. Entretanto, de acordo com os pesquisadores, a televisão e o rádio, por exemplo, tem uma característica que é a instantaneidade, o que torna necessário que a notícia seja entendida pelo receptor no momento em que é transmitida. Caso contrário, não se alcança o principal objetivo que é passar a informação. Os autores afirmam que o texto para televisão precisa ser coloquial. Ao escrevê-lo, o jornalista deve ter em mente que está contando uma história, mas o que há de fundamental é o casamento da palavra com a imagem. Segundo eles, “o texto do telejornal tem uma estrutura de movimento, instantaneidade, testemunhalidade, indivisibilidade de imagem e som, sintetização e objetividade” (BARBEIRO, LIMA, 2002, p. 95).

Seguindo a mesma linha, Paternostro (2006) afirma que para escrever um texto de televisão inicialmente é preciso saber quais imagens estão disponíveis, pois elas devem ser correspondentes às informações que estarão no texto. No processo de escrita, é necessário cuidar para não ser descritivo, já que a imagem tem este papel. Cruz Neto (2008) complementa ao falar que as imagens já trazem significação e o texto deve explicá-las e não relatar o que já se pode observar nelas.

Paternostro (2006) aconselha que devem ser escolhidas palavras precisas, de modo que o texto responda as seis perguntas clássicas no Jornalismo: Quem? Quê? Quando? Onde? Como? Por quê? A dica da autora é sempre ler em voz alta o próprio texto. Dessa forma, será possível perceber o que precisa ser modificado. Nesse

sentido, a dica de Barbeiro e Lima (2002) é que o texto comece pelo *lead*. Para isso, o jornalista deve procurar a novidade, o fato que atualiza a notícia e a torna atraente. Para o bom entendimento, ele deve ser escrito em uma sequência lógica, na ordem direta, seguindo a regra: sujeito + verbo + predicado.

A respeito da estruturação do texto, Carlos Alberto Nunes, no livro *Notícia e Linguagem (2003)*, afirma que alguns problemas de linguagem no texto podem interferir negativamente, impedindo a compreensão da informação ou até mesmo induzindo a interpretações destoantes do sentido verdadeiro. O indicado por Barbeiro e Lima (2002) é evitar a adjetivação excessiva, já que isso pode enfraquecer a qualidade e o impacto da informação. Quanto à escolha de palavras, os autores reforçam que

a repetição de palavras na TV, desde que na medida certa, ajuda na compreensão da notícia. É uma questão de bom senso. Tanto a repetição desnecessária quanto a ansiedade de buscar um sinônimo podem empobrecer o texto (BARBEIRO, LIMA, 2002, p. 96).

Ainda aconselhando sobre as palavras, Barbeiro e Lima (2002) destacam a importância em ficar atento ao efeito sonoro das que tem a mesma terminação, pois pode não ser agradável. Além disso, é preciso cuidar com os cacófonos, que são encontros de sílabas de palavras diferentes que podem formar um som desagradável ou palavras obscenas.

Nunes (2003), afirma que a linguagem deve encontrar um denominador comum para atingir o público em sua totalidade. É fundamental que a notícia seja compreendida por todos, desde o menos letrado ao mais culto, sem deixar dúvidas. Segundo ele, “por isso a escolha das palavras deverá ser criteriosa, de modo a não deixar o texto nem rebuscado, hermético, pedante, num discurso inacessível e ultrapassado, nem simplório, grotesco e de mau gosto, [...]” (NUNES, 2003, p.15). O autor ainda reforça que o Jornalismo só é eficaz quando exerce a função de mediar no âmbito social, o fato e o cidadão. Ele ainda complementa ao dizer que essa tarefa pode prejudicar se for utilizada a linguagem não para levar a informação de forma direta, mas para ‘enfeites’ desnecessários e rodeios ineficazes.

A fim de que o texto tenha um bom ritmo, Paternostro (2006) sugere que as frases sejam curtas, pois isso facilita a compreensão, além de dar um sentido de ação à notícia, passando a informação sem rodeios. E é preciso dar atenção também à

pontuação, porque, segundo a autora, dá o embalo para o texto, permitindo intervalos, pausas e a entonação da voz. Isso vai auxiliar na respiração do locutor e no entendimento do texto.

A síntese faz parte do trabalho do jornalista de televisão, tendo em vista o tempo curto das reportagens. Bistane e Bacellar (2008) destacam que escrever para a TV é a arte de cortar palavras, frases e, por vezes, o parágrafo todo. Entretanto, elas salientam que um texto curto não precisa ser desinteressante, o ideal é chamar a atenção do telespectador já no início da matéria. Sobre esta questão, Cruz Neto (2008) afirma que o texto em uma reportagem de televisão deve ser mais direto que o impresso, isso porque uma matéria de um telejornal diário dificilmente ultrapassa dois minutos.

#### 3.2.5.2 Vídeo

Além de dicas para o texto, os autores salientam importantes passos da edição de vídeo, imprescindíveis para um bom resultado final. Eles envolvem a imagem e os sons. Nesse sentido, Paternostro (2006) afirma que editar é dar sentido ao material bruto, montando a matéria ao selecionar imagens e sons combinando-os em uma forma lógica, clara, objetiva, concisa e de fácil compreensão para o telespectador.

O profissional deve seguir uma sequência. Conforme Paternostro (2006), o primeiro passo é conhecer o material bruto e decupá-lo, mas sem deixar passar nenhum detalhe. Segundo ela,

ao final de uma boa decupagem, você vai ter noção da matéria. O que sobra, o que falta, o que é para ser destacado, o que pode ser ignorado. Qual é a melhor sonora, qual imagem deve ser valorizada. Como começar e como terminar a edição” (PATERNOSTRO, 2006, p. 163).

Depois disso, vem o processo de produção de roteiro, que será o plano de edição. De acordo com Paternostro (2006), essa é uma forma de ordenar o pensamento, descobrir como a reportagem pode render, se tornar clara, objetiva, informativa e interessante. É a partir desse plano que o enfoque da edição é desenvolvido. Com o roteiro em mãos, o editor precisa visualizar a reportagem. A autora salienta a importância de antes de começar a edição, ter pelo menos uma ideia do texto da cabeça da reportagem, que introduz a exibição da matéria. Esta etapa de produção é um trabalho de dois profissionais: o editor de texto e o editor de imagem,

juntos eles discutem e planejam a edição da matéria. A pesquisadora explica que o

o processo é simples: sons e imagens são colados da forma que se deseja. A estrutura da matéria em edição vai ter como base o texto *off* no qual são inseridas as sonoras (entrevistas cortadas), a *passagem do repórter*, os sobes sons, o som em BG (*background*), as artes até a finalização da matéria (PATERNOSTRO, 2006, p.164).

Conforme Barbeiro e Lima (2002), a edição precisa de equilíbrio, uma vez que um *off* longo seguido de *sonora* curta, por exemplo, quebra o ritmo da reportagem. Para os autores, a cobertura do *off* deve ser feita pelo editor da matéria e pelo editor de imagens, pois os dois juntos têm mais condições de contruir a reportagem. Um cuidado necessário também é com os pulos de imagem, cortes brutos de um local para outro, o que provoca um efeito desagradável para o telespectador.

Seguindo a mesma linha, Paternostro (2006) afirma que a edição de matérias para telejornais tem uma narrativa linear. Entretanto, qualquer narrativa precisa de iscas para prender a atenção do telespectador. Outra questão que deve ser bem analisada é a necessidade ou não do repórter aparecer na matéria. Segundo a pesquisadora, depende de cada situação. A autora destaca que a edição de uma matéria é totalmente subjetiva, uma vez que nunca haverá duas edições iguais do mesmo assunto feitas por editores diferentes. Outro ponto importante levantado por ela é a possibilidade do uso de imagens de arquivo, que são fundamentais nas emissoras. A respeito disso, Barbeiro e Lima (2002) destacam que ao usar material de arquivo é preciso tomar cuidado para não colocar imagens ou sonoras de personagens de situações completamente diferentes da reportagem que está sendo produzida.

Seguindo com o passo a passo da edição, Cruz Neto (2008) afirma que depois que o editor de texto estruturar a reportagem, o editor de imagens tem a tarefa de cobrir a reportagem, ou seja, colocar as imagens. Caso existam dificuldades nesse processo, tais como a falta de recursos visuais os dois profissionais devem se unir e encontrar uma alternativa. O autor cita algumas regras básicas que precisam ser seguidas nesse processo pelo editor: não cortar imagens em movimento; definir o tempo útil de cada cena; não colocar duas imagens fechadas do mesmo conteúdo seguidas e não colocar duas imagens seguidas em plano aberto.

Durante a pandemia da covid-19, essa questão de escolha de imagens acabou sendo um pouco modificada. Segundo o artigo *Telejornalismo e pandemia: as*



*mudanças nas rotinas produtivas na redação da TV Correio (2020)*, de Fabiana Siqueira, Gilmaras Dias e Juliana Bandeira, a estética jornalística acabou ficando em segundo plano e a prioridade é a informação. Isso porque muitas vezes a equipe não podia ir até os locais fazer as gravações devido aos protocolos sanitários, então, eram os próprios entrevistados que gravavam e muitas vezes as imagens não ficavam no padrão dos telejornais, mas, nessas situações, o fundamental para o Jornalismo é que a informação prevaleça.

A respeito dos recursos visuais, Paternostro (2006) salienta que as imagens captadas na rua não são as únicas possibilidades. A editoria de arte pode contribuir com artes (mapas, gráficos, desenhos), que enriquecem a edição. Entretanto, a autora destaca que esse recurso não serve para “tapar buracos de *off*”, bem pelo contrário, ajuda a informar e a valorizar a notícia. Nesse sentido, Bistane e Bacellar (2008) afirmam que nos departamentos de arte, computadores e programas cada vez mais sofisticados ajudam na criação destes recursos visuais que facilitam a compreensão de relatórios e pesquisas, que normalmente são compostos por muitas informações, dentre elas, por números.

Além da imagem, o som é parte importante de uma matéria. Bistane e Bacellar (2008) destacam que na televisão, que é audiovisual, a imagem muda perde em significado, pois os sons também fazem parte da estrutura narrativa. A respeito disso, elas, o som do ambiente onde as imagens são gravadas é sagrado: o *background* ou BG. Ao montar a estrutura da reportagem a dica é sempre valorizar os ruídos. A respeito disso, Curado (2002) ressalta que na mixagem, ato de misturar o BG com a narração do texto, não se pode sobrepor níveis de áudio que confundam a audição da reportagem.

Também em relação ao som, conforme Cruz Neto (2008), o editor precisa prestar atenção para não cortar a sonora em alto, ou seja, no momento em que o entrevistado aumenta o tom de voz. Isso acaba dando a sensação aos telespectadores de que ele iria falar mais alguma coisa. Recursos de áudio que costumam ser utilizados são os sobe-sons das matérias. De acordo com o pesquisador, eles devem ser usados sempre que necessário porque dão mais vibração à reportagem e mostram o clima no local.

Após a finalização da edição, deve-se realizar o procedimento para exportar o material e assim, o arquivo estará pronto para ser usado, ou seja, para ser exibido no telejornal ao vivo.

### 3.2.5.3 Exibição

Depois de pronta, a reportagem fará parte do programa jornalístico de televisão. Antes da exibição é válido ressaltar importantes passos do fechamento do telejornal e, nesse momento, o trabalho de um profissional é primordial. Segundo Bonner (2009), no Jornal Nacional, o editor-chefe tem a tarefa de responder pela edição final do programa, em conteúdo e em formato; avaliar e reavaliar a relevância de notícias a fim de determinar se e como serão publicadas; decidir a melhor ordem das notícias, para facilitar a compreensão dos fatos pelo público; avaliar pautas de reportagens; e perseguir o cumprimento de metas de tempo, respeitando a grade de programação.

Curado (2002) destaca que os telejornais devem iniciar com o foco em manter e estimular os telespectadores a não mudarem de canal. Logo no começo, são apresentadas as principais manchetes. E quem chama as reportagens gravadas e também as entradas ao vivo de repórteres é o âncora. Também sobre o passo a passo da exibição de um telejornal, Bonner (2009) explica que no formato típico do Jornal Nacional, os dois apresentadores, sentados diante de uma mesa, se alternam na apresentação de notícias variadas, de diversos temas, ao longo de segmentos de programa que são divididos por intervalos. Ainda segundo ele, os âncoras começam com uma espécie de *cardápio* do dia, com manchetes curtas dos principais temas. Conforme Bonner (2009),

depois, ao longo do programa, às vezes os apresentadores introduzem reportagens pré-gravadas por colegas repórteres, às vezes chamam a participação de repórteres ao vivo, outras tantas eles mesmo se encarregam de apresentar as informações, com ou sem apoio de imagens que ilustram o que estão dizendo (BONNER, 2009, p.145).

Barbeiro e Lima (2002) destacam que o âncora é o apresentador que acompanha e participa da rotina de produção do programa. Devido a isso, muitas vezes ele também é o editor-chefe. Sob o mesmo ponto de vista, Curado (2002) destaca que o âncora conhece toda a cadeia de produção jornalística, sendo um editor, um produtor, um pauteiro, um apurador e um repórter.

A respeito da performance do apresentador, Barbeiro e Lima (2002) salientam que o âncora deve transmitir aos telespectadores a sensação de uma pessoa calma, relaxada, confiante e segura. A dica dos autores é: “não se desconcentre nunca. Qualquer distração pode atrapalhar muito. Assim, não esqueça de que se o microfone

vaza, a câmera também. É muito pior” (BARBEIRO, LIMA, 2008, p.78). Os pesquisadores afirmam que um dos defeitos mais comuns dos apresentadores é a postura. Nas entradas ao vivo podem ocorrer problemas de transmissão, em momentos como esse, o correto, segundo Barbeiro e Lima (2002), é dizer ao telespectador que houve um *problema de comunicação*. Na opinião deles, não se usa problemas técnicos pois essa expressão pode provocar desentendimentos com o setor da técnica.

Apesar de existirem certas características da apresentação de programas de televisão, a pandemia da covid-19 trouxe algumas mudanças. No artigo *Pandemia e informação: o que mudou na cobertura dos telejornais locais do Nordeste?*, os autores Vitor Belém, Giovana Mesquita, Lívia Cirne, Fabiana Siqueira e Paulo Cajazeira (2020) chegaram a algumas conclusões. Segundo eles, deixaram de ser realizadas entrevistas no estúdio, no seu lugar, foi utilizado um software para entrevistas ao vivo. Além disso, aumentou o tempo de estúdio, o que na prática ocorreu no programa Bom Dia Rio Grande, objeto de estudo desta pesquisa. Os autores salientam também a participação dos repórteres diretamente de suas casas e a gravação de entrevistas feitas pelos próprios entrevistados. No próximo capítulo, serão apresentadas mais informações sobre os impactos da covid-19 na comunicação e no telejornalismo.

#### 4 IMPACTOS DA COVID-19 NA COMUNICAÇÃO E NO TELEJORNALISMO

Em março de 2020, o Brasil começou a sentir os impactos da propagação da covid-19 pelo mundo. O vírus foi descoberto na China e logo se espalhou pelos demais países, tanto que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou<sup>1</sup>, em 11 de março de 2020, a ocorrência de uma pandemia em razão da rápida disseminação do novo coronavírus. O Brasil, assim como os demais países, se viu diante de um novo modo de vida, com cuidados sanitários e distanciamento social em todos os setores da sociedade.

Na obra *Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise* (2020), os pesquisadores Luiz Artur Ferraretto e Fernando Morgado, do Núcleo de Estudos de Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), afirmam que a partir do anúncio da pandemia pela OMS tudo mudou e foi preciso flexibilizar os parâmetros técnicos aprendidos em todas as áreas de atuação. Eles comparam os desafios enfrentados na pandemia, em relação à prática jornalística, com os da cobertura de uma guerra ou com os da atuação em zonas de conflitos urbanos entre autoridades policiais e criminosos. Para os autores, “a regra básica é a mesma: a sobrevivência do profissional em primeiro lugar. Isso afeta um dos cânones da profissão: estar no palco do acontecimento para narrar as ações dos protagonistas com o máximo de detalhes possíveis” (FERRARETO e MORGADO, 2020, p.16).

A importância do Jornalismo foi ainda mais evidenciada durante um momento de crise como a pandemia da covid-19. No artigo *Jornalismo na pandemia do coronavírus: as adaptações encontradas pelos jornalistas de televisão* (2020), Larissa Stephanie Moura Silva afirma que o Jornalismo sempre teve responsabilidade em informar a sociedade, exercendo um papel essencial e fundamental. E segundo ela, em meio a uma pandemia, o trabalho desses profissionais passou por adaptações e a responsabilidade se tornou maior por se tratar de saúde pública. A autora ainda destaca que os jornalistas, assim como os profissionais da saúde, estavam na linha de frente, informando a população que no momento encontrava-se isolada, assustada e desinformada. Além disso, Silva (2020, p.9) ressalta que “a importância da informação neste período foi enorme, trazendo novamente o destaque que os jornalistas merecem”.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em 17 jun 2021.

Conforme Silva (2020), os jornalistas lidaram diretamente com as vidas e medos das pessoas e também com os deles, além da saúde mental, que é natural que seja afetada diante deste cenário. A respeito disso, no artigo *Jornalistas e produção de notícias na pandemia: percepções profissionais em redações do Rio de Janeiro* (2020), Sonia Virgínia Moreira e Simone Candida Lima destacam que o jornalista, em seu trabalho, carregava vários medos: o de se contaminar, o de morrer, o de levar o vírus para casa depois de um dia de trabalho e o de perder o emprego durante ou após a pandemia. Há também a questão do isolamento, “pois uma característica de qualquer redação [...] é a de ser um ambiente que propicia principalmente a troca, incentivada inclusive pela disposição do local de trabalho, sem paredes ou divisórias” (MOREIRA e LIMA, 2020, p.10).

Abordando a relevância da profissão, no artigo *As estratégias de combate à desinformação do Fato ou Fake no programa Combate ao Coronavírus* (2020), os autores Clébio Pereira de Melo, Fabiana Siqueira, Laura Rayssa de Andrade Cabral e Maryanne Marques Gonçalves Paulino de Sousa apresentam dados que comprovam o enaltecimento do Jornalismo. Segundo eles, o relatório Reuters Institute Digital News Report mostrou que, no contexto da covid-19, houve uma revalorização da mídia tradicional brasileira, especialmente a televisão. Nesse sentido, eles exemplificam que não foi por acaso que a Rede Globo ampliou a programação ao vivo com teor jornalístico entre segunda e sexta-feira e viu a audiência aumentar 22%, citando um dado do Painel Nacional de Televisão (PNT), na faixa de horário compreendida entre as 4h da manhã e às 15h.

O objeto de pesquisa, o programa Bom Dia Rio Grande, ganhou meia hora a mais na pandemia. E para comprovar que esse não foi um caso isolado, é importante destacar que na pesquisa de Silva (2020), na emissora regional de Varginha, em Minas Gerais, em alguns dias durante a pandemia, o telejornal ganhou uma hora a mais, com informações voltadas ao coronavírus. A autora traz um contraponto ao relatar que “por um lado, houve dificuldade pela redução de equipe, e por outro, houve o benefício de informar e atender grande parte da população, já que a quantidade de notícia sobre o assunto é enorme” (SILVA, 2020, p. 24).

Seguindo com dados, Silva (2020) apresentou uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) que revelou que a conexão da sociedade com a televisão no Brasil teve um crescimento de 20% durante a pandemia. Além disso, conforme ela, dados do Data Folha, mostraram que os programas

jornalísticos da televisão foram vistos como um dos meios mais confiáveis por 61% dos entrevistados, contra jornais impressos (56%), rádio (50%) e sites de notícias (38%). Já as redes sociais WhatsApp e Facebook chegaram a 12% cada. A autora afirma que “a televisão sempre foi um meio ativo e gerou credibilidade, perdendo um pouco seu espaço nos últimos anos, porém, com a pandemia, isso foi instaurado, com a divulgação de dados confiáveis e o empenho pela apuração” (SILVA, 2020, p.25).

Abordando as mudanças na rotina de produção jornalística, Silva (2020) destaca que a apuração, além de ter sido redobrada diante da quantidade de informações, *fake news*<sup>2</sup> e da responsabilidade dos fatos, também foi feita de forma diferente. Sobre isso, ela ainda ressalta que a busca pela verdade foi primordial para os jornalistas, porque as notícias ou dados incorretos em uma pandemia podem trazer danos à população e descredibilizar o papel da emissora. Segundo um dos entrevistados na pesquisa realizada em na emissora regional de Minas Gerais, em Varginha, os jornalistas chegaram a solicitar vídeos para fontes oficiais, algo que não é comum, mas que acabou mudando a forma de transmitir a notícia e até mesmo o contato com as fontes.

Silva (2020) explica que a apuração foi muito impactada e que ela foi essencial, de modo que jornais acabaram preferindo não serem os primeiros a darem a notícia na pandemia para não divulgarem informações falsas. A autora explica que “eles optaram pela precaução ao imediatismo, que pode gerar pânico na população, transtornos para os médicos na linha de frente ao combate e a perda de credibilidade da emissora” (SILVA, 2020, p.16). Sobre este assunto, conforme Melo, et al. (2020), o contexto da pandemia da covid-19 evidenciou um novo fenômeno, que a Organização das Nações Unidas (ONU) nomeou de ‘infodemia’. Segundo os autores, as pessoas são atingidas por informações sobre a nova doença que, na maior parte das vezes, não passam de boatos ou distorções de estudos científicos e notícias. Por isso, os pesquisadores afirmam que

---

<sup>2</sup> “O que chamamos de *fake news* remete ao processo de disseminação de notícias falsas pelos meios de comunicação, essencialmente com vistas à criação de algum efeito, enaltecimento ou difamação de uma figura pública ou instituição” (ROCHA, Leonardo Caetano da. **A mídia e os novos meios de comunicação**. Curitiba: Contentus, 2020. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/185974/pdf/0?code=ksxxh6E1f7EMVS0HSbn0DIblpi/FNjRHDVzjgHik0EpH1RiDLMXP4h0aWEBFr/KhqLJn0yDFgd3F7tn46M+E7g==>>. Acesso em: 15 out 2021).

o trabalho destes profissionais do jornalismo tornou-se mais árduo nessa conjuntura de desinformação, porque aumentou o volume de conteúdo que eles precisam verificar, como também, a possibilidade desse conteúdo ser fruto de informação distorcida. Essa atividade de checagem de fatos faz-se ainda mais relevante na perspectiva da pandemia, à medida que as informações auxiliam na tomada de decisões das pessoas e das autoridades (MELO et al., 2020, p. 124).

Moreira e Lima (2020) ressaltam que conforme os números de contaminação foram crescendo, os jornalistas acabaram sendo colocados em *home office* (trabalho de casa) pela maioria dos jornais. Alguns profissionais que trabalham na televisão continuaram a circular nas ruas para a apuração das matérias, mas adotando diversos cuidados. Elas pontuam as mudanças: “o público passou a acompanhar os noticiários com repórteres mascarados e imagens de baixa qualidade, com gravações a partir de videochamadas ou depoimentos dos entrevistados usando câmeras de celular” (MOREIRA e LIMA, 2020, p.4).

No artigo *As fases da cobertura da pandemia no telejornalismo local do Rio de Janeiro* (2020), os pesquisadores Ana Paula Goulart de Andrade, Cláudia Thomé, Edna de Mello Silva e Marco Aurelio Reis citam outros destaques como as sonoras em aplicativos, seguidas da participação ao vivo de repórteres, que também inauguraram novas formas e estruturas no noticiário. Quanto à participação dos repórteres nos telejornais de dentro de suas casas, eles afirmam que “o ao vivo em *home office* trouxe para a cobertura um outro efeito, não de transmissão no local do fato, mas de abertura de espaços privados para dar as notícias mais recentes ao público” (ANDRADE et al., 2020, p.5).

Sobre este assunto, Silva (2020) afirma que uma pesquisa realizada entre os dias 20 de maio e 10 de junho de 2020 pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) mostrou que mais de 75% dos jornalistas estavam trabalhando em *home office* nesse período. O levantamento contou com respostas de 457 profissionais de 24 estados diferentes. Os dados demonstram que o trabalho de casa pode se tornar uma tendência. Conforme a autora, com o fim da pandemia e a prática se tornando recorrente no Jornalismo e outras áreas, as empresas tiveram esta experiência e adotaram medidas para que os profissionais trabalhassem de casa. De acordo com ela,

economicamente falando, é mais viável este novo sistema que reduz os custos da corporação que não precisa arcar com alguns gastos. O jornalista, que antes estava acostumado com a redação e a rotina de trabalho dentro do [sic] deste local, teve dificuldades em se ajustar, já que para trabalhar em casa foi preciso conciliar as rotinas do serviço com as pessoais, de forma individualizada, perdendo o contato e a troca de conhecimentos e ideias com os colegas de profissão (SILVA, 2020, p.19).

Seguindo com este tema, é válido ressaltar também os problemas enfrentados pelos jornalistas com as mudanças por causa da pandemia. As autoras Moreira e Lima (2020) realizaram uma pesquisa em meios de comunicação do Rio de Janeiro entre 8 de abril e 20 de maio de 2020. A partir dos dados, observaram que todos, exceto um produtor de telejornal, informaram que estavam em trabalho remoto e indicaram aumento da carga horária, dificuldade de conciliar a vida doméstica com as atividades de apuração e redação, problemas de infraestrutura, tais como *Internet* com baixa velocidade e ruídos na comunicação com a chefia.

Outros resultados obtidos demonstraram que a pandemia alterou a rotina de produção de notícias e a própria rotina doméstica. Conforme Moreira e Lima (2020), isso impactou nas formas de interação com a equipe, na perda de agilidade de apuração, na dificuldade de concentração ou de relaxamento depois do cumprimento da pauta diária. Elas também destacam outros dois reflexos no trabalho dos jornalistas entrevistados:

a reconfiguração dos fluxos de produção nas redações dos diversos meios, com a convergência de repórteres de diversas editorias em esquemas de força-tarefa para apuração de notícias relacionadas aos casos de Covid-19, e a expansão do espaço/tempo de cobertura do tema com a implantação do trabalho remoto na maioria das empresas (MOREIRA e LIMA, 2020, p.12).

Ao abordar o conteúdo jornalístico, Silva (2020) afirma que apesar de a editoria do jornal da emissora regional de Varginha ser a cobertura de pautas policiais, tiveram que ser feitas, diante da pandemia do coronavírus, algumas mudanças, além da busca de informação por notícias relacionadas à saúde. Desse modo, as notícias policiais ficaram de lado devido a grande quantidade de informação sobre a covid-19 e também devido ao isolamento social, que reduziu a quantidade de crimes na região da cobertura do telejornal em questão. Segundo a autora, “a informação se tornou uma ferramenta para ajudar a salvar a vida das pessoas nesse período de caos na saúde e da falta de informação verídica e esclarecedora” (SILVA, 2020, p.14).



Salientando outras adaptações, Silva (2020) afirma que a forma de noticiar os fatos, o contato com as fontes e a apuração foram alterados, mudando totalmente a rotina jornalística dos profissionais e da própria emissora. Segundo ela, “com a pandemia, os profissionais tiveram que mudar sua rotina e evitarem esse contato físico para a segurança de ambos, dificultando a apuração e a rotina dentro das emissoras” (SILVA, 2020, p. 12).

Andrade et al. (2020) complementam ao afirmar que as mudanças na rotina de produção de conteúdos jornalísticos não foram incorporadas simultaneamente, houve um fluxo de inserção. Uma das primeiras etapas vivida na pandemia da covid-19 foi a adoção de medidas de segurança em todos os setores da sociedade. E é claro que não foi diferente nos veículos de comunicação. Conforme Silva (2020), para que o trabalho fosse realizado com segurança, as empresas deram os devidos suportes, além da criação de medidas essenciais para assegurar a saúde de todos. Segundo ela, na emissora regional em Varginha, por exemplo, foi obrigatório o uso de máscara, álcool em gel e Equipamentos de Proteção Individual (EPI). Os equipamentos usados durante o serviço foram adaptados. Os microfones passaram a ser utilizados sem esponjinha e foi feita a higienização correta em câmeras, carros e equipamentos. Além disso, uma das questões importantes foi a recomendação da distância. A autora explica que, para evitarem sair da empresa, os profissionais criaram alternativas como realizar passagens dentro ou próximo à emissora, entrevistas e apurações de forma online. Funcionários dos grupos de risco foram afastados e as equipes reduzidas. As viagens para outras cidades ficaram proibidas no começo e depois de um tempo voltaram gradualmente com restrições.

No artigo *Telejornalismo e pandemia: as mudanças nas rotinas produtivas na redação da TV Correio* (2020), Fabiana Siqueira, Gilmara Dias e Juliana Bandeira analisaram a TV Correio, emissora sediada em João Pessoa, na Paraíba, afiliada da Record TV. Elas complementam que dentre as adaptações de segurança adotadas, estão a suspensão do uso do microfone de lapela em entrevistados a fim de evitar o contato, isso porque os funcionários da TV teriam que se aproximar dessas pessoas na hora de colocar os equipamentos. Nas ruas, as equipes de reportagem passaram a utilizar dois microfones de mão, sendo um para o repórter e o outro para o entrevistado, destacando a importância da higienização dos microfones antes e depois de cada utilização. Conforme os autores, dois dias depois da confirmação do primeiro caso de coronavírus na Paraíba, no dia 20 de março de 2020, a TV Correio

determinou que todas as entrevistas de estúdio fossem suspensas por tempo indeterminado a fim de reduzir o fluxo de pessoas na emissora. Três dias depois, já eram registrados os primeiros afastamentos de funcionários. A respeito dos reflexos das medidas de segurança, um dos produtores entrevistados na pesquisa de Siqueira, Dias e Bandeira (2020) afirmou que a necessidade de higienizar o ambiente de trabalho provocou um relativo atraso no início das atividades jornalísticas, bem como a necessidade de pequenas pausas ao longo do expediente.

Os dados comprovam os impactos da pandemia da covid-19 no Jornalismo. No artigo *Jornalismo e pandemia – Impactos da Covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente* (2020), Edgard Patrício apresentou uma pesquisa que foi realizada em 77 países, com a participação de 1.308 jornalistas. Nela, a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) atesta que mais de um terço dos profissionais indicaram que foram remanejados de suas temáticas habituais de cobertura. Além disso, o levantamento mostra que mais da metade tem sofrido processos de estresse e ansiedade resultantes do contexto e alteração do ritmo do trabalho. Na América Latina, 63,8% dos jornalistas que responderam à pesquisa admitiram mudanças negativas em sua função laboral. Quanto às empresas jornalísticas, um terço estimulou o teletrabalho e, como consequência dessa modalidade, 32,4% dos jornalistas indicaram trabalhar mais que o período anterior à pandemia.

As pesquisadoras Moreira e Lima (2020) também relatam que a chegada da covid-19 intensificou a apuração via aplicativos e redes sociais, ferramentas que se tornaram essenciais no trabalho dos repórteres. Para elas, a antiga imagem de que o repórter é aquele que está em busca das informações nas ruas começa a ser modificada pelas novas práticas.

Sob o mesmo ponto de vista, Silva (2020) afirma que em um período de isolamento social as plataformas digitais se tornaram aliadas, pois aproximaram os jornalistas das fontes e dos telespectadores. Na emissora regional de Varginha, foi usado o digital a seu favor. As entrevistas não foram feitas mais pessoalmente, mas sim realizadas por meio de videoconferências. Outro exemplo é a mudança nas gravações, pois algumas matérias que antes eram feitas pelo repórter e o cinegrafista em campo passaram a ser feitas pelas próprias fontes sem que ninguém precisasse sair de casa. As filmagens feitas pelos entrevistados normalmente são feitas com aparelhos celulares e depois a equipe de edição insere na reportagem.

Nesse sentido, Siqueira, Dias e Bandeira (2020) afirmam que, segundo um dos

editores entrevistados na pesquisa, muitos paradigmas foram quebrados no telejornalismo durante este tempo de pandemia. Isso em relação a utilização de fotos e vídeos sem a qualidade desejável em matérias, ou então a montagem de um VT de um minuto e meio ou dois minutos só com imagens enviadas pelas próprias fontes. Os autores também destacam as afirmações de um dos produtores, que destaca que o celular foi o grande aliado do jornalista na pandemia. Segundo eles, há o lado bom e o ruim, o bom é que é possível trazer a informação para o telespectador e o ônus é a questão da qualidade perdida no produto final. Apesar disso, se alcança o objetivo que é informar a população. Entretanto, Siqueira, Dias e Bandeira (2020) ressaltam que a importância dos meios eletrônicos e ferramentas tecnológicas já era evidente dentro da redação antes mesmo da pandemia. Contudo, os pesquisadores afirmam que no período da pandemia a utilização destas ferramentas se intensificou a ponto de tornarem-se responsáveis por grande parte do que era veiculado nos programas da emissora analisada.

As pesquisadoras Michele Negrini e Silvana Copetti Dalmaso relatam no artigo *Coronavírus e Telejornalismo: As Diferentes Temporalidades Que Perpassam as Rotinas do Fantástico* (2020) que no atual período de pandemia observa-se reportagens mais longas, com tempo maior de fala de repórteres e de entrevistados. As autoras também pontuam que as fontes de informação passaram a falar diretamente de suas casas por meio de plataformas online.

Depois de observar todas essas adaptações, é importante abordar que apesar de algumas mudanças como os cuidados sanitários persistirem, questões que envolvem a rotina de trabalho nos meios de comunicação começaram a ser flexibilizadas, principalmente neste ano, em 2021. Exemplo disso é o retorno do apresentador do RBS Notícias, Elói Zorzetto, 62 anos, aos estúdios<sup>3</sup>. Devido à pandemia ele comandou o programa em uma estrutura montada em uma das salas de sua casa durante 15 meses. Depois de tomar a vacina contra a covid-19 em maio e seguindo um rigoroso protocolo sanitário, Zorzetto voltou aos estúdios presencialmente no dia 23 de junho.

Outro exemplo de retorno depois de meses longe dos estúdios são os blocos regionais do Jornal do Almoço (JA) da RBS TV. As regiões Centro Oeste, Norte,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2021/07/eloi-zorzetto-celebra-volta-aos-estudios-da-rbs-tv-depois-de-15-meses-me-sinto-mais-em-casa-do-que-na-minha-propria-casa-20640313.html>>. Acesso em: 27 set 2021.

Noroeste, Zona Sul, Vales e Serra voltaram a contar com seus blocos no dia 9 de agosto<sup>4</sup>. Eles voltaram a ser exibidos direto dos seus estúdios, sob comando, respectivamente, dos jornalistas Shirlei Paravisi, Mateus Rodighero, Patrícia Porciunculla, Vanessa Backes e Maiara Medina. Os blocos regionais retornam um ano e cinco meses após terem sido adaptados em função da chegada da pandemia de covid-19 no Estado. As notícias do interior não deixaram de fazer parte da programação, os comunicadores trabalharam de suas casas e as informações ganharam espaço dentro do JA Estado. Segundo a RBS, a volta ocorreu em um momento em que grande parte da equipe já estava vacinada ao menos com a primeira dose e, além disso, são seguidos todos os protocolos recomendados pelos órgãos de saúde.

Depois da revisão bibliográfica será apresentada, no próximo capítulo, a metodologia da pesquisa.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/noticias/2021/08/06/com-retorno-dos-blocos-regionais-rbs-tv-amplia-conexao-com-o-interior-a-partir-desta-segunda-feira-9/>> Acesso em: 27 set 2021.

## 5 METODOLOGIA

Para analisar os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV, a pesquisa será realizada por meio do método Análise de Conteúdo. Serão apresentadas neste capítulo também as técnicas de Pesquisa Bibliográfica, Entrevista e Observação simples.

### 5.1 MÉTODO

O método utilizado na pesquisa é o da Análise de Conteúdo. Segundo Laurence Bardin no livro *Análise de Conteúdo* (2004, p. 89), as diferentes fases desta análise são divididas em três etapas: *a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.*

#### 5.1.1 Pré-análise

A *pré-análise* é a fase de organização, onde são definidas as ideias iniciais a fim de conduzir as próximas etapas. Ela é dividida, segundo Bardin (2004), em três missões: a escolha dos documentos que serão submetidos à análise, a formulação das hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Tendo em vista o primeiro passo, inicia-se com a demarcação dos documentos e, aliado a isso, Bardin (2004) estabelece algumas regras principais:

- a) *Regra da exaustividade*: define que nenhum dos elementos da pesquisa pode ser deixado de fora;
- b) *Regra da representatividade*: quando o universo da pesquisa é grande e torna-se impossível observá-lo em sua totalidade é necessário trabalhar com uma amostra;
- c) *Regra da homogeneidade*: os documentos devem ser semelhantes, seguindo os mesmos critérios de escolha;
- d) *Regra de pertinência*: os documentos devem ser adequados, correspondendo ao objetivo do estudo.

Outro ponto a ser considerado nesta fase da análise é a formulação das hipóteses e objetivos. Segundo Bardin (2004), uma hipótese é uma afirmação provisória que será verificada, ou seja, confirmada ou refutada. Já o objetivo é a finalidade geral da pesquisa. Depois destas produções há a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, de acordo com a autora. Ela também afirma que se “se considerarem os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar, o trabalho preparatório será o da escolha destes [...]” (BARDIN, 2004, p. 93).

A última tarefa da pré-análise é a preparação do conteúdo que será estudado. Depois segue-se para a *exploração do material*.

### **5.1.2 Exploração do material**

Após reunir o material, passa-se então para a segunda fase, que é a de exploração do material. A etapa “não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 2004, p. 95). Trata-se de um processo longo que consiste em operações de codificação, desconto ou enumeração em função de regras previamente formuladas. Na fase de codificação, os dados brutos do texto que foi selecionado na pré-análise são transformados atingindo uma representação do conteúdo. Isso pode ser feito por meio de recorte, enumeração e agregação. O recorte é a escolha das unidades, a enumeração é a escolha das regras de contagem e a agregação é a escolha das categorias. A autora apresenta que a análise de conteúdo pode ser desenvolvida por meio da abordagem qualitativa ou quantitativa. A primeira corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e adaptável e a segunda, obtém dados descritivos através de um método estatístico. Nesta pesquisa será utilizada a análise qualitativa.

Na sequência, deve-se partir para a categorização que, segundo Bardin (2004), “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2004, p. 111). Na categorização os elementos são classificados a partir do que existem em comum entre eles.

Segundo Bardin (2004), o processo é dividido em duas etapas: o inventário, que

é o ato de isolar os elementos, e a classificação, momento em que eles são repartidos e organizados. A autora elenca quais são as qualidades para uma boa categorização:

- a) *Exclusão mútua*: estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão;
- b) *Homogeneidade*: um princípio de classificação deve governar sua organização;
- c) *Pertinência*: categoria deve estar adaptada ao material de análise escolhido e pertencer ao quadro teórico definido;
- d) *Objetividade e fidelidade*: as partes do material devem ser codificadas da mesma maneira. O organizador deve definir as variáveis e precisar os índices que determinam a entrada de um elemento em uma categoria;
- e) *Produtividade*: um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos.

Depois dos processos de *pré-análise* e da *exploração do material*, utilizando a codificação e categorização, o próximo passo é o de *tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação*.

### **5.1.3 Tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação**

Por fim, a última fase é a do *tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação*. Os resultados brutos devem ser separados e visualizados de uma melhor forma para o estudo. Tendo os resultados à disposição, o analista “pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2004, p. 95).

Segundo a autora, os polos de atração da análise são o *emissor*, o *receptor*, a *mensagem* e o *canal*. O *emissor* é um indivíduo ou um grupo de indivíduos emissores. Neste caso, destaca-se a função expressiva ou representativa da comunicação. O *receptor*, conforme a autora, também pode ser um indivíduo, um grupo de indivíduos, ou uma massa de indivíduos para os quais a mensagem é enviada. A *mensagem* é o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível. O *canal*, também chamado de *medium*, é o instrumento, o objeto técnico e o suporte material da mensagem. É realizada também a interpretação que se trata da utilização dos

resultados de análise para fins teóricos ou pragmáticos.

Depois do método é importante apresentar algumas técnicas que irão contribuir com o processo metodológico.

## 5.2 TÉCNICAS

Para contribuir com a aplicação do método serão utilizadas três técnicas: pesquisa bibliográfica, entrevista e observação simples.

### 5.2.1 Pesquisa bibliográfica

Uma das técnicas utilizadas no estudo é a da pesquisa bibliográfica. De acordo com Ida Regina C. Stumpf (2014) no artigo *Pesquisa Bibliográfica*, ela é o planejamento inicial do trabalho, que vai desde a identificação da bibliografia até o texto propriamente dito. A técnica pode ser resumida como

[...] o conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2004, p. 51).

A autora define a pesquisa bibliográfica como um conjunto de etapas para identificar, selecionar, localizar e obter documentos que tenham relevância para a realização do trabalho. A primeira etapa é a identificação do tema e assuntos. De acordo com a pesquisadora, na sequência deve estar a elaboração de palavras-chaves que possam guiar o levantamento de dados na bibliografia. Os termos devem ser traduzidos para outros idiomas, o que pode auxiliar na pesquisa.

O passo seguinte é o da seleção das fontes, onde o pesquisador deve identificar o material bibliográfico que dará o suporte necessário. Para que essa identificação seja possível, o aluno deve consultar algumas fontes. Conforme Stumpf (2014), o orientador poderá indicar o material básico ou fundamental. Além disso, espera-se que o próprio pesquisador faça suas buscas.

Há também as fontes secundárias que podem ser bibliografias especializadas,



índices com resumo, portais, resumos de teses e dissertações, catálogos de bibliotecas e catálogo de editoras. Neste caso, a estratégia de busca deve ser o uso das palavras-chaves. Segundo a autora, na maioria dos casos a lista fica enorme, mas na etapa de localização e obtenção do material ela diminui.

O indicado por Stumpf (2014) é anotar o resultado da leitura do material em fichas, o que é chamado também de fichamento do material. Esse processo pode ser feito também nos computadores, o que facilita o trabalho. Os trechos que poderão ser usados no texto devem ser devidamente anotados com as informações necessárias para a citação.

No presente trabalho a aplicação da técnica de pesquisa bibliográfica resultou na elaboração de três capítulos: *Gêneros e formatos de programas de TV; Etapas de produção do conteúdo jornalístico audiovisual e Impactos da covid-19 na comunicação e no telejornalismo*.

### 5.2.2 Observação simples

A observação desempenha um importante papel na pesquisa. Segundo Antonio Carlos Gil, no livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (2011), ela acompanha diversas etapas, desde a construção das hipóteses até a interpretação dos dados. Porém, é na coleta de dados que o seu papel é mais evidente. O autor explica que a observação é o uso dos sentidos para adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. A principal vantagem é a de que os fatos são percebidos diretamente, sem intermediação.

De acordo com Gil (2011), a observação pode ser estruturada ou não estruturada e, segundo o grau de participação do observador, ela pode ser participante ou não participante. O autor divide a observação em três tipos:

- a) *Observação simples*: o pesquisador tem papel próximo a um espectador, observando de forma espontânea. Deve ficar alheio à comunidade, grupo ou situação que será estudado;
- b) *Observação participante*: consiste na participação real do conhecimento. O observador deve assumir o papel de membro do grupo;
- c) *Observação sistemática*: é utilizada em pesquisas que buscam a descrição

precisa dos fenômenos ou teste de hipóteses.

Nesta pesquisa será utilizada a observação simples. Conforme Gil (2011), ela vai além da simples constatação dos fatos, pois há o controle na obtenção dos dados e também um processo de análise e interpretação. É o caso da decupagem do *corpus* da presente pesquisa, que exige detalhamento e estudo aprofundado do conteúdo analisado.

Segundo o autor, o primeiro problema a ser enfrentado pelo pesquisador está ligado ao que deve ser observado. Ele também afirma que “como a observação simples é utilizada frequentemente em estudos exploratórios, onde os objetivos não são claramente especificados, pode ocorrer que o observador sinta a necessidade de redefinir seus objetivos ao longo do processo” (GIL, 2011, p.102).

Mesmo que não existam regras sobre o que observar, o autor cita itens significativos que costumam ser considerados pelos pesquisadores. Primeiramente, acerca dos sujeitos: quem são, quantos são, dentre outras informações. Após, a análise do cenário: onde essas pessoas se encontram e quais as características deste local. E, por fim, o comportamento social: como as pessoas se relacionam e qual linguagem utilizam.

Antes de adotar essa técnica, o pesquisador precisa ter conhecimentos prévios sobre o que pretende observar. Isso porque, conforme o autor, um dos maiores problemas relacionados à observação simples refere-se à sua interpretação.

#### 5.2.2.1 Objeto de Estudo

O Bom Dia Rio Grande é um noticiário matinal da RBS TV. Ele é exibido de segunda a sexta-feira, das 6h às 8h30min, e tem em média 2h20min de duração. Segundo a editora-chefe do programa, Mariana Pessin, em entrevista à pesquisadora, o telejornal estreou em 3 de janeiro de 1983 e seu principal enfoque são os serviços como a previsão do tempo, o trânsito e, agora, a vacinação, para que as pessoas saiam de casa bem informadas. O programa ganhou meia hora a mais durante a pandemia.

Desde cedo são divulgadas as primeiras notícias locais da manhã e repercussões sobre os fatos mais importantes do dia, além dos serviços, entrevistas e reportagens especiais. Uma das características são as entradas ao vivo de

repórteres, principal formato do programa, e a interatividade com o público, que pode enviar mensagens e fotos que são exibidas durante o programa.

A editora-chefe destaca que apesar do foco do Bom Dia Rio Grande serem os serviços importantes à população, também são apresentadas notícias factuais, além de reportagens que tragam leveza ao jornal. Como por exemplo matérias curiosas, engraçadas, fofas ou mesmo ensinando a fazer coisas em casa, caso do quadro “Mãos à Obra”, que vai ao ar todas as sextas-feiras.

Segundo Pessin (2021), o programa é composto por dois apresentadores, que também editam e produzem; sete editores, que também ajudam a produzir; três repórteres para vivos pela manhã; um repórter para reportagem à noite e cerca de seis editores de imagem, além das equipes de externa, como cinegrafistas e motoristas; e do suíte, como operadores de áudio, GC, TP e VT, que não são jornalistas, em sua maioria.

As apresentadoras são as jornalistas Daniela Ungaretti e Simone Lazzari. No dia 23 de junho ocorreram reformulações na RBS TV e a Daniela Ungaretti assumiu a apresentação do RBS Notícias. Em seu lugar no Bom Dia Rio Grande está o jornalista Léo Saballa Jr. Com a pandemia, o programa teve alterações na rotina, pois em alguns momentos os repórteres precisaram ficar em casa, encontrando outras formas para realizar as reportagens.

#### 5.2.2.2 *Corpus* da pesquisa

Para a realização desta pesquisa serão analisados quatro episódios do programa Bom Dia Rio Grande, veiculados entre março de 2020 e março de 2021. O primeiro a ser estudado foi veiculado no dia 23 de março de 2020 e teve como um dos destaques a atualização a respeito da confirmação de novos casos de covid-19 na Serra gaúcha.

O segundo programa analisado foi veiculado no dia 07 de agosto de 2020, próximo ao Dia dos Pais, exibindo uma reportagem especial que abordou a aproximação entre pais e filhos na quarentena.

O terceiro episódio selecionado foi veiculado no dia 11 de agosto de 2020 e abordou, entre diversos temas, o registro de nove mortes por coronavírus em hospitais psiquiátricos de Porto Alegre.

O quarto e último episódio foi veiculado no dia 08 de março de 2021. Neste dia, iniciou o quadro 'Vozes da pandemia', dando oportunidade de fala a quem vive o dia a dia nos hospitais. E também, no Dia Internacional da Mulher, uma das entrevistas foi com a diretora-presidente do Hospital de Clínicas sobre desafios em meio à pandemia.

#### 5.2.2.2.1 Glossário

As definições aqui apresentadas foram baseadas nas obras *O Texto na TV - Manual de Telejornalismo* (PATERNOSTRO, 2006), *Manual de Telejornalismo - Os segredos da notícia na TV* (BARBEIRO; LIMA, 2002), *A notícia na TV – O dia a dia de quem faz Telejornalismo* (CURADO, 2002) e *Jornalismo de TV* (BISTANE; BACELLAR, 2008).

**Ao vivo:** transmissão de um acontecimento no exato momento em que ele ocorre.

**Arte:** ilustração visual gráfica, computadorizada, inserida na reportagem para facilitar a compreensão da matéria. Podem ser animadas ou não.

**Cabeça:** texto lido pelo apresentador para chamar a matéria. Geralmente, contém as informações mais relevantes da reportagem que será mostrada a seguir.

**Delay:** é a falta de sincronia entre áudio e vídeo, que acontece em transmissões via satélite.

**Espelho:** é a relação e a ordem de entrada das matérias no telejornal, sua divisão por blocos, a previsão dos comerciais, chamadas e encerramento. Como a própria palavra indica, reflete o telejornal. É feito pelo editor-chefe, e todas as pessoas envolvidas na operação do programa recebem uma cópia.

**Lead:** é a notícia mais importante da matéria e tem de estar na cabeça lida pelo apresentador.

**Link:** é a ligação abstrata entre dois ou mais pontos para transmissão de sinais de imagem e som. Essa linha de transmissão pode ser através de antenas parabólicas ou pelo sistema digital.

**Nota pé:** nota ao vivo, lida pelo apresentador no final de uma matéria, com informações complementares à reportagem.

**Off:** texto lido pelo apresentador, locutor ou repórter e coberto com imagens.

**Passagem do repórter:** gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento. O repórter pode fazer uma passagem ao lado do entrevistado, já encaminhando para a entrevista, ou pode fazer uma passagem ligando um tema e outro da mesma matéria.

**Pauta:** previsão dos assuntos de interesse jornalístico. É o roteiro dos temas que vão ser cobertos pela reportagem.

**Plano médio:** plano de introdução para as entrevistas, que corta logo abaixo da cintura.

**Plano geral:** enquadramento feito com a câmera distante mostrando a pessoa por inteiro ou um local por completo.

**Reunião de pauta:** são discutidos e selecionados os temas das reportagens. É o ponto de partida para o planejamento do telejornal.

**Sonora:** termo que se usa para designar uma fala da entrevista. Exemplo: cortar uma sonora é escolher uma determinada fala de uma entrevista de uma pessoa para colocar no trecho exato da matéria editada.

**Switcher:** local onde ficam o diretor de TV, os operadores de áudio e de caracteres, o coordenador e o editor-chefe ou o editor-executivo do telejornal no momento em que ele está no ar. O local do comando da operação do telejornal ou programa ao vivo.

**Videorepórter:** repórter que produz, grava imagens, faz entrevista, conta a história, e edita sua própria reportagem. Ele conduz seu trabalho de acordo com os padrões éticos, absorvendo funções e introduzindo uma nova linguagem jornalística. Pode ser uma opção para correspondentes internacionais, emissoras locais ou projetos experimentais.

**Vinheta:** marca a abertura ou intervalo do telejornal. Normalmente é composta por imagem e música características, trabalhadas com efeitos.

#### 5.2.2.2 Decupagem

Cada reportagem está descrita na íntegra, com os offs dos repórteres, as sonoras e a transcrição do que é apresentado nas imagens. Os *links* para acesso aos materiais estão disponíveis nas notas de rodapé. Vale destacar que em alguns casos o conteúdo passou por uma pré-edição para ser disponibilizado no Globo Play, sendo assim, no vídeo não estará o conteúdo original, na íntegra.

- a) Reportagens 1: *Serra gaúcha tem cinco casos confirmados de coronavírus*<sup>5</sup>;  
Repórter: Tainara Alba

---

<sup>5</sup> GLOBO PLAY. **Serra gaúcha tem cinco casos confirmados de coronavírus**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8422778/?s=0s>>. Acesso em 6 out 2021.

Data e horário de exibição: 23 de março de 2020 às 7h50min

Duração: 2'02''

A apresentadora Daniela Ungaretti está no estúdio vestindo uma calça branca e uma camisa cor de rosa. Ela chama a repórter Tainara Alba, que aparece na tela, está nas ruas de Bento Gonçalves usando uma blusa amarela e um casaco preto.

**Daniela Ungaretti (DU):** De Erechim a gente vai direto ao vivo até Bento Gonçalves, na Serra, para saber como é que está a situação por lá. A Tainara Alba tá conosco. E, no final de semana teve mais casos confirmados de coronavírus aí na região, Tainara, bom dia!

A imagem abre para a repórter Tainara, que com o apoio de seu celular passa as informações diretamente de uma rua de Bento Gonçalves.

**Tainara Alba (TA):** Bom dia Dani, bom dia para todo mundo que está acompanhando o Bom dia. Isso mesmo, Bento tem dois casos suspeitos e cinco casos confirmados. O primeiro confirmado foi ainda na quarta passada, é um homem de 63 anos que teve uma viagem para o Paraguai, ele é morador de Serafina Corrêa e permanece internado no Hospital Tacchini aqui de Bento em estado considerado grave. E no fim de semana quatro novos casos foram confirmados por aqui: uma mulher de 69 anos que viajou para o exterior, ela está em isolamento domiciliar; uma mulher de 70 anos que também está em isolamento domiciliar; e outra mulher que não foi informada a idade, e também está em isolamento domiciliar. Além delas, o superintendente do Hospital Tacchini, Hilton Mancio, de 55 anos, também testou positivo pro novo coronavírus. Ele apresentou sintomas leves na terça, fez o teste, e no sábado teve a confirmação. Ele está em isolamento domiciliar e, quando teve a confirmação pra doença, ele gravou um vídeo que foi cedido pela assessoria de imprensa do Hospital Tacchini. Vamos ver o que ele disse.

O depoimento do superintendente, que foi gravado em casa com celular, aparece na tela na vertical. Ele veste uma camisa listrada.

**Hilton Mancio (HM):** Estou em isolamento na minha casa desde a quarta-terça. Terça-feira de noite iniciou, quarta-feira eu já tava fora. E já tô aí há mais de quase três dias sem febre. Quero muito cumprimentar a todos que tão ali na linha de frente trabalhando, queria muito tá aí com vocês no dia a dia e agradecer por esse empenho, pela coragem, pelo enfrentamento. Esse é aquele momento que a gente justifica a nossa missão, esse é aquele momento que a gente mostra a grande finalidade da área da saúde que é de proteção das pessoas, né.

Volta para o estúdio com a apresentadora Daniela e com a repórter Tainara aparecendo na tela.

**DU:** Bacana a mensagem, né?

Programa segue com a reportagem descrita no item abaixo.

*b) Voluntários ajudam na construção de leitos para atendimento ao coronavírus na Serra<sup>6</sup>*

Repórter: Tainara Alba

Data e horário de exibição: 23 de março de 2020 às 7h52min

Duração: 1'05''

A apresentadora Daniela Ungaretti continua no estúdio vestindo uma calça branca e uma camisa cor de rosa e segue a conversa com a repórter Tainara que aparece na tela, usando uma blusa amarela e um casaco preto.

**Daniela Ungaretti (DU):** Mas agora vou aproveitar a Tainara aqui para contar também que teve uma ação bem positiva em Bento com a participação de voluntários, cerca de 60 voluntários ajudando na construção de novos leitos para atendimento de pacientes com coronavírus, Tainara.

---

<sup>6</sup> GLOBO PLAY. **Voluntários ajudam na construção de leitos para atendimento ao coronavírus na Serra.** Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/8422779/?s=0s>>. Acesso em 6 out 2021.



A imagem abre para a repórter Tainara que está na rua e em seguida aparecem na tela imagens da obra. Elas foram gravadas por celular, na vertical, com trocas de cena rápidas. A pessoa que gravou fez um passeio pelo local da construção, onde aparecem diversas pessoas trabalhando.

**TA:** Isso mesmo, a gente tem imagens também para mostrar dessa ação. São cerca de 60 voluntários que estão ajudando a construir uma nova ala de internação com 40 leitos de isolamento que vai ser usada especialmente para atender pacientes graves infectados com o novo coronavírus. O prazo para finalizar essa obra é de 30 dias, já que vai ser aproveitada uma obra que já está em andamento aqui na cidade que é a construção do hospital público aqui de Bento, uma parte dele está praticamente pronto. E aí vai ser aproveitado esse espaço que teria uma outra função, mas agora então vai ser priorizado para esses atendimentos de pacientes infectados com o novo coronavírus, Dani.

No final da fala da repórter ela volta a aparecer na tela. Depois, volta para o estúdio e a apresentadora se despede da Tainara e anuncia a próximo assunto.

**DU:** Obrigada, bom dia para vocês, bom início de semana para todo mundo aí na região da Serra.

c) Reportagem 3: *Pais e filhos se aproximam durante a quarentena no RS*<sup>7</sup>

Repórter: Cristiano Dalcin

Data e horário de exibição: 07 de agosto de 2020 às 8h19min

Duração: 5'35"

No estúdio, a apresentadora Simone Lazzari, em frente a imagens em tempo real em uma rua, que aparecem na tela, anuncia a reportagem. Ela veste uma blusa cor de rosa e uma saia preta.

**Simone Lazzari (SL):** Dois mil e vinte mudou a forma de nos relacionarmos, né? Tem quem diga que a pandemia nos separou das pessoas que nós amamos, mas uma pesquisa do Sindicato dos Lojistas de Porto Alegre mostrou que mais de 90% dos pais

---

<sup>7</sup> GLOBO PLAY. **Pais e filhos se aproximam durante a quarentena no RS**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8758973/>>. Acesso em: 6 out 2021.

da capital se aproximaram dos filhos neste período. O Cristiano Dalcin mostra para a gente agora histórias de pais e filhos que se redescobriram por causa da quarentena.

Roda a reportagem: o entrevistado Fabrício que usa uma camiseta preta e um chapéu, pega o filho Pedro no colo, que usa uma camiseta cinza e preta.

**Fabrício Beck (FB):** Aí Pedro vem aqui com o papai. Ó, eu vou botar um fone no teu ouvido e um no meu para ouvir o que o titio vai falar.

**Cristiano Dalcin (CD):** É, eles estão assim, inseparáveis...

**FB:** Tá gostando de ficar brincando com o papai?

**Pedro:** Sim

**FB:** Do que que a gente brincou hoje?

**Pedro:** De super-herói.

**FB:** Ah, que legal.

Imagens do repórter fazendo a entrevista via aplicativo no computador.

**CD:** Quem vê nem imagina que há cinco meses o Fabrício nem tinha tempo de ver o Pedro.

**FB:** Eu vinha num pique assim, há dois anos que eu trabalhava de segunda a segunda. Então tu imagina, eu via o Pedro só na hora de buscar ele no colégio, praticamente.

Imagens caseiras do Pedro e do pai tocando e cantando.

**CD:** Tudo mudou com a chegada da pandemia. Sem poder fazer shows e com o restaurante fechado, pai e filho puderam ficar juntos em casa, 24 horas por dia.

**FB:** Desde que eu me conheço por gente a gente só trabalha, trabalha, trabalha, trabalha e parece que nunca tem tempo para nada, né. E agora eu tô podendo ver o meu filho crescer, eu tô podendo ver ele se desenvolver. Parecia que ontem era um bebezinho e agora já tá grande, fala tudo, questiona, pergunta, entende, então tá sendo maravilhoso assim.

Passagem do repórter Cristiano gravada em uma pracinha, aos fundos crianças andam de balanço.

**CD:** E o Fabrício e o Pedro não estão sozinhos, tem muitos pais e filhos que se redescobriram durante a quarentena. Quem tinha falta de tempo, ganhou tempo de sobra. Uma pesquisa do Sindicato dos Lojistas de Porto Alegre mostrou que 93% dos pais se aproximaram dos filhos durante este período de pandemia.

Aparecem na tela imagens que contêm os dados apresentados na reportagem.

**CD:** Quarenta e seis por cento dos entrevistados disseram que o relacionamento melhorou nos últimos meses. Setenta e seis por cento afirmaram que passaram a conversar com os filhos para tirar dúvidas e orientar sobre o coronavírus. O Luciano é pai do Pedro, que fez 18 anos essa semana.

Imagens de Luciano, que usa uma camisa listrada e de seu filho Pedro, que usa uma camiseta preta, em casa. São exibidas também fotografias dos dois.

**Luciano Fernandes dos Santos (LS):** Eu fiquei 50 dias em casa sem trabalhar, com suspensão de trabalho, mas por um lado eu curti minha família como nunca tinha curtido antes.

**Pedro Lucas Fernandes(PF):** O mundo tava sofrendo, tá sofrendo uma pandemia muito difícil, só que isso nos aconchegou mais, né.

Vídeos da família andando de bicicleta, vídeos na vertical, gravados com celular, dos dois jogando futebol no pátio e videogame na sala.

**CD:** Os dias livres foram para um ensinar o outro e pros dois buscarem maneiras de passar o tempo.

**LS:** A gente inventou brincadeiras, futebol dentro do pátio, carta. Esse lado foi bem bacana mesmo.

**PF:** Jogar stop, jogar videogame também.

**LS:** Videogame e a gente ficou viciado em videogame. E eu comecei a trabalhar e hoje a gente continua jogando videogame.

**CD:** É a parte boa de um período tão complicado.

**LS:** Esse lado marcou bastante e vai marcar pro resto das nossas vidas.

Imagens dos bastidores da entrevista por aplicativo com a família da Juliana.

**CD:** E as histórias só mudam de endereço. Na família da Juliana, o início de tudo foi um choque.

**Juliana Curcz (JC):** Foi bem assustador assim, porque eu tava acostumada sempre todo o final de semana sair com meus amigos, dormir na casa das amigas. Escola, eu tava super ansiosa porque tinha começado e aí, do nada, parou tudo.

**Giovana Curcz (GC):** Parou tudo direto, não tinha mais nada o que fazer, só ficar em casa, ficar em casa, foi bem estranho.

Imagens gravadas com celular, na vertical, da família da Juliana cozinhando e também dos produtos prontos.

**CD:** Foi por causa disso que a jovem de 17 anos e a irmã Giovana de 12 também viraram parceiras do pai nesses tempos difíceis. O Gerson, que trabalha em obras, precisou de mais uma fonte de renda.

**Gerson Curcz:** A gente tava com uma revenda assim, como é que eu vou explicar, produtos congelados, né. E, a Juliana é o marketing, né, a Giovana já fazia na época da Páscoa os ovos de colher.

Imagem das duas filhas dando um beijo no pai.

**CD:** O tempo a mais de convivência mostrou que não existe hora pra revelar um sentimento.

**JC:** Queria te dizer que eu te amo muito, tu já sabe toda a importância que tu tem na minha vida, mas sem ti eu não seria nada, tu é a base do meu tudo. Eu te amo!

**Gerson:** Eu também, graças a Deus!

Imagens das três famílias entrevistadas.

**CD:** E na casa de todos eles ficou a mesma lição dos dias de pandemia.

**Fabrício:** Que as pessoas aproveitem, né, isso, porque alguma coisa nós vamos ter que tirar de positivo de tudo isso, né. E a principal coisa que eu tô vendo é isso, a gente repensar o valor das coisas, do tempo, da família, dos amigos, do abraço.

Vídeo de Pedro e Fabrício cantando uma música infantil. A canção é sobreposta pelas imagens das famílias que já haviam sido utilizadas no decorrer da reportagem.

**Simone Lazzari:** Aí que lindo, né! Isso tá acontecendo em um monte de casas, não só essas que a gente mostrou.

d) Reportagem 4: *Hospitais psiquiátricos de Porto Alegre registram nove mortes por coronavírus*<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> GLOBO PLAY. **Hospitais psiquiátricos de Porto Alegre registram nove mortes por coronavírus.** Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8766943/?s=0s>>. Acesso em: 6 out 2021.

Repórter: Nathália King

Data e horário da exibição: 11 de agosto de 2020 às 7h04min

Duração: 3'47''

Simone Lazzari, vestindo uma blusa branca e uma saia preta, no estúdio, apresenta a reportagem.

**SIMONE LAZZARI (SL):** A gente fala agora sobre os casos de covid-19 dentro de hospitais psiquiátricos. Mais de 50 moradores de dois hospitais na capital já testaram positivo para a doença. Nathalia King traz mais informações pra gente dessa situação, que é muito preocupante, né Nathalia?

No meio da fala a imagem muda de plano médio para plano geral, mostrando o estúdio com a apresentadora e a tela com a repórter Nathalia que está em sua casa, em Porto Alegre, vestindo blusa e casaco brancos. Ao seu fundo aparece uma estante de livros, um sofá e seu gato deitado em uma banqueta. Quando ela inicia a fala, somente sua imagem aparece na tela. A entrada ao vivo é feita por meio da plataforma *Skype*, é possível ver o ícone no canto da tela.

**NATHALIA KING (NK):** Com certeza, Simone, muito preocupante, até porque se trata aí de muitos casos dentro de um hospital onde tem muitas pessoas internadas. Nós preparamos uma tela para o pessoal de casa acompanhar com a gente esses números.

Na tela aparecem resumidos os dados divulgados pela Secretaria Estadual de Saúde enquanto a repórter os cita na matéria. Depois disso, volta para a imagem dela em sua casa.

**NK:** No Hospital Colônia Itapuã, aqui em Porto Alegre, por exemplo, olha só, dos 72 pacientes, 15 testaram positivo. E dos 66 funcionários, nove também testaram positivo para o coronavírus. Dos pacientes, cinco morreram em função do agravamento da

---

KING, Nathalia. **Sou mãe coruja e posto mesmo! De hoje, o Bento no Bom Dia Rio Grande sendo notado pela @simonemlazzari. Ele mandou avisar que gostou dessa vida televisiva e que vai aparecer outras vezes.** Porto Alegre, 11 ago 2020. Instagram: @kingnathalia. Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/CDwu6yxgLr7/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CDwu6yxgLr7/?utm_medium=copy_link)> Acesso em: 6 out 2021.

doença. Já no Hospital Psiquiátrico São Pedro, todos os 63 pacientes foram testados, destes, 40 deram positivo, 18 tinham sintomas e chegaram a ser internados. E quatro pessoas morreram. Sobre os funcionários do Hospital Psiquiátrico São Pedro, são mais de 500, 27 testaram positivo e 16 seguem, então, afastados das atividades. No total foram nove mortes nesses dois hospitais aqui de Porto Alegre, e 91 casos positivos. Nós conversamos com o psicólogo Rafael Wolski, que é membro do Fórum Gaúcho de Saúde Mental e ele falou sobre essa denúncia do alto número de casos nos hospitais psiquiátricos aqui da capital, vamos ouvi-lo.

Roda o vídeo com a fala do psicólogo, que usa uma camisa xadrez e está em um local com uma janela ao fundo.

**RAFAEL WOLSKI (RW):** Desde então a gente não obteve respostas precisas, né. E a partir do mês passado começaram a chegar denúncias de trabalhadores dos hospitais psiquiátricos falando das dificuldades enfrentadas dentro desses locais. Entre elas a falta de equipamento de proteção individual, não eram realizados testes e os quadros de pacientes com covid-19 que se agravavam eram tratados dentro da própria instituição que não são hospitais de referência para o covid-19.

Retorna para a repórter em casa, ao fundo da imagem, seu gato lambe as patas enquanto ela termina a sua fala.

**NK:** Bom, os representantes então do fórum entraram com pedido de medida cautelar junto à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, pedindo que o Estado haja com responsabilidade e agilidade para proteger a vida dos moradores e dos funcionários destes dois hospitais. Bom, a Secretaria Estadual de Saúde informou que já foi avisada aí por essa comissão, já foi notificada, né, e que tem adotado medidas para prevenir a disseminação do coronavírus, tanto no São Pedro, como no Itapuã. Medidas como, por exemplo, testagem, distribuição de EPIs, treinamento de equipes, monitoramento dos casos, eles também criaram uma enfermaria específica para casos aí de pacientes que tenham sintomas do coronavírus para ficarem separados dos demais, suspenderam passeios e visitas e todos os pacientes e todos os funcionários foram vacinados contra a gripe, Simone.

Volta para o estúdio, em plano geral, com a apresentadora interagindo com a repórter.

**SL:** Bom, medidas importantes, né, e precisa ter mais para controlar o avanço do coronavírus que tá em todos os lugares, não adianta, não tem lugar a salvo. A Nathalia tá em casa para se proteger do coronavírus também, né, nesse revezamento que a gente tá fazendo com alguns repórteres trabalhando em casa, nessa semana é a Nathalia. Nathalia, já chegou até mensagem de gente comentando do teu gatinho ali no canto, é o Bento, te acompanhando?

**NK:** (Risos) É ele mesmo, Simone. Ele é muito companheiro, nesse home office, olha, ele tá comigo em todos os momentos. Aqui ó, acordou cedinho comigo, já tá na banquetinha dele, que é a banqueta dele, essa aqui, já específica. Tá neste momento tomando um banho de gato (risos) e aparecendo aqui no Bom Dia, fazendo companhia pra todo mundo.

**SL:** Então tá, bom trabalho pra ti e pro Bento também então, que tá madrugando aqui com a gente no Bom Dia Rio Grande.

- e) Reportagem 5: Profissionais da saúde relatam os desafios para enfrentar o coronavírus nos hospitais<sup>9</sup>

Data e horário de exibição: 08 de março de 2021 às 7h27min

Duração: 1'

Depois de mostrar as taxas de ocupação em UTIs do Rio Grande do Sul, a apresentadora Daniela Ungaretti introduz o quadro 'Vozes da Pandemia'. Ela veste uma calça branca e uma blusa azul claro e está em plano médio no estúdio.

**Daniela Ungaretti (DU):** Os números são cada vez mais alarmantes, mas a realidade mesmo só quem tá lá dentro dos hospitais pode nos contar. O depoimento que a gente vai ver agora é da Isamara Silva dos Santos. Ela trabalha no Setor de Higienização

---

<sup>9</sup> GLOBO PLAY. **Profissionais da saúde relatam os desafios para enfrentar o coronavírus nos hospitais.** Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/9329590/?s=0s>>. Acesso em: 6 out 2021.



do Hospital Virvi Ramos em Caxias do Sul, na Serra, e fala sobre como é que tá a situação delicada lá dentro.

Roda a vinheta do quadro, onde aparecem imagens ilustrativas de profissionais da saúde.

A higienizadora do Hospital Virvi Ramos, Isa Mara Silva dos Santos, aparece no corredor de um hospital usando todos os equipamentos de proteção individual. O vídeo foi gravado com celular e a imagem não está em boa qualidade.

**Isa Mara:** É muito triste pra nós termos a UTI lotada, o sofrimento das pessoas, dos seus familiares. Então eu quero pedir para você que está em casa, talvez não vendo, não enxergando a situação dentro do hospital, não leve tão a sério. Quero pedir que não saia de casa se não tiver necessidade, se sair, use máscara, higienize as mãos, tome todo o cuidado necessário por você, pelos seus familiares e por nós que estamos aqui trabalhando, fazendo de tudo por sua família, por suas pessoas que estão aqui dentro.

Volta para o estúdio em plano geral com a apresentadora Daniela com a imagem em tempo real de uma cidade, com carros passando na rodovia.

**Daniela Ungaretti:** Tá aí né, a palavra de uma mulher que tá lá dentro dos hospitais.

Logo após essa fala, ela anuncia a entrevista do dia, que está transcrita no item abaixo.

f) Reportagem 6: *Entrevista com a diretora-presidente do Hospital de Clínicas sobre desafios em meio à pandemia*

<sup>10</sup>Jornalistas: Daniela Ungaretti e Daniel Scola

Data e horário de exibição: 08 de março de 2021 às 7h28min

Duração: 11'33''

A apresentadora Daniela está vestindo uma calça branca e uma blusa azul claro e está em plano geral no estúdio.

---

<sup>10</sup> GLOBO PLAY. **Diretora-presidente do Hospital de Clínicas fala sobre desafios em meio à pandemia.** Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9328839/?s=0s>>. Acesso em: 6 out 2021

**Daniela Ungaretti (DU):** Aliás, hoje é dia 8 de março, o Dia Internacional da Mulher. Talvez muita gente tenha acordado e nem tenha se dado conta, né, em meio a pandemia, essa situação tão difícil, mas a gente faz questão de lembrar aqui, sim. E a nossa homenagem, não poderia ser diferente. Nós convidamos para estar aqui hoje a mulher que dirige, né, um dos maiores hospitais do estado, o Hospital de Clínicas, Nadine Clausell, diretora-presidente do Hospital de Clínicas tá conosco. Aliás, a Nadine vai receber hoje a Comenda Porto do Sol, que é a maior distinção concedida pela Câmara dos Vereadores de Porto Alegre. Bom dia, muito bem vinda, parabéns aí pelo reconhecimento!

Aparece na tela a entrevistada que está de jaleco branco, usando máscara e fones de ouvido. Os planos vão intercalando entre plano geral no estúdio e plano médio na entrevistada.

**Nadine Clausell (NC):** Muito bom dia, muito obrigada pela oportunidade de estar aqui com vocês.

**DU:** Eu só quero ainda, sobre essa distinção que a senhora vai receber hoje, saber um pouquinho do seu sentimento porque a senhora inclusive foi criticada por um dos vereadores, né, durante um pronunciamento. Ele disse que a senhora estava espalhando o terror, entre outras coisas. Como que a senhora se sente hoje recebendo esse reconhecimento?

**NC:** Eu sinto que todas as coisas que a gente vem comentando há alguns meses, que eu não estava errada. Todo dia é um recorde de mais pacientes chegando nos hospitais, o que não é diferente aqui no Clínicas. Tá aqui num dia como esse, um Dia da Mulher, um reconhecimento importante a todas as colegas profissionais da saúde e tantas outras nesta batalha, mas num momento muito triste ao mesmo tempo, né. Algo inimaginável que nós estaríamos vivendo isso, então é um misto de sentimentos no dia de hoje, né. É muito bom ter o reconhecimento e isso eu tomo como um reconhecimento pro Hospital de Clínicas como um todo, que estão nesta batalha. A maioria aqui dos profissionais são mulheres que estão abrindo mão de uma série de coisas para entrar de cabeça nesse barco, mas enfim, essas previsões elas não eram com o intuito de fazer terrorismo de forma alguma. Era de que nós pudéssemos ter

uma consciência conjunta de solidariedade, do que que significa o tamanho desta pandemia envolvendo uma tragédia pessoal e de todos.

Abre para plano geral e nesse momento, em uma tela menor ao lado da de Nadine, aparece também o jornalista Daniel Scola, que está em sua casa.

**DU:** Eu acho que esse misto de sentimentos que a senhora tá falando que hoje, né, eu acho que essas profissionais da saúde, mulheres, vem enfrentando há muito tempo, né, que é o fato de ter que abrir mão da sua família, dos seus filhos, do seu marido, da sua vida, né, pra poder tá dentro dos hospitais se dedicando ao máximo pra poder salvar outras vidas né.

**NC:** É, e tem uma outra dimensão, né, a dimensão do medo de ir pra casa também, né. Passa o dia aqui, às vezes vira noites e emenda um plantão no outro, e voltar pra casa, e como é que faz, e às vezes tem os pais idosos; e a gente ouve histórias tão tristes né, em relação a tudo isso. Então, o cuidado extremo forçando afastamentos ainda maiores, né, dos profissionais da saúde em relação aos seus queridos. Então são perdas e são coisas que não voltam mais. Nós já estamos há um ano assim, perdendo muito de repartir os afetos. Tudo isso tem um impacto que a gente não consegue ainda perceber, e isso é uma pena, que às vezes entre em algumas discussões de outro perfil, que não agrega nada e que não muda a realidade cruel, né, do que tá acontecendo com esse vírus na sociedade e no mundo como um todo e, infelizmente, o Brasil agora despontando numa posição muito triste.

Imagem volta para o estúdio com os dois jornalistas e a entrevistada. Depois, abre plano médio no Daniel Scola.

**DU:** Bom, queria convidar aqui o Daniel Scola pra fazer parte dessa entrevista homenagem, Scola.

**Daniel Scola (DS):** Doutora Nadine, primeiro bom dia e parabéns pelo trabalho que vocês estão fazendo aí no Hospital de Clínicas. Eu lembro que no ano passado, é, em junho do ano passado, eu estive aí fazendo um programa para a rádio Gaúcha e havia naquele momento no CTI 54 pacientes. Hoje, só para que o telespectador tenha uma ideia, é mais do que o dobro, é bem mais do que o dobro daquele momento que era já um momento de sinalização de uma crise grave. Por isso eu lhe pergunto, doutora

Nadine, nós estamos vendo todos os dias assim, a limitação 105, 110, 115 por cento de capacidade, quais são os limites do Hospital de Clínicas? Lembrando que esse é o maior hospital para o atendimento de pacientes com coronavírus do Rio Grande do Sul.

Plano médio na entrevistada.

**NC:** Oh, Scola, obrigada, bom dia, é uma pergunta importante mas eu não tenho uma resposta. Se eu te dissesse que há seis meses atrás que eu estaria hoje dizendo aqui que nós estamos com 137 pacientes na UTI, nós estamos com 70 pacientes covid na emergência e mais 73 nas enfermarias, significando 280 pacientes covid no Hospital de Clínicas, eu não imaginei que eu ia dizer esse número. Então, qual é o limite? Daqui uma semana a gente vai tá conversando, nós vamos estar fazendo esforços cada vez maiores pra tentar acomodar esses pacientes, porque a curva não para de subir, e todo o dia é um recorde maior, então eu não sei qual é o limite. Eu achei que o limite, nós achávamos que o limite estava lá atrás. O Clínicas botou pra funcionar 105 novos leitos, todo mundo sabe disso, bom, nós nos reinventamos, fomos fechando alas aqui dentro, invadindo sala de recuperação, trazendo anestesistas, mudando toda a equipe que atende a emergência, trazendo colegas de várias áreas pra deixar que outra turma ficasse na emergência covid, quer dizer, é um negócio inimaginável, eu não sei te dar essa resposta. Eu quisera poder dizer, mas o Clínicas tá de cabeça nisso e tudo que nós pudermos fazer pra tentar mitigar um pouco o risco e acolher de alguma maneira essas pessoas, nós vamos fazer.

Volta para o plano geral no estúdio.

**DU:** Bom, é, todos os dias a gente procura traduzir esses números difíceis que a senhora traz em relatos principalmente de quem tá aí dentro mostrando todo o desgaste, o cansaço, a exaustão, o sofrimento que é lidar com a morte, com a doença. A senhora sente orgulho desses profissionais que estão aí dentro, principalmente destas mulheres que estão aí dentro?

Plano médio na entrevistada.

**NC:** Eu acho que orgulho e um profundo respeito, né. É um profundo reconhecimento por todos, pelas mulheres que têm sacrifícios adicionais em muitas dimensões, né,

muitas mulheres são chefes de família, preocupadas com os filhos, com os pais, então um respeito tremendo por todo esse grupo. E também eu acho que é uma lição de humildade pra todos nós, esse vírus nos faz rever valores, né, muito importante, a gente tem que ficar de joelhos pro que a gente tá vivendo, né, reconhecendo que nós não sabemos quando isso vai acabar, e o que é trabalhar numa incerteza. Então um profundo reconhecimento, orgulho e respeito.

Plano geral no estúdio e depois plano médio no Daniel Scola.

**DU:** Scola, passo pra ti.

**DS:** Doutora Nadine, nós estamos entrando na segunda semana de bandeira preta aqui no Rio Grande do Sul e há uma série de restrições impostas ao Estado. Vocês aí dentro do Hospital de Clínicas têm um comitê de crise que olha esses dados com muita atenção. É de se esperar que essas internações ou que essa explosão da lotação dos hospitais se reduza um pouco nos próximos dias, vocês têm essa expectativa, quer dizer, com essas medidas nós teremos resultado nos próximos dias já, teremos uma situação não tão grave nos próximos dias, é possível prever isso?

Plano médio na entrevistada

**NC:** Scola, as nossas previsões e dos nosso colegas epidemiologistas, infectologistas, é de que ainda vai demorar um pouco, porque as medidas, elas nos pegaram em um momento de altíssima velocidade, então, é como tivesse um caminhão em alta velocidade e colocar um freio, tentar colocar um freio, demora, tem um arrasto....

O sinal da entrevistada começa a cair e a imagem dela fica congelada na tela. Câmera abre para o estúdio.

**DU:** Bom que pena, né, a gente teve um problema aí no sinal de *Internet*, travou o sinal da doutora Nadine, será que ela consegue continuar?

Sinal volta durante a fala da entrevistada.

**NC:** ...nessa cidade, se imagina em torno de três, quatro semanas pra que a gente possa observar alguma redução, infelizmente isso também tá proporcional à intensidade das medidas, vamos deixar bem claro, nós não estamos trabalhando com

lockdown aqui, né, as pessoas ficam falando, isso que nós fazemos aqui, o Brasil não fez lockdown em lugar nenhum, são medidas restritivas de circulação, né, mas isso não é um lockdown como foi observado nos outros países. Então, portanto, a demora vai ser maior pra que se observe o que aconteceu por exemplo em Portugal, que em questão de três, quatro semanas, saiu de um pico muito vertiginoso pra praticamente números desprezíveis de mortalidade, mas foi um lockdown, é um lockdown ainda, né, absoluto praticamente, longe do que nós fazemos aqui. Portanto, respondendo, vai demorar um pouco mais pra que a gente possa observar alguma redução pra reorganizar minimamente o sistema de saúde.

Retorna para o plano geral no estúdio.

**DU:** Doutora Nadine, eu não posso encerrar aqui essa nossa conversa sem lhe perguntar sobre a situação dos ventiladores, né, os equipamentos que tão sendo necessários pra aqueles casos mais graves, né, de insuficiência respiratória. Qual é a situação hoje do hospital?

A entrevistada responde em plano médio.

**NC:** Então, nós de quinta pra sexta-feira, quando nós começamos a ver o esgotamento dos nossos ventiladores, se conseguiu fazer uma série de medidas intrahospital, quer dizer, retirar ventiladores da emergência pediátrica, até da UTI de Neonatologia ontem de noite, fizemos toda uma revisão do nosso parque pra tentar realocar aparelhos de mais alta performance pra esses pacientes, também conseguimos emprestado de alguns outros hospitais, tomamos algumas medidas de fazer contato com algumas empresas. Então, nesse momento, nós estamos tentando equilibrar dessa forma, né, mas esse sim é um recurso que pode ser finito, porque nós estamos usando aparelhos já que não são ótimos em alguns casos, aparelhos de anestesia, porque o nosso bloco cirúrgico tá praticamente parado. Então é a utilização de equipamentos que não são aquilo que esses pacientes com covid, que precisam de uma ventilação muito pesada como se chama, mas essa é uma conta que nos preocupa muito, então estamos com várias portas abertas e muita solidariedade, eu devo reconhecer, o que é muito bonito nesse momento, né, os hospitais e colegas se reinventando pra nos ajudar.

A imagem volta para o plano geral no estúdio.

**DU:** É, é bonito e fundamental. A gente agradece muito aqui a diretora-presidente do Hospital de Clínicas, Nadine Clausell. Muito obrigada mais uma vez, parabéns pelo reconhecimento, principalmente pelo trabalho de vocês e um feliz dia, aí da mulher!

**NC:** Muito obrigada.

**DU:** Obrigada Scola, também, pela parceria, viu?!

**DS:** Até depois, Dani!

**DU:** Até depois!

### 5.2.3 Entrevista

A técnica da entrevista também vai colaborar com a pesquisa, uma vez que com ela será possível compreender a rotina de produção do telejornal, a partir dos depoimentos de jornalistas do veículo de comunicação. Segundo Antonio Carlos Gil (2011), em seu livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, nesta técnica o objetivo do investigador frente ao investigado é obter dados que interessam à investigação. O autor afirma que ela é uma das técnicas mais flexíveis de coleta de dados de que dispõem as Ciências Sociais. Já Jorge Duarte, no artigo *Entrevista em profundidade* (2014), destaca que a entrevista é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, encontrar respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, que foi escolhida por deter informações das quais se tem interesse.

Gil (2011) afirma que existem diferentes tipos de entrevistas, divididos em função de seu nível de estruturação.

As entrevistas mais estruturadas são aquelas que pré-determinam em maior grau as respostas a serem obtidas, ao passo que as menos estruturadas são desenvolvidas de forma mais espontânea, sem que estejam sujeitas a um modelo preestabelecido de interrogação (GIL, 2011, p. 111).

O autor explica as classificações das entrevistas conforme a estruturação:

- a) *Entrevista informal*: é a menos estruturada. Com ela o foco é obter uma visão geral do problema pesquisado e identificar alguns aspectos da personalidade do entrevistado;
- b) *Entrevista focalizada*: é livre como a informal, mas foca em um tema específico. O entrevistador deixa o entrevistado falar livremente sobre o assunto;
- c) *Entrevista por pautas*: apresenta certo grau de estruturação. O entrevistador se guia por pontos de interesse que são explorados durante a entrevista. As pautas devem ter relação entre si e serem ordenadas. São feitas poucas perguntas diretas e o espaço maior é livre para o entrevistado falar em relação às pautas apresentadas;
- d) *Entrevista estruturada*: desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas. Sua ordem e redação são as mesmas para todos os entrevistados, que normalmente são em grande número. Como este tipo de entrevista possibilita o tratamento quantitativo dos dados, torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais. As respostas são padronizadas, o que torna possível a análise estatística dos dados. Entretanto, estas entrevistas não possibilitam uma análise com maior profundidade.

Tendo em vista as diferentes formas que uma entrevista pode assumir, Gil (2011) destaca que cada uma delas exige habilidade e cuidados diversos na condução por parte do entrevistador. Conforme o autor, "torna-se difícil, portanto, determinar a maneira correta de se conduzir uma entrevista. Isso dependerá sempre de seus objetivos, bem como das circunstâncias que a envolvem" (GIL, 2011, p.115). Nesta pesquisa, o tipo de entrevista utilizado será a estruturada.

#### 5. 2.3.1 Fontes de informação

Para a aplicação da técnica de entrevista foram escolhidas como fonte de informação as apresentadoras Simone Lazzari e Daniela Ungaretti, a editora-chefe Mariana Pessin e a repórter Tainara Alba, por serem jornalistas envolvidas com o objeto de estudo.



O contato com todas as entrevistadas foi efetuado por meio de e-mail e WhatsApp. As capturas de tela que confirmam os contatos estão nos anexos desta monografia.

O primeiro contato com as jornalistas foi via e-mail no dia 15 de julho de 2020. Nesta mensagem a pesquisadora e o tema do trabalho foram apresentados e foi solicitada a participação na pesquisa via questionário ou entrevista online. Todas aceitaram participar das entrevistas.

A repórter Tainara aceitou o convite no dia 15 de julho por meio do *WhatsApp* e optou por responder o questionário por e-mail. A editora Mariana respondeu confirmando a participação no dia 26 de julho, preferiu ser entrevistada via Google Meet. A conversa foi no dia 9 de setembro. O retorno da apresentadora Daniela foi em agosto, quando aceitou o convite para participar da entrevista *online*. A apresentadora Simone respondeu aceitando o convite no dia 30 de agosto e disse que preferia a entrevista *online*, que foi realizada no dia 2 de setembro. A única mudança foi com a jornalista Daniela Ungaretti, pois a entrevista acabou sendo por meio de um questionário que ela enviou via *WhatsApp* no dia 27 de setembro.

#### 5. 2.3.1.1 Simone Lazzari

A jornalista Simone Lazzari é formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2002. Segundo ela, em entrevista à pesquisadora, o seu desejo sempre foi atuar no rádio, por isso se voluntariou para trabalhar na rádio da universidade. Atrás de uma vaga na rádio Bandeirantes, soube que tinha uma oportunidade na TV e lá iniciou um estágio. Ao mesmo tempo, fez um curso de radialista/locutora e com isso ganhou o registro. Com o registro profissional, mesmo não sendo formada, começou a atuar mais na TV, inclusive, apresentando. Nesse meio tempo, se inscreveu no concurso da Fundação Piratini de Porto Alegre e passou também como radialista. Começou a trabalhar como apresentadora na TVE, apresentando o jornal da noite. Foi convidada para trabalhar na TVCOM em 2007 para ser repórter e depois tornou-se apresentadora. Acabava fazendo substituições na RBS TV e em 2013 foi transferida da TVCOM para a RBS TV para fazer o RBS Notícias. No fim de 2014, o Bom Dia Rio Grande passou a ter uma hora e meia, começando mais cedo. Neste período, em dezembro, Simone passou para a equipe

do Bom Dia Rio Grande. Fez uma especialização em Jornalismo Digital na Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E ao longo de seis nos e meio dentro do Bom Dia Rio Grande, foram diversas mudanças de função, hoje ela apresenta ao lado do jornalista Léo Saballa Jr.

O questionário realizado via entrevista online por Google Meet, acompanhado das respostas da entrevistada, será apresentado a seguir.

- a) A pandemia da covid-19 fez com que todos os setores da sociedade se adaptassem. No seu ponto de vista, quais foram os impactos na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande?

**Simone Lazzari (SL):** Na rotina de produção, a primeira coisa que a gente percebeu foi a distância física. A equipe do Bom Dia Rio Grande tem uma característica, na comparação com os outros jornais, o Jornal do Almoço e o RBS Notícias, de que os editores também são produtores, os apresentadores são editores e também produzem o programa. Não só de pensar em pauta, mas de produzir mesmo, de ligar para as assessorias, fontes. A gente tinha como hábito os apresentadores irem fazer reportagens na rua, tanto gravada quanto ao vivo. Às vezes, saíamos mesmos sem aparecer, mas para gravar uma sonora com a equipe, era meio raro, mas podia acontecer. A gente tinha essa versatilidade de funções. No começo da pandemia eu estava dedicada às editorias de transporte, trânsito e previsão do tempo. A Dani apresentadora do programa e eu apresentadora dessa parte. Foi assim desde 2016 até junho deste ano, período longo que fiquei focada nessas áreas e eventualmente no lugar da Dani apresentando o jornal todo. Teve um período nesses anos, antes da pandemia, que eu cheguei a visitar os órgãos de trânsito como o Daer, para conhecer, entender como os engenheiros cuidam das estradas; fui na EPTC, empresa de trânsito aqui de Porto Alegre para ver como eles monitoram o trânsito, quem que está olhando as câmeras. Até isso de poder ir nos locais, conversar com as pessoas e aí não dava mais para fazer isso, pra ir nos lugares, receber as pessoas. Nem tínhamos entrevista frequentemente no estúdio, mas em período de eleição sim, por exemplo, na última eleição presidencial, o Bom Dia Rio Grande entrevistou dentro do estúdio os candidatos ao Senado do Rio Grande do Sul. As pessoas iam na sede da TV para fazer entrevista no pátio

mesmo. Tudo isso mudou, a gente não podia mais sair, não podíamos mais receber as pessoas. Logo que começou a pandemia eu estava de férias, saí num mundo, em fevereiro do ano passado e voltei em março, com outro mundo; eu tava ali em Santa Catarina mas parecia que tinha sido em outro planeta e eu tinha voltado, porque coincidiu mesmo eu voltar para Porto Alegre quando declararam a pandemia, quando foram confirmados os primeiros casos na cidade. Tivemos a separação de redações, aliás eu voltei a trabalhar no dia que separaram as redações. Lá temos uma grande redação que é aquela que aparecia de cenário do RBS Notícias até um, dois anos atrás. Trabalhávamos lá toda a equipe do G1, produtores, editores de todos os jornais, os repórteres chegavam ali e a única coisa que era separada era o esporte, que tinha uma redação específica. A primeira coisa que fez foi: sai todo mundo, vamos espalhar pelo prédio. A galera toda do esporte foi pra casa, aí a equipe do Bom Dia Rio Grande foi para a redação do esporte, separou no mesmo andar, mas em outra parte do prédio. Um monte de gente foi indo para casa, nos primeiros dias todo mundo tava presencial, mas a gente não podia nem se olhar direito, parecia que era proibido. Então era muito estranho, o grande impacto foi a distância física e era estranho a nossa relação com as pessoas de fora e a nossa relação entre nós mesmos. E passa álcool, passa álcool no telefone, no computador, na mesa, em todos os lugares, e álcool na mão e a pele ressecando, a mão em carne viva de tanto álcool. Aí daqui a pouco começa a usar máscara, que horror olhar para as pessoas usando máscara. Vai todo mundo morrer? O que que tá acontecendo? Era muita dúvida, medo e uma distância necessária, só que assim tudo de uma vez né! Por mais que tu entenda que é para a nossa segurança, é um pouco traumático. E além disso, naquela mesma semana o Bom Dia que já tinha virado duas horas, um período aí no meio dessa jornada, passou a ter duas horas e meia, a grade da Globo mudou e aí o Bom Dia Brasil era mais tarde, entrou aquele programa de Combate ao Coronavírus. Era um plantão de Jornalismo permanente, não era aquela coisa assim: terminou o plantão eu vou pra casa dar uma relaxada. Não, tu sai da TV mas tu segue vivendo aquela emergência e cheio de novidades com muitas limitações. E vamos lá, vamos sobreviver com medo de ter algum problema e como é que vamos fazer nosso programa agora com meia hora a mais, sem poder sair, sem poder fazer as entrevistas como antes. A gente pegava ônibus e andava dentro dele com as pessoas pela cidade para mostrar o problema do transporte. Era tudo assim: aí, a

gente não pode mais, tem que ser na rua, não pode entrar na casa das pessoas. Quando a gente tava pensando no que íamos mostrar amanhã: ah, vamos mostrar o problema da casa tal que não tem água faz um mês, tá mas a gente não pode entrar na casa do fulano para falar da falta d'água. Ah, vamos ver se ele tem uma torneira no pátio para mostrar que ele abre a torneira e não sai água, tínhamos que ficar pensando nas coisas menores ao bolar uma pauta e não só nas relacionadas à pandemia, mas também nas outras. Claro que a pandemia dominou o noticiário, no começo era praticamente só isso. Olhava o espelho do jornal e era: a pandemia, meu bloco de trânsito que era pra eu falar não tinha movimento nenhum na rua, tava todo mundo em casa, as ruas desertas, aí as notícias eram essas. E quanto a previsão do tempo, o tempo ia passando alheio à pandemia, chovia, esquentava, esfriava. Daí às vezes o espelho do jornal era assim: tudo relacionado à pandemia, casos, mortes, doenças, notificações e quando eu tinha que entrar eu falava desse estranhamento da cidade vazia, dessa diferença e dizia: olha, tá um dia muito bonito, mas aprecie da janela de casa. Eu tinha esse cuidado de falar, já que tínhamos uma campanha 'Juntos Contra o Vírus', ainda temos e estamos nela, digamos assim. No começo da pandemia tinha uma campanha institucional da RBS dizendo 'Fica em casa'. E aí era isso, dizer: que bom que não tem ninguém na rua que é porque tá todo mundo em casa. Tá chovendo, que bom, fica em casa, além do temporal que tem lá fora tem o coronavírus, que é um risco seja com sol ou com chuva, tome cuidado. Agora que tá começando a diminuir, e aí fui vendo que a gente foi buscando essas alternativas. Nos primeiros meses da pandemia, março, abril, maio, junho, julho do ano passado, eu tava apresentando o Bom Dia Rio Grande e também a previsão do tempo nos intervalos da programação, no Jornal do Almoço, porque a Bruna Colossi que fazia o tempo no Jornal do Almoço tinha pedido demissão e não tinha ninguém para substituir. E no meio da pandemia, o processo de seleção, em que acabaram escolhendo o Marco Mattos, demorou mais, tudo, questões burocráticas da empresa mudaram. Então eu acompanhava os meus colegas produzindo o Bom Dia Rio Grande, estava na mesma sala que eles, só que eu estava muito focada nessas outras minhas demandas. Então, se me perguntar quando foi exatamente que se decidiu realizar uma entrevista ao vivo todos os dias por causa do tempo do jornal e porque era o jeito da gente orientar as pessoas. Eu não sei se foi na primeira semana de março, se foi na última, não me lembro muito bem porque eu voltei das minhas férias com essas outras

demandas e com todo esse estranhamento, todo esse medo. Durante as minhas férias eu me lembro de acompanhar assim de longe, que teve especialistas, infectologistas dentro do estúdio com os apresentadores, conversando sobre as dúvidas que vinham das pessoas, essa troca pelo *WhatsApp*. As pessoas mandando mensagens com muitas dúvidas e todo dia vinham as mesmas perguntas. Depois que eu voltei das férias eu via isso: semana passada já falamos sobre lavar a mão com água e sabão e de novo tinha gente perguntando: mas tem que lavar mesmo? Mas é melhor sabão ou água? Todos os dias vinham as mesmas perguntas, as mesmas dúvidas, porque até hoje tem gente que não entendeu ainda. Tinha essa questão das entrevistas que antes eram os repórteres que entrevistavam e passou para a gente do estúdio fazer as entrevistas, a Daniela principalmente. No começo dominavam assuntos relacionados à pandemia, orientações práticas de médicos das mais diversas especialidades. A gente tratou muito da questão psicológica também, de entender esse momento, de orientar as pessoas sobre como enfrentar esse momento. Também teve muito como pauta a questão de negócios, economia, do dia a dia né: “como que eu que perdi o emprego vou viver agora?”. Ah, tem um projeto do governo de suspensão ou redução de contratos, redução de carga horária. Tudo era assim, o Bom Dia Rio Grande é um jornal para prestação de serviço por excelência, então era para orientar as pessoas sobre como viver nos mais diversos aspectos aquele período tão duro, assustador, enquanto a gente também tava vivendo aquilo, está ainda, mas é que agora a gente aprendeu mais. A gente teve que aprender a como fazer a entrevista pelo *Skype*, pelo *Teams*, pelo *Zoom*, pelo *Meet*, (risos), tivemos entrevistados dando entrevista de dentro do carro, teve entrevistado que não apareceu no ar, mas fora do ar estava de camisa social e cueca (risos), teve aquelas coisas assim, de estar na casa das pessoas. Tivemos que aprender a orientar os entrevistados a se arrumar, se portar na frente de uma câmera, assim como todas as pessoas foram aprendendo a trabalhar dessa forma, a viver dessa forma.

b) Como era o seu dia a dia de trabalho antes da pandemia da covid-19 e como ficou depois da chegada dela?

**SL:** Tive essa particularidade que falei, justamente no começo da pandemia, que a Bruna pediu demissão em fevereiro e eu fiquei uns dias trabalhando dobrado no Bom Dia Rio Grande e Jornal do Almoço. Saí para aquelas férias já programadas e quando voltei em março tive uma rotina pesada, mas não tinha a ver com a pandemia, porém com outra circunstância de trabalho, então tava cansativo. Mas o mais cansativo era viver com todos aqueles cuidados para não pegar a covid-19. Hoje eu tô vacinada. Eu cheguei a fazer testes ao longo do último ano e meio porque um colega pegou, meus pais tiveram, daí fui fazer teste também. Eu não tive diagnóstico de covid, nunca senti nenhum sintoma, possivelmente eu não tenha pego, de fato. Mas para conseguir trabalhar presencialmente, porque eu não tive trabalho remoto, eu trabalhei presencial e os demais apresentadores, tirando o Elói Zorzetto, e foi uma operação macro pra conseguir colocá-lo em casa e os apresentadores do Jornal do Almoço fazendo entradas ao vivo em casa, né dos locais, o Bom Dia Rio Grande seguiu com os apresentadores no estúdio. Se pensou em colocar acrílico para separar a gente dentro do estúdio, se pensou em como fazer de casa algumas coisas, chegou a se cogitar isso. Na prática a gente viu que não ia funcionar. Eu cheguei a ter o equipamento em casa, ganhar um notebook da TV, testar as coisas, até mesmo o acesso, porque os mapas da previsão do tempo que colocamos no ar são atualizados por uma equipe de meteorologistas lá em São Paulo, mas a gente aqui em Porto Alegre decide a ordem em que os mapas entram, o que que vai aparecer, quais cidades vão e quais não vão. E para isso a gente entra num programa no computador, monta aquela sequência de mapas e antes a gente subia até o switch de produção, entrava naquela sala onde ficavam os nossos colegas colocando o jornal no ar, acessava esse computador. Então eles tiveram que achar um jeito de criar um acesso remoto a esse computador, a gente da nossa mesinha da redação consegue mexer, a gente segue usando isso até hoje. Daí no meu terminal de computador tem o acesso remoto, no do Leo Saballa que faz o tempo hoje, também tem, no da Dani para o RBS Notícias agora tem um, no outro terminal do Marco, tem outro, cada um trabalhando num computador. Eles tiveram que criar esses acessos. Então teve esse período que era pra eu ficar longe, mas até a gente conseguir esse jeito eu tinha que subir até a outra sala e ficava ainda com mais medo de mexer no outro computador que outras pessoas estavam num lugar fechado, sem circulação de ar tão grande, porque normalmente switch é assim, escuro, aquela coisa. A gente às vezes pensava em outras coisas, outras

pautas e não conseguia muito enxergar como fazer, parecia que não era importante, mas o importante era sobreviver. E aí na minha rotina no dia a dia mudou pouca coisa de ação, continuei acordando mais ou menos no mesmo horário, um pouco antes já que o jornal era maior. Aí chegava lá, eu trabalhava das 4h30 ao 12h30, nesse período em que eu fazia Bom Dia Rio Grande e Jornal do Almoço. Voltava para casa e ficava em casa, assim, pensando na vida, olhando a vida pela janela. Eu tenho um janelão aqui na minha sala, fico olhando para a rua às vezes. Eu dormia cedo. E aí tinha uma vantagem que era, quem trabalha de madrugada que tem de acordar às 3h, 3h30, normalmente tem um monte de coisas para fazer, tu quer fazer tudo, mas não consegue porque tá morrendo de sono. E aí nesse período já que era pra ficar em casa mesmo, então vamos ficar em casa. Daí dava para dormir cedo, e aí aquelas coisas de todo mundo confinado em casa: bota o armário abaixo, revisa tudo, organiza os livros, bota papel fora, organiza álbum de foto (risos), essas coisas assim. Mas a minha rotina de trabalho ficou um pouco parecida porque eu tinha que ir trabalhar sempre, só que com o medo da pandemia. E aí começou o período de usar máscara e aí: aí, que máscara que vou combinar com a roupa que vou trabalhar? (risos), essas coisas. A gente também teve, falando em roupa, na questão do figurino e maquiagem, dispensaram as funcionárias que trabalhavam com a gente nesses setores, primeiro foram afastadas naquela coisa de suspensão temporária de contrato, depois de um tempo a coisa foi se arrastando e acabaram todas sendo dispensadas mesmo. E a gente começou a ter que cuidar da própria roupa: ah, não pode pegar roupa emprestada um do outro do acervo lá da TV, sinta-se livre pra levar pra casa as peças de roupa se precisar passar. Era isso, carregava pra cá e pra lá um monte de cabide do figurino. Levava pra casa, levava pra lá, até tinha que planejar isso, que roupa vou usar amanhã? Tinha mais isso assim, desgastante. Enquanto tinha alguém para pensar nesse tipo de coisa que pode parecer bobagem, mas é parte do trabalho, tinha que pensar: aí que roupa que eu vou usar, tá limpa a camisa tal ou vou ter que mandar lavar ou eu mesma tenho que lavar a roupa para usar na TV. No interior já era assim, mais cada um por si, mas a gente tinha esse suporte, até porque duas horas no ar, tinha que pensar em tudo: no sapato, no brinco, na maquiagem, no cabelo, na blusinha, na outra blusa. Era tanta coisa pra pensar que não dava pra pensar muito também. Tenho que dizer que me senti um pouco privilegiada num aspecto, que eu não sofri essa distância de ficar em casa e não conviver com os

colegas. São poucas pessoas até hoje, grupos bem pequenos que a gente pode conviver presencialmente, mesmo quem está lá presencial, todos os dias desde o começo da pandemia. Quando a gente encontra a pessoa que tá em outro setor, a gente: nossa, fulano, quanto tempo que eu não te vejo, como que está? A gente só se fala por whats ou por e-mail... Mas pelo menos eu saia de casa, se eu fosse ficar em casa sozinha. Porque daí o meu namorado resolveu ficar com os pais deles, para cuidar deles e da avó, parou de trabalhar por escolha, para cuidar da família. Daí eu trabalhando na rua não ia conviver com ele, e ele em casa, oferecendo risco, então imagina, eu ia enlouquecer se eu ficasse em casa sempre. Ainda bem, me considero privilegiada que eu podia sair, do aspecto psicológico né, eu tava me colocando em risco mas pelo menos para minha cabeça era bom sabe, o convívio, sair, sentir frio, sentir calor, encontrar algumas pessoas, sentar num banquinho no pátio tomar um sol. Pouca diferença na prática, mas teve uma grande diferença na cabeça, digamos, no estresse, na tensão.

c) Na produção de reportagens audiovisuais sempre se prezou muito pela qualidade das imagens, mas, nesse momento, com os desafios da apuração, a informação qualificada vale mais?

**SL:** Sem dúvida, o importante é a informação. A gente já tinha nos últimos anos usado muito a tecnologia da transmissão ao vivo pela *Internet*, mas com equipamento para televisão, usando aplicativo específico para isso, com uma equipe de reportagem na rua fazendo entradas ao vivo, mas a equipe toda montada: o repórter, o cinegrafista, um auxiliar ou só o repórter e o cinegrafista, mas com toda aquela estrutura, com uma câmera profissional fazendo a transmissão pela *Internet*. Então, a gente já estava um pouco acostumado a estar ao vivo apresentando o Bom Dia Rio Grande antes, fazendo por exemplo o que eu tava contando de ter um repórter andando dentro do ônibus ao vivo para falar do sistema de transporte, e falhar o sinal, e a qualidade da imagem baixar e granular, travar o vídeo, só vir o áudio ou ao contrário né, vem o vídeo, some o áudio. A gente já tava um pouco acostumado com isso e a improvisar, dar uma explicação para o público: gente, desculpa, estamos recebendo sinal pela *Internet*, ele oscila. Como a gente tem muita coisa ao vivo no Bom Dia Rio Grande, já era um pouco mais



natural ter oscilações na qualidade de áudio ou de vídeo. Quando passou a depender do que as pessoas estavam mandando com seus equipamentos amadores, isso foi virando algo normal e natural e foi bem rápido porque o público entendeu isso bem rápido, por isso que ficou natural sabe. No começo, muitos repórteres entravam de casa, muita gente, aí voltamos a fazer coisas da rua com o nosso equipamento profissional, e aí eu me lembro de receber mensagens e até comentários de pessoas da minha família: aí, tá bom, tudo bem que o mais importante era dar a informação, mas eu não aguentava mais ver a parede da casa do fulano, ainda bem que agora ele voltou para rua e está fazendo a reportagem da rua de novo. É claro que as pessoas percebem isso e a gente gostaria de ter a melhor qualidade sempre, só que o mais importante é dar a informação. E o Jornalismo é fundamental, foi e está sendo, para informar as pessoas durante a pandemia, é uma questão de saúde pública também, a prestação do nosso serviço, levar a orientação às pessoas. Então não desistimos de fazer pelo fato de não termos as melhores condições técnicas, a gente tem que informar as pessoas, fazer os alertas necessários, defender a informação clara, correta, a ciência. Então, sem dúvidas, a informação vale mais do que a qualidade perfeita de áudio e de vídeo. Elas são importantes também, mas a informação vem em primeiro lugar.

d) Devido à situação enfrentada e aos protocolos de segurança, muitos profissionais trabalharam de casa. Como foi 'entrar' na casa dos jornalistas durante o programa? Existia uma preocupação com os repórteres no sentido de dar conta da apuração das informações à distância e fora da redação?

**SL:** Sobre o repórter dar conta da informação não havia preocupação porque a gente sempre confiou na equipe, na qualidade. A gente sabe que o profissional que é um bom repórter trabalhando na redação ou na rua, continua sendo um bom repórter na casa dele. O trato dele com a informação é o mesmo. A preocupação daí era uma questão mais estética, uma questão de qualidade de som, de imagem e iluminação. Tudo isso é ruído também, interfere na comunicação. Se a gente não está com a iluminação correta, se a gente está com um cenário super poluído ou se tá com um paredão branco sem profundidade nenhuma. Enfim, as questões técnicas do audiovisual são importantes e comunicam também. O conteúdo é importante, a capacidade dos repórteres, dos produtores, de todos os jornalistas envolvidos no processo lidarem com a informação é a mesma capacidade, aí a

diferença foi uma preocupação com a comunicação não verbal, com as informações de cenário, iluminação, qualidade som e vídeo, o que fomos aprendendo junto também, não sabíamos como fazer. A gente teve um suporte enorme da técnica da TV. Não foi assim: hoje vamos resolver a questão da entrada ao vivo do repórter do G1. Não é que eles só tinham uma demanda por dia ou duas. Eles tinham um monte de gente ao mesmo tempo e a direção da empresa pedindo: mandem o maior número de pessoas possível agora para casa, para ontem. Saíram alugando notebook, alugando equipamento para distribuir para todos para que tivessem o mínimo de equipamentos para poder trabalhar. Criaram diversas formas de proteção da rede. Tivemos que aprender mais um pouco do jargão técnico para conseguir trabalhar, tanto quem estava no presencial quanto quem estava no trabalho remoto para irem se ajudando, enquanto que o pessoal da tecnologia fez milagre buscando resolver as coisas. Se marcava hora para buscar equipamento para evitar acúmulo de pessoas. A preocupação foi com questões de segurança, com garantir qualidade tecnológica, técnica para transmitir, mas confiando sempre na capacidade dos colegas de dominar a informação porque isso não mudou com a pandemia. Eu acho até que o que aconteceu foi que todo mundo aprendeu mais e melhorou, mas as suas habilidades até mesmo para buscar informação, porque também a forma de fazer contato com as fontes é tudo remoto, já era antes por telefone, mensagem. Tu ir falar com alguém em algum lugar era mais raro, era uma coisa assim mais especial, mas a gente fazia ainda. Agora não, foi tudo ficando mais desse novo jeito da gente se comunicar, a gente só cresceu nisso, no domínio das formas de se comunicar.

e) E quanto aos jornalistas que foram a campo para realizar as reportagens, quais eram os cuidados e preocupações neste momento de pandemia?

**SL:** Eu também cheguei a fazer reportagens ao vivo depois de uns meses. Primeiro já vieram os protocolos de higienização dos veículos, tinha funcionário designado apenas para higienizar os carros por inteiro com álcool e produtos indicados. Cuidados com as equipes de reportagem para que ficassem sempre as mesmas na escala. Foram impostas regras de ficar dentro do carro sempre com o vidro aberto, usar álcool gel, usar máscara. A empresa forneceu materiais de proteção,

EPIs, e teve a orientação inicial de que não era para conversar com as pessoas na rua. Nos casos em que era preciso, se usava um extensor no microfone para manter distância, antes da vacina, principalmente, porque já se sabia que tinha que manter a distância o tempo todo. Quando estávamos produzindo as pautas, mesmo sem sair da redação, já íamos pensando em alternativas considerando os protocolos que deviam ser seguidos, como não entrar na casa das pessoas, por exemplo. O trabalho do produtor também era ir lembrando todas as partes envolvidas com a reportagem, sobre as medidas de segurança. Teve problemas, teve coisas que foram ao ar não seguindo as normas, teve porque estávamos aprendendo também. As gravações passaram a considerar também as entrevistas remotas, tem uns cinco cenários diferentes na TV em Porto Alegre que dá para gravar entrevista com alguém de forma online. Teve essa adaptação também. Da mesma forma que a edição e a produção para trabalhar em casa ou presencial teve que ter essa agilidade para viabilizar o trabalho da reportagem para disponibilizar EPI, organizar escala.

- f) O Bom Dia Rio Grande é um noticiário em que os apresentadores têm um papel fundamental, indo muito além de apenas anunciar as reportagens. O que mudou em relação à performance e desenvoltura na apresentação do programa?

**SL:** Na minha percepção, as aptidões necessárias para cumprir essa missão não mudaram muito, porque antes a gente já precisava ter o domínio completo de todos os assuntos que iam entrar no ar, antes a gente já precisava ter a capacidade de lidar com algum imprevisto e um imprevisto até mesmo técnico, já que já era um jornal com muitas entradas ao vivo. Na prática mesmo, ficou mais desgastante, porque o jornal passou a ter meia hora a mais e aí tem um cansaço físico, a gente fica muito tempo em pé, dói o corpo. Daí em uns momentos, por exemplo, eu em pé apresentando a previsão do tempo e a Dani sentada em um cantinho tomando um gole de água, estava fora de quadro, e vice e versa. Para poder apresentar o Bom Dia antes ou depois da pandemia tu já tinha que ser uma pessoa com domínio de tudo que é de importante que tá acontecendo, tu já tinha que ter capacidade de conversar com pessoas dos mais diversos níveis sociais e conseguir traduzir os discursos para o público que é muito variado também, de diversas faixas etárias,

de diversos níveis de escolaridade, de poder aquisitivo. Para apresentar o Bom Dia Rio Grande, um jornal de madrugada e muito longo, já era há muito tempo necessário ter muito domínio do que está acontecendo, das notícias, do formato, do jornal, conhecer o público e ter capacidade de improviso. Tem coisas que são inerentes ao horário, tu está com sono, mesmo que tu acorde cedo, já esteja acostumado, às vezes o teu raciocínio é um pouco mais lento e tu tem que estar preparado para lidar com isso. Às vezes a tua voz não está bem aquecida, tu vai gaguejar mais na hora de falar, por causa do horário do dia, às vezes tá muito frio. A gente teve que lidar com a porta do estúdio sempre aberta, a gente teve que enfrentar mais frio e mais calor também, teve isso ainda (risos). Eu acho que foi uma adaptação e foi mais lidar com o estresse causado por estar vivendo no meio de uma emergência sanitária, porque a gente não estava ali só contando as coisas, a gente tá também passando por aquilo. O drama e a preocupação com as pessoas e não poder conviver com as pessoas. Tudo que a gente mostrava ali que os outros estão vivendo, a gente também está vivendo. Não poder ir visitar a família. O meu pai faz aniversário em março, o primeiro aniversário dele na pandemia eu quase chorei no ar, no fim do jornal eu quase não me segurei porque eu me lembrei que era aniversário dele e eu não ia poder abraçar ele, que mora há 1km de mim. Eu não abraço meus pais há um ano e meio. Então a gente tá falando sobre essas coisas para as pessoas, mas a gente está vivendo essas coisas também. A gente tá vivendo a ansiedade de ver o resto do mundo se vacinando e o Brasil sem vacina ainda. E a vacina vindo a conta-gotas, para quem tem 90, 89, 88, opa parou, agora 87. Para chegar lá nos 40 da gente, nossa, como demorou. A gente acabou só se permitindo um pouco mais a talvez se mostrar mais, olhar para câmera e dizer: olha, vamos lá, tá duro, mas a gente precisa. Talvez fazer um ou outro desabafo pessoal maior, comemorar a vacina junto com o público, comemorar a vacina dos colegas. Talvez isso só tenha permitido e dado condição para a gente se mostrar um pouco mais por conta desse momento psicologicamente delicado, por conta do stress desse momento. Então, tecnicamente, como profissionais, talvez pouca diferença, só que essa tensão constante da vida que está todo mundo passando, mudou talvez um pouco a nossa postura. Até mesmo quando acontece uma coisa boa a gente se permite comemorar mais e achar mais legal, já que está tão duro viver sabe.

g) Como foi a adaptação em relação às entrevistas que passaram a ser feitas online? Acredita que o público recebeu bem esse formato?

**SL:** Não tínhamos entrevistas nesse formato antes da pandemia, a gente sabe usar o Skype, mas não tinha na TV. Estávamos acostumados a conversar com os repórteres, nós no estúdio, os repórteres na rua com transmissão via *Internet*, que é falha. Já estávamos acostumados a lidar com problemas com o sinal da *Internet*. Antes a gente estava ali no estúdio olhando para aquele telão gigantesco falando com alguém em outro lugar, só que esse alguém era um repórter, alguém que está ciente do que está acontecendo. Passamos agora a não ter mais o repórter no meio do caminho e conversar diretamente com o entrevistado. E aí tem entrevistados de todos os tipos, tinha a questão da pessoa que não sabia usar bem e aí a gente marcando a entrevista e tinha que ajudar a pessoa: olha, tu já tem *Skype*? Sabe baixar? Sabe como funciona o *Google Meet*? Tem conta no *Gmail*? Essas coisas assim. O que eu acho mais importante destacar é que entrevista ao vivo exige uma pré-entrevista, qualquer uma. Antes a gente podia conversar por telefone com a pessoa e quando ela chegava presencialmente, tu ia receber a pessoa. No Bom Dia não dava muito isso porque a gente não fazia, mas por exemplo, na época das eleições, as últimas entrevistas no estúdio ao vivo, os candidatos ao Senado chegavam, sabíamos que estavam lá, a gente dava um oi antes, conversava com eles, combinando como ia ser. Aquele diálogo antes, a pré-entrevista, aquela conversa fora do ar, receber a pessoa, oferecer uma água, aquele papo quebra-gelo, para que na hora que está no ar, ao vivo mesmo, já tivesse passado por esse estranhamento. Tu já tinha perguntado para o entrevistado como se pronuncia o nome, verificado o cargo. Todas essas coisas, detalhezinhas. Isso a gente perdeu muito. Quem apresenta o Bom Dia hoje é que marca a entrevista, normalmente, mas nem sempre dá. Aí a gente tem um produtor marcado por exemplo. Aí ele nos avisa: oh, vai ser o fulano que vai dar a entrevista sobre isso, isso, isso e isso, mas tu não pode conversar com ele, não conseguiu. Tem uma pauta, está preparado, mas não deu uma conversadinha antes para saber se ele vai render bem em tal coisa, se ele vai render melhor em tal ponto, se ele tem alguma ideia interessante. Porque na entrevista ao vivo não dá para você conversar 20 minutos e escolher os melhores trechos, tu tem aqueles cinco minutos. E se tu perder dois esquentando

o entrevistado, perder esse tempo se conhecendo, criando uma relação com a pessoa, você perdeu um tempo muito precioso. Para mim essa é a maior perda dessas entrevistas remotas, à distância. É tu não poder bater esse papo antes. A gente tenta por telefone na véspera, mas às vezes não acontece, sabe. Meses atrás eu fiz uma entrevista sobre um projeto de uma escola de Santa Maria que os educadores estavam ajudando a diminuir a violência contra as crianças. Para eu saber como era legal o projeto eu fiquei uma hora no telefone com a coordenadora do projeto na véspera. Aí no dia seguinte quando eu falei com ela na TV, eu já pude chegar e dizer: olha, do ano passado para cá mudou não sei o que. A técnica de entrevista ao vivo é muito complicada, para rádio, para TV, para qualquer coisa. Então, a gente perdeu um pouco das técnicas, dos processos antes da entrevista que nos ajudavam a ter uma entrevista ao vivo melhor. Tem uma equipe de produção testando o áudio e vídeo antes. Nós estamos ali apresentando o jornal e eles já estão lá em cima testando, ver se o entrevistado está ouvindo bem. Na hora ali, ao vivo, cai o sinal do cara e tem aquela coisa: aí, o senhor poderia tomar cuidado que o microfone tá batendo na gola da camisa e tá atrapalhando o som. Sabe, a gente tem que dizer esse tipo de coisa ao vivo, como aconteceu ontem mesmo, o Léo pedindo isso para um entrevistado. Ou a pessoa, na hora, misteriosamente não te escuta, tem algumas questões assim, mas para mim a grande diferença é essa. Não ter esse 'contatinho' antes de entrar, antes de valer, poder conversar, saber que a pessoa chegou a tempo, está ali, está tudo certo, ela não está achando tudo aquilo estranho, porque aí vê câmera, vê luz, muitas pessoas se intimidam. As pessoas estão à vontade nas suas casas, nos seus ambientes, mas não adianta, a gente está longe.

h) Como foi lidar com a interferência da Internet, pois em alguns momentos ocorrem quedas de sinal durante as entrevistas?

**SL:** Já teve várias vezes que a gente disse: olha, a gente está com problema...eu não consigo lembrar de nenhum caso que eu estivesse entrevistando, mas de ver a Daniela entrevistando e assim, olha, não tá dando para entender, a pessoa falava e estava tudo picotado. E dizer: oh, doutor fulano, desculpe, nós vamos parar um pouco aqui, vamos continuar aqui enquanto o pessoal da produção faz contato. Dizer no ar isso, dizer no ar. E aí a galera da produção tenta resolver até o cara do

áudio e o do vídeo dizerem que está em condição, para tentarmos de novo. Só que isso já acontecia antes com as entradas ao vivo dos repórteres, era aquele negócio que eu te falei, sinal pela *Internet*. Só que claro, o repórter mesmo já se explicava, ele mesmo se percebia que tinha alguma coisa estranha já parava tudo, estava mais preparado. Ele considerava essa possibilidade. Quem está dando a entrevista não chega a considerar essa possibilidade, mas no começo era mais estranho, mas com o tempo as próprias pessoas foram aprendendo. Hoje o Leo estava marcando uma entrevista com alguém para amanhã e aí eu estava ouvindo o vereador com quem ele estava falando e o Léo perguntou: o senhor quer que a gente faça por *Skype*, ou por outra plataforma? E ele: eu tenho tudo isso aí, por onde tu quiser eu faço, eu tenho *Skype*, *Teams*, *Zoom*, me diz o que é melhor para vocês. O cara já está tão acostumado também que disse que já tinha tudo e podia ser por qualquer uma das plataformas. Na pergunta anterior, tu tinha me perguntado se o público tinha recebido bem, né. Eu acho que as pessoas até entenderam porque isso ficou algo generalizado e eram as entrevistas e os repórteres também em casa e os comentaristas em casa. Passamos a ver a casa do Daniel Scola por dentro, as filhas dele fazendo barulho enquanto ele está falando, entrando no ar enquanto ele está falando inclusive. As pessoas foram entendendo e achando normal, eu acho, eu percebo. Só que eu tenho certeza de que a maioria das pessoas, falando do público, percebe e talvez não consiga nem dizer exatamente: aí eu gostei mais porque foi na rua ou num ambiente, uma conversa em que eu vi que o repórter e o entrevistado estavam juntos no mesmo lugar. Talvez a pessoa não consiga nem dizer que foi por isso, mas ela vai sentir de um jeito um pouco diferente, eu acho, a impressão que eu tenho. E eu estou falando isso como telespectadora também. Quando tu vê um repórter falando das inundações em Nova York, por exemplo, e ele está na rua, é uma coisa. Ele está na sala da casa dele rodando uma imagem de ilustração, é outra. É diferente. Eu sei que eu sinto melhor porque eu entendo, mas talvez alguma outra pessoa que não trabalhe nada com televisão, está ali só para saber o que está acontecendo em Nova York, vá ter uma percepção, não vai conseguir dizer exatamente porque, mas vai ter uma percepção melhor. Claro, com o passar do tempo está cada vez mais natural e normal ver a casa das pessoas, a decoração da sala das pessoas, do quarto, sei lá de onde elas entram, da cozinha, está ficando algo natural.

i) Na sua opinião, qual o legado desta pandemia para o Jornalismo audiovisual? E quais mudanças vieram para ficar no dia a dia da profissão?

**SL:** Acho que mais jogo de cintura, mais ainda. A gente conheceu novas possibilidades tecnológicas, claro que a gente sempre vai buscar a melhor forma. Hoje, a gente considera melhor poder estar nos lugares ao invés de fazer a matéria à distância, hoje não, sempre. Isso é o básico da reportagem, o Jornalismo mesmo é tu ir no lugar e ver o que está acontecendo, ser testemunha ocular, mesmo que seja um repórter de jornal impresso, com um bloquinho e uma caneta. Mesmo assim, ir no lugar é uma coisa, fazer de longe é outra. Só que a gente sabe que é possível fazer Jornalismo à distância, mas estar no lugar é melhor. Tem coisas que talvez não mudem, tem outras... A gente só viu evolução tecnológica e uma maior versatilidade na linguagem, uma aceitação talvez. E aí a gente volta no que estávamos falando antes: o que é mais importante, a informação ou a imagem boa? Informação, sempre é a mais importante, mas a gente sabe que consegue alguma imagem. Tanto de câmera de segurança que a gente mostra hoje em dia para tudo, para mostrar como aconteceu um acidente, um assalto, uma fuga. Anos atrás, a qualidade daquela imagemzinha ali, às vezes preto e branco, às vezes borrada, que tem que dar um destaque para a pessoa enxergar direito, era inadmissível colocar na televisão. Antes da pandemia, já passou a ser admissível porque é o registro do momento. A informação que está ali é mais relevante do que se a imagem está em preto e branco ou borrada, desde que comunique. O que fica, eu acho que é essa versatilidade, a gente ter o conhecimento que pode fazer mais, pode chegar mais longe. Teve uma coisa muito interessante das entrevistas do Bom Dia Rio Grande que a gente passou a entrevistar gente de fora do Rio Grande do Sul. Fizemos uma série de entrevistas em que a Dani entrevistou a Monja Cohen, a gente entrevistou o Dr. Dráuzio Varella. Era assim: vamos falar com essas pessoas que o público gaúcho quer ouvir. Ou mesmo pessoas daqui do Rio Grande do Sul que estavam, por alguma circunstância, em outro Estado, em outro lugar, mas que tinham coisas importantes para dizer, tinham que ser essas pessoas. Então foi possível, algumas fronteiras caíram, mesmo sendo um telejornal local. Isso deve continuar, mas conforme a gente puder voltar a se encontrar de verdade, a gente vai voltar a se encontrar, estar próximos, respirando o mesmo ar com



segurança, já que no momento o perigoso é respirar o ar contaminado. Eu acho que tem um efeito na moral de todo mundo que é valorizar, no geral, não só no trabalho, no jornalismo, que é valorizar mais o presente, o que se está fazendo, as possibilidades, já que a gente enfrentou tantas dificuldades. Eu não sei se todos os meus colegas sentem isso, eu sou uma pessoa sempre muito otimista, eu tive alguns momentos mais pesados, mais chateada durante a pandemia, mas sempre otimista, acreditando que a gente pode aprender mais coisas e melhorar como pessoas. Posso ser meio ingênua, mas eu acho que também no nosso trabalho a gente pode estar aprendendo a valorizar mais as coisas.

#### 5. 2.3.1.2 Daniela Ungaretti

A jornalista Daniela Ungaretti é formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desde 1998. De acordo com ela em entrevista à pesquisadora, a jornalista entrou na RBS TV por meio do Caras Novas, projeto de telejornalismo aplicado para formandos ou recém-formados em Jornalismo. Foi uma das 12 selecionadas de diferentes universidades no curso de 1997. Depois de formada, foi contratada pela RBS, em abril de 1998. Durante sete anos foi produtora, editora, repórter e apresentadora na TVCOM. Em 2005, passou a fazer parte do grupo de âncoras da RBS TV, com atuação em programas como Bom Dia Rio Grande, Jornal do Almoço, RBS Notícias e TeleDomingo.

O questionário enviado, acompanhado das respostas concedidas pelo entrevistado, será apresentado a seguir.

- a) A pandemia da covid-19 fez com que todos os setores da sociedade se adaptassem. No seu ponto de vista, quais foram os impactos na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande?

**Daniela Ungaretti (DU):** Os impactos foram muitos. Perdemos o convívio da redação. Cada equipe foi separada em salas diferentes, sem contato entre os integrantes. Muitos profissionais das mais diversas funções foram para home office,

e tivemos que aprender a trabalhar à distância - o que foi difícil no início, porque TV é trabalho em equipe, nós dependemos um do trabalho do outro pra ter o resultado final. Não se faz nada sozinho... Inclusive, os repórteres de rua passaram a trabalhar nesse sistema, fazendo as entradas ao vivo da própria casa. Esse, no meu ponto de vista, foi o maior impacto para o Bom Dia Rio Grande, um telejornal feito basicamente ao vivo. Não poder mostrar as ruas, não poder estar no local dos fatos, não ter a interação com as pessoas foi uma mudança muito grande. Além disso, as entrevistas passaram a ser feitas à distância, o que foi um desafio para manter a qualidade de som e imagem que prezamos tanto. Dentro do estúdio, aprendemos a lidar com a necessidade de distanciamento, inclusive durante o programa no ar.

b) Como era o seu dia a dia de trabalho antes da pandemia da covid-19 e como ficou depois da chegada dela?

**DU:** Antes da pandemia, nós tínhamos uma redação repleta de gente, cheia de vida, de agito, de movimento. O trabalho, a discussão, o debate, tudo flui mais rápido e fácil com o contato direto com todos os colegas. Fora da redação, nós tínhamos também o trabalho nos eventos...e tudo isso mudou. A vida passou a ser o trajeto casa-tv, o contato com pouquíssimos colegas e familiares, e o temor da contaminação pela covid-19, apesar de todos os cuidados. Nossa rotina passou a incluir a limpeza com álcool do espaço ocupado por cada um de nós, o álcool gel em todos os cantos, o uso de máscara, os testes para detecção da doença. A necessidade de isolamento e distanciamento social teve um impacto avassalador também na nossa saúde mental. E foi muito triste ver, a cada dia, aumentar o número de pessoas doentes. Foi desesperador ver tanta gente morrer.

c) Na produção de reportagens audiovisuais sempre se prezou muito pela qualidade das imagens, mas, neste momento, com os desafios da apuração, a informação qualificada vale mais?

**DU:** Sem dúvida. Tivemos que abrir mão da qualidade da imagem e do som para poder continuar informando pela TV. Mas não perdemos a essência do bom Jornalismo, o trabalho a partir de apuração criteriosa, correta, a busca da verdade,

do esclarecimento, o combate às *fake news*, aquilo que nos move diariamente. Por mais difícil que seja.

d) Devido à situação enfrentada e aos protocolos de segurança, muitos profissionais trabalharam de casa. Como foi 'entrar' na casa dos jornalistas durante o programa? Existia uma preocupação com os repórteres no sentido de dar conta da apuração das informações à distância e fora da redação?

**DU:** Foi algo novo, inesperado. Em termos de imagem, acredito que causou um misto de curiosidade e estranhamento. Mas também criou uma identificação entre o público e o repórter. Todos nós precisamos nos adaptar. Todos nós precisamos nos cuidar. Pelo bem de TODOS. E acredito que os telespectadores, de uma forma geral, compreenderam essa necessidade. E o trabalho teve que ter o suporte técnico e apoio da empresa para que pudesse ser feito sem prejuízo à informação.

e) E quanto aos jornalistas que foram a campo para realizar as reportagens, quais eram os cuidados e preocupações neste momento de pandemia?

**DU:** A preocupação era enorme, e os cuidados precisaram ser intensificados ao máximo para preservar todos os envolvidos. Em momentos críticos, a orientação realmente era NÃO sair. É frustrante para quem é jornalista. Mas foi difícil e frustrante para toda a população. Conosco não foi diferente.

f) O Bom Dia Rio Grande é um noticiário em que as apresentadoras têm um papel fundamental, indo muito além de apenas anunciar as reportagens. O que mudou em relação à performance e desenvoltura na apresentação do programa?

**DU:** O Bom Dia Rio Grande é um espaço maravilhoso, porque nos possibilita, como âncoras, ter um espaço de 2h30 de muita informação, notícia, entradas ao vivo. Falamos sobre muitos assuntos diferentes. E, por ser mais leve, mais informal, mais conversado, é um programa que permite que os apresentadores sejam mais naturais, verdadeiros, próximos... nos permite ser nós mesmos e demonstrar nossos sentimentos. Eu sempre fui muito sensível, muito emotiva, e quem assiste

o Bom Dia podia perceber isso todos os dias. Na pandemia, esses sentimentos foram intensificados. E se juntaram a difícil e nobre missão de ser a porta voz da pandemia. Não foi fácil segurar a emoção, a tristeza, a indignação, o estresse, o esgotamento com a situação. Mas precisava ser forte e estar lá, todos os dias, cumprindo essa missão e ajudando a enfrentar a pandemia com a nossa principal arma: a informação.

g) Como foi a adaptação em relação às entrevistas que passaram a ser feitas online? Acredita que o público recebeu bem esse formato?

**DU:** Foi um desafio. Eu que sempre fiz as mais diversas entrevistas ao vivo, de forma presencial, tanto no Bom Dia Rio Grande quanto no Jornal do Almoço, tive que aprender a interagir pelo virtual, ter jogo de cintura para lidar com os imprevistos e problemas técnicos que diariamente nos desafiavam, apesar de toda a estrutura gigantesca da TV. O importante é agir com tranquilidade, com naturalidade, explicar ao público o que estava acontecendo e como pretendíamos resolver. Não deu certo? Pedimos desculpas e seguimos adiante! A transparência foi fundamental para termos a compreensão do público, que, como telespectador, também enfrentou esse processo de aprendizado e adaptação. No fim, acredito que conseguimos cumprir com louvor nossa missão.

h) Como foi lidar com a interferência da *Internet*, pois em alguns momentos ocorrem quedas de sinal durante as entrevistas?

Resposta contemplada na pergunta anterior.

i) Na sua opinião, qual o legado desta pandemia para o Jornalismo audiovisual? E quais mudanças vieram para ficar no dia a dia da profissão?

**DU:** A pandemia mudou tudo. A nossa vida, o nosso trabalho, o nosso futuro. Aprendemos que somos capazes de nos adaptar a situações que pareciam impossíveis para o Jornalismo, como o trabalho à distância. Nos permitiu abrir mais espaço para o nosso telespectador-colaborador, que contribuiu muito com a produção de material, como vídeos, fotos e depoimentos registrados nos lugares em que nós não podíamos mais estar, pela necessidade de isolamento. A pandemia nos distanciou e nos aproximou. E comprovou, mais uma vez, a importância do papel da imprensa e do Jornalismo sério e comprometido com a verdade.

#### 5.2.3.1.3 Mariana Pessin

A jornalista Mariana Pessin formou-se em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC) em 2006. Segundo ela, em entrevista à pesquisadora, quando estudava estagiou no Jornal O Sul e na TV Foca da PUC. Desde 2005 atua na RBS TV, inicialmente como estagiária do esporte. Após a graduação, seguiu como freelancer no esporte, trabalhando na produção e edição. Depois foi contratada e seguiu nessa área por quatro anos. Atuou na edição do Bom Dia Rio Grande à noite, do RBS Notícias, do núcleo da Globo e do Jornal do Almoço. Em novembro de 2019 assumiu como editora-chefe do Bom Dia Rio Grande, cargo que assume até hoje.

O questionário realizado via entrevista online por Google Meet, acompanhado das respostas da entrevistada, será apresentado a seguir.

- a) A pandemia da covid-19 fez com que todos os setores da sociedade se adaptassem. No seu ponto de vista, quais foram os impactos na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande?

**Mariana Pessin (MP):** Nossa, não sei nem por onde começar. Mudou toda a nossa forma de pensar e fazer o Bom Dia Rio Grande. O Bom Dia tinha muito como característica estar nas ruas mostrando tudo o que estava acontecendo e estar próximo das comunidades, das pessoas, conversando com elas e mostrando seus problemas e tentando resolvê-los. Tudo isso teve que ser

repensado porque a gente não poderia estar nas ruas, onde estava o coronavírus, a gente não poderia estar próximo das pessoas para não sermos um vetor da doença e não darmos mau exemplo, e também não nos contaminarmos, porque cuidamos muito da segurança das nossas equipes. Então ele teve que ser repensado inteiramente. Ao longo da pandemia ele passou por muitos, quase que mensais, 'repensamentos', fomos repensando ele quase que o tempo inteiro, porque a pandemia, que ainda está aí, teve vários momentos, desde uma vida completamente diferente da que a gente conhecia até uma vida muito próxima do que tínhamos, que é o que estamos vivendo hoje. Então a gente está constantemente repensando ele. Num primeiro momento, a gente deixou de entrevistar pessoas, fosse nas ruas, estúdio, e as entrevistas passaram a ser por *Skype, Teams, Google Meet, Zoom*, quaisquer dessas tecnologias que nos possibilitasse seguir com entrevistas, que sempre tiveram no Bom Dia Rio Grande e que são importante, até porque a gente tem espaço para isso, mas de uma forma segura. Foi toda uma mudança não só de tecnologia que a gente teve que implementar, que não existia antes, como uma mudança também de produção, de pensar quem a gente poderia ouvir. Isso nos possibilitou, por exemplo, ouvir pessoas que antes não poderíamos, grandes nomes como Drauzio Varella. A gente pode ouvir pessoas que antes a gente não ouvia, porque não são daqui, não estão aqui, e isso foi um ponto positivo dessa mudança. Por outros, é uma entrevista mais fria, por a gente não estar perto dessas pessoas e até em certo ponto menos atrativo visualmente. Então essa foi uma grande mudança. Outra foi repensar e a gente ainda faz isso, onde os nossos repórteres vão estar. Antes fazíamos links ao vivo de dentro dos ônibus, mostrando-os cheios, as dificuldades das linhas, etc. Desde que a pandemia começou a gente não entra mais em ônibus, mas teve um momento que a gente sequer saía do pátio da TV. Então a gente tinha que tentar trazer para o pátio da TV uma imagem da rua, uma entrevista gravada com um passageiro que nos gravasse no ônibus, mudou tanto que é até difícil citar todas essas mudanças. Depois, os repórteres aos poucos foram voltando para as ruas e aí faziam um link ao vivo sobre ônibus e passageiros nas paradas, mas no outro lado da rua, mostrando que lá no fundo tinha uma parada cheia. Hoje a gente já voltou a estar, com certo distanciamento, nas paradas cheias, mas ainda não dentro dos ônibus. Então, isso é um exemplo de como mudou e segue mudando, e aí quando a pandemia piora, a gente recua

mais um pouco, quando dá uma melhorada, a gente avança mais um pouco. A outra grande mudança foi a necessidade de mais conteúdos, até pelo tempo do jornal que aumentou, e aí o nosso foco é muito serviço. Aí a gente focou muito no serviço, inicialmente de explicar que cuidados as pessoas tinham que ter, desde como se comportar, como usar máscara, de que tecido deve ser, como costurar uma, como chegar em casa, tira as roupas, não tira as roupas, lava a roupa, vai pro banho, como ter um cantinho na sua casa para não contaminar a casa toda, como limpar as compras. Então a gente adaptou algo que sempre foi um assunto nosso, o serviço, ao momento da pandemia e à falta de informações que existia por parte de governos em geral, vimos poucas campanhas, fosse a nível de governo federal, estadual, municipal, de coisas muito básicas, que em outros países se ensinava isso com campanhas na TV. Aqui no Brasil não teve isso, e a gente meio que assumiu, a mídia como um todo, não só o Bom Dia, essa função de ensinar o básico, de como se proteger frente a uma coisa nova que ninguém sabia, então adaptamos o conteúdo pandemia ao nosso assunto serviço que sempre foi forte no Bom Dia. Então, muitos conteúdos nesse sentido, sempre pedindo a colaboração de especialistas que nos mandassem vídeos, porque não podíamos estar com eles. Alguma coisa a gente podia mostrar de dentro da TV, simulando um ambiente de casa ou de trabalho, outros a gente pedia vídeos. A gente criou quadros novos que acho que vão permanecer depois da pandemia. Nossa motivação inicial foi a pandemia, que foi o 'Mãos à obra', que é um quadro onde a gente ensina as pessoas a fazerem as mais diferentes coisas, desde comida, até vela, incenso, pintar a casa, fazer máscaras. Já ensinamos uma gama de coisas muito aleatórias do que as pessoas podem fazer em casa e aí tem a ver tanto com as pessoas estarem mais em casa, precisando de ocupação, quanto de coisas que elas podem fazer em família, quanto coisas úteis que daqui a pouco elas vão fazer para transformar em renda ou economizar não comprando aquilo e acho que é um quadro que foi criado com essa motivação da pandemia, por todos esses fatores, mas acho que deve permanecer. Ele também se sustenta sem a existência de uma pandemia. Outro quadro que criamos foi o 'Ajuda Rio Grande' que inclusive depois virou uma campanha institucional do Grupo RBS, que foi motivado pelo fato de ter muito mais pessoas precisando de ajuda. O objetivo não era mostrar casos pontuais do fulano ou do beltrano, porque aí teríamos milhões de pessoas para mostrar. Então, passamos a focar naquelas instituições, ONGs

que ajudam pessoas, comunidades inteiras ou uma grande quantidade de pessoas e que tinham parado de receber doações ou passado a receber muito menos doações durante a pandemia porque todo mundo ficou mais apertado financeiramente. Passamos a mostrar essas iniciativas com o apelo de quem elas ajudam, como elas ajudam e que tipo de auxílio que precisam. E esse é um quadro que também deve permanecer depois da pandemia, porque não é só por causa da pandemia que tem pessoas precisando de ajuda e aí a gente inclusive ganhou recentemente o reforço do Gugu da ex- Rádio Farroupilha, agora Rádio 92, que já fazia esse trabalho na rádio e passou a ser meio que um âncora do quadro na TV. Eu poderia ficar até amanhã falando das mudanças todas que houve em função da pandemia, mas acho que essas são as principais. A gente repensou onde a gente estava, com quem falávamos, os nossos assuntos, os nossos quadros, teve alguns que saíram de cena pois entraram os novos que tinham a ver com o momento.

b) E o que mudou na sua rotina como editora-chefe após o início da pandemia?

**MP:** Pensando na lógica de produção do Bom Dia, antes nós saíamos do jornal às 8h e tínhamos uma reunião de pauta às 8h30min para só depois fazer o intervalo obrigatório que todos temos de uma hora na RBS TV. Com o aumento do programa, a gente sai dele muito cansado e com muita fome e a gente meio que emendou esse intervalo para todo mundo dar uma respirada, para só depois fazer a reunião. A gente também saiu da redação principal da RBS TV, onde todos os jornais se concentravam, como uma medida de prevenção à covid-19 as equipes se espalharam e a gente passou a trabalhar só a equipe do Bom Dia junto e isso nos permitiu a partir das 9h30 até às 11h30 que é o horário que a gente fica mais ou menos de manhã, entrar meio que uma reunião permanente de pauta, onde a gente vai conversando as pautas, decidindo o que fazer com elas, um editor já sai produzindo, o outro sai editando. Passou a ser de uma reunião que antes era centralizada em decidir assuntos para depois botar em prática, para uma reunião de já vamos decidindo e colocando em prática. E todo mundo tem que ser muito ágil porque tem muita quantidade de assuntos para produzir. Eu como editora-chefe passei a ter um jornal muito maior para produzir e revisar. Isso por



um lado foi ruim porque eu consigo dar menos atenção a cada um dos assuntos, antes eu revisava todas as reportagens do jornal, hoje eu não consigo fazer isso. Eu consigo revisar tudo o que os apresentadores vão chamar, todas as tarjas, todos os créditos, mas eu não consigo revisar imagens como eu fazia antes. Então assim, os editores já sabem que se eles têm uma dúvida, se tem uma coisa que foge do comum, eles me questionam, me alertam, porque eu não consigo mais revisar todo o material como eu fazia antes. Eu passei a ter muito mais reuniões de gestão, porque a RBS criou um grupo de trabalho de enfrentamento à pandemia, de como lidar desde com distanciamento físico até trabalhadores de forma virtual. Isso é uma coisa completamente nova, além da gente sair da redação da RBS TV, a gente passou a trabalhar metade da equipe na TV e metade em casa, que era algo que não existia antes da pandemia. Reuniões como a gente está tendo aqui, permanentes com a equipe, metade na TV e metade em casa. Passei a ter mais reuniões fora do meu horário, desde abordando impactos de audiência da pandemia na RBS TV, até como a gente cobre editorialmente os assuntos, reuniões entre os editores-chefes, reuniões sobre como a gente procede com a saúde física e mental dos colaboradores. Então a rotina ficou bem mais puxada, com certeza.

- c) Em muitos momentos observou-se comentários de pessoas em redes sociais, por exemplo, reclamando da quantidade de reportagens voltadas à pandemia da covid-19. Sabe-se que as matérias a respeito deste assunto são um serviço para a sociedade. Nesse sentido, como é para você, como editora-chefe, equilibrar os conteúdos que vão ser veiculados?

**MP:** Eu acho que o editor-chefe tem que ter, além de trabalhar com dados como esse, que a própria RBS em pesquisa diagnosticou que as pessoas não queriam mais ver e ouvir tanto falar da pandemia, também tem que trabalhar um pouco com intuição. Isso porque também tem as nossas percepções próprias, que a gente vive em sociedade, o editor-chefe tem as suas relações, as suas vivências, os seus conhecimentos próprios, então o que que eu tentei fazer ao longo da pandemia, eu acho que num primeiro momento, realmente a gente caiu de cabeça nesse assunto, mas jornalisticamente era o assunto do momento. Coisas que o

Bom Dia costuma cobrir tipo trânsito, tinha menos, tinha menos trânsito nas ruas, consequentemente tinham menos problemas no trânsito, menos acidentes. Então, não só nós demos mais atenção para esse assunto porque era o assunto do momento jornalisticamente, desde informar as pessoas do que estava acontecendo até como elas deveriam proceder em várias esferas em relação a isso, como outras coisas realmente passaram a acontecer menos. Então assim, a gente sempre traz as notícias da madrugada que acabam sendo relacionadas a acidentes de trânsito, a crimes, brigas, enfim, e isso passou a acontecer menos, então não foi só uma escolha de tratar de um assunto que era realmente pauta em todas as conversas, porque em todas as conversas familiares, de amigos, todo mundo falava da pandemia. É humanamente impossível o Jornalismo não estar falando do assunto do momento. E também, mesmo em momentos em que a gente estava cansado do assunto e queria trazer outro, não se tinha a mesma quantidade de outros assuntos acontecendo. Então houve um momento em que realmente se caiu de cabeça nesse assunto, nunca desconsiderando outros, mas entendendo que era assim que tinha que ser e nem tinha muito como ser diferente. Depois de um tempo em que eu considere que ok, as pessoas já tinham entendido a pandemia, em que os assuntos da pandemia já estavam se tornando repetitivos, em que as pessoas já estavam de certa forma voltando a uma vida não normal, mas um pouco menos anormal, a gente começou a tirar o pé do acelerador nesse assunto e a buscar mesmo ativamente outros. Tanto que quando a RBS TV nos apresentou uma pesquisa que mostrava isso, que as pessoas estavam cansadas desse assunto, o Bom Dia já vinha abrindo há um tempo para outros assuntos. E aí sempre tentando fazer esse balanço, de que o assunto pandemia não se tornasse tão cansativo e repetitivo, mas antenado ao que estava acontecendo, então se aumenta o número de mortes, se aumentava o número de casos, se piorava a situação da pandemia, a gente voltava a entrar de cabeça nesse assunto, mas ao mesmo tempo tentando dar cada vez mais abertura e atenção a outros assuntos, porém, sem forçar a barra. Nós não fazemos um Jornalismo do tipo: aconteceu um fato pequeno, isolado com uma pessoa e a gente vai ficar cinco minutos falando disso. A gente manteve os nossos preceitos jornalísticos que a gente vai dar a atenção jornalística que a gente acha devida aos fatos, mas com um radar mais ligado para variar mais assuntos. Foi muito nessa batida até que a gente criou o quadro 'Mãos à obra', pra ok, estamos cansados do assunto

'x', os assuntos 'y' e 'z' não estão acontecendo tanto, então vamos buscar um conteúdo completamente diferente que a gente não tinha. Se tentou fazer essa busca, mas em alguns momentos, mesmo sabendo da rejeição, a gente achou que jornalisticamente a gente tinha o dever de seguir tratando dele.

d) Na produção de reportagens audiovisuais sempre se prezou muito pela qualidade das imagens, mas neste momento, com os desafios da apuração, a informação qualificada vale mais?

**MP:** Eu acho que a informação qualificada sempre vale mais e neste momento não era nem o caso de se avaliar o que que valia mais, era o caso de que a gente tinha informações importantes para passar e não tinha a melhor qualidade de imagem. A RBS, que sempre foi conhecida justamente pela qualidade da sua imagem, aceitou que ela não manteria esse padrão de qualidade em nome da informação que ela continuava precisando passar. A gente passou a aceitar vídeos na vertical, que é uma coisa que para TV não funciona, é muito mais de rede social; vídeos que antes não teriam qualidade suficiente para ir ao ar, passaram a ir ao ar; claro que sempre com o bom senso de que vídeos de muita má qualidade ou que não mostram nada, a gente não ia forçar a barra para dar, mas a gente passou realmente a aceitar um conteúdo visual de não tanta qualidade, porque o nosso conteúdo informativo precisava ser ilustrado de alguma forma. E até acho que o Bom Dia sofreu um pouco menos isso do que jornais que trabalham mais com reportagens gravadas, porque no RBS Notícias e Jornal do Almoço são basicamente reportagens gravadas em que se depende da imagem para ter uma narrativa e o Bom Dia sempre teve mais links ao vivo de repórteres. E assim, para que também esse link não ficasse só o rosto do repórter, porque o que importa é a imagem que ele tá mostrando ao vivo ou que tá ilustrando, sempre se buscava imagens para ilustrar e em alguns momentos foi bem difícil, assim, não se conseguiu ilustrar como se gostaria ou porque se conseguiu uma imagem de qualidade muito ruim ou porque nem se conseguia, nem todo mundo tá disposto a sair fazendo imagens para gente ou tem conhecimento para isso. Então se aceitou assim, essa quebra de paradigma de que a imagem da RBS TV tem que ser muito boa, tem que ter qualidade, porque a informação tinha que vir em

primeiro lugar e precisava ser ilustrada de alguma forma. Em função dessa questão das imagens passamos a contar muito mais com artes, a nossa produção de artes aumentou muito. Já que às vezes a gente não tinha imagens para salientar algumas informações, tentávamos colocar elas em arte mesmo ou até aceitar fotos para ilustrar alguns assuntos, enfim.

e) Devido à situação enfrentada e aos protocolos de segurança, muitos profissionais trabalharam de casa. Como foi repassar as informações direto da casa dos jornalistas durante o programa? Existia uma preocupação com os repórteres no sentido de dar conta da apuração das informações à distância e fora da redação?

**MP:** Foi uma adaptação difícil inicialmente para todo mundo, porque o repórter costuma estar na rua apurando informações e isso passou a ser feito de casa. Assim, o repórter também conta com a produção e com a edição nessa busca por informação e a produção sempre fez essa produção à distância, os produtores ficam dentro da RBS TV conversando por telefone, por WhatsApp, por chamadas, seja como for, com pessoas em diferentes locais. Então, talvez o que tenha mudado mais foi para o repórter, mas também não foi algo tão novo. O que acredito que tenha sido um pouco mais difícil para os repórteres tenha sido entrar de suas casas, que é um cenário que não tem muitas possibilidades como a rua para ser ilustrado com coisas que estavam gravadas e não mostrar ao vivo onde eles estão. E aí falta aquele acompanhamento do repórter do assunto in loco e a sua impressão, isso se perdeu na pandemia, principalmente. Uma coisa é tu passar uma informação de algo que tu apurou pelo telefone, outra coisa é tu passar uma informação de algo que está acontecendo do teu lado, que tu tá vendo, que tu tá sentindo. Se perde um pouco nesse sentido, mas é possível fazer, só foi uma adaptação inicial de todo mundo, uma dificuldade que todos tivemos, que o repórter teve de fazer essa apuração à distância, que o editor teve de conversar com repórter não mais do seu lado mas cada um num canto, que eu tive de passar a coordenar uma equipe que um tá em casa, um tá do meu lado, um tá na outra redação. É uma adaptação que toda a equipe passou, cada um na sua função.

- f) E quanto aos jornalistas que foram a campo para realizar as reportagens, quais eram os cuidados e preocupações neste momento de pandemia?

**MP:** Nossa, todos possíveis. Desde que se começou a falar em usar máscara, que não era ainda obrigatório, a RBS deu máscara para todos os seus colaboradores, com os repórteres não foi diferente. Preciso contextualizar que o cuidado foi com todos, não só com os repórteres, então, todas as pessoas para entrar na RBS TV eram obrigadas e ainda são, a estar de máscara, todas têm a temperatura medida, as nossas mesas que antes estavam lado a lado com a distância de nem um metro, passaram a ter uns três metros ou mais de distância, por isso que saímos da redação principal, pois não tinha espaço para todos. Se espalhou pessoas por diferentes salas, equipes de programas e editorias inteiros passaram a trabalhar de casa. O Galpão Crioulo todo tá trabalhando de casa, o G1, que é o nosso site, que antes ficava na redação principal passou todo a trabalhar de casa. E assim, o que mudou em relação aos repórteres, bom, na redação, antes eles sentavam próximos do seu editor, do lado, usando o mesmo computador, para discutir a matéria, agora os repórteres passaram a ter na redação um cantinho em que eles usam e eles passaram a falar com seu editor à distância, por WhatsApp, por telefone, ou se estiver na mesma redação, assim, gritando para o longe. Cada entrevista era pensada se era necessário fazer presencialmente ou se ele podia fazer da TV, via algum desses aplicativos. Então todas as entrevistas, por exemplo, com especialistas em saúde, passaram a ser feitas do computador, agora uma entrevista sobre um fato que tá acontecendo na hora, por exemplo um protesto de caminhoneiros, passou a se avaliar caso a caso, tipo: vale entrevistar? É importante correr esse risco? Como vamos entrevistar? Então passamos a entrevistar menos pessoas presencialmente, se avaliar caso a caso se tinha essa necessidade e com um extensor de microfone, não é só mais o braço do repórter esticado, que daria uma distância de um metro por entrevistado, passou a ter um extensor para que se tivesse dois metros do entrevistado. Só entrevistamos pessoas com máscara, tanto para a segurança delas quanto para a nossa, passou a se higienizar todos os equipamentos antes de sair da TV e depois de voltar pra TV, passou a se pensar pauta a pauta se tinha

a necessidade de o repórter ir até tal local onde o fato estava acontecendo, se valia a pena ele estar na rua ou se ele podia estar na TV, se ele precisava, se fosse falar de ônibus, pegando meu exemplo anterior, se valia ele estar na rua, se valia estar na rua à distância, na rua na mesma parada, isso tudo passou a se avaliar pauta a pauta e antes disso era meio livre, o repórter ia para a rua e tomava essa decisão. Agora, passou a se avaliar caso a caso sempre pensando na segurança das equipes e assim, muito recentemente, agora é que todos os repórteres estão voltando, uma coisa da semana passada, os repórteres voltaram a atuar todos presencialmente, porque até então tinham sempre repórteres em casa para diminuir o fluxo das equipes. Os repórteres sempre foram orientados ao longo da pandemia que eles tinham autonomia para decidir sobre sua segurança. Então assim tinham os parâmetros que eu falei, mas no momento que eles não se sentissem seguros numa situação na rua, achassem que estavam expostos, eles estavam autorizados a tomar a decisão de não ir em tal local, não entrar em tal lugar. Durante as eleições, por exemplo, que se sabia que teria algum grau de aglomeração porque sai um candidato de uma votação, todos os repórteres voam para cima desse candidato e acaba gerando uma aglomeração e aí então em momentos como esse, eles passaram a usar além de máscara, *face shield* também e terem as máscaras mais indicadas, tipo PFF2, N95, para aumentar ainda mais o grau de proteção, mas sempre com essa premissa de que se eles não se sentissem seguros e confortáveis eles não precisavam fazer.

g) O Bom Dia Rio Grande é um noticiário em que as apresentadoras têm um papel fundamental, indo muito além de apenas anunciar as reportagens. O que mudou em relação à performance e desenvoltura na apresentação do programa?

**MP:** Na verdade, nesse sentido eu acho que não mudou tanto assim. É bom salientar que eles também passaram a ter cuidados com a pandemia no sentido de só tirar a máscara na hora de apresentar o jornal, ao entrar no estúdio, com um distanciamento entre um e outro de mais de dois metros, de três quatro metros e com um distanciamento ainda maior dos câmeras, porque por mais que eles às vezes pareçam super próximos da câmera é o zoom, o cinegrafista está há muitos

metros de distância e de máscara. O estúdio aberto para circular o ar, que era uma coisa que antes não existia. Porém eu acho que na performance deles eu não percebo tantas mudanças assim. Desde que eu entrei no Bom Dia os apresentadores são livres, até que os apresentadores do programa sempre foram, são pessoas com uma longa experiência, a Daniela tem muitos anos de Jornalismo, a Simone também, são apresentadoras acostumadas a apresentar programas e coberturas longos e próprio Léo Saballa tem uma vasta experiência em reportagem, apresentação, rádio, TV. Então é muito natural que com o tempo que o Bom Dia tem, que é grande, que com a experiência que eles têm como jornalistas, eles participem mais do que os apresentadores de outros jornais, tanto por terem tempo, quanto por terem o que acrescentar ali. Então eu acredito que a performance deles não tenha mudado tanto assim. O que a gente procurou fazer muito foi o apelo deles, que a gente sabe que tem muita força sobre as pessoas, dos cuidados, se colocando junto das pessoas com esses cuidados: ó, tipo eu também me cuido, eu não tô só dizendo pra que tu te cuida, eu também me cuido. E as campanhas da RBS foram muito nesse sentido: eu não tô aqui dizendo pra tu se vacinar, eu me vacinei, tá aqui a minha vacina sabe; eu não tô dizendo pra ti usar máscara, eu uso máscara o tempo inteiro até entrar aqui no estúdio. Então, eu acho que esse reforço deles foi importante, mas eu não consigo perceber muitas mudanças em função da pandemia na performance deles, a não ser o reforço de coisas importantes.

h) Como foi lidar com os imprevistos durante o programa devido a problemas com a *Internet*?

**MP:** Louco (risos), porque assim, o Bom dia sempre teve muitos imprevistos por ter muita coisa ao vivo e variavam desde o sinal do link ao vivo até o entrevistado que não chega no lugar combinado ou o trânsito que o repórter pega para chegar até o lugar. Isso sempre houve, é histórico do Bom Dia e com um jornal maior, houve mais ainda. E com as dificuldades com a *Internet* mais ainda, a gente já teve a Secretaria de Educação que não conseguia conectar à *Internet* num dia em que a gente tinha reservado quinze minutos do jornal para isso. A gente vai

aprendendo quase diariamente com esses imprevistos. Inicialmente nós fazíamos entrevistas por Skype, aí depois começamos a fazer por Teams também e aí a gente percebeu que às vezes nenhum desses aplicativos, por motivos que a gente desconhece, davam conta, e a gente meio que aprendeu no ar a fazer entrevistas via Google Meet e também já fizemos via Zoom, mas todas essas decisões sendo tomadas na hora porque o plano A, B, C e D deram errado, então vamos para o E, para o F, quantos forem necessários. Justamente com autoridades que tivemos problemas de entrevistar, teve um outro caso que acho que era o secretário da saúde de Porto Alegre, que não estava conseguindo entrar na entrevista online de forma alguma e a gente tinha uma equipe num posto de saúde e aí ele foi até lá e para o repórter não ficar próximo entrevistando ele a gente só colocou o equipamento nele para que a entrevista dos apresentadores do estúdio fosse feita à distância. Então assim, todos os dias acontecem imprevistos e todos os dias a gente tem que meio que aprender juntos, na hora, a como lidar com eles. É um programa que muda muito no ar. Seja porque coisas acontecem realmente ou porque muitos imprevistos acontecem.

- i) As entrevistas passaram a ser online, como acredita que foi a aceitação do público com o novo formato? O fato dos entrevistados estarem em casa também trouxe uma maior proximidade com espectador?

**MP:** A gente não tem análises aprofundadas sobre como o público passou a ver essa entrevista, a gente tem impressões, de opiniões que chegam para a gente, impressões nossas. Eu acho que no início o público encarou meio mal, porque assim, o público estava em casa trancado, vendo pessoas de suas casas num cenário que não era o mais bonito, às vezes não era o mais adequado, às vezes não era o mais interessante. Porque quando tu faz entrevista com uma pessoa em casa tu pode até orientar: sobe ou desce a câmera para aparecer tua testa, mas tu não pode dizer pra ela mudar o cenário da casa dela: tira aquele quadro dali, (risos) pinta a parede de outra cor, então tu tem uma ingerência até certo ponto. Eu vejo que no início as pessoas estranharam um pouco, mas acho que



hoje isso já é tão comum na vida de todo mundo que as pessoas tão aceitando bem. E mesmo a gente voltando muitas coisas presencialmente, eu acho que as entrevistas do Bom Dia vão seguir, não sei te dizer se pra sempre, mas pelo menos por muito tempo, sendo assim. Porque tem muitas vantagens, hoje em dia as pessoas que dão entrevistas, porque todo mundo em algum momento participa de uma reunião assim, já sabem mais como lidar com a tecnologia, como preparar um cenário, como se portar numa entrevista assim, então acaba ficando mais interessante do que era no início, todo mundo um pouco perdido nesse formato. Nos deu a possibilidade de entrevistar mais pessoas, seja porque antes o entrevistado tinha que acordar às 5h para sair de casa às 6h para nos dar a entrevista às 6h30, hoje ele nos dando a entrevista 6h30 ele pode acordar às 6h15, se ele quiser. Já tivemos entrevistados que a gente acordou e viu de pijama antes de entrar no ar. Então, acho que para o entrevistado é até mais confortável muitas vezes e para o público, ele foi se acostumando com esse formato, afinal esse é o formato hoje do mundo, de documentários, de programas nacionais, até filmes estão sendo feitos neste formato. Então acho que as pessoas foram se acostumando a ver conteúdos assim e as que participam foram se acostumando com entrevistas nesse formato. E como eu disse em uma outra resposta, isso nos deu a possibilidade de entrevistar pessoas em qualquer parte do mundo, então ampliou a gama de entrevistados possíveis.

- j) Na sua opinião, qual o legado desta pandemia para o Jornalismo audiovisual?  
E quais mudanças vieram para ficar no dia a dia da profissão

**MP:** Eu acho que o legado é que se ampliou muito o leque de possibilidades do Jornalismo. Antes a gente pensava em reportagens gravadas, com imagens feitas por nós, com entrevistas feitas por nós e às vezes isso gerava uma grande correria numa equipe do RBS Notícias por exemplo, que participa de uma reunião ao meio-dia, daí às 14h tem que sair entrevistar alguém da Zona Norte, aí depois ir para a Zona Sul entrevistar outra pessoa, ir para a Zona Leste gravar uma passagem num cenário x. Então isso nos deu a possibilidade de que a gente entrevistasse duas

peças em diferentes locais, com meia hora de diferença uma da outra e até a ser criativo em pensar em cenários diferentes que às vezes estavam mais próximos da gente do que a gente imagina. Se passou acho que a utilizar e exigir mais do nosso departamento de arte. As entrevistas à distância, seja em reportagens ou ao vivo, vieram para ficar. Acho que passamos a contar muito mais com as nossas fontes e os nossos telespectadores nos ajudando a fazer Jornalismo. Porque por exemplo essa semana que houve muitas chuvas fortes e de granizo, a gente não tem equipe em todas as cidade para estar mostrando isso, então é através das mensagens, fotos e vídeos que as pessoas nos mandam de casa, minutos de diferença do que aconteceu, que a gente tem acesso a esse material. Então eu acho que essa obrigatoriedade que a gente teve na pandemia de se distanciar das pessoas e pensar em novos formatos nos abriu um leque de possibilidades que veio para ficar e que daqui para frente vai ser um balanço entre o que realmente vale a pena ir para a rua fazer e o que a gente realmente pode fazer com qualidade sem estar tanto nas ruas, seja pelo tempo de deslocamento ou pelos cuidados com a pandemia. Acredito que os cuidados internos também vieram um pouco pra ficar, acho que todo mundo em todos os setores na vida pessoal ou profissionais e deu conta que a gente não era tão higiênico quanto a gente pensava, acho que isso também vai permanecer na profissão. Falando do Bom Dia, essa mudança de duas horas para duas horas e meia que veio com a pandemia, ela veio para ficar. Não se pensa mais no Bom Dia voltar a ter duas horas, não é uma ampliação mais provisória na grade da Globo, é uma ampliação fixa.

#### 5. 2.3.1.4 Tainara Alba

A jornalista Tainara Alba formou-se em 2014 em técnica em Administração e Contabilidade, mas seu desejo era fazer um bacharel que proporcionasse explorar o uso da fotografia. Em entrevista à pesquisadora, ela afirmou que aliado a esse desejo decidiu começar a fazer um trabalho de comunicação na entidade onde trabalhava, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guaporé. Foi então que decidiu cursar Jornalismo. Iniciou os estudos em 2016 na Universidade de Passo Fundo (UPF), no Campus de Passo Fundo. Mais tarde, em 2016, mudou-se para Caxias do Sul e transferiu a faculdade para a Universidade de Caxias do Sul (UCS). Fez estágio na

RBS TV (de 07/2017 até 07/2019) e pouco mais de uma semana depois do término do estágio - que coincidiu com a formatura, foi convidada a voltar pra equipe de telejornalismo como repórter. Nessa função, permaneceu até o início de outubro deste ano. Durante os últimos pouco mais de dois anos, exerceu a profissão de repórter, como correspondente da RBS TV em Bento Gonçalves, sendo parte da equipe de Caxias do Sul/Serra.

O questionário enviado, acompanhado das respostas concedidas pela entrevistada, será apresentado a seguir.

- a) A pandemia da covid-19 fez com que todos os setores da sociedade se adaptassem. No seu ponto de vista, quais foram os impactos na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande?

**TA:** O Bom Dia Rio Grande é um telejornal dinâmico e desafiador. É o mais longo telejornal da RBS TV, com duas horas e meia de duração. E começa cedo, às 6h da manhã, portanto, muita gente tem que madrugar pra que ele possa existir. Além de garantir que o jornal seja informativo, tenha conteúdo de qualidade e não seja cansativo, há o desafio de eventuais apurações de informações num horário em que nem todas as fontes estão em atividade ou mesmo acordadas. Há sempre um pré-planejamento do conteúdo, mas é normal que o jornal vá sendo modificado enquanto está no ar. Com a pandemia, o principal desafio dos produtores foi fazer esse trabalho à distância e com equipe presencial reduzida e distanciada. Vários editores/produtores passaram a trabalhar em casa, acessando um sistema remoto e se comunicando com o restante da equipe também remotamente. A velocidade da comunicação e da edição de parte dos materiais passou a depender da velocidade da *Internet*. O telejornal passou a fazer entrevistas ao vivo online, com os entrevistados em casa, enfrentando o risco de oscilação do sinal de *Internet*, o que exigiu ainda mais habilidade e agilidade pra replanejar o conteúdo seguinte, caso o contato com o entrevistado fosse interrompido. Os repórteres passaram a fazer entradas ao vivo de dentro de casa, ou, quando necessário, em locais mais preservados, longe do risco de contaminação pelo coronavírus, evitando, principalmente, entrar em locais fechados. Todo telejornalismo passou a contar

com a ajuda de assessores de imprensa, fontes e telespectadores para a produção de imagens em locais onde a equipe de reportagem não poderia estar presencialmente. Os conteúdos sobre a pandemia passaram a ganhar mais elementos, como gráficos, telas, artes, entrevistas com especialistas, reportagens mais didáticas, etc., pra continuar informando, conscientizando e chamando a atenção das pessoas sobre a seriedade do assunto.

- b) Pensando no seu dia a dia de trabalho antes e depois da pandemia da covid-19, quais foram as principais mudanças?

**TA:** Em Bento Gonçalves, eu já trabalhava sozinha antes mesmo da pandemia. Minha casa já era a minha 'sede', portanto, o desafio de separar o espaço físico profissional do espaço físico particular já fazia parte da minha rotina, porém, a novidade foi conciliar as entradas ao vivo dentro de casa (que antes eram feitas externamente) com a rotina de quem vive sob o mesmo teto: meu noivo, Vitor Hugo, e minha cachorra, Tina (completamente imprevisível). A aplicação dos protocolos de segurança também desafiou a forma como eu vinha produzindo as reportagens. Passei a depender da ajuda de muitas pessoas, principalmente na produção de imagens, pra conseguir fechar uma reportagem completa sem sair de casa. Passei a ter mais cuidado com a qualidade da comunicação entre mim e as fontes/cases, sendo mais paciente nas explicações sobre o que seria necessário pra reportagem (como gravar imagens, depoimentos, etc.). Aprendi a reconhecer que aquilo que era óbvio pra mim, jornalista, era desconhecido pra maioria das pessoas. Também passei a ser mais grata pelo tempo dedicado por essas pessoas (fontes, cases ou colaboradores) em fazer parte do que seria meu trabalho. Entrevistar pessoas remotamente foi outro desafio que merece destaque, pois quando se está na presença do entrevistado é mais fácil conversar, explicar, deixar a pessoa confortável e à vontade pra falar do assunto pautado. Há mais intimidade, interação e troca. Virtualmente tudo é mais limitado: o que se vê (geralmente só o rosto do entrevistado e alguma prateleira com livros ao fundo); o que se fala (geralmente não há muita conversa porque apesar do contato ser em tempo real, o sinal de *Internet* oscila, trava, tem *delay*, o que dificulta uma interação mais espontânea); o que se

pergunta (é preciso ser ainda mais objetivo pra aproveitar melhor o tempo e não dificultar a decupagem com longos minutos de gravação). Uma mudança significativa foi que o Jornal do Almoço regional (produzido e veiculado por cada praça) foi suspenso durante um período da pandemia (por quase um ano e meio). Nesse período, todo material produzido pelas praças alimentava os telejornais veiculados no sinal do Estado - o que já acontecia com o Bom Dia Rio Grande, que não tem versão regional. Isso causou uma diminuição no ritmo de produção de materiais, amenizando o impacto das mudanças de protocolos, mas ao mesmo tempo, exigindo um novo olhar sobre as apurações, pra selecionar assuntos relevantes o suficiente pros telespectadores de todo o Estado. Outra mudança significativa que me ocorreu, foi a necessidade de revisar e cuidar da minha saúde mental. O excesso de notícias tristes e preocupantes sobre a pandemia; as entrevistas com familiares que perderam entes queridos por causa da doença; a mudança frequente de protocolos de segurança e normas do Governo; o descaso de autoridades e população com a gravidade da pandemia e com o trabalho da imprensa gerou um cansaço psicológico bastante grande. Foi preciso exercitar diariamente o “desligamento” do trabalho e das angústias por estar vivendo um período pandêmico, sem perspectivas de término.

c) Como foi lidar com as interferências da *Internet* na captação das entrevistas?

**TA:** Resumi um pouco sobre isso na segunda pergunta (em tempo: na minha opinião, a tecnologia pode ser uma grande aliada do Jornalismo quebrando barreiras físicas e tornando possível contato com autoridades e especialistas de outras localidades, porém, não consegue substituir as vantagens do contato presencial, como o “olho no olho”, o aperto de mão, a descontração, a intimidade, etc.). Em vários momentos, a entrevista virtual foi uma opção prática e viável. Em algumas ocasiões falei com a fonte por aplicativo de mensagens em determinado horário e marcamos a entrevista pra alguns minutos depois, o que agiliza muito o trabalho, já que não é preciso se deslocar, estacionar, montar equipamento, enquadrar e gravar. Todo esse processo se resume a alguns cliques. As oscilações no sinal de *Internet* deixaram sequelas em várias entrevistas virtuais: corte de áudio em palavras importantes no contexto da fala

do entrevistado; congelamento de imagem do entrevistado; baixa qualidade da imagem da entrevista; voz do entrevistado robotizada, com eco ou travada; etc. Mesmo com os desafios de uma entrevista virtual, a *Internet* possibilitou a gravação de muitas entrevistas importantes, que não seriam possíveis presencialmente, o que foi um alento em tempos de pandemia e tornou possível a continuidade do trabalho jornalístico.

- d) Na produção de reportagens audiovisuais sempre se prezou muito pela qualidade das imagens. Nesse momento, quais foram os desafios na gravação e edição desses conteúdos?

**TA:** O maior desafio foi ter que depender, muitas vezes, da disposição e habilidade de outras pessoas - que não são profissionais da área do Jornalismo, pra captar imagens. Obviamente não se poderia esperar, e nem exigir, a mesma qualidade. Foi preciso paciência pra explicar que as imagens deveriam ser gravadas no formato horizontal, que não poderiam ser fotos, mas sim vídeos, que 15 segundos de gravação já eram suficientes, etc. Por várias vezes não foi possível aproveitar o material que recebemos, devido à baixa qualidade. Porém, na maioria das vezes, só foi possível noticiar determinados temas graças à ajuda de pessoas que se disponibilizaram a fazer parte do nosso trabalho, gravando imagens com o aparelho celular e nos enviando (raramente em alta resolução). Na edição, acredito que o desafio foi aceitar que muito conteúdo, que anteriormente não iria pro ar, neste momento era necessário pra continuar o trabalho. Por exemplo, passamos a usar fotos, vídeos gravados na vertical (por vezes era a única imagem disponível pra ilustrar determinada informação), vídeos em baixa qualidade, etc.

- e) Na sua opinião, pensando nas dificuldades do momento, a informação qualificada vale mais do que belas imagens?

**TA:** Sem dúvida. A imagem é muito importante, é como se fosse uma prova da informação. Quando recebemos uma informação de algo que está ao alcance do olhar é comum as pessoas perguntarem: é verdade? Quero ver? Existe uma dúvida no princípio, o questionamento da informação e tem sempre aquela

necessidade de comprovar, verificar por meio do olhar: tenho que ver para crer. Logo, a conclusão sobre uma verdade ou não de uma informação estaria sob o poder e uma condição de uma imagem possível de ser vista. As pessoas associam muito a imagem como uma prova, por isso que ela tem um poder tão grandioso especialmente no Jornalismo de televisão, porque seria como uma comprovação daquilo que o repórter, o apresentador está dizendo. Mas informação qualificada é a base do Jornalismo, é o espírito da profissão. É o que dá credibilidade ao Jornalismo e o torna fonte segura de informação, é essencial pra cumprir o seu papel de servir ao bem comum. Nesse momento de pandemia a imagem foi quase que secundária, às vezes não foi possível provar com as imagens, mas privilegiamos a importância da informação em detrimento da imagem. Mas existe isso de que as pessoas precisam ver para crer, então a imagem tem um poder muito grandioso especialmente no Jornalismo audiovisual. Esse foi um desafio durante a pandemia nos momentos que não se tinha imagem para provar e que a informação nem sempre vai ter uma imagem que vai acompanhar ela.

- f) Você precisou contar com o auxílio das fontes na captação de imagens, já que a reportagem presencial não era viável?

**TA:** Resumi um pouco sobre isso nas perguntas número um, dois e quatro.

- g) Mesmo com os momentos de home office, em muitos casos os repórteres continuaram indo às ruas, claro, respeitando todos os protocolos. Qual foi o sentimento e a preocupação de realizar este trabalho em meio a uma pandemia?

**TA:** No início, como não se tinha certeza de quase nada e as próprias orientações da Organização Mundial da Saúde mudavam frequentemente, nós fomos pra rua, fazer o nosso trabalho, com bastante medo. A emissora reforçou os cuidados sanitários, orientou as equipes, e deixou claro que a nossa saúde era prioridade, portanto, se fôssemos pra algum lugar e não nos sentíssemos seguros, tínhamos a liberdade de nos afastar e replanejar aquela cobertura. Pra mim, sempre existiu um conflito entre o que era prioridade minha (saúde) e

o que era prioridade pras pessoas que iriam se informar pelo meu trabalho (a informação qualificada). Tive que avaliar muitas vezes como eu poderia fazer o meu trabalho, cuidando da minha saúde, sem comprometer a entrega das informações e imagens com qualidade. Em situações que a minha presença era indispensável (por exemplo: iríamos falar da lotação da UPA e ninguém estava disponível pra registrar algumas imagens) reforcei meus cuidados sanitários e me mantive distante da aglomeração, registrando imagens mais abertas. No começo recebemos a orientação de não entrevistar mais pessoas presencialmente na rua (as famosas enquetes) pra evitar a exposição das equipes, e dos equipamentos, à uma possível contaminação. No caso das entrevistas que precisavam ser presenciais, convidamos os entrevistados a nos receber em locais abertos, com grande circulação de ar. Mesmo com todos os cuidados necessários e possíveis, o temor do contágio é inevitável, já que o vírus pode chegar até nós de incontáveis maneiras e sem querer, ou saber, podemos contaminar pessoas que amamos.

- h) Quais foram os desafios em compartilhar o espaço particular de sua casa nas entradas ao vivo?

**TA:** O maior desafio foi afetar a rotina de quem vive na mesma casa: meu noivo e minha cachorra. Como a casa não é muito espaçosa, acabava tendo que fazer entradas ao vivo na sala, no quarto, no corredor, e isso afeta totalmente a rotina dos outros. É preciso arrumar o cenário, é preciso silêncio, as outras pessoas não podem circular na frente da câmera, a cachorra (que é totalmente imprevisível, por motivos óbvios) não pode latir ou pular no meu colo na hora do vivo. É preciso a manutenção da rotina de todos, pra que uma parte do meu trabalho seja possível. Me sentia desconfortável quando fazia entradas ao vivo no começo do Bom Dia Rio Grande, devido ao horário. Se meu noivo ainda estivesse dormindo (ele não se importava e era muito compreensível), eu cuidava pra não fazer muito barulho e me sentia inconveniente, pois era o horário de descanso dele e, sem querer, eu estava atrapalhando. Com o tempo, os telespectadores foram se acostumando com o fato de que os repórteres estavam em casa e coisas normais da rotina de uma família poderiam acabar fazendo parte das entradas ao vivo. Vários repórteres apresentaram os seus



pets em algum momento (eu mesma, em uma entrada ao vivo sobre adoção de animais, apresentei a Tina, minha vira-lata); o choro de alguma criança, ou o grito de “paaaai”, foi ouvido ao fundo; algum familiar esqueceu que a câmera estava em determinado ângulo e caminhou pela casa, compondo o cenário. Tudo isso gerou alguma preocupação momentânea, tirou um pouco da concentração, mas também teve um efeito positivo que foi a aproximação com o telespectador. Muita gente se identificou com detalhes da vida pessoal de quem passou a aparecer na tela da TV, em casa.

- i) Com o tempo, o trabalho foi flexibilizado. Como foi esse retorno à uma rotina mais próxima da normalidade?

**TA:** Foi um misto de alívio e “será que isso é seguro?”. Alívio por poder voltar a ter certa aproximação com as pessoas, poder sair e fazer o meu trabalho sem depender da colaboração (e do tempo) de outras pessoas, poder estar presencialmente nos locais, verificando as pautas, mostrando o movimento pros telespectadores em tempo real. Ao mesmo tempo, algumas incertezas sobre a segurança, já que é difícil trabalhar sem ter contato com as pessoas. Mas, sem dúvida, o retorno foi muito positivo pro Jornalismo, afinal “lugar de repórter é na rua” - já dizia Ricardo Kotscho. Um dos papéis importantes do repórter é justamente “levar” o telespectador a lugares que, no momento, ele não pode ir sozinho, contar e mostrar os fatos. Isso só é possível com a presença.

- j) Na sua opinião, qual o legado desta pandemia para o Jornalismo audiovisual? E quais mudanças vieram para ficar no dia a dia da profissão?

**TA:** Acredito que a informação foi priorizada inúmeras vezes durante a pandemia, em detrimento da estética, que é muito valorizada no Jornalismo audiovisual (imagens produzidas, impecáveis). Nem sempre as entrevistas online ao vivo, ou alguma imagem que ilustrava algum assunto, teriam muita qualidade, mas a informação era importante, por isso a estética poderia ser dispensada, mas o assunto não. A preocupação com o conteúdo, com a informação, foi e deverá seguir sendo prioridade. Acredito que a pandemia

também trouxe um novo olhar jornalístico, de que é possível informar de várias formas, com várias ferramentas, fugindo dos formatos tradicionais. O uso do celular é uma prova disso. Quanto conteúdo foi produzido nesse período apenas com o uso de um aparelho celular? E foi Jornalismo. Informou. Mostrou. Cumpriu o seu papel. Acredito que as novas tecnologias, ferramentas e métodos de fazer Jornalismo, explorados durante a pandemia, vão permanecer na rotina da profissão. Tudo o que facilita o trabalho deve ser usado em favor da produção de conteúdo, principalmente em situações em que há urgência da informação e não há outras possibilidades no momento de se produzir o conteúdo. Em assuntos que demandam maior fôlego, em que a informação pode esperar pra ser divulgada (pautas frias), acredito que a estética poderá reconquistar a sua prioridade.

Depois da aplicação da Metodologia com o uso das técnicas de revisão bibliográfica, observação simples e entrevista, será possível desenvolver a Análise de Conteúdo, assunto do próximo capítulo.

## 6 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A aplicação do método e das técnicas de *Revisão Bibliográfica*, *Observação simples* do *corpus* de pesquisa e *Entrevista* possibilitará a realização da Análise de Conteúdo. Seguindo o método proposto por Laurence Bardin (2004), durante a etapa de exploração do material ocorreu a categorização do *corpus*, dividida em: *Produção de conteúdo*; *Programa ao vivo* e *Heranças da pandemia da covid-19 no Bom Dia Rio Grande*. Cada uma das categorias será apresentada a seguir.

### 6.1 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

“Nossa, não sei nem por onde começar. Mudou toda a nossa forma de pensar e fazer o Bom Dia Rio Grande” (PESSIN, 2021). Foi desse modo que a editora-chefe do programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV, Mariana Pessin, iniciou a conversa sobre os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do telejornal, em entrevista à pesquisadora. Uma das grandes mudanças foi em relação ao conteúdo apresentado, já que a situação vivida pelo mundo exigiu, mais do que nunca, o cumprimento do papel social do Jornalismo. Tal compromisso é muito mais do que apenas informar. Tendo em vista a saturação de fatos que chegam ao público, a tarefa do profissional, na verdade, é interpretar esses dados, verificar a veracidade e produzir o conteúdo a partir das técnicas jornalísticas, garantindo, sobretudo, a credibilidade.

A respeito disso, é importante abordar o conceito de notícia, abordado no capítulo três desta pesquisa. Curado (2002) destaca que ela é a decisão sobre o que vai ser veiculado. Neste sentido, são avaliados a qualidade, impacto, oportunidade da divulgação e sua abrangência, ou seja, o número de pessoas que serão alcançadas. As notícias sobre o enfrentamento à covid-19, que se sobressaíram nos telejornais, se encaixam na categoria das informações de serviço, trazida pela autora.

Utilizando como referência um dos telejornais mais tradicionais do país, o Jornal Nacional, no capítulo três, Bonner (2009) afirma que o editor-chefe precisa tomar diversas decisões diariamente acerca dos temas que serão apresentados. Apesar da grande oferta de informação, o jornalista destaca que o foco é veicular os fatos mais importantes que aconteceram no Brasil e no mundo. Para isso, alguns critérios precisam ser adotados, assim como ressalta Curado. Da mesma forma que a autora,

Bonner (2009) elenca a abrangência e também outros critérios como a gravidade das implicações, caráter histórico, peso do contexto, importância do todo. Como secundários, a complexidade e o tempo. Nesse sentido, ele também destaca que haveria outro critério, a disponibilidade das imagens, mas esse assunto será abordado em outro momento da análise.

O assunto pandemia da covid-19, sem dúvidas, se enquadra nos critérios e por causa disso tomou mais tempo dos telejornais. O tema tem abrangência, já que atinge o mundo inteiro; gravidade das implicações, pois a cada dia milhares de pessoas perdiam suas vidas ou eram infectadas pela doença, algo que continua ocorrendo, mas em menor quantidade; tem caráter histórico, pois é um fato de grande amplitude e jamais visto na história da humanidade; e certamente também tem peso do contexto e importância do todo. Além dos critérios, sempre é preciso levar em conta a qualidade e o impacto da notícia, assim como salienta Curado (2002). A partir dessa análise, nota-se que a pandemia impactou consideravelmente o dia a dia do Jornalismo, já que domina os principais critérios de noticiabilidade.

A apresentadora do programa Bom Dia Rio Grande, Simone Lazzari (2021) afirmou, em conversa com a pesquisadora, que a pandemia predominou o noticiário, principalmente no início.

Olhava o espelho do jornal e era: a pandemia, meu bloco de trânsito que era pra eu falar, não tinha movimento nenhum na rua, tava todo mundo em casa, as ruas desertas, aí as notícias eram essas. E quanto à previsão do tempo, o tempo ia passando alheio à pandemia, chovia, esquentava, esfriava. Daí às vezes o espelho do jornal era assim: tudo relacionado à pandemia, casos, mortes, doenças, notificações e quando eu tinha que entrar eu falava desse estranhamento da cidade vazia, dessa diferença e dizia: olha, tá um dia muito bonito, mas aprecie da janela de casa (LAZZARI, 2021).

O assunto era predominantemente a pandemia, pois ela não impactou apenas a vida das pessoas, mas também a rotina de trabalho dos veículos de comunicação e isso pode ser percebido a partir da fala de Lazzari (2021). Mesmo que existissem outros temas para serem abordados, acabava não fazendo sentido, pois, como a apresentadora disse, o trânsito estava parado e calmo, e o tempo podia ficar bom, mas a orientação era não sair de casa.

Seguindo esta linha, no capítulo quatro, que trata sobre os impactos da covid-19 na comunicação e no telejornalismo, Silva (2020) afirma que apesar de a editoria do jornal da emissora regional de Varginha ter a cobertura de pautas policiais, foram

feitas algumas mudanças durante a pandemia. As notícias policiais foram deixadas de lado por causa da covid-19 e também por conta do isolamento social, que reduziu a quantidade de crimes na região. Segundo a autora, a informação tornou-se uma ferramenta para ajudar a salvar a vida das pessoas em um período de caos na saúde e de falta de informações verídicas e esclarecedoras.

Figura 1 – Reportagem sobre mortes por coronavírus em hospitais psiquiátricos de Porto Alegre



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 11 ago, 2020).

A reportagem acima, que faz parte do *corpus* da pesquisa, foi o quarto conteúdo analisado, exibido no dia 11 de agosto de 2020. Na matéria foram abordadas as mortes e casos de coronavírus em hospitais psiquiátricos de Porto Alegre, trazendo dados e entrevista com psicólogo. Na imagem, pode-se verificar que a repórter trouxe dados que atualizaram a situação nestes locais. Ao analisar a prevalência de matérias como essa sobre a covid-19, Pessin (2021) afirma que o foco foi a pandemia não só porque jornalisticamente era o assunto do momento, mas também porque outros fatos passaram a acontecer menos, tais como acidentes de trânsito e crimes. Nesse sentido, foi adaptado o assunto base do programa, o serviço, ao momento da pandemia e à falta de informações que existia por parte de governos em geral. Pessin

(2021) salienta que foram vistas poucas campanhas, seja em nível de governo federal, estadual ou municipal, de coisas muito básicas, que em outros países se ensinavam em campanhas na TV. Como no Brasil não teve isso, a editora destaca que a mídia como um todo assumiu a função de ensinar o básico, de como se proteger frente ao novo vírus.

A partir dos últimos relatos, é interessante destacar a importância e a necessidade de apresentar determinados assuntos relacionados à pandemia, reforçando-os ao longo do tempo. Foi uma decisão importante tomada pelos profissionais que tiveram esse trato com a informação, porque esse é o papel do Jornalismo. Muitas informações falsas circularam e a tarefa dos profissionais foi verificar esses fatos todos os dias. Nesse sentido, Lazzari (2021) relata que mesmo que as dúvidas sobre a covid-19 tivessem sido sanadas na semana anterior, os mesmos questionamentos apareciam. Segundo ela, até hoje existem muitas pessoas que ainda não compreenderam algumas questões que envolvem a pandemia. Isso reforça a relevância do conteúdo e a diferença que a apresentação de reportagens, quadros e entrevistas sobre o tema fez e ainda faz na vida do público que acompanha o telejornal.

Além desses aspectos de cuidados sanitários para evitar a contaminação, a apresentadora pontua que nas entrevistas foram abordadas também questões relacionadas à saúde mental, tema pertinente para o momento. Outro tema amplamente apresentado foi relacionado ao lado econômico, já que muitas pessoas tiveram dificuldades financeiras no período.

**SL:** O Bom Dia Rio Grande é um jornal para prestação de serviço por excelência, então era para orientar as pessoas sobre como viver nos mais diversos aspectos aquele período tão duro, assustador, enquanto a gente também tava vivendo aquilo, está ainda, mas é que agora a gente aprendeu mais (LAZZARI, 2021).

É importante abordar estes temas, já que em muitos momentos viu-se comentários em redes sociais e manifestações do público sobre a quantidade de notícias sobre a pandemia da covid-19. As pessoas afirmavam estarem cansadas de ligar a televisão, abrir o jornal, escutar o rádio ou até mesmo acessar sites e apenas observar reportagens voltadas ao assunto. Entretanto, assim como já foi salientado, esse é o papel do Jornalismo, de prestar um serviço à população. Nesse caso, mantendo-a informada sobre o assunto e orientando as pessoas sobre como conviver

em uma sociedade que luta contra um vírus.

No *corpus* da pesquisa foi possível perceber a quantidade de reportagens voltadas à pandemia. As matérias analisadas abordaram a atualização de casos confirmados na Serra, construção de novos leitos, a aproximação de pais e filhos na quarentena e depoimentos de profissionais da saúde. Este último é um exemplo de conteúdo criado em meio à pandemia. Trata-se do quadro 'Vozes da pandemia', onde profissionais da saúde relatam os desafios para enfrentar o coronavírus nos hospitais.

No episódio analisado, do dia 8 de março de 2021, Isamara Silva dos Santos, que trabalha no Setor de Higienização do Hospital Virvi Ramos em Caxias do Sul, falou sobre como estava a situação dentro da instituição de saúde.

Figura 2 – Quadro 'Vozes da pandemia'



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 08 mar, 2021).

A partir dos pontos analisados até aqui, percebe-se a preocupação da produção do telejornal em informar a população e mostrar qual era a real situação enfrentada nos hospitais. Fazendo um apelo aos telespectadores, para que se cuidem diante da pandemia. Na decupagem analisada, por exemplo, a profissional pediu que as pessoas não saíssem de casa se não tivessem necessidade, salientou o uso da máscara e a higienização das mãos. No final do depoimento, Isa Mara Silva dos

Santos afirmou: “nós que estamos aqui trabalhando, fazendo de tudo por sua família, por suas pessoas que estão aqui dentro” (BOM DIA RIO GRANDE, 8 mar. 2021).

O que é possível observar no Bom Dia Rio Grande com a apresentação deste quadro é o espaço de fala destinado às pessoas envolvidas com a pandemia. O Jornalismo sempre teve essa característica de dar voz às pessoas, mas mesmo assim, nesse período foi diferente. A própria Isa Mara durante o seu trabalho, em meio a uma das maiores crises sanitárias vividas no país e no mundo, falou com quem estava assistindo ao telejornal. Foi concedida a oportunidade de ela mostrar um pouco do que vivia e do que era importante que as pessoas fizessem para minimizar a grave situação. O diferencial existiu, nesse caso de pandemia, porque os jornalistas não puderam acessar os hospitais para fazer as entrevistas, pois eram ambientes de risco. Apesar disso, a produção encontrou outros modos de fazer com que a informação chegasse às pessoas, foi preciso contar com o apoio das fontes mais do que nunca para veicular formatos diferenciados como esse.

Apesar de admitir que em alguns momentos a produção focou totalmente na pandemia, Pessin (2021) ressalta que aos poucos, quando a cenário começou a melhorar, o programa buscou ativamente outros temas também. Claro que sempre retornando com intensidade ao assunto em momentos de piora na situação.

**MP:** Foi muito nessa batida até que a gente criou o quadro “Mãos à obra”, pra ok, estamos cansados do assunto “x”, os assuntos “y” e “z” não estão acontecendo tanto, então vamos buscar um conteúdo completamente diferente que a gente não tinha. Se tentou fazer essa busca, mas em alguns momentos, mesmo sabendo da rejeição, a gente achou que jornalisticamente a gente tinha o dever de seguir tratando dele (PESSIN, 2021).

Os novos conteúdos criados foram alternativas, já que determinados temas deixaram de fazer parte do espelho do jornal e outros dominavam o noticiário. Mesmo que já tenha sido abordada a importância de noticiar fatos relacionados à covid-19, não se pode deixar de lado o fato de que as pessoas também precisavam se distrair em alguns momentos. E foi com esse foco que o Bom Dia Rio Grande iniciou o ‘Mãos à obra’. No começo, ensinou-se a fazer máscaras, por exemplo, mas depois os segmentos se ampliaram, desde aprender a pintar paredes até plantar e cuidar de flores, já que as pessoas estavam mais em casa.

Outra mudança foi a ampliação do Bom Dia Rio Grande, que ganhou meia hora a mais no início da pandemia e essa segue sendo a duração do programa até hoje.



Com isso, nos primeiros meses da mudança, a Globo tinha um plantão contínuo sobre o coronavírus. Hoje, a programação voltou ao normal, mas continua com esse tempo a mais no telejornal matinal da RBS TV. Devido a essa mudança, segundo Pessin (2021), foi preciso garantir que mais conteúdos fossem produzidos, e nesse caso, o programa focou no serviço. Essa ampliação reforça a importância do veículo de comunicação para levar as informações até as pessoas sobre a pandemia, o que pode ser observado no capítulo quatro, quando os autores abordam este tema.

Foi apresentada uma pesquisa por Melo et al. (2020), da *Reuters Institute Digital News Report*, que mostrou que no contexto da covid-19 houve uma revalorização da mídia tradicional brasileira, especialmente a televisão. Os autores ligam a esse fato a ampliação da programação ao vivo da Rede Globo com teor jornalístico entre segunda a sexta-feira. Além disso, segundo dado do Painel Nacional de Televisão (PNT), na faixa de horário compreendida entre as 4h e 15h, a audiência aumentou 22%.

A autora Silva (2020) também se fundamentou em dados para evidenciar a credibilidade do meio de comunicação. Segundo ela, uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) revelou que a conexão da sociedade com a televisão no Brasil teve um crescimento de 20% durante a pandemia. Além disso, dados do Data Folha mostraram que os programas jornalísticos da televisão foram vistos como um dos meios mais confiáveis por 61% dos entrevistados, contra jornais impressos (56%), rádio (50%) e sites de notícias (38%). Já as redes sociais *WhatsApp* e *Facebook* chegaram a 12% cada. Tais dados são fundamentais para demonstrar a importância do meio em momentos como a pandemia, que exigiu muito cuidado com a informação, já que se trata de saúde pública. A partir dos dados, Silva (2020) afirma que a televisão sempre gerou credibilidade, mas perdeu seu espaço nos últimos anos. Entretanto, com a pandemia, houve uma revalorização do meio, devido aos dados confiáveis e à apuração das notícias.

Percebe-se que apesar das pessoas dizerem estar cansadas do tema, era em veículos de comunicação tradicionais como a televisão que buscavam a informação. Isso demonstra a necessidade em focar no tema, mesmo que tenha parecido cansativo, pois foi importante para auxiliar o público na prevenção à doença.

Além do conteúdo, faz parte do processo de produção, a rotina dos profissionais, que foi totalmente afetada durante a pandemia da covid-19, trazendo mudanças na forma de se fazer Jornalismo. “Na rotina de produção, a primeira coisa que a gente percebeu foi a distância física” (LAZZARI, 2021). A apresentadora conta que primeiro

lugar as redações passaram por separações. O setor do Esporte, por exemplo, encaminhou-se para casa no trabalho *home office*. E assim foram muitos outros profissionais no decorrer dos dias.

A apresentadora Daniela Ungaretti afirma, em entrevista à pesquisadora, que os impactos foram muitos. Dentre eles, ela cita, assim como Simone, a perda do convívio da redação. O deslocamento de profissionais de diversas funções para *home office* fez com que a equipe aprendesse a trabalhar à distância. Segundo Ungaretti (2021), “foi difícil no início, porque TV é trabalho em equipe, nós dependemos um do trabalho do outro pra ter o resultado final. Não se faz nada sozinho”. O maior dos impactos, segundo a jornalista, relaciona-se com o *home office*, pois os próprios repórteres de rua precisaram ficar em suas casas fazendo as entradas ao vivo. Para ela, essa foi a mudança mais significativa, pois o Bom Dia Rio Grande é um telejornal feito basicamente ao vivo, que de repente não pode mais mostrar as ruas, estar no local dos fatos e deixou de ter a interação com as pessoas.

Sem dúvidas, essa mudança causou grande impacto não só aos profissionais, mas também ao público, que estava acostumado com outro padrão de conteúdo jornalístico, com a presença do repórter nos fatos. A opinião da repórter Tainara Alba vai ao encontro das apresentadoras. Ela afirma em entrevista à pesquisadora, que o principal desafio dos produtores foi fazer o trabalho *home office* e com equipe presencial reduzida e distanciada. Sobre a produção realizada de casa, Alba (2021) afirma que “a velocidade da comunicação e da edição de parte dos materiais passou a depender da velocidade da *Internet*”.

Acerca dos problemas relacionados com a *Internet*, Alba (2021) reforça que a tecnologia pode ser uma grande aliada do Jornalismo quebrando barreiras físicas e possibilitando o contato com autoridades e especialistas de outras localidades, porém não é capaz de substituir as vantagens do contato presencial, que são “o ‘olho no olho’, o aperto de mão, a descontração, a intimidade, etc” (ALBA, 2021). A agilidade que a *Internet* possibilita contribui sem dúvidas com a rotina de produção jornalística, possibilitando que mais conteúdos fiquem disponíveis para os programas. No modo *online*, no caso da repórter, não é preciso se deslocar, estacionar, montar equipamento, enquadrar e gravar. Tudo isso se resume em alguns cliques. Mas claro que além das perdas no sentido de proximidade, estão as sequelas nas entrevistas devido às oscilações no sinal de *Internet*: “corte de áudio em palavras importantes no contexto da fala do entrevistado; congelamento de imagem do entrevistado; baixa

qualidade da imagem da entrevista; voz do entrevistado robotizada, com eco ou travada; etc” (ALBA, 2021). Os dois lados existiram, no caso do positivo, em relação à rapidez em conseguir as informações e também no ganho de tempo, sem os deslocamentos que eram realizados antes, devido às entrevistas presenciais.

A respeito destas mudanças na rotina, Alba (2021) destaca que em Bento Gonçalves já trabalhava sozinha antes da pandemia, dessa forma, a sua casa acabava sendo sua sede e, desse modo, precisava separar o espaço físico profissional do espaço físico particular. Entretanto, devido à covid-19, a novidade foi conciliar as entradas ao vivo dentro de casa, que antes eram feitas externamente, com a rotina de quem vive sob o mesmo teto: seu noivo, Vitor Hugo, e sua cachorra, Tina, que por ser um animal de estimação, é completamente imprevisível.

**TA:** Me sentia desconfortável quando fazia entradas ao vivo no começo do Bom Dia Rio Grande, devido ao horário. Se meu noivo ainda estivesse dormindo (ele não se importava e era muito compreensível), eu cuidava pra não fazer muito barulho e me sentia inconveniente, pois era o horário de descanso dele e, sem querer, eu estava atrapalhando. Com o tempo, os telespectadores foram se acostumando com o fato de que os repórteres estavam em casa e coisas normais da rotina de uma família poderiam acabar fazendo parte das entradas ao vivo (ALBA, 2021).

Percebe-se que realizar o trabalho de casa requer muito ‘jogo de cintura’. Claro, foi algo imprescindível tendo em vista o cenário pandêmico, porém, acabou impactando a rotina dos profissionais e de seus familiares. Alba (2021) também relata que vários repórteres apresentaram os seus pets em algum momento, inclusive ela, que apresentou sua vira-lata em uma entrada ao vivo sobre adoção de animais. Além disso, foram ouvidos choros e gritos de crianças ao chamarem seus pais ou casos em que algum familiar esqueceu que a câmera estava em determinado ângulo e caminhou pela casa, compondo o cenário.

**TA:** Tudo isso gerou alguma preocupação momentânea, tirou um pouco da concentração, mas também teve um efeito positivo que foi a aproximação com o telespectador. Muita gente se identificou com detalhes da vida pessoal de quem passou a aparecer na tela da TV, em casa (ALBA, 2021).

Além de analisar os impactos negativos, é importante abordar os positivos. Essa aproximação com os jornalistas jamais seria possível antes, sem o *home office*. A partir da análise sobre alguns pontos que envolvem a rotina de produção, percebe-se que apesar das mudanças, o trabalho continuou sendo desempenhado da melhor

forma.

Figura 3 – Entrada ao vivo durante *home office* sobre mortes por Coronavírus em hospitais psiquiátricos



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 11 ago, 2020).

No *corpus*, na reportagem quatro, *Hospitais psiquiátricos de Porto Alegre registram nove mortes por coronavírus*, a repórter Nathalia King fez sua entrada ao vivo de dentro de casa. E mesmo nesse formato, é possível verificar um conteúdo completo, com levantamento de dados confiáveis e sonora de psicólogo falando sobre o tema, apesar de tudo ter sido produzido à distância. A respeito disso, Lazzari (2021) afirma que não existia preocupação com os repórteres no sentido de dar conta da apuração das informações à distância e fora da redação, pois sempre se confiou na equipe. Segundo ela, “o profissional que é um bom repórter trabalhando na redação ou na rua, continua sendo um bom repórter na casa dele. O trato dele com a informação é o mesmo” (LAZZARI, 2021).

O modo de produzir reportagens passou por adaptações, mas como Lazzari (2021) disse a essência do trabalho do jornalista permanece independentemente das condições de realizá-lo. A forma como ele trabalha os fatos, os questionamentos que faz às fontes seguirão os mesmos, apesar da rotina estar diferente e impactar alguns processos.

Outra mudança na produção está relacionada à apuração e ao fazer jornalístico. Segundo Pessin (2021), o Bom Dia Rio Grande sempre se caracterizou como um jornal que está presente nas ruas mostrando o que está acontecendo, além de estar próximo das pessoas, revelando seus problemas e tentando buscar formas de resolvê-los. Com a chegada da pandemia, tudo isso precisou ser repensado, pois a forma como o processo era realizado antes já não fazia mais sentido em meio à situação vivida, que exigia distanciamento social.

**MP:** A gente não poderia estar nas ruas onde estava o coronavírus, a gente não poderia estar próximo das pessoas para não sermos um vetor da doença e não darmos mau exemplo e também não nos contaminarmos, porque cuidamos muito da segurança das nossas equipes. Então, ele teve que ser repensado inteiramente (PESSIN, 2021).

Nesse período, conforme foi relatado nas entrevistas, a participação de repórteres dentro dos ônibus, por exemplo, mostrando a situação do transporte público, precisou ser deixada de lado. E é algo que era muito característico do programa, mas que ainda não retornou. Além de revelar essas mudanças que afetaram consideravelmente o programa, é importante ressaltar os pontos positivos, os avanços que essas novas formas de trabalho possibilitaram.

**SL:** Eu acho até que o que aconteceu foi que todo mundo aprendeu mais e melhorou, mas as suas habilidades até mesmo para buscar informação, porque também a forma de fazer contato com as fontes é tudo remoto, já era antes por telefone, mensagem. Tu ir falar com alguém em algum lugar era mais raro, era uma coisa assim mais especial, mas a gente fazia ainda. Agora não, foi tudo ficando mais desse novo jeito da gente se comunicar, a gente só cresceu nisso, no domínio das formas de se comunicar. (LAZZARI, 2021).

A fala de Lazzari (2021) é muito importante no sentido de reconhecer as melhorias que o profissional precisou realizar para continuar trabalhando. E, nesse caso, até foi possível ultrapassar algumas fronteiras, encontrando novas maneiras de chegar até as fontes.

Entretanto, o que se perdeu durante a pandemia no exercício da profissão, de acordo com Pessin (2021), foi o acompanhamento do repórter do assunto *in loco* e a sua impressão sobre o fato. “Uma coisa é tu passar uma informação de algo que tu apurou pelo telefone, outra coisa é tu passar uma informação de algo que está acontecendo do teu lado, que tu tá vendo, que tu tá sentindo” (PESSIN, 2021). Todos os profissionais envolvidos com a produção precisaram se adaptar a essas mudanças

que não vão ao encontro do que seria ideal teoricamente para a prática do Jornalismo.

No capítulo três, Bistane e Bacellar (2008) destacam que no processo de apuração da reportagem diversos profissionais se envolvem, cada um com sua função: a equipe técnica garante a qualidade da imagem e do som, o editor acerta o texto com o repórter e atualiza as informações, e o cinegrafista escolhe o melhor enquadramento. Muitos repórteres da RBS TV estavam acostumados a ir à campo com uma equipe e, com o trabalho em *home office*, precisaram aprender a desempenhar suas funções sozinhos, mesmo que tivessem grande auxílio da equipe técnica da televisão.

Nesse sentido de realizar o trabalho distante da redação ou até mesmo aqueles que estavam no modo presencial, mas precisaram desempenhar suas funções longe dos colegas, é possível perceber que se tratou de uma grande adaptação, com diversos impactos na rotina. Entretanto, a partir dos dados analisados e dos depoimentos coletados, pode-se destacar que o trabalho foi feito com muita seriedade e qualidade dentro da realidade apresentada. Assim como afirmou Pessin (2021), saliento há um diferencial em presenciar o fato para noticiá-lo, porém, em alguns momentos, é preciso mudar as estratégias.

Além da questão da qualidade do conteúdo, existe o lado estético, já que muitos jornalistas deixaram de ter as ruas e locais relacionados ao que estavam falando no fundo de sua imagem. Lazzari (2021) afirma que a preocupação em relação às entradas ao vivo foi nesse sentido de som, imagem e iluminação, que também interferem na comunicação. O cenário não pode ser poluído, mas também não é positivo ter apenas uma parede branca sem profundidade no fundo. Pessin (2021) vai ao encontro de Lazzari (2021) afirmando que o mais difícil para os repórteres foi esse fato de entrar de suas casas, um cenário que não tem muitas possibilidades como a rua e que não tem o mesmo amparo técnico das entradas ao vivo externas. Nelas, os cinegrafistas encontravam o melhor ângulo, luz, enquadramento, ainda ajustando a qualidade do som e verificando a conexão para realizar a transmissão ao vivo. Com o trabalho de casa, todas essas questões ficam a cargo do repórter que precisa encontrar maneiras de entregar um bom material. Esse é um grande ponto em relação ao *home office*.

A imagem, sem dúvidas é imprescindível no Jornalismo de televisão. No capítulo quatro, Paternostro (2006) abordou a sua importância ao afirmar que a preocupação é garantir que o texto e a imagem caminhem juntos. Bistane e Bacellar (2008) também

destacaram a força da imagem no Jornalismo audiovisual ao dar credibilidade à notícia. Segundo as autoras, uma imagem é capaz de garantir a veiculação de um assunto, mas por outro lado, afirmam que a falta dela não pode ser motivo de exclusão. Alba (2021) aborda importância da imagem para o telejornalismo no sentido de “tenho que ver para crer”. Segundo ela, as pessoas associam a imagem como uma prova, por isso que ela tem um poder tão grandioso especialmente no Jornalismo de televisão.

No capítulo cinco, Moreira e Lima (2020) pontuam como mudanças observadas na pandemia, o uso de imagens de baixa qualidade, com gravações a partir de videochamadas usando câmeras de celular. Siqueira, Dias e Bandeira (2020) salientam que, neste sentido, muitos paradigmas foram quebrados no telejornalismo durante a pandemia. Isso em relação à utilização de fotos e vídeos de baixa qualidade ou então à montagem de um VT só com imagens enviadas pelas próprias fontes. O celular acabou sendo um grande aliado, tendo o lado bom, que é trazer a informação para o telespectador, e o ônus, que é a perda de qualidade no produto final. Porém, os autores afirmam que o objetivo principal, que é informar a população por meio das notícias, é alcançado, independentemente de questões que envolvam a qualidade da imagem.

Assim como foi possível perceber no capítulo três, na produção de reportagens audiovisuais sempre se prezou muito pela qualidade das imagens, mas durante a pandemia os jornalistas precisaram optar pela apresentação da informação independente disso. Lazzari (2021) afirma que mesmo não tendo as melhores condições técnicas continuaram informando as pessoas de forma clara e correta, defendendo a ciência. Segundo ela, “sem dúvidas, a informação vale mais do que a qualidade perfeita de áudio e de vídeo. Elas são importantes também, mas a informação vem em primeiro lugar” (LAZZARI, 2021). A apresentadora Ungaretti (2021) tem a mesma opinião e afirma que abriram mão da qualidade da imagem e do som para poder continuar informando. Isso sem perder a essência do bom Jornalismo, com apuração criteriosa, correta, busca da verdade, do esclarecimento e combate às *fake news*.

O principal papel é trazer a informação precisa, independentemente da qualidade da imagem. Claro que esse é um grande diferencial dos telejornais e demais programas audiovisuais, mas ao colocar na balança um fato muito importante de um lado e uma imagem com baixa qualidade do outro, sem dúvidas a informação sempre

pesará mais. No próprio capítulo quatro, Bistane e Bacellar (2008) ressaltaram isso, informando que em casos de vídeos impossíveis de serem apresentados se recorre a uma nota lida pelo apresentador, mas jamais se deixa de divulgar uma informação relevante, que se adeque aos critérios de noticiabilidade.

Figura 4 – Imagens gravadas pelas fontes



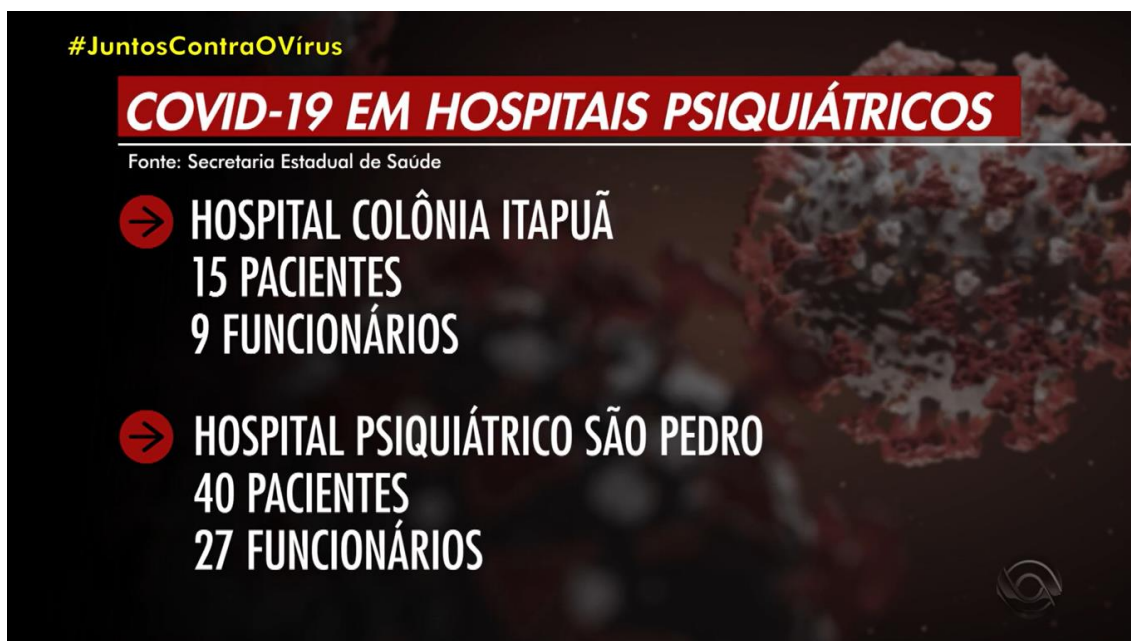
Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 07 ago, 2020).

Na imagem acima, pode-se observar um vídeo fora dos padrões presente na reportagem três, *Pais e filhos se aproximam durante a quarentena no RS*. A RBS TV, segundo Pessin (2021), sempre foi conhecida pela qualidade de sua imagem, mas, na pandemia, a emissora entendeu que não manteria esse padrão em nome da informação que precisava passar. Foram aceitos vídeos na vertical, como o da figura acima, que tem características de redes sociais e não de televisão, além de vídeos que antes não teriam qualidade suficiente para ir ao ar, e foram permitidas até mesmo fotos para ilustrar. Nestes momentos foi preciso contar com o auxílio das fontes e demais pessoas envolvidas com os assuntos que iriam ao ar para gravarem as imagens. Um efeito dessa falta de recursos audiovisuais foi o aumento do uso das artes gráficas. Alba (2021) também destaca que os conteúdos sobre a pandemia passaram a ganhar mais elementos, como gráficos, telas, artes, entrevistas com



especialistas, reportagens mais didáticas, entre outros, com o objetivo de continuar informando, conscientizando e chamando a atenção das pessoas sobre a seriedade do assunto.

Figura 5 – Tela com os dados sobre a matéria a respeito dos casos de coronavírus em hospitais psiquiátricos de Porto Alegre



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 11 ago, 2020).

Figura 6 - Arte com dados de pesquisa divulgada na reportagem sobre a aproximação entre pais e filhos durante a quarentena



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 07 ago, 2020).

Esses recursos gráficos passaram a ser mais utilizados porque certas informações não tinham como ser ilustradas devido à dificuldade de acesso aos locais e informações por conta da pandemia. Por isso, para ilustrar as entradas ao vivo e demais reportagens, foram produzidas telas com os dados, de uma maneira atrativa e que facilitasse a compreensão por parte do público.

A falta de imagens fez com que os jornalistas contassem com o auxílio das fontes e demais telespectadores. Foram diversas situações, algumas em que foi possível utilizar os recursos e em outras, que a qualidade acabou impedindo. Alba (2021) comenta isso, mas apesar de tudo, salienta a importância do auxílio das pessoas.

Por várias vezes não foi possível aproveitar o material que recebemos, devido à baixa qualidade. Porém, na maioria das vezes, só foi possível noticiar determinados temas graças à ajuda de pessoas que se disponibilizaram a fazer parte do nosso trabalho, gravando imagens com o aparelho celular e nos enviando (raramente em alta resolução). Na edição, acredito que o desafio foi aceitar que muito conteúdo, que anteriormente não iria pro ar, neste momento era necessário pra continuar o trabalho (ALBA, 2021).

O desafio foi grande, seja para os jornalistas, editores ou até mesmo para as fontes e demais pessoas envolvidas com os assuntos, que precisaram enfrentar barreiras e aprender instantaneamente a desempenhar uma função que antes não sabiam. Já era algo complicado para alguns entrevistados aparecer e falar diante de uma câmera, com a pandemia, além disso, eles precisaram, muitas vezes, gravar o próprio depoimento e enviar para os repórteres, ou até mesmo, contar com a ajuda de algum familiar. Lazzari aborda essa questão ao afirmar que,

quando passou a depender do que as pessoas estavam mandando com seus equipamentos amadores, isso foi virando algo normal e natural e foi bem rápido porque o público entendeu isso bem rápido, por isso que ficou natural sabe (LAZZARI, 2021).

Os telespectadores acabaram compreendendo as adaptações e se acostumando com elas, pois como já foi dito, o objetivo principal que é levar a informação até a casa das pessoas acaba sendo alcançado independentemente de quem gravou e de como gravou as imagens.

Esse cuidado com as gravações, com as equipes evitando ir até a casa das pessoas, é apenas um dos tópicos relacionados às medidas de segurança impostas devido à pandemia. Todos os setores da sociedade precisaram seguir as indicações sanitárias que foram adotadas no país e isso também gerou diversos impactos na rotina do programa Bom Dia Rio Grande. Inicialmente, todo o planejamento diário foi alterado.

Quando a gente tava pensando no que íamos mostrar amanhã: ah, vamos mostrar o problema da casa tal que não tem água faz um mês, tá mas a gente não pode entrar na casa do fulano para falar da falta d'água. Ah, vamos ver se ele tem uma torneira no pátio para mostrar que ele abre a torneira e não sai água, tínhamos que ficar pensando nas coisas menores ao bolar uma pauta e não só nas relacionadas à pandemia, mas também nas outras (LAZZARI, 2021).

Além das preocupações que já existiam, por conta de todo o cenário vivido, era preciso pensar em todos os detalhes, evitando que os profissionais e os próprios entrevistados se arriscassem a uma contaminação. Pensando no dia a dia de quem trabalhou presencialmente desde o início, como os apresentadores, por exemplo, é importante destacar as mudanças experienciadas, além do próprio distanciamento físico dentro do estúdio.

Nossa rotina passou a incluir a limpeza com álcool do espaço ocupado por cada um de nós, o álcool gel em todos os cantos, o uso de máscara, os testes para detecção da doença. A necessidade de isolamento e distanciamento social teve um impacto avassalador também na nossa saúde mental. E foi muito triste ver, a cada dia, aumentar o número de pessoas doentes. Foi desesperador ver tanta gente morrer (UNGARETTI, 2021).

Mesmo que todos os processos fossem necessários, inicialmente foram criados certos estranhamentos. Lazzari (2021), por exemplo, afirmou que a rotina de passar álcool em todos os lugares e o uso da máscara a deixaram assustada no começo. Segundo ela, “era muita dúvida, medo e uma distância necessária, só que assim tudo de uma vez, né! Por mais que tu entenda que é para a nossa segurança, é um pouco traumático” (LAZZARI, 2021). Pode-se dizer que esses sentimentos foram vivenciados em todos os setores, já que a mudança atingiu o mundo inteiro de um modo rápido e gerou muitas incertezas e inseguranças.

No capítulo quatro, Andrade et al. (2020) afirmou que as mudanças na rotina de produção de conteúdos jornalísticos não foram incorporadas simultaneamente. Uma das primeiras foi a adoção de medidas de segurança. Conforme Silva (2020), para que o trabalho fosse realizado, as empresas deram suporte, além da criação de normas para assegurar a saúde de todos. Segundo ela, na emissora regional em Varginha, por exemplo, foi obrigatório o uso de máscara, álcool em gel e Equipamentos de Proteção Individual (EPI). Além disso, os equipamentos usados durante o serviço foram adaptados: microfones passaram a ser utilizados sem esponjinha e foi feita a higienização correta em câmeras, carros e equipamentos. Uma das questões importantes foi a recomendação da distância. Devido a isso, para evitarem sair da empresa, os profissionais criaram alternativas gravando passagens dentro ou próximo à emissora, entrevistas e apurações de forma online.

Segundo Pessin (2021), desde o início a RBS preocupou-se com os cuidados relacionados à covid-19. Todos os colaboradores foram obrigados, e ainda são, a usar máscara, além disso todos têm a temperatura medida e as mesas que antes ficavam lado a lado com distância menor que um metro, passaram a ter cerca de três metros de distância. Este foi o motivo da equipe ter saído da redação principal, por causa da falta de espaço. De acordo com a editora-chefe, “se espalhou pessoas por diferentes salas, equipes de programas e editorias inteiras passaram a trabalhar de casa” (PESSIN, 2021). As medidas foram essenciais a fim de seguir realizando o trabalho, apesar de terem sido impactantes, possibilitaram que o Jornalismo diário seguisse cumprindo seu papel.

No capítulo quatro, Siqueira, Dias e Bandeira (2020) afirmam que dentre as adaptações de segurança adotadas esteve a suspensão do uso do microfone de lapela em entrevistados para evitar o contato na colocação dos equipamentos. Nas ruas, as equipes de reportagem passaram a utilizar dois microfones de mão, sendo um para o repórter e o outro para o entrevistado. As entrevistas de estúdio foram suspensas por tempo indeterminado. A respeito dos reflexos das medidas de segurança, um dos produtores entrevistados na pesquisa de Siqueira, Dias e Bandeira (2020) destacam que a necessidade de higienizar o ambiente de trabalho provocou um relativo atraso no início das atividades jornalísticas, bem como a necessidade de pequenas pausas ao longo do expediente.

É possível perceber que os veículos de comunicação se preocuparam com a

saúde de todos os colaboradores ao impor as mudanças imediatamente. Estar nas ruas é essencial para o jornalista para desempenhar o seu papel, mas, naquele momento, o mais importante era preservar vidas. No capítulo quatro, Ferrareto e Morgado (2020) abordaram esse tema ao comparar os desafios enfrentados na pandemia, em relação à prática jornalística, com os da cobertura de uma guerra ou com os da atuação em zonas de conflitos urbanos entre autoridades policiais e criminosos. Eles afirmaram que “a regra básica é a mesma: a sobrevivência do profissional em primeiro lugar. Isso afeta um dos cânones da profissão: estar no palco do acontecimento para narrar as ações dos protagonistas com o máximo de detalhes possíveis” (FERRARETO e MORGADO, 2020, p.16).

Acerca disso, é importante salientar que o distanciamento que existiu, por muitas vezes, entre o jornalista e o fato, foi uma necessidade, uma questão de saúde. Entretanto, mesmo durante os períodos mais críticos, algumas entradas ao vivo foram feitas de forma externa. Claro, que isso só aconteceu no caso de os profissionais encontrarem um local onde se sentissem seguros e não estivessem expostos a riscos. Lazzari (2021) recorda que no começo muitos repórteres faziam suas entradas de casa. Com o tempo voltou-se a fazer produções da rua com o equipamento profissional. A apresentadora relembra a reação do público.

[..] eu me lembro de receber mensagens e até comentários de pessoas da minha família: aí, tá bom, tudo bem que o mais importante era dar a informação, mas eu não aguentava mais ver a parede da casa do fulano, ainda bem que agora ele voltou para rua e está fazendo a reportagem da rua de novo. É claro que as pessoas percebem isso e a gente gostaria de ter a melhor qualidade sempre, só que o mais importante é dar a informação. E o jornalismo é fundamental, foi e está sendo, para informar as pessoas durante a pandemia, é uma questão de saúde pública também, a prestação do nosso serviço, levar a orientação às pessoas (LAZZARI, 2021).

Com *feedbacks* como esse, nota-se a importância da presença do repórter nas ruas, vivendo os acontecimentos que informam ao público. Os impactos foram muito grandes para o exercício da profissão, com certeza os repórteres nunca imaginaram falar de um alagamento ou de um temporal, por exemplo, de dentro de sua sala de estar. O ofício chama esse profissional para a rua, para o local onde aquilo aconteceu, vendo o que aquelas pessoas estão passando e encontrando formas de ajuda-las por meio do Jornalismo. Tendo em vista essa importância, o último tópico a ser analisado nesta categoria é o das entradas externas em meio à pandemia.

A repórter Alba (2021) relembra como foi o início, quando tudo ainda estava

muito incerto. Segundo ela, como não se tinha certeza de quase nada e as orientações da Organização Mundial da Saúde mudavam frequentemente, os jornalistas foram para a rua realizar seus trabalhos, mas claro que com bastante medo. De acordo com a jornalista, a emissora reforçou os cuidados sanitários, orientou as equipes e deixou claro que a saúde era prioridade. Portanto, se os profissionais fossem para algum lugar e não se sentissem seguros, tinham total liberdade para se afastar e replanejar a cobertura.

**TA:** Pra mim, sempre existiu um conflito entre o que era prioridade minha (saúde), e o que era prioridade pras pessoas que iriam se informar pelo meu trabalho (a informação qualificada). Tive que avaliar muitas vezes como eu poderia fazer o meu trabalho, cuidando da minha saúde, sem comprometer a entrega das informações e imagens com qualidade. Em situações que a minha presença era indispensável (por exemplo: iríamos falar da lotação da UPA e ninguém estava disponível pra registrar algumas imagens) reforcei meus cuidados sanitários e me mantive distante da aglomeração, registrando imagens mais abertas (ALBA, 2021).

Figura 7 – Repórter Tainara Alba em entrada ao vivo externa em Bento Gonçalves



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 23 mar, 2020).

No exemplo acima, é possível perceber que no início da pandemia a repórter realizou entradas ao vivo externas. Nessa reportagem, ela falou sobre os casos de coronavírus na Serra em frente à Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Bento Gonçalves. Assim como Alba (2021) disse em seu depoimento, os repórteres sempre tiveram liberdade em relação a sua segurança. Pessin (2021) complementa este

assunto ao afirmar que os repórteres foram orientados ao longo da pandemia sobre a autonomia que tinham para decidir sobre sua segurança. Ela explica que “no momento que eles não se sentissem seguros numa situação na rua, achassem que estavam expostos, eles estavam autorizados a tomar a decisão de não ir em tal local, não entrar em tal lugar” (PESSIN, 2021). Esse foi o melhor comportamento que a emissora podia ter, escolher preservar a saúde de todos. Em um momento que se falou tanto em prevenção, nada melhor que os profissionais darem o exemplo e só irem às ruas quando era muito necessário e quando sentiam-se seguros.

É importante trazer a teoria a fim de realizar algumas reflexões referentes às rotinas normais da profissão que foram modificadas durante a pandemia. No capítulo três, Curado (2002) afirma que quando a equipe vai a campo a experiência permite que o repórter enxergue a matéria de um modo diferente de quem produziu a pauta. Seguindo a mesma linha, Bistane e Bacellar (2008) destacaram que o desafio diário do repórter é relatar os acontecimentos com precisão e síntese. Para isso, além de ouvir a história, eles precisam entendê-la o suficiente para poder contá-la, transmitindo o que há de relevante de forma atraente e inteligível.

Aqui é importante retomar algo que já foi dito anteriormente, que é a falta da presença do repórter para informar de uma forma mais completa. Mesmo que devido a toda a situação, foi preciso preservar a saúde, não se pode deixar de lado este impacto, que afeta consideravelmente a apuração da notícia. Ungaretti (2021) traz a visão de quem sentiu na pele as modificações e impactos que a pandemia trouxe. Segundo ela, era uma grande preocupação realizar as reportagens na rua, sendo que em momentos críticos, a orientação realmente era não sair. “É frustrante para quem é jornalista. Mas foi difícil e frustrante para toda a população. Conosco não foi diferente” (UNGARETTI, 2021).

Pessin (2021) explica que em cada entrevista era pensado se seria necessário fazer presencialmente ou se podia realizá-la da própria TV, via aplicativos online. Desse modo, as entrevistas com especialistas em saúde, por exemplo, passaram a ser feitas via *Internet*. Já as que abordavam algo factual, como um protesto de caminhoneiros, passou a se avaliar caso a caso. Nessas situações, em que se decidia entrevistar presencialmente, utilizava-se um extensor de microfone, além das máscaras.

**MP:** [...] passou a se higienizar todos os equipamentos antes de sair da TV e depois de voltar pra TV, passou a se pensar pauta a pauta se tinha a necessidade de o repórter ir até tal local onde o fato estava acontecendo [...] se valia ele estar na rua, se valia estar na rua à distância, na rua na mesma parada, isso tudo passou a se avaliar pauta a pauta e antes disso era meio livre, o repórter ia para a rua e tomava essa decisão. Agora, passou a se avaliar caso a caso sempre pensando na segurança das equipes e, assim, muito recentemente, agora é que todos os repórteres estão voltando, uma coisa da semana passada, os repórteres voltaram a atuar todos presencialmente, porque até então tinham sempre repórteres em casa para diminuir o fluxo das equipes (PESSIN, 2021).

Pensando nesse caso de optar pelas entrevistas online, no capítulo quatro, Moreira e Lima (2020) afirmaram que a chegada da covid-19 intensificou a apuração via aplicativos e redes sociais, ferramentas que se tornaram essenciais no trabalho dos repórteres. Para as pesquisadoras, a antiga imagem de que o repórter é aquele que está em busca das informações nas ruas começa a ser modificada pelas novas práticas.

Ao avançar um pouco, abordando o retorno de grande parte da equipe às ruas, Lazzari (2021) relata que primeiramente vieram os protocolos de higienização dos veículos e cuidados com as equipes de reportagem para que ficassem sempre as mesmas na escala. Dentro do carro era preciso ficar com o vidro aberto, usar álcool gel e máscara. O trabalho antes da apuração era criterioso no sentido de pensar em alternativas devido aos protocolos que deviam ser seguidos. Segundo Lazzari (2021), “teve problemas, teve coisas que foram ao ar não seguindo as normas, teve porque estávamos aprendendo também”.

A sensação de retorno, para Alba (2021), foi um misto de alívio e insegurança. Um alívio, por poder voltar a se aproximar das pessoas; poder sair e trabalhar sem depender da colaboração e do tempo de outras pessoas; poder estar presencialmente nos locais, verificando as pautas, mostrando o movimento pros telespectadores em tempo real. Ao mesmo tempo, a jornalista afirma que sentiu algumas incertezas sobre a segurança, já que é complicado trabalhar sem ter contato com as pessoas.

**TA:** sem dúvida, o retorno foi muito positivo pro jornalismo, afinal “lugar de repórter é na rua” - já dizia Ricardo Kotscho. Um dos papéis importantes do repórter é justamente “levar” o telespectador a lugares que, no momento, ele não pode ir sozinho, contar e mostrar os fatos. Isso só é possível com a presença (ALBA, 2021).



Acerca das mudanças, pode-se afirmar que algumas até poderão permanecer, e isso será abordado na última categoria da análise, porém, características do Jornalismo, como o fato de presenciar os acontecimentos para depois conseguir relatá-los ao público dificilmente serão esquecidas ou substituídas por novas práticas.

## 6.2 PROGRAMA AO VIVO

Assim como a produção, o programa ao vivo sofreu adaptações devido à pandemia da covid-19. É importante apresentar a realização de entrevistas ao vivo por meio de aplicativos online. Silva (2020), relatou no capítulo quatro, que para evitarem sair da empresa os profissionais criaram alternativas como realizar entrevistas de forma online. E na TV Correio, sediada em João Pessoa, na Paraíba, segundo Siqueira, Dias e Bandeira (2020), dois dias depois da confirmação do primeiro caso de coronavírus no Estado, no dia 20 de março de 2020, a emissora determinou que todas as entrevistas de estúdio fossem suspensas por tempo indeterminado a fim de reduzir o fluxo de pessoas na emissora.

No programa Bom Dia Rio Grande não foi diferente. E o maior impacto levantado pelas entrevistadas é a oscilação do sinal de *Internet*, o que exigiu ainda mais habilidade e agilidade para replanejar o conteúdo seguinte, caso o contato com o entrevistado fosse interrompido. Pessin (2021) respondeu, aos risos, que enfrentar as quedas de sinal foi algo “louco”. Ela explicou que o programa sempre teve imprevistos por ter muitas entradas ao vivo. Eram desde variações do sinal até o caso de entrevistados que não chegavam no lugar combinado. Ela trouxe um caso em que a secretária de Educação não conseguia conectar-se à *Internet* num dia em que tinham sido reservados quinze minutos do jornal para a fala dela.

**MP:** A gente vai aprendendo quase diariamente com esses imprevistos. Inicialmente nós fazíamos entrevistas por *Skype*, aí depois começamos a fazer por *Teams* também e aí a gente percebeu que às vezes nenhum desses aplicativos, por motivos que a gente desconhece, davam conta, e a gente meio que aprendeu no ar a fazer entrevistas via *Google Meet* e também já fizemos via *Zoom*, mas todas essas decisões sendo tomadas na hora porque o plano A, B, C e D deram errado, então vamos para o E, para o F, quantos forem necessários (PESSIN, 2021).

Mais uma vez, a equipe soube se adaptar ao que estava sendo vivido, encontrando a cada dia novas estratégias. Isso foi primordial para que o conteúdo fosse transmitido independentemente das normas sanitárias que impediam aquele contato mais presencial de ir até os locais e entrevistar as pessoas. Os problemas sem dúvidas existiram e isso vai continuar acontecendo, pois a *Internet* e suas quedas de sinal são imprevisíveis. Pensando nos recursos encontrados durante o programa, Pessin (2021) trouxe mais um exemplo. Em uma das edições, o secretário da Saúde de Porto Alegre não conseguia acessar a entrevista online e o programa tinha uma equipe num posto de saúde. Então a solução foi o secretário ir até o local. Para o repórter não ficar próximo na entrevista, seguindo as normas do distanciamento, foi colocado apenas o equipamento no entrevistado, que se comunicou diretamente com os apresentadores que estavam no estúdio. E essa é uma característica do Bom Dia Rio Grande, um programa ao vivo em que imprevistos acontecem e é preciso aprender a cada dia a superar os obstáculos.

No *corpus* da pesquisa, a entrevista ao vivo analisada contou com um desses imprevistos. Foi no dia 8 de março de 2021, Dia Internacional da Mulher, em que como forma de homenagem, foi convidada a diretora-presidente do Hospital de Clínicas, Nadine Clausell. No meio da entrevista, a apresentadora Daniela Ungaretti precisou lidar com uma queda do sinal da *Internet* da entrevistada.

**NC:** então, é como tivesse um caminhão em alta velocidade e colocar um freio, tentar colocar um freio, demora, tem um arrasto....

O sinal da entrevistada começa a cair e a imagem dela fica congelada na tela. Câmera abre para o estúdio.

**DU:** Bom que pena, né, a gente teve um problema aí no sinal de Internet, travou o sinal da doutora Nadine, será que ela consegue continuar?

Sinal volta durante a fala da entrevistada.

**NC:** ...nessa cidade, se imagina em torno de três, quatro semanas pra que a gente possa observar alguma redução, infelizmente isso também tá proporcional à intensidade das medidas, vamos deixar bem claro, nós não estamos trabalhando com lockdown aqui, né, as pessoas ficam falando [...] (BOM DIA RIO GRANDE, 08 mar 2021).

Figura 8 – Queda de sinal durante entrevista ao vivo



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 08 mar, 2021).

Nesse caso, foi possível perceber que a apresentadora soube manter a calma frente ao problema que surgiu em um momento em que o programa estava ao vivo para milhares de pessoas. Sobre situações como essa, Ungaretti (2021) relata que foi um desafio “aprender a interagir pelo virtual, ter jogo de cintura para lidar com os imprevistos e problemas técnicos que diariamente nos desafiavam, apesar de toda a estrutura gigantesca da TV”. O seu depoimento vai ao encontro do que foi visto na entrevista acima, pois a jornalista salienta que o importante é agir com tranquilidade, naturalidade e explicar ao público o que aconteceu e como pretendia-se resolver.

**DU:** Não deu certo? Pedimos desculpas e seguimos adiante! A transparência foi fundamental para termos a compreensão do público, que, como telespectador, também enfrentou esse processo de aprendizado e adaptação. No fim, acredito que conseguimos cumprir com louvor nossa missão (UNGARETTI, 2021).

As apresentadoras estavam acostumadas com o ‘ao vivo’, mas comunicando-se com repórter por transmissão via *Internet*. Sendo assim, ao acontecer um problema, o próprio repórter tem maior consciência do fato e já encontra uma alternativa, seja recomeçar, ou já avisar que o sinal está fraco. Lazzari (2021) faz essa comparação ao afirmar que

passamos agora a não ter mais o repórter no meio do caminho e conversar diretamente com o entrevistado. E aí tem entrevistados de todos os tipos, tinha a questão da pessoa que não sabia usar bem e aí a gente marcando a entrevista e tinha que ajudar a pessoa: olha, tu já tem *Skype*? Sabe baixar? Sabe como funciona o *Google Meet*? Tem conta no *Gmail*? Essas coisas assim (LAZZARI, 2021).

É válido destacar que foi algo que atingiu não só o Jornalismo, mas diversos setores da sociedade que precisaram substituir os encontros presenciais, sejam reuniões de equipe, conversas entre amigos e até mesmo comemorações, por ligações via aplicativos online. Um exemplo dessa adaptação foi trazido pela própria Lazzari (2021) que destacou que o seu colega, o jornalista Léo Saballa Jr., estava marcando uma entrevista para o dia seguinte com um vereador. Quando o apresentador perguntou por qual plataforma ele preferia fazer, o entrevistado foi enfático ao dizer: “tenho tudo isso aí, por onde tu quiser eu faço, eu tenho *Skype*, *Teams*, *Zoom*, me diz o que é melhor para vocês. O cara já está tão acostumado também que disse que já tinha tudo e podia ser por qualquer uma das plataformas” (LAZZARI, 2021). Isso demonstra que realmente essa foi uma mudança que não afetou apenas o Jornalismo e o programa em si, mas as formas de se relacionar da sociedade.

Nesse sentido, é importante analisar também a aceitação do público a partir dos depoimentos das entrevistadas. Todos estavam acostumados com um formato de entrevista e, depois da pandemia, precisaram se adaptar também a novas maneiras. Ao ser questionada sobre isso, Pessin (2021) salientou que não tem análises aprofundadas sobre como o público passou a ver essa entrevista. Porém, existem algumas impressões de opiniões que chegaram para a equipe.

**MP:** Eu acho que no início o público encarou meio mal, porque assim, o público estava em casa trancado, vendo pessoas de suas casas num cenário que não era o mais bonito, às vezes não era o mais adequado, às vezes não era o mais interessante. Porque quando tu faz entrevista com uma pessoa em casa tu pode até orientar: sobe ou desce a câmera para aparecer tua testa, mas tu não pode dizer pra ela mudar o cenário da casa dela: tira aquele quadro dali, (risos) pinta a parede de outra cor, então tu tem uma ingerência até certo ponto (PESSIN, 2021).

O impacto inicial gerou estranhamento, mas, atualmente, essa forma de comunicação está presente na vida de todos. Essas questões visuais, que também comunicam, são importantes no telejornal e fugiram do controle do Jornalismo, como afirmou a editora. Era impossível, por exemplo, pedir que o entrevistado modificasse o cenário da sua casa, para ficar mais harmonioso no vídeo. Entretanto, apesar desses fatos, Pessin (2021) acredita que as pessoas já estão aceitando bem. Lazzari (2021) concorda ao afirmar que as pessoas até entenderam, porque isso ficou algo generalizado: eram as entrevistas, os repórteres e os comentaristas também em casa.

**TA:** Passamos a ver a casa do Daniel Scola por dentro, as filhas dele fazendo barulho enquanto ele está falando, entrando no ar enquanto ele está falando inclusive. As pessoas foram entendendo e achando normal, eu acho, eu percebo (LAZZARI, 2021).

Na decupagem da reportagem sobre as mortes por coronavírus em hospitais psiquiátricos de Porto Alegre, a repórter Nathalia King fez sua entrada ao vivo de dentro de casa. No fundo apareceu uma estante de livros, um sofá e seu gato deitado em uma banqueteta. A entrada foi por meio da plataforma Skype, de acordo com o ícone observado no canto da tela. O que mais chamou a atenção, inclusive dos telespectadores que enviaram mensagens ao programa, foi a participação do gato da repórter, chamado Bento.

**SL:** A Nathalia tá em casa para se proteger do coronavírus também né, nesse revezamento que a gente tá fazendo com alguns repórteres trabalhando em casa, nessa semana é a Nathalia. Nathalia, já chegou até mensagem de gente comentando do teu gatinho ali no canto, é o Bento, te acompanhando?

**NK:** (Risos) É ele mesmo, Simone. Ele é muito companheiro, nesse home office, olha, ele tá comigo em todos os momentos. Aqui ó, acordou cedinho comigo, já tá na banquetinha dele, que é a banqueteta dele, essa aqui, já específica. Tá neste momento tomando um banho de gato (risos) e aparecendo aqui no Bom Dia, fazendo companhia pra todo mundo.

**SL:** Então tá, bom trabalho pra ti e pro Bento também então, que tá madrugando aqui com a gente no Bom Dia Rio Grande (BOM DIA RIO GRANDE, 2021).

Figura 9 – Postagem da repórter em suas redes sociais



Fonte: (Instagram, @kingnathalia, 11 ago, 2020).

A rotina dos repórteres mudou totalmente. Antes, o trabalho era na redação, não envolvia o espaço doméstico dos profissionais. Com o *home office*, as preocupações aumentaram, além de se organizar para trabalhar, apurar as informações, realizar as entrevistas e fazer a entrada ao vivo em si, é preciso preparar o cenário da casa, já que este espaço será mostrado para o público. Longe dos colegas da equipe e da redação, os jornalistas encontraram maneiras de seguir informando, porém, algumas questões de sua vida pessoal acabaram sendo expostas, exemplo disso é a situação citada acima. Quando se imaginou que os animais de estimação ou até mesmo os familiares pudessem fazer parte de um 'ao vivo', chamando a atenção do público. A atitude tomada pelo programa foi correta, pois em nenhum momento fingiram não perceber algumas aparições, pelo contrário, no diálogo da apresentadora com a repórter, ela apresentou o gato em tom de brincadeira e explicou o motivo do trabalho estar sendo feito de casa.

Essa questão vai ao encontro do que foi explorado no capítulo quatro. Andrade et al. (2020) afirmam que a participação dos repórteres nos telejornais de dentro de suas casas trouxe para a cobertura um efeito diferente da transmissão no local do fato, pois demonstrou a abertura de espaços privados para dar as notícias mais recentes ao público.

Outra adaptação que impactou o programa foi apontada por Alba (2021), que ressalta a participação das fontes na produção dos conteúdos, algo que se intensificou na pandemia. De acordo com a repórter, o maior desafio foi justamente depender da disposição e habilidade de outras pessoas, que não são profissionais da área do

Jornalismo, para captar imagens.

Figura 10 – Depoimento na reportagem sobre os casos de coronavírus na Serra



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 23 mar, 2020).

Nesse caso, a repórter repassou os dados sobre o coronavírus na Serra, no início da pandemia, em março de 2020. Ela fez uma entrada ao vivo de Bento Gonçalves e, depois de citar alguns casos informando apenas o sexo, idade e estado de saúde, ela trouxe um exemplo mais prático, identificando o superintendente do Hospital Tacchini, Hilton Mancio, que estava em isolamento domiciliar. Nesse caso, a apresentação de um depoimento gravado por ele deu mais peso à notícia, não só por ele mesmo abordar a sua situação de saúde, mas pelas palavras que deixou para o público em um momento que muitas pessoas ainda nem tinham ideia da magnitude da pandemia.

**HM:** [...] Quero muito cumprimentar a todos que tão ali na linha de frente trabalhando, queria muito tá aí com vocês no dia a dia e agradecer por esse empenho, pela coragem, pelo enfrentamento. Esse é aquele momento que a gente justifica a nossa missão, esse é aquele momento que a gente mostra a grande finalidade da área da saúde que é de proteção das pessoas, né. (BOM DIA RIO GRANDE, 23 mar 2020).

Na sequência desta entrada, a repórter seguiu com mais uma informação ligada ao assunto, a *construção de leitos para atendimento ao coronavírus na Serra*, que



estava sendo feita por voluntários. Ela ter conseguido as imagens foi muito importante para o contexto da notícia.

**DU:** Mas agora vou aproveitar a Tainara aqui para contar também que teve uma ação bem positiva em Bento com a participação de voluntários, cerca de 60 voluntários ajudando na construção de novos leitos para atendimento de pacientes com coronavírus, Tainara.

**TA:** Isso mesmo, a gente tem imagens também para mostrar dessa ação. São cerca de 60 voluntários que estão ajudando a construir uma nova ala de internação com 40 leitos de isolamento que vai ser usada especialmente para atender pacientes graves infectados com o novo coronavírus (BOM DIA RIO GRANDE, 23 mar 2020).

Nesse caso, as imagens também foram gravadas com celular e por alguém que não tinha tanto conhecimento na área. A passagem pela construção foi feita de um modo rápido, mas mesmo assim, o objetivo foi alcançado, os telespectadores ficaram sabendo do que estava sendo feito e ainda por cima puderam ver os voluntários trabalhando na obra.

Figura 11 - Voluntários ajudam na construção de leitos na Serra



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 23 mar, 2020).

Por fim, outra reportagem que contou com o uso de imagens cedidas pelas fontes foi *Pais e filhos se aproximam durante a quarentena no RS*. A matéria que teve mais de cinco minutos de duração e a participação de três cases foi montada a partir de entrevistas realizadas por plataformas online, fotografias das famílias, como a que pode ser vista na figura abaixo, e vídeos caseiros de brincadeiras e tarefas realizadas



pelas famílias.

Figura 12 - Pais e filhos se aproximam durante a quarentena no RS



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 07 ago, 2020).

Pode-se perceber que apesar de ter sido um grande impacto para o público, que estava acostumado com um elevado padrão de qualidade de imagens, foi um momento de criatividade e novas experiências por parte da equipe de produção das reportagens. Essas questões impactaram os profissionais, pois eles tiveram que mudar totalmente a sua forma de trabalho. Entretanto, eles entenderam que não podiam se acomodar frente às mudanças, mas, sim, encontrar novas formas de entregar os conteúdos.

Ao analisar as mudanças impostas pela pandemia no telejornalismo, no capítulo quatro, Negrini e Dalmaso (2020) destacaram reportagens mais longas, com tempo maior de fala de repórteres e de entrevistados e o fato de as fontes de informação falarem diretamente de suas casas por meio de plataformas *online*. Essas são apenas algumas das questões envolvidas na rotina de produção de programas jornalísticos e que também foram observadas na análise do objeto de estudo desta pesquisa.

Sem dúvidas, a nova 'normalidade' foi aceita, mas, os formatos tradicionais geram outras reações no público. Lazzari (2021) afirma que talvez as pessoas não saibam nem explicar a diferença entre as formas de apresentar as notícias, porém, ao receber os conteúdos, a sensação acaba sendo diferente. As mudanças foram muitas e Pessin (2021) destaca que a adaptação não envolveu apenas a tecnologia que

precisou ser implementada, mas também se relacionou à produção, no sentido de pensar nas possibilidades de entrevista. Observando por esse lado, o novo formato adotado foi positivo, pois, segundo Pessin (2021), possibilitou ouvir pessoas que antes não seria possível, grandes nomes como Drauzio Varella, por exemplo.

**MP:** A gente pode ouvir pessoas que antes a gente não ouvia, porque não são daqui, não estão aqui, e isso foi um ponto positivo dessa mudança. Por outros, é uma entrevista mais fria, por a gente não estar perto dessas pessoas e até em certo ponto menos atrativo visualmente. Então essa foi uma grande mudança (PESSIN, 2021).

Segundo esta linha, ao apresentar diferenciais do Jornalismo audiovisual, no capítulo três, Barbeiro e Lima (2002) destacam que a entrevista em televisão tem o poder de transmitir o que o Jornalismo impresso não consegue: a exposição da intimidade do entrevistado. Segundo os autores, os gestos, o olhar, o tom de voz, o modo de se vestir e a mudança no semblante influenciam o telespectador. Um pouco desses detalhes sem dúvida foi perdido com o novo formato, mas, apesar disso, a partir da fala das entrevistadas, é possível afirmar que os telespectadores compreenderam o motivo das adaptações e não veem mais com estranhamento as entrevistas online, já que conversas nesse formato fazem parte do dia a dia do público, seja entre familiares, colegas de trabalho ou até mesmo nas aulas online.

É importante abordar também, a produção de reportagens. O contato com as fontes, também seguiu o padrão online. Alba (2021) afirma que foi um desafio, porque quando se está na presença do entrevistado é mais fácil conversar, explicar, deixar a pessoa confortável e à vontade pra falar do assunto. Há mais intimidade, interação e troca. Segundo ela, no modo virtual, torna-se mais limitado por conta do que se vê, que geralmente é só o rosto do entrevistado e alguma prateleira ao fundo; do que se fala, já que geralmente não há muita conversa porque apesar do contato ser em tempo real, o sinal *de Internet* oscila, dificultando uma interação mais espontânea; e do que se pergunta, de modo que é preciso ser mais objetivo pra aproveitar o tempo e não dificultar a decupagem com longos minutos de gravação. O presencial, sem dúvidas, permite um contato maior e, justamente por isso, sempre se priorizou essa forma de entrevistas, pois se aproveita muito mais, de modo que se pode conseguir certas informações que numa ligação não seria possível, por conta da distância. É

preciso admitir que houve perdas nesse sentido, mas é necessário salientar que essa foi a única forma de seguir realizando o trabalho.

Outro aspecto que envolve a entrevista e que foi impactado com a pandemia, diz respeito à preparação do repórter antes da entrevista. Bistane e Bacellar (2008) salientam no capítulo três, a importância de se preparar e conversar com o entrevistado antes da gravação. Segundo as autoras, a conversa prévia para esclarecer algumas questões e eliminar dúvidas gera objetividade. Além disso, afirmam que o bate-papo com o repórter/apresentador serve também para descontrair o entrevistado, deixá-lo mais à vontade.

Lazzari (2021) destaca que a entrevista ao vivo exige uma pré-entrevista. Antes da pandemia, era possível conversar por telefone e quando a pessoa chegava presencialmente era recebida pelos apresentadores que tinham um diálogo anterior. “Aquele conversa fora do ar, receber a pessoa, oferecer uma água, aquele papo quebra-gelo, para que na hora que está no ar, ao vivo mesmo, já tivesse passado por esse estranhamento” (LAZZARI, 2021). Com a pandemia, isso se perdeu, pois nem sempre é o apresentador que marca a entrevista, sendo difícil conseguir ter aquela conversa. Conforme ela,

na entrevista ao vivo não dá para você conversar 20 minutos e escolher os melhores trechos, tu tem aqueles cinco minutos. E se tu perder dois esquentando o entrevistado, perder esse tempo se conhecendo, criando uma relação com a pessoa, você perdeu um tempo muito precioso. Para mim essa é a maior perda dessas entrevistas remotas, à distância. É tu não poder bater esse papo antes (LAZZARI, 2021).

A proximidade, sem dúvidas faz a diferença e possibilita a implementação de técnicas que contribuem para que a entrevista seja melhor, tenha mais qualidade. São questões que o público de casa pode não perceber, mas a equipe do programa e profissionais da área notam. O contato anterior contribui com o desenrolar da conversa ao vivo.

É válido analisar também se houve mudanças na performance dos apresentadores, já que no Bom Dia Rio Grande são características a desenvoltura e a aproximação com o público de casa, algo que vem quebrando, há alguns anos, os paradigmas do Jornalismo tradicional.

No capítulo três, Barbeiro e Lima (2002) destacam que o âncora deve transmitir aos telespectadores a sensação de uma pessoa calma, relaxada, confiante e segura.

A dica dos autores é buscar a concentração, pois distrações podem atrapalhar. As apresentadoras do programa já estavam preparados para o ao vivo, devido a sua vasta experiência com os mais variados acontecimentos, porém, a pandemia acabou sensibilizando a todos, pois atingiu o mundo inteiro de um modo muito rápido.

Sobre as características levantadas pelos autores, Lazzari (2021) destaca que as aptidões necessárias para apresentar o programa não mudaram muito, porque antes já era preciso dominar os assuntos; lidar com imprevistos e imprevistos, pois já era um jornal com muitas entradas ao vivo; ter a capacidade de conversar com pessoas de diversos níveis sociais e conseguir traduzir para o público que também é variado, em questões de faixa etária, escolaridade e poder aquisitivo. Na prática, a mudança que ela notou foi o desgaste, com a meia hora a mais, mas, nesse caso, relacionado com o cansaço físico, pois ficam muito tempo em pé. Pessin (2021) afirma também que não percebeu tantas mudanças na performance dos apresentadores. O tempo do telejornal, o conteúdo e as vivências deles como jornalistas, segundo a editora, faz com que seja normal que eles participem mais do que apresentadores de outros jornais.

Nos programas durante a pandemia, o que se percebeu foi a visão do lado mais humano dos profissionais, que mostraram que fazem parte da situação e estão sentindo o mesmo que o público de casa. Quanto a isso, Ungaretti (2021) afirma que no Bom Dia Rio Grande, por ser mais leve, informal e conversado, permite que os apresentadores sejam mais naturais, verdadeiros e próximos, demonstrando seus sentimentos.

Figura 13 – A apresentadora Daniela Ungaretti comenta a situação vivida



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 08 mar, 2021).

Os números são cada vez mais alarmantes, mas a realidade mesmo só quem tá lá dentro dos hospitais pode nos contar. O depoimento que a gente vai ver agora é da Isamara Silva dos Santos. Ela trabalha no Setor de Higienização do Hospital Virvi Ramos em Caxias do Sul, na Serra, e fala sobre como é que tá a situação delicada lá dentro (BOM DIA RIO GRANDE, 08 mar 2021).

Outro exemplo, nesse sentido, é no início da entrevista no dia 08 de março de 2021. São falas sucintas, mas que já demonstram comentários mais pessoais com o público, que fogem um pouco daquela linguagem padrão do Jornalismo.

(DU): Aliás, hoje é dia 8 de março, o Dia Internacional da Mulher. Talvez muita gente tenha acordado e nem tenha se dado conta, né, em meio a pandemia, essa situação tão difícil, mas a gente faz questão de lembrar aqui, sim. E a nossa homenagem, não poderia ser diferente. Nós convidamos para estar aqui hoje a mulher que dirige, né, um dos maiores hospitais do estado, o Hospital de Clínicas, Nadine Clausell, diretora-presidente do Hospital de Clínicas tá conosco [...] (BOM DIA RIO GRANDE, 2021).

Ungaretti (2021) afirmou que sempre foi muito sensível e emotiva, mas que na pandemia esses sentimentos se intensificaram, juntando-se a difícil e nobre missão de ser a porta voz da pandemia. Conforme ela,

não foi fácil segurar a emoção, a tristeza, a indignação, o estresse, o esgotamento com a situação. Mas precisava ser forte e estar lá, todos os dias, cumprindo essa missão e ajudando a enfrentar a pandemia com a nossa principal arma: a informação (UNGARETTI, 2021).

Observar tantas pessoas morrerem, hospitais lotados, profissionais de saúde exaustos, sem dúvidas gerou muita preocupação e tristeza em todas as pessoas, mas para os jornalistas, que, apesar da distância, viveram mais de perto tudo isso, os sentimentos sem dúvidas foram mais intensos. Lazzari (2021) afirmou que a maior mudança nesse sentido foi enfrentar o estresse causado por estar vivendo no meio de uma emergência sanitária.

Tudo que a gente mostrava ali que os outros estão vivendo, a gente também está vivendo. Não poder ir visitar a família. O meu pai faz aniversário em março, o primeiro aniversário dele na pandemia eu quase chorei no ar, no fim do jornal eu quase não me segurei porque eu me lembrei que era aniversário dele e eu não ia poder abraçar ele, que mora há 1km de mim. Eu não abraço meus pais há um ano e meio. Então a gente tá falando sobre essas coisas para as pessoas, mas a gente está vivendo essas coisas também (LAZZARI, 2021).

A equipe soube aproveitar esse lado humano, utilizando o apelo dos apresentadores, já que a opinião deles tem bastante força. Nesse sentido, Pessin (2021) afirmou que eles se colocaram junto das pessoas com os cuidados, por exemplo:

[..] ó, tipo eu também me cuido, eu não tô só dizendo pra que tu te cuide, eu também me cuido. E as campanhas da RBS foram muito nesse sentido: eu não tô aqui dizendo pra tu se vacinar, eu me vacinei, tá aqui a minha vacina sabe; eu não tô dizendo pra ti usar máscara, eu uso máscara o tempo inteiro até entrar aqui no estúdio. Então, eu acho que esse reforço deles foi importante [...] (PESSIN, 2021).

Além de incentivar as pessoas a seguirem as normas, já que diariamente observa-se desrespeitos, os apresentadores demonstram como estão se sentindo de uma forma mais aberta, como se fosse uma conversa íntima com o público. Esse é um diferencial do programa, que já recebe mensagens e fotos dos telespectadores e de certa forma dialoga com eles. Lazzari (2021) reforçou isso ao dizer que os apresentadores acabaram se permitindo mais: “olhar para câmera e dizer: olha, vamos lá, tá duro, mas a gente precisa. Talvez fazer um ou outro desabafo pessoal maior, comemorar a vacina junto com o público, comemorar a vacina dos colegas”. Não foram só comentários tristes, mas quando se pode começar a ficar alegre e feliz

pelos avanços o programa e os apresentadores fizeram e fazem questão de salientar isso. Já que foram tantas notícias que desestabilizaram a todos, nada melhor do que alegrar-se pelas conquistas como a vacinação, por exemplo.

Por fim, vale salientar, sobre esta questão do 'ao vivo', que os profissionais envolvidos também precisaram seguir as normas sanitárias. Segundo Lazzari (2021), a porta do estúdio, por exemplo, fica sempre aberta, algo que não acontecia antes. Pessin (2021) ressaltou também que a máscara só é retirada na hora de apresentar o jornal, há distanciamento entre os apresentadores e também com os cinegrafistas. Foram adaptações que também precisaram ser enfrentadas. Apesar de, na televisão, parecer que tudo era normal, por trás de todo o trabalho estavam e ainda são seguidos os cuidados sanitários assim como em qualquer outra atividade.

### 6.3 HERANÇAS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO BOM DIA RIO GRANDE

A pandemia da covid-19, além de todas as situações negativas que gerou no mundo inteiro, deixou algumas heranças ao Bom Dia Rio Grande, em relação aos impactos, que acabaram mostrando diversas possibilidades que podem contribuir com o exercício da profissão. Inicialmente é válido citar uma das principais mudanças que envolveram e ainda envolvem o programa: a ampliação de seu horário para duas horas e meia, que foi discutida ainda na primeira categoria. Pensando no legado da pandemia ao telejornal, Pessin (2021) destaca que não se pensa mais no Bom Dia Rio Grande voltar a ter duas horas, não é uma ampliação provisória na grade da Rede Globo, é algo fixo. O aumento de conteúdos e de tempo no ar segue apesar da melhora na situação da pandemia. Isso sem dúvidas é benéfico para o telejornal e para o Jornalismo que dessa forma tem mais tempo para apresentar seus materiais e alcança um número maior de pessoas.

O segundo ponto que merece destaque e que deve seguir nesse formato são as entrevistas à distância, seja em reportagens ou ao vivo. Pessin (2021) não garante que isso seguirá para sempre, mas pelo menos por um tempo continuará sendo assim. Segundo ela, as vantagens são muitas, já que se percebe a adaptação da maioria das pessoas com a tecnologia. Muitos já sabem preparar um cenário e se portar numa entrevista desse formato, então acaba ficando mais interessante do que era no início,

quando ninguém tinha tanto domínio. Nas entrevistas *online* mais pessoas podem ser entrevistadas, seja por causa da logística, já que é algo mais rápido, pois é possível participar de casa, ou pela distância que impediria um contato presencial.

Acerca disso, Lazzari (2021) afirma que o legado da pandemia ao Jornalismo é a versatilidade, em relação ao conhecimento adquirido e aos lugares que se pode alcançar graças a ele.

Teve uma coisa muito interessante das entrevistas do Bom Dia Rio Grande que a gente passou a entrevistar gente de fora do Rio Grande do Sul. [...] Era assim: vamos falar com essas pessoas que o público gaúcho quer ouvir. Ou mesmo pessoas daqui do Rio Grande do Sul que estavam, por alguma circunstância, em outro estado, em outro lugar, mas que tinham coisas importantes para dizer, tinham que ser essas pessoas. Então foi possível, algumas fronteiras caíram, mesmo sendo um telejornal local (LAZZARI, 2021).

Apesar de ser uma tendência, Lazzari (2021) ainda enfatizou que mesmo que isso deva continuar, conforme for possível voltar a se encontrar, entrevistas presenciais serão realizadas. Características básicas da reportagem, de estar presente nos locais, sendo uma testemunha ocular do fato continuarão sendo a essência da profissão. O que fica é essa ampliação de possibilidades tecnológicas, que podem solucionar coberturas.

Outro fato relacionado à distância, foi o trabalho realizado de casa, uma necessidade frente ao cenário pandêmico. No capítulo quatro, a pesquisa realizada por Moreira e Lima (2020) revelou que o *home office* gerou aumento da carga horária, dificuldade de conciliar a vida doméstica com as atividades de apuração e redação, problemas de infraestrutura, além da alteração na rotina de produção de notícias e vida pessoal. Conforme os autores, isso acabou impactando nas formas de interação com a equipe, na perda de agilidade de apuração, na dificuldade de concentração ou de relaxamento depois do cumprimento da pauta diária. Foi possível perceber nos depoimentos das jornalistas, que sem dúvidas o *home office* trouxe impactos, porém, foi possível se adaptar a eles.

Além das questões já comentadas, Pessin (2021) trouxe um legado da pandemia que ninguém havia citado antes, seja nas entrevistas ou na pesquisa: os cuidados sanitários. Segundo ela, “todo mundo em todos os setores na vida pessoal ou profissionais se deu conta que a gente não era tão higiênico quanto a gente pensava,



acho que isso também vai permanecer na profissão” (PESSIN, 2021). Este é também um impacto na rotina de produção jornalística, mas é algo positivo e relevante, que antes dessa experiência vivida talvez não fosse observado com a importância que merece.

Durante esse período, percebeu-se também uma maior contribuição do público, das fontes. Ungaretti (2021) apontou esse como o legado da pandemia, permitindo abrir mais espaço para ao telespectador-colaborador, que contribuiu muito com a produção de material, como vídeos, fotos e depoimentos registrados nos lugares em que a equipe do programa não podia mais estar, pela necessidade de isolamento. Isso aumentou as possibilidades do Jornalismo, pois antes, com todos aqueles critérios adotados pela RBS TV, de padrão de imagem, por exemplo, alguns fatos deixavam de ser veiculados, já que é impossível ter equipes da televisão espalhadas por todo o Rio Grande do Sul. Pessin (2021) afirma que antes se pensava em reportagens gravadas, com imagens e entrevistas feitas pela própria equipe, o que gerava uma grande correria, tendo em vista que muitas vezes uma pauta era distante da outra. Com as novas mudanças, é possível entrevistar duas pessoas em diferentes locais, com meia hora de diferença uma da outra. E no quesito do público e da sua participação no fazer jornalístico, a editora trouxe um exemplo.

[..] essa semana que houve muitas chuvas fortes e de granizo, a gente não tem equipe em todas as cidade para estar mostrando isso, então é através das mensagens, fotos e vídeos que as pessoas nos mandam de casa, minutos de diferença do que aconteceu, que a gente tem acesso a esse material (PESSIN, 2021).

A importância do público em auxiliar os jornalistas sempre existiu, mas, agora, se intensificou. Acredito que as pessoas se sentem parte da produção ao terem visto tantas imagens feitas por elas sendo veiculadas na televisão e, claro, com os devidos créditos. Nesse sentido, de utilização de imagens feitas pelos telespectadores e fontes, Alba (2021) reforça o que foi abordado na primeira categoria, sobre a priorização da informação em detrimento da estética, que é muito valorizada no Jornalismo audiovisual: “a preocupação com o conteúdo, com a informação, foi e deverá seguir sendo prioridade” (ALBA, 2021). O paradigma foi quebrado em relação a isso, claro que sempre que for possível produzir as melhores imagens, isso continuará sendo feito, mas creio que mesmo depois da pandemia, algumas

adequações realizadas em prol da informação deverão seguir em relação às imagens. Principalmente no que diz respeito a acontecimentos em diversas cidades, pois nem sempre é possível ter diversas equipes espalhadas pelas regiões.

Como já foi brevemente relatado, durante a pandemia, o Bom Dia Rio Grande criou novos quadros e extinguiu outros. Segundo Pessin (2021), esses que surgiram têm a tendência em permanecer. A motivação inicial foi a situação que estava sendo vivida, exemplo disso é a criação do 'Mãos à obra', quadro onde se ensina a fazerem as mais diferentes tarefas, desde o preparo de alimentos, até velas, incensos, pintar a casa, entre outros.

Figura 14 - Vinheta do quadro 'Mãos à obra'<sup>11</sup>



Fonte: (RBS TV, Bom Dia Rio Grande, 2020).

Nesse quadro, são apresentados ensinamentos de coisas que as pessoas podem fazer em casa. São atividades que podem realizar em família ou até aprendizados úteis para transformar em renda ou até mesmo para economizar. Em muitos casos, a própria apresentadora, Simone Lazzari, ensina a preparação de algumas receitas, diretamente da cozinha de sua casa. Pessin (2021) argumenta que esse quadro também se sustenta sem a existência de uma pandemia. Vale apresentar

<sup>11</sup> GLOBO PLAY. **'Mãos à obra' ensina a fazer sabonete artesanal com baixo custo.** Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8723547/>>. Acesso em: 14 nov 2021.

também o quadro ‘Ajuda Rio Grande’ que inclusive se tornou uma campanha institucional do Grupo RBS.

Figura 15 – Vinheta do quadro ‘Ajuda Rio Grande’<sup>12</sup>



Fonte: Grupo RBS

A produção pensou nesse assunto, levando em conta o maior número de pessoas precisando de ajuda, mas a ideia não era mostrar casos pontuais, por isso focaram em instituições e ONGs que prestam auxílio às comunidades, já que muitas pararam de receber doações ou passaram a contar com um número menor de apoio durante a pandemia, porque todos foram afetados financeiramente com ela.

Passamos a mostrar essas iniciativas com o apelo de quem elas ajudam, como elas ajudam e que tipo de auxílio que precisam. E esse é um quadro que também deve permanecer depois da pandemia, porque não é só por causa da pandemia que tem pessoas precisando de ajuda [...] (PESSIN, 2021).

---

<sup>12</sup> GRUPO RBS. **Ajuda Rio Grande**: Telejornais da RBS TV ampliam destaque para iniciativas sociais com o objetivo de estimular a solidariedade. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/noticias/2021/04/14/ajuda-rio-grande-telejornais-da-rbs-tv-ampliam-destaque-para-iniciativas-sociais-com-o-objetivo-de-estimular-a-solidariedade/>>. Acesso em: 13 nov 2021.

Esse é o lado humano e social do Jornalismo fazendo parte da programação, nada melhor do que ocupar esse espaço para prestar um serviço a comunidades que estão sofrendo, que precisam de apoio. A pandemia, em muitas situações, revelou a solidariedade. Todos passaram por dificuldades, mas é necessário compreender que muitas já as enfrentavam antes desse período. Esse quadro 'Ajuda Rio Grande' sem dúvidas deve permanecer, pois todos os dias mostra boas iniciativas no Estado, que precisam de mais auxílio. E no caso do 'Mãos à obra', que é veiculado nas sextas-feiras, ele traz um respiro na programação, um momento de descontração, a apresentação de um conteúdo diferenciado para o programa. E esse é o caminho do telejornalismo, essa quebra da distância que existia entre os espectadores e os jornalistas, que cada vez mais mostram o seu lado humano.

Para Pessin (2021), a obrigatoriedade de se distanciar das pessoas e pensar em novos formatos abriu um leque de possibilidades que veio para ficar. De acordo com ela, a partir de agora "vai ser um balanço entre o que realmente vale a pena ir para a rua fazer e o que a gente realmente pode fazer com qualidade sem estar tanto nas ruas, seja pelo tempo de deslocamento ou pelos cuidados com a pandemia" (PESSIN, 2021). Isso demonstra que a pandemia não mudou totalmente a forma de fazer Jornalismo, mas indica que é possível sim encontrar maneiras mais práticas, em alguns momentos, de realizar o trabalho.

A jornalista Alba (2021) chama isso de um novo olhar jornalístico, em que é possível informar de várias formas, com várias ferramentas, fugindo dos formatos tradicionais. Prova disso, é o uso do celular.

**TA:** Quanto conteúdo foi produzido nesse período apenas com o uso de um aparelho celular? E foi jornalismo. Informou. Mostrou. Cumpru o seu papel. Acredito que as novas tecnologias, ferramentas e métodos de fazer jornalismo, explorados durante a pandemia, vão permanecer na rotina da profissão. Tudo o que facilita o trabalho deve ser usado em favor da produção de conteúdo, principalmente em situações em que há urgência da informação e não há outras possibilidades no momento de se produzir o conteúdo. Em assuntos que demandam maior fôlego, em que a informação pode esperar pra ser divulgada (pautas frias), acredito que a estética poderá reconquistar a sua prioridade (ALBA, 2021).

A pandemia teve grandes impactos na rotina e os jornalistas souberam seguir realizando a sua missão apesar disso. Questões padronizadas em relação à imagem, e edição seguiram sendo importantes, mas foi preciso aprender a flexibilizar, a

adaptar. Algo que o Jornalismo vem fazendo ano após ano, mas que com a pandemia foi intensificado. Coisas que são vistas hoje em telejornais, no passado eram inaceitáveis, sejam as imagens fora do padrão ou até mesmo a performance dos apresentadores, se aproximando cada vez mais do público. Algumas mudanças vieram para ficar e a profissão está sabendo aproveitar todas as questões positivas que surgiram.

Após a análise do *corpus* de pesquisa por meio das três categorias, será possível responder à questão norteadora e confirmar ou não as hipóteses estabelecidas. Esse conteúdo estará no próximo capítulo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da covid-19 atingiu o mundo inteiro e todos os setores da sociedade no início de 2020. O distanciamento social e os cuidados sanitários fizeram com que as mais variadas atividades precisassem se adaptar ao novo modo de viver. O medo, a angústia e a preocupação fizeram parte do dia a dia das pessoas. No Jornalismo, os profissionais, mais do que nunca, precisaram seguir cumprindo o seu papel social informando com qualidade, correção e precisão.

Um número expressivo de informações chegava na casa das pessoas todos os dias e lá estavam os jornalistas na verificação dos fatos, explicação sobre o vírus e orientação em relação aos cuidados necessários. Com o propósito de estudar as adaptações que envolveram o programa Bom Dia Rio Grande durante a pandemia, foi criada a questão norteadora da pesquisa: *quais os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV?*

Para seguir com a pesquisa, foi selecionado o *corpus*, composto por trechos do programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV entre 23 de março de 2020 a 08 de março de 2021.

Na pesquisa bibliográfica, foi possível compreender conceitos importantes relacionados à questão norteadora. Os assuntos foram divididos em três capítulos: *Gêneros e formatos de programas de TV; Etapas de produção do conteúdo jornalístico audiovisual e Impactos da covid-19 na comunicação e no telejornalismo.*

Por meio da Análise de Conteúdo, construída a partir da pesquisa bibliográfica, observação simples do *corpus* da pesquisa e das entrevistas com jornalistas do programa, foi possível perceber uma grande quantidade de impactos em todos os processos que envolvem o telejornal. Muitos, acabaram modificando formas de fazer o Jornalismo e quebrando também alguns paradigmas tradicionais da profissão.

O Bom Dia Rio Grande, desde cedo, atualiza o telespectador com os principais acontecimentos e sempre teve como característica focar no serviço e também estar presente nas ruas, nos locais do fato. Muitos formatos do programa precisaram ser totalmente modificados durante a pandemia. E algumas dessas adaptações tem a tendência de permanecerem, conforme o que foi verificado nas entrevistas.

Buscando responder à questão norteadora, foram estabelecidas quatro hipóteses de pesquisa. A primeira delas é que *as mudanças exigidas devido à*

*pandemia da covid-19 alteraram o processo de produção do programa Bom Dia Rio Grande, mas não comprometeram a qualidade do conteúdo.* É possível confirmar que a pandemia alterou o processo de produção e não alterou a qualidade. Nas reportagens analisadas, que foram produzidas durante o *home office*, percebeu-se um conteúdo completo e com muita qualidade, apesar do formato de produção não ser o tradicional. Os dados confiáveis, entrevistas com as fontes relacionadas ao assunto e a própria condução da matéria, garantem que não foi comprometida a qualidade. O telejornal não deixou de apresentar os conteúdos relevantes, ele apenas adaptou e criou novas formas de veiculação desses materiais.

A segunda hipótese é a de que *as produções de reportagens em casa, além das participações ao vivo do mesmo local, não impediram a devida apuração e o acesso do espectador ao conteúdo.* Esta hipótese também foi confirmada, pois os repórteres de rua fizeram de suas casas a redação e da tela de seus computadores o espaço para as entrevistas, e, mesmo assim, não deixaram de desempenhar seu papel, bem pelo contrário, os jornalistas se desdobraram para encontrar novas formas de se comunicar com as fontes e de trazer essas informações ao público. Inicialmente, foi uma grande adaptação, já que o Jornalismo tem essa característica de estar nas ruas, mas a cada dia os profissionais foram aprendendo a trabalhar de uma forma diferente, mantendo sempre os princípios da profissão, independentemente das modificações na apuração e na produção do conteúdo.

A terceira hipótese afirma que *as entrevistas passaram de presenciais para remotas visando maior segurança em meio à uma pandemia. Isso possibilitou a aproximação entre o entrevistado e o espectador.* Esta hipótese se confirma parcialmente, pois essa mudança no formato das entrevistas, inicialmente não foi bem aceita pelo público, segundo Pessin (2021). Os telespectadores estranharam o novo formato. O próprio cenário, a estética da entrevista online, acaba não sendo tão interessante quanto a presencial, mesmo que cumpra o papel da mesma forma. Para os jornalistas, a adaptação foi positiva no sentido da agilidade e possibilidade de entrevistar pessoas que no modo presencial não seria possível. Com o tempo, os telespectadores se adaptaram, aceitaram esse novo modo de apresentação de entrevistas, que tem a questão da aproximação, pois os entrevistados mostram seus espaços privados, algo que jamais aconteceria antes. A tendência é que esse formato siga, porém, segundo Lazzari (2021), sempre que for possível realizar as entrevistas no formato tradicional isso será feito. E agora, com diminuição dos efeitos da

pandemia, já é observado, de forma discreta, o retorno de entrevistas presenciais, mas as *online* ainda seguem sendo realizadas.

A quarta e última hipótese afirma que *mesmo com as adaptações necessárias, muitos repórteres ainda precisaram ir às ruas respeitando os protocolos. Isso fez com que a essência do Jornalismo, por meio da apuração no local do fato, também fosse preservada.* Ela foi confirmada, pois, com a pandemia, a produção do programa passou a analisar todas as reportagens, verificando a necessidade e as possibilidades do trabalho presencial. Foi observado nos depoimentos que os repórteres tomaram todos os cuidados nos momentos em que precisaram ir às ruas, mas vale destacar que os profissionais tinham o direito de apenas ir em locais que se sentissem à vontade. Na opinião das jornalistas entrevistadas, o padrão da profissão sempre continuará sendo estar nas ruas. Assim que a situação normalizou, a maioria dos repórteres retornou ao trabalho presencial. Pode-se entender que é possível trabalhar remotamente, produzindo e apresentando bons conteúdos, mas o formato tradicional seguirá tendo a mesma relevância.

Após a avaliação das hipóteses, é possível responder à questão norteadora desta pesquisa afirmando que entre os maiores impactos estão o *home office*; a utilização de imagens de menor qualidade, enviadas pelo público; a realização de entrevistas via aplicativos; a adoção de medidas de segurança; a reformulação do programa com a criação de novos quadros, por exemplo; ampliação do horário destinado ao Jornalismo na programação, o que resultou em meia hora a mais no Bom Dia Rio Grande. A pandemia trouxe grandes legados à profissão, fez com que os jornalistas aprendessem a trabalhar ainda mais distantes, não só dos colegas, mas também das ruas, das pessoas. Com as facilidades encontradas, que fogem do modo tradicional da profissão, também é possível trabalhar e cumprir o papel social, que é informar com qualidade e precisão. Vejo que tudo o que vem acontecendo está enriquecendo cada vez mais o exercício da profissão e está também aproximando o público do Jornalismo.

A partir dos argumentos expostos, é possível afirmar que o objetivo geral da pesquisa – *analisar os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV* – foi atingido. Assim como os objetivos específicos: *conceituar os gêneros e formatos de um conteúdo de televisão para entender onde o Bom Dia Rio Grande está inserido na classificação dos programas de televisão; estudar como se dá o processo de produção de conteúdo de um*



*telejornal para compreender melhor como funciona a apuração da notícia; pesquisar os impactos da pandemia da covid-19 no Jornalismo para entender melhor as adaptações que precisaram ser feitas pela equipe; conhecer como é a rotina de produção do Bom Dia Rio Grande para poder analisar os processos que a envolvem; entrevistar profissionais responsáveis pela produção do programa para compreender como se dá o processo de criação do Bom Dia Rio Grande e os impactos da covid-19 na rotina de produção; e avaliar os impactos da pandemia da covid-19 no programa Bom Dia Rio Grande por meio do conteúdo selecionado a fim de concluir quais foram as mudanças ao longo do período de isolamento e também depois de algumas flexibilizações.*

Portanto, a presente pesquisa foi de suma importância a fim de analisar as adaptações do programa Bom Dia Rio Grande durante a pandemia da covid-19. Estudar essas mudanças foi essencial na compreensão das novas formas de comunicar. Os impactos mostraram aos profissionais que é possível seguir cumprindo o seu papel, mesmo que com algumas mudanças em relação ao formato tradicional. Essas adaptações enriquecem o Jornalismo, pois estão deixando a profissão cada vez mais humana, mais próxima das pessoas e, é claro, nos sentidos técnicos, mais versátil. Essa pesquisa me ajudou e me preparou para o meu futuro como jornalista. Foi possível compreender, mais uma vez, a grande importância que o Jornalismo tem na sociedade, sendo muito mais que informação, sendo um serviço de utilidade pública. O trabalho dessa profissão é e precisa ser cada vez mais valorizado.

## REFERÊNCIAS

ALBA, Tainara. Entrevista concedida a pesquisadora deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), via questionário enviado por e-mail, no dia 20 de setembro de 2021.

ANDRADE, Ana Paula *et al.* **As fases da cobertura da pandemia no telejornalismo local do Rio de Janeiro**, 2020. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0560-1.pdf>>. Acesso em: 16 de jun 2021.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BELÉM, Vitor *et al.* **Pandemia e informação: o que mudou na cobertura dos telejornais locais do Nordeste?**, 2020. Disponível em: <[https://www.academia.edu/download/65031241/2580\\_10273\\_1\\_PB.pdf](https://www.academia.edu/download/65031241/2580_10273_1_PB.pdf)>. Acesso em: 02 jul 2021.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BOLL, Júlio. Elói Zorzetto celebra volta aos estúdios da RBS TV depois de 15 meses: "Me sinto mais em casa do que na minha própria casa". **Diário Gaúcho**, 2021. Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2021/07/eloi-zorzetto-celebra-volta-aos-estudios-da-rbs-tv-depois-de-15-meses-me-sinto-mais-em-casa-do-que-na-minha-propria-casa-20640313.html>> Acesso em: 27 set 2021.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de Fazer**. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

CARDOSO, Mauro dos Santos; AUGUSTO, Isabel Regina. **Narrativas híbridas no telejornalismo brasileiro contemporâneo: Análise dos Programas Profissão Repórter e CQC**. 2015. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/cucas/files/2016/12/Narrativas-h%c3%adbridas-no-telejornalismo-brasileiro-contempor%c3%a2neo-An%c3%a1lise-dos-Programas-Profiss%c3%a3o-Rep%c3%b3rter-e-CQC.pdf>>. Acesso em: 18 ago 2021.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do Telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt->

BR&lr=&id=p4EQBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=telejornalismo&ots=Eqh0xMFje7&sig=2slxcT718KAatitpGUYw9hVq7Pw#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 17 ago 2021.

CURADO, Olga. **A Notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. **Televisão entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: entre gêneros/formatos e produtos**. 2003. Disponível em: <  
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/29392547598621364344690064304561456918.pdf>>. Acesso em: 2 jun 2021.

DUARTE, Elisabeth Bastos. Reflexões sobre os gêneros e formatos televisivos. In: DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. **Televisão entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

EMERIN, Cárilda. Informação televisiva: entrevista. In: DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. **Televisão entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

FARNEDA, Eliete Sampaio. **O Debate Televisivo: um estudo das Estratégias Argumentativas no Discurso Feminino**. 2007. Disponível em: <  
[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05122007-143336/publico/TESE\\_ELIETE\\_SAMPAIO\\_FARNEDA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05122007-143336/publico/TESE_ELIETE_SAMPAIO_FARNEDA.pdf)>. Acesso em: 19 ago 2021.

FECHINE, Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal Yvana. In: DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. **Televisão entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

FERRARETO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise**. Rio de Janeiro: Válega, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo:

Atlas, 2011.

GOMES, Itânia Maria Mota. Das utilidades do conceito de modo de endereçamento para análise do telejornalismo. In: DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. **Televisão entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

GLOBO PLAY. **Bom dia Rio Grande**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/bom-dia-rio-grande/t/f6BjjDQWvS/>>. Acesso em: 6 abr 2021.

GLOBO PLAY. **Diretora-presidente do Hospital de Clínicas fala sobre desafios em meio à pandemia**. 2021. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9328839/?s=0s>>. Acesso em: 6 out 2021

GLOBO PLAY. **Hospitais psiquiátricos de Porto Alegre registram nove mortes por coronavírus**. 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8766943/?s=0s>>. Acesso em: 6 out 2021.

GLOBO PLAY. **'Mãos à obra' ensina a fazer sabonete artesanal com baixo custo**. 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8723547/>>. Acesso em: 14 nov 2021.

GLOBO PLAY. **Profissionais da saúde relatam os desafios para enfrentar o coronavírus nos hospitais**. 2021. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9329590/?s=0s>>. Acesso em: 6 out 2021.

GLOBO PLAY. **Pais e filhos se aproximam durante a quarentena no RS**. 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8758973/>>. Acesso em: 6 out 2021.

GLOBO PLAY. **Serra gaúcha tem cinco casos confirmados de coronavírus**. 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8422778/?s=0s>>. Acesso em 6 out 2021.

GLOBO PLAY. **Voluntários ajudam na construção de leitos para atendimento ao coronavírus na Serra**. 2020. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8422779/?s=0s>>. Acesso em 6 out 2021.

GRANADO, Antonio; SILVA, Dora. Hibridismo e Jornalismo. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 21, n. 38. Disponível em: <<https://impactum-journals.uc.pt/mj/issue/view/462/197> >. Acesso em: 2 jun 2021.

GRUPO RBS. **Ajuda Rio Grande**: Telejornais da RBS TV ampliam destaque para iniciativas sociais com o objetivo de estimular a solidariedade. 2021. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/noticias/2021/04/14/ajuda-rio-grande-telejornais-da->

rbs-tv-ampliam-destaque-para-iniciativas-sociais-com-o-objetivo-de-estimular-a-solidariedade/>. Acesso em: 13 nov 2021.

GRUPO RBS. **Com retorno dos blocos regionais, RBS TV amplia conexão com o interior a partir desta segunda-feira (9)**. 2021. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/noticias/2021/08/06/com-retorno-dos-blocos-regionais-rbs-tv-amplia-conexao-com-o-interior-a-partir-desta-segunda-feira-9/>>. Acesso em: 27 set 2021.

KING, Nathalia. **Sou mãe coruja e posto mesmo! De hoje, o Bento no Bom Dia Rio Grande sendo notado pela @simonemlazzari. Ele mandou avisar que gostou dessa vida televisiva e que vai aparecer outras vezes**. Porto Alegre, 11 ago 2020. Instagram: @kingnathalia. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CDwu6yxgLr7/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CDwu6yxgLr7/?utm_medium=copy_link)> Acesso em: 6 out 2021.

LAGE, Nilson Lage. **Estrutura da notícia**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

LAZZARI, Simone. Entrevista concedida à pesquisadora deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), via *Google Meet*, em 2 de setembro de 2021.

MARTINS, Nísia. Informação na tevê: a estética do espetáculo. In: DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. **Televisão entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

MELO, Clébio Pereira de, *et al.* *As estratégias de combate à desinformação do Fato ou Fake no programa Combate ao Coronavírus*. In: SIQUEIRA, Fabiana; MONTEIRO, Patrícia. **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. Disponível em: <<http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/livros/jornalismo-em-tempos-de-pandemia.pdf>> Acesso em: 27 set 2021.

MELLO, Jaciara Novaes. **Telejornalismo no Brasil**. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-mello-telejornalismo.pdf>>. Acesso em: 17 ago 2021.

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. **OMS declara pandemia de coronavírus. G1, 2020**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 15 jun 2021.

MOREIRA, Sonia Virgínia; LIMA, Simone Candida. **Jornalistas e produção de notícias na pandemia: percepções profissionais em redações do Rio de Janeiro**. 2020. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2560/1319>>. Acesso em: 16 jun 2021.

NEGRINI, Michele; DALMASO, Silvana Copetti. **Conavírus e Telejornalismo: As Diferentes Temporalidades Que Perpassam as Rotinas do Fantástico**.2020. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0220-2.pdf>>. Acesso em: 17 jun 2021.

NUNES, Carlos Alberto. **Notícia e Linguagem**. Canoas: Editora Ulbra, 2003.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PATRÍCIO, Edgard. **Jornalismo e pandemia: Impactos da Covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente**. 2020. Disponível em: < <file:///C:/Users/user/Downloads/2547-10295-1-PB.pdf>>. Acesso em: 27 set 2021.

PEIXINHO, Ana Teresa; SANTOS, Teresa Almeida. Hibridismo e Géneros Jornalísticos: análise de uma 'reportagem-folhetim'. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 21, n. 38. Disponível em: < <https://impactum-journals.uc.pt/mj/issue/view/462/197> >. Acesso em: 18 ago 2021.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia**. 5 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Disponível em: < [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=8STPBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA5&dq=telejornalismo&ots=\\_gYbhtlZnc&sig=3kKebbuBeRL3QmLjYil-VA1gSTQ#v=onepage&q=telejornalismo&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=8STPBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA5&dq=telejornalismo&ots=_gYbhtlZnc&sig=3kKebbuBeRL3QmLjYil-VA1gSTQ#v=onepage&q=telejornalismo&f=false)>. Acesso em:

PESSIN, Mariana. Entrevista concedida à pesquisadora deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), via *Google Meet*, em 9 de setembro de 2021.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

ROCHA, Leonardo Caetano da. **A mídia e os novos meios de comunicação**. Curitiba: Contentus, 2020. Disponível em: < <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/185974/pdf/0?code=ksxxh6E1f7EMVS0HSbn0DIblpi/FNjRHDVzjgHik0EpH1RiDLMXP4h0aWEBFr/KhqLJn0yDFgd3F7tn46M+E7g==>>. Acesso em: 15 out 2021.

SILVA, Larissa Stephanie Moura. **Jornalismo na pandemia do coronavírus: as adaptações encontradas pelos jornalistas de televisão**. 2020. Disponível em: <<http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1373/1/Monografia%20Larissa%20Moura%20Silva.pdf> > Acesso em: 27 set 2021.

SIQUEIRA, Fabiana; DIAS, Gilmara; BANDEIRA, Juliana. Telejornalismo e pandemia: as mudanças nas rotinas produtivas na redação da TV Correio. In:

SIQUEIRA, Fabiana; MONTEIRO, Patrícia. **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. Disponível em: < <http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/livros/jornalismo-em-tempos-de-pandemia.pdf>> Acesso em: 27 set 2021.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p.

SULZBACH, Liliana. Breve relato sobre o documentário segundo Karel Reisz. In: DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. **Televisão entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

TEMER, Carolina Rocha Pessoa; RIBEIRO, Bruna Vanessa Dantas. **Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro – A Liga e o Espetáculo Pseudo Jornalístico**. 2015. Disponível em: < <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1084-1.pdf>>. Acesso em: 02 jun 2021.

TESCHE, Adayr. Gênero e regime escópico na ficção seriada televisual. In: DUARTE, Elisabeth Bastos; CASTRO, Maria Lilia Dias de. **Televisão entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

UNGARETTI, Daniela. Entrevista concedida a pesquisadora deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), via questionário enviado por *WhatsApp*, no dia 20 de setembro de 2021.

## **APÊNDICE – PROJETO DE PESQUISA TCC I**

Projeto de pesquisa realizado no semestre 2021/2.



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**DANIELA FARENZENA AFFONSO**

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO TELEJORNALISMO  
GAÚCHO: ADAPTAÇÕES NA ROTINA DE PRODUÇÃO DO  
BOM DIA RIO GRANDE DA RBS TV**

Caxias do Sul

2021

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS CURSO DE JORNALISMO**

**DANIELA FARENZENA AFFONSO**

**OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO TELEJORNALISMO  
GAÚCHO: ADAPTAÇÕES NA ROTINA DE PRODUÇÃO DO  
BOM DIA RIO GRANDE DA RBS TV**

Projeto de Trabalho de Conclusão de  
Curso apresentado como requisito para  
aprovação na disciplina de TCC I.

Orientadora: Ma. Adriana dos Santos  
Schleder

Caxias do Sul  
2021

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>2 TEMA.....</b>	<b>5</b>
2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	5
<b>3 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>6</b>
<b>4 QUESTÃO NORTEADORA .....</b>	<b>8</b>
<b>5 HIPÓTESES .....</b>	<b>9</b>
<b>6 OBJETIVOS.....</b>	<b>10</b>
6.1 OBJETIVO GERAL .....	10
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	10
<b>7 METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
7.1 MÉTODO.....	11
7.1.1 Pré-análise .....	11
7.1.2 Exploração do material .....	12
7.1.3 Tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação .....	13
7.2 TÉCNICAS .....	14
7.2.1 Pesquisa bibliográfica .....	14
7.2.2 Entrevista .....	15
7.2.3 Observação simples .....	17
7.2.3.1 Objeto de estudo .....	18
7.2.3.2 <i>Corpus</i> da pesquisa .....	18
<b>8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>20</b>
8.1 GENÊROS E FORMATOS DE PROGRAMAS DE TV .....	20
8.1.1 <b>Categoria Informação</b> .....	<b>21</b>
8.1.1.1 Gênero Debate .....	22
8.1.1.2 Gênero Documentário .....	22
8.1.1.3 Gênero Entrevista .....	23
8.1.1.4 Gênero Telejornal .....	23
8.1.1.5 Hibridismo .....	24
8.2 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO AUDIOVISUAL .....	26
8.3 IMPACTOS DA COVID-19 NA COMUNICAÇÃO E NO TELEJORNALISMO .....	31
<b>9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS .....</b>	<b>34</b>
<b>10 CRONOGRAMA .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo tem papel fundamental na vida das pessoas, sendo um companheiro desde o início da manhã até o final da noite. Muitos são os modos que uma notícia pode ser transmitida, mas o essencial é a ética e responsabilidade social com o conteúdo. Os contextos históricos que envolvem a sociedade também influenciam nas maneiras que as reportagens são apresentadas ao público. Em março de 2020, quando os efeitos da pandemia da covid-19 começaram a ficar visíveis no Brasil, o Jornalismo foi uma das áreas que precisou manter-se em pé apesar das adversidades, afinal, naquele momento, as pessoas necessitavam estar bem informadas.

Nesse sentido, é importante destacar que muitos veículos de comunicação modificaram suas rotinas e adaptaram os modos de produção de conteúdo para não deixar a população sem informação. O audiovisual foi uma das áreas impactadas com a pandemia da covid-19. Entrevistas por aplicativo e entradas ao vivo dentro das próprias casas são apenas algumas das adaptações realizadas durante o período.

O presente trabalho busca analisar os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV. Durante a pesquisa, é importante estudar como se dá o processo de produção de conteúdo de um telejornal, conhecendo a sua rotina. Além disso, serão pesquisados os impactos da pandemia da covid-19 no Jornalismo audiovisual.

A partir da escolha deste tema foram estabelecidas várias etapas que estão descritas neste projeto. O tema, a questão norteadora e o objetivo foram definidos no desenvolvimento deste projeto e estão nas páginas cinco, sete e nove. Outras questões como hipóteses e objetivos específicos estão detalhados nos capítulos cinco e seis. Já a metodologia, que tem como referência principal a Análise de Conteúdo e as técnicas pesquisa bibliográfica, entrevista e observação simples, está relatada no capítulo sete. No capítulo oito, temas como gêneros e formatos de programas de TV, etapas de produção do conteúdo jornalístico audiovisual e impactos da covid-19 na comunicação e no telejornalismo passaram por revisão bibliográfica numa prévia do estudo que vai ser realizado no próximo semestre. No capítulo nove pode ser conferido o roteiro dos capítulos da pesquisa a ser desenvolvida no TCC II e, no capítulo dez, o cronograma das atividades.

## **2 TEMA**

Os impactos da pandemia da covid-19 no telejornalismo gaúcho: adaptações na rotina de produção do Bom Dia Rio Grande da RBS TV.

### **2.1 Delimitação do tema**

Esse tema será analisado a partir do objeto de estudo que é o telejornal Bom Dia Rio Grande, apresentado de segunda a sexta-feira das 6h às 8h30 na RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul. Trata-se de um telejornal matinal que traz as notícias do trânsito, previsão do tempo, serviços, reportagens especiais, entre outros assuntos. Com a pandemia, o programa ganhou meia hora a mais e teve sua rotina de produção impactada, pois os repórteres precisaram ficar em casa, muitas vezes, e entrevistar de outras formas. As apresentadoras eram as jornalistas Daniela Ungaretti e Simone Lazzari. No dia 23 de junho ocorreram reformulações na RBS TV e a Daniela Ungaretti assumiu a apresentação do RBS Notícias. Em seu lugar no Bom Dia Rio Grande está o jornalista Léo Saballa Jr.

### 3 JUSTIFICATIVA

Uma das grandes funções do Jornalismo para a sociedade é de ser um serviço e, por conta disso, escolhi analisar o Bom Dia Rio Grande, telejornal que acompanha o café da manhã de muitos gaúchos. Começar o dia com informação bem apurada e em tempo real é o que motiva os fãs do telejornal. Um deles sou eu, que, por causa de todas as inspirações proporcionadas pelo programa, escolhi pesquisar sobre ele.

A programação matinal é completa, com previsão do tempo, trânsito, entrevistas e matérias dos mais variados temas. Entender mais sobre essa produção é fascinante, pois é o Jornalismo real, sendo feito com qualidade e agilidade. Desde quando eu ensaiava noticiar os mais diversos fatos aos 11 anos de idade, eu sabia que o audiovisual ocupava um espaço importante na minha paixão pela profissão. Seria meu grande sonho ter um contato mais próximo com um telejornal completo que está a serviço dos espectadores que saem de casa todas as manhãs com as informações necessárias para começar o seu dia.

A produção do programa soube se adaptar no contexto de pandemia e é justamente isso que me motivou ainda mais a analisar o tema. Todos os setores da sociedade precisaram mudar as suas formas de trabalhar, mas o Jornalismo tem seu diferencial, pois mais do que nunca foi algo imprescindível para a população que buscava muitas respostas em meio a uma pandemia. Por conta disso, a pesquisa é muito relevante para a universidade, pois o Jornalismo vive em constante aprimoramento e, é claro, que os estudos devem acompanhar esses desenvolvimentos a fim de ensinar os que iniciam o caminho pela profissão, já que dão uma perspectiva de futuro.

Para os comunicadores o assunto é uma grande oportunidade de acompanhar o que há de melhor no Jornalismo que busca a informação precisa, aquela que faz parte do dia a dia não só do Estado, mas também em outros contextos. Os profissionais precisam se preparar para realidades diferentes, como a que a pandemia da covid-19 trouxe, em que as redações se deslocaram para as suas casas.

Penso que para a sociedade a pesquisa contribui para o entendimento de como os telejornais são produzidos e de qual é o caminho até se chegar à notícia, tendo em vista muitos movimentos, inclusive durante a pandemia, de pessoas contra os jornalistas, alegando que as reportagens se tratavam de *fake news* produzidas para

confundir a população. Desse modo, vejo que nós acadêmicos temos o papel fundamental de estudar e defender a nossa profissão, já que estamos nos encaminhando para sermos legalmente profissionais da área. A informação bem apurada e correta precisa ser referenciada, pois sabemos que não é fácil chegar a ela.

#### **4 QUESTÃO NORTEADORA**

Quais os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV?



## 5 HIPÓTESES

- a) As mudanças exigidas devido à pandemia da covid-19 alteraram o processo de produção do programa Bom Dia Rio Grande, mas não comprometeram a qualidade do conteúdo;
- b) As produções de reportagens em casa, além das participações ao vivo do mesmo local, não impediram a devida apuração e o acesso do espectador ao conteúdo;
- c) As entrevistas passaram de presenciais para remota visando maior segurança em meio à uma pandemia. Isso possibilitou a aproximação entre o entrevistado e o espectador;
- d) Mesmo com as adaptações necessárias, muitos repórteres ainda precisaram ir às ruas respeitando os protocolos. Isso fez com que a essência do Jornalismo, por meio da apuração no local do fato, também fosse preservada.

## 6 OBJETIVOS

### 6.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande da RBS TV.

### 6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Conceituar os gêneros e formatos de um conteúdo de televisão para entender onde o Bom Dia Rio Grande está inserido na classificação dos programas de televisão;
- b) Estudar como se dá o processo de produção de conteúdo de um telejornal para compreender melhor como funciona a apuração da notícia;
- c) Pesquisar os impactos da pandemia da covid-19 no Jornalismo para entender melhor as adaptações que precisaram ser feitas pela equipe;
- d) Conhecer como é a rotina de produção do Bom Dia Rio Grande para poder analisar os processos que a envolvem;
- e) Entrevistar profissionais responsáveis pela produção do programa para compreender como se dá o processo de criação do Bom Dia Rio Grande e os impactos da covid-19 na rotina de produção;
- f) Avaliar os impactos da pandemia da covid-19 no programa Bom Dia Rio Grande por meio do conteúdo selecionado a fim de concluir quais foram as mudanças ao longo do período de isolamento e também depois de algumas flexibilizações.

## 7 METODOLOGIA

Neste capítulo será apresentada a metodologia da presente pesquisa, com o método de Análise de Conteúdo e as técnicas de Pesquisa Bibliográfica, Entrevista e Observação simples.

### 7.1 MÉTODO

O método utilizado na pesquisa é o da Análise de Conteúdo. Segundo Laurence Bardin no livro *Análise de Conteúdo* (2004, p. 89), as diferentes fases desta análise são divididas em três etapas: *a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.*

#### 7.1.1 Pré-análise

A *pré-análise* é a fase de organização, onde são definidas as ideias iniciais a fim de conduzir as próximas etapas. Ela é dividida, segundo Bardin (2004), em três missões: a escolha dos documentos que serão submetidos à análise, a formulação das hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Tendo em vista o primeiro passo, inicia-se com a demarcação dos documentos e, aliado a isso, Bardin (2004) estabelece algumas regras principais:

- a) *Regra da exaustividade*: define que nenhum dos elementos da pesquisa pode ser deixado de fora;
- b) *Regra da representatividade*: quando o universo da pesquisa é grande e torna-se impossível observá-lo em sua totalidade é necessário trabalhar com uma amostra;
- c) *Regra da homogeneidade*: os documentos devem ser semelhantes, seguindo os mesmos critérios de escolha;

- d) *Regra de pertinência*: os documentos devem ser adequados, correspondendo ao objetivo do estudo.

Outro ponto a ser considerado nesta fase da análise é a formulação das hipóteses e objetivos. Segundo Bardin (2004), uma hipótese é uma afirmação provisória que será verificada, ou seja, confirmada ou refutada. Já o objetivo é a finalidade geral da pesquisa. Depois destas produções há a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, de acordo com a autora. Ela também afirma que se “se considerarem os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar, o trabalho preparatório será o da escolha destes [...]” (BARDIN, 2004, p. 93).

A última tarefa da pré-análise é a preparação do conteúdo que será estudado. Depois segue-se para a *exploração do material*.

### **7.1.2 Exploração do material**

Após reunir o material, passa-se então para a segunda fase, que é a de exploração do material. A etapa “não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 2004, p. 95). Trata-se de um processo longo que consiste em operações de codificação, desconto ou enumeração em função de regras previamente formuladas. Na fase de codificação, os dados brutos do texto que foi selecionado na pré-análise são transformados atingindo uma representação do conteúdo. Isso pode ser feito por meio de recorte, enumeração e agregação. O recorte é a escolha das unidades, a enumeração é a escolha das regras de contagem e a agregação é a escolha das categorias. A autora apresenta que a análise de conteúdo pode ser desenvolvida por meio da abordagem qualitativa ou quantitativa. A primeira corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e adaptável e a segunda, obtém dados descritivos através de um método estatístico. Nesta pesquisa será utilizada a análise qualitativa.

Na sequência, deve-se partir para a categorização que, segundo Bardin (2004), “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com

os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2004, p. 111). Na categorização os elementos são classificados a partir do que existem em comum entre eles.

Segundo Bardin (2004), o processo é dividido em duas etapas: o inventário, que é o ato de isolar os elementos, e a classificação, momento em que eles são repartidos e organizados. A autora elenca quais são as qualidades para uma boa categorização:

- a) *Exclusão mútua*: estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão;
- b) *Homogeneidade*: um princípio de classificação deve governar sua organização;
- c) *Pertinência*: categoria deve estar adaptada ao material de análise escolhido e pertencer ao quadro teórico definido;
- d) *Objetividade e fidelidade*: as partes do material devem ser codificadas da mesma maneira. O organizador deve definir as variáveis e precisar os índices que determinam a entrada de um elemento em uma categoria;
- e) *Produtividade*: um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos.

Depois dos processos de *pré-análise* e da *exploração do material*, utilizando a codificação e categorização, o próximo passo é o de *tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação*.

### **7.1.3 Tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação**

Por fim, a última fase é a do *tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação*. Os resultados brutos devem ser separados e visualizados de uma melhor forma para o estudo. Tendo os resultados à disposição, o analista “pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2004, p. 95).

Segundo a autora, os polos de atração da análise são o *emissor*, o *receptor*, a *mensagem* e o *canal*. O *emissor* é um indivíduo ou um grupo de indivíduos emissores. Neste caso, destaca-se a função expressiva ou representativa da comunicação. O *receptor*, conforme a autora, também pode ser um indivíduo, um grupo de indivíduos,

ou uma massa de indivíduos para os quais a mensagem é enviada. A *mensagem* é o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível. O *canal*, também chamado de *medium*, é o instrumento, o objeto técnico e o suporte material da mensagem. É realizada também a interpretação que se trata da utilização dos resultados de análise para fins teóricos ou pragmáticos.

Depois do método é importante apresentar algumas técnicas que irão contribuir com o processo metodológico.

## 7.2 TÉCNICAS

Para contribuir com a aplicação do método, serão utilizadas três técnicas: pesquisa bibliográfica, entrevista e observação simples.

### 7.2.1 Pesquisa bibliográfica

Uma das técnicas utilizadas no estudo é a da pesquisa bibliográfica. De acordo com Stumpf (2014) no artigo *Pesquisa Bibliográfica*, ela é o planejamento inicial do trabalho, que vai desde a identificação da bibliografia até o texto propriamente dito. A técnica pode ser resumida como

[...] o conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2004, p. 51).

A autora define a pesquisa bibliográfica como um conjunto de etapas para identificar, selecionar, localizar e obter documentos que tenham relevância para a realização do trabalho. A primeira etapa é a identificação do tema e assuntos. De acordo com a pesquisadora, na sequência deve estar a elaboração de palavras-chaves que possam guiar o levantamento de dados na bibliografia. Os termos devem ser traduzidos para outros idiomas, o que pode auxiliar na pesquisa.

O passo seguinte é o da seleção das fontes, onde o pesquisador deve identificar

o material bibliográfico que dará o suporte necessário. Para que essa identificação seja possível, o aluno deve consultar algumas fontes. Conforme Stumpf (2014), o orientador poderá indicar o material básico ou fundamental. Além disso, espera-se que o próprio pesquisador faça suas buscas.

Há também as fontes secundárias que podem ser bibliografias especializadas, índices com resumo, portais, resumos de teses e dissertações, catálogos de bibliotecas e catálogo de editoras. Neste caso, a estratégia de busca deve ser o uso das palavras-chaves. Segundo a autora, na maioria dos casos a lista fica enorme, mas na etapa de localização e obtenção do material ela diminui.

O indicado por Stumpf (2014) é anotar o resultado da leitura do material em fichas, o que é chamado também de fichamento do material. Esse processo pode ser feito também nos computadores, o que facilita o trabalho. Os trechos que poderão ser usados no texto devem ser devidamente anotados com as informações necessárias para a citação.

Além da pesquisa bibliográfica é importante apresentar outra técnica que é a entrevista, que será explicada no próximo subtítulo.

### **7.2.2 Entrevista**

A técnica da entrevista também vai colaborar com a pesquisa, uma vez que com ela será possível compreender a rotina de produção do telejornal, a partir dos depoimentos de jornalistas do veículo de comunicação. Segundo Antonio Carlos Gil (2011), em seu livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, nesta técnica o objetivo do investigador frente ao investigado é obter dados que interessam à investigação. O autor afirma que ela é uma das técnicas mais flexíveis de coleta de dados de que dispõem as Ciências Sociais. Já Jorge Duarte, no artigo *Entrevista em profundidade*, do livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2014), destaca que a entrevista é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, encontrar respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, que foi escolhida por deter informações das quais se tem interesse.

Gil (2011) afirma que existem diferentes tipos de entrevistas, divididos em função de seu nível de estruturação.

As entrevistas mais estruturadas são aquelas que pré-determinam em maior grau as respostas a serem obtidas, ao passo que as menos estruturadas são desenvolvidas de forma mais espontânea, sem que estejam sujeitas a um modelo preestabelecido de interrogação (GIL, 2011, p. 111).

O autor explica as classificações das entrevistas conforme a estruturação:

- a) *Entrevista informal*: é a menos estruturada. Com ela o foco é obter uma visão geral do problema pesquisado e identificar alguns aspectos da personalidade do entrevistado;
- b) *Entrevista focalizada*: é livre como a informal, mas foca em um tema específico. O entrevistador deixa o entrevistado falar livremente sobre o assunto;
- c) *Entrevista por pautas*: apresenta certo grau de estruturação. O entrevistador se guia por pontos de interesse que são explorados durante a entrevista. As pautas devem ter relação entre si e serem ordenadas. São feitas poucas perguntas diretas e o espaço maior é livre para o entrevistado falar em relação às pautas apresentadas;
- d) *Entrevista estruturada*: desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas. Sua ordem e redação são as mesmas para todos os entrevistados, que normalmente são em grande número. Como este tipo de entrevista possibilita o tratamento quantitativo dos dados, torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais. As respostas são padronizadas, o que torna possível a análise estatística dos dados. Entretanto, estas entrevistas não possibilitam uma análise com maior profundidade.

Tendo em vista as diferentes formas que uma entrevista pode assumir, Gil (2011) destaca que cada uma delas exige habilidade e cuidados diversos na condução por parte do entrevistador. Conforme o autor, "torna-se difícil, portanto, determinar a maneira correta de se conduzir uma entrevista. Isso dependerá sempre de seus objetivos, bem como das circunstâncias que a envolvem" (GIL, 2011, p.115). Nesta pesquisa, o tipo de entrevista utilizado será a estruturada.

Por fim, há mais uma técnica relevante para o estudo, que será detalhada no próximo subtítulo, é a observação simples.



### 7.2.3 Observação simples

A observação desempenha um importante papel na pesquisa. Segundo Gil (2011), ela acompanha diversas etapas, desde a construção das hipóteses até a interpretação dos dados. Porém, é na coleta de dados que o seu papel é mais evidente. O autor explica que a observação é o uso dos sentidos para adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. A principal vantagem é a de que os fatos são percebidos diretamente, sem intermediação.

De acordo com Gil (2011), a observação pode ser estruturada ou não estruturada e, segundo o grau de participação do observador, ela pode ser participante ou não participante. O autor divide a observação em três tipos:

- a) *Observação simples*: o pesquisador tem papel próximo a um espectador, observando de forma espontânea. Deve ficar alheio à comunidade, grupo ou situação que será estudado;
- b) *Observação participante*: consiste na participação real do conhecimento. O observador deve assumir o papel de membro do grupo;
- c) *Observação sistemática*: é utilizada em pesquisas que buscam a descrição precisa dos fenômenos ou teste de hipóteses.

Nesta pesquisa será utilizada a observação simples. Conforme Gil (2011), ela vai além da simples constatação dos fatos, pois há o controle na obtenção dos dados e também um processo de análise e interpretação. É o caso da decupagem do *corpus* da presente pesquisa, que exige detalhamento e estudo aprofundado do conteúdo analisado.

Segundo o autor, o primeiro problema a ser enfrentado pelo pesquisador está ligado ao que deve ser observado. Ele também afirma que “como a observação simples é utilizada frequentemente em estudos exploratórios, onde os objetivos não são claramente especificados, pode ocorrer que o observador sinta a necessidade de redefinir seus objetivos ao longo do processo” (GIL, 2011, p.102).

Mesmo que não existam regras sobre o que observar, o autor cita itens significativos que costumam ser considerados pelos pesquisadores. Primeiramente,

acerca dos sujeitos: quem são, quantos são, dentre outras informações. Após, a análise do cenário: onde essas pessoas se encontram e quais as características deste local. E, por fim, o comportamento social: como as pessoas se relacionam e qual linguagem utilizam.

Antes de adotar esta técnica, o pesquisador precisa ter conhecimentos prévios sobre o que pretende observar. Isso porque, conforme o autor, um dos maiores problemas relacionados à observação simples refere-se à sua interpretação.

#### 7.2.3.1 Objeto de Estudo

O Bom Dia Rio Grande é um noticiário matinal da RBS TV. Ele é exibido de segunda a sexta-feira, das 6h às 8h30min, e tem em média 2h20min de duração. O programa ganhou meia hora a mais durante a pandemia. Desde cedo são divulgadas as primeiras notícias locais da manhã e repercussões sobre os fatos mais importantes do dia. Além disso, o telejornal traz orientações de trânsito e informações sobre a previsão do tempo, bem como serviços e reportagens especiais. Uma das características são as diversas entradas ao vivo de repórteres e a interatividade com o público, que pode enviar mensagens e fotos que são exibidas durante o programa.

As apresentadoras são as jornalistas Daniela Ungaretti e Simone Lazzari. No dia 23 de junho ocorreram reformulações na RBS TV e a Daniela Ungaretti assumiu a apresentação do RBS Notícias. Em seu lugar no Bom Dia Rio Grande está o jornalista Léo Saballa Jr. Com a pandemia, o programa teve alterações na rotina, pois em alguns momentos os repórteres precisaram ficar em casa, encontrando outras formas para realizar as reportagens.

##### 7.2.3.1.1 *Corpus* da pesquisa

Para a realização desta pesquisa serão analisados quatro episódios do programa Bom Dia Rio Grande, veiculados entre março de 2020 e março de 2021. O primeiro a ser estudado foi veiculado no dia 23 de março de 2020 e teve como um dos

destaques a atualização a respeito da confirmação de novos casos de coronavírus na Serra gaúcha.

O segundo programa analisado foi veiculado no dia 07 de agosto de 2020, próximo ao Dia dos Pais, exibindo uma reportagem especial que abordou a aproximação entre pais e filhos na quarentena.

O terceiro episódio selecionado foi veiculado no dia 15 de dezembro de 2020 e abordou, entre diversos temas, o início das inscrições para o ensino fundamental em Porto Alegre.

O quarto e último episódio foi veiculado no dia 08 de março de 2021. Neste dia, iniciou o quadro “Vozes da pandemia”, dando oportunidade de fala a quem vive o dia a dia nos hospitais. E também, no Dia Internacional da Mulher, uma das entrevistas foi com a diretora-presidente do Hospital de Clínicas sobre desafios em meio à pandemia.

## 8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta etapa passarão por revisão bibliográfica os seguintes temas: gêneros e formatos de programas de TV, etapas de produção do conteúdo jornalístico audiovisual e impactos da covid-19 na comunicação e no telejornalismo. Trata-se de uma revisão inicial dos temas que depois serão desenvolvidos na segunda etapa da pesquisa para responder à questão norteadora.

### 8.1 GÊNEROS E FORMATOS DE PROGRAMAS DE TV

Para realizar esta pesquisa é importante estudar alguns conceitos referentes à televisão. Neste subtítulo serão abordadas as categorias, gêneros e formatos de programas audiovisuais.

De acordo com José Carlos Aronchi de Souza, no livro *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira* (2015), costuma-se separar as mais variadas coisas em categorias. Para ele, “a separação dos programas de televisão em categorias atende à necessidade de classificar os gêneros correspondentes. Por isso, a categoria abrange vários gêneros e é capaz de classificar um número bastante elevado de elementos” (SOUZA, 2015, p.29). Os diferentes gêneros que compõe as categorias, na visão de Souza (2015), podem ser definidos como um conjunto de espécies que apresentam certo número de características comuns.

Conforme Souza (2015), os gêneros podem, portanto, ser entendidos como estratégias de comunicabilidade, fatos culturais e modelos dinâmicos. Segundo o autor,

somos capazes de reconhecer este ou aquele gênero, falar de suas especificidades, mesmo ignorando as regras de suas produção, escritura e funcionamento. A familiaridade se torna possível porque os gêneros acionam mecanismos de recomposição da memória e do imaginário de diferentes grupos sociais (SOUZA, 2015, p.34).

Após a compreensão dos conceitos acima, é importante abordar o formato, que está associado diretamente ao gênero de um programa. Sucintamente, Souza (2015) explica que, no caso de programas de TV, a forma é a característica que ajuda a

definir o gênero, ou seja, a forma de uma algo diz sobre suas possibilidades e limitações. O autor destaca que “em televisão vários formatos constituem um gênero de programa, e os gêneros agrupados formam uma categoria” (SOUZA, 2015, p.35).

Depois de compreender os conceitos, serão apresentadas as cinco categorias que possuem gêneros próprios definidas por Souza (2015): Entretenimento, Informação, Educação, Publicidade e Outros.

- a) *Categoria Entretenimento*: programas de auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filmes, *game show* (competição), humorístico, infantil, interativo, musical, novela, *quis show* (perguntas e respostas), *reality show* (tv-realidade), revista, série, série brasileira, sitcom (comédia de situações), *talk show*, teledramaturgia (ficção), variedades, *western* (faroeste);
- b) *Categoria Informação*: debates, documentários, entrevistas e telejornais;
- c) *Categoria Educação*: programas educativos e instrutivos;
- d) *Categoria Publicidade*: chamadas, filmes comerciais, políticos, sorteios e telecompras;
- e) *Categoria Outros*: transmissão de eventos, programas religiosos e especiais.

Como a pesquisa envolve um programa de caráter jornalístico, neste trabalho, serão aprofundados apenas os gêneros da categoria Informação.

### **8.1.1 Categoria Informação**

A informação é a base do trabalho do jornalista, porém, há diversas formas de chegar aos telespectadores. Por isso, é de suma importância conceituar e explicar cada um dos quatro gêneros da *Categoria Informação*.

#### 8.1.1.1 Gênero Debate

A principal característica deste gênero é o número de entrevistados e entrevistadores. Segundo Souza (2015), “podem aparecer no vídeo mais de um entrevistador e convidados que também atuam como comentaristas” (p.107). É importante destacar também que o debate pode ser sobre apenas um ou variados assuntos ao longo do programa, o que garante um tom de atualidade e variedade.

O formato mais frequente deste gênero é o de mesa-redonda, de acordo com Souza (2015). Além do debate, o programa pode apresentar pequenas reportagens que ilustram o assunto ou até mesmo entrevistas com convidados principais. Outra característica do formato é a duração do programa, que é mais elástica, com mínimo de trinta minutos e até mais de uma hora.

#### 8.1.1.2 Gênero Documentário

Neste gênero, os assuntos abordados possuem relevância e aprofundam temas do cotidiano. Conforme afirma Souza (2015), no documentário é demonstrada a qualidade dos programas de telejornalismo. As origens deste gênero estão no cinema. Para o autor, “a necessidade de pesquisa, de aprofundamento do tema, com entrevistas e produção de imagens em diversos locais, eleva o orçamento do gênero. Por isso, nem todas as redes produzem documentários” (SOUZA, 2015, p. 108). Devido a isso, uma alternativa encontrada pelas emissoras, ocasionalmente, é a compra de produções estrangeiras.

O pesquisador explica que a duração dos documentários é maior do que das reportagens apresentadas em telejornais. Isso porque o objetivo é sempre buscar o máximo de informações sobre um tema. Sendo assim, “o documentário pode apresentar muitos formatos dentro do próprio gênero, como videoclipes, entrevistas, debates, narração em off, com o objetivo de não torná-lo cansativo e apresentar de forma variada as informações colhidas de várias fontes” (SOUZA, 2015, p. 109). O documentário tem como base o próximo gênero a ser apresentado, que é a entrevista.

### 8.1.1.3 Gênero Entrevista

O gênero relaciona-se aos programas jornalísticos que procuram pessoas das mais diversas áreas para ficar frente a frente com o apresentador. De acordo com Souza (2015), geralmente são jornalistas de renome que conduzem as entrevistas. O autor explica que pode haver uma redefinição do gênero entrevista quando existe descontração e intimidade. Neste caso, com esses dois elementos o programa se aproxima do classificado como *talk show*.

Souza (2015, p. 110) afirma que “no gênero entrevista, o entrevistado é o foco e não há show comandado pelo jornalista apresentador”. O autor também destaca que os assuntos que costumam fazer parte das entrevistas são política e atualidades. Outro ponto importante destacado pelo pesquisador é que, diferentemente do *talk show*, o apresentador de entrevista não tem o compromisso de deixar o entrevistado à vontade, ele pode questioná-lo sobre fatos polêmicos e chegar até a discórdia.

Conforme Souza (2015), alguns programas do gênero entrevista são ilustrados por reportagens, que podem auxiliar na abordagem do assunto. Elas podem ser ao vivo ou gravadas. Depois da compreensão deste gênero é possível conhecer as características do telejornal.

### 8.1.1.4 Gênero Telejornal

Este gênero apresenta características próprias e evidentes, com apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes. De acordo com Souza (2015), as redes de televisão mantêm uma estrutura independente e com tecnologia para programas voltados à categoria informação. O autor explica que no Brasil o desenvolvimento do telejornalismo foi alavancado por patrocinadores multinacionais que já conheciam o sucesso e a importância do gênero em seus países de origem.

Os telejornais conquistaram importância na grade horária da programação e isso fez com que as emissoras investissem no Jornalismo tanto quanto em outros gêneros. Segundo Souza (2015), o telejornalismo podia ser caracterizado como insubstituível nas grades, pois o gênero ocupava espaço e visibilidade fundamentais para o conceito

de rede de televisão.

Souza (2015) descreve que o primeiro formato do gênero foi o noticiário, programa em que o apresentador lia textos para a câmera, sem imagens ou ilustrações. Conforme o autor, esta é a fórmula básica até os dias atuais, pois hoje um ou mais apresentadores leem os textos e apresentam as reportagens externas realizadas pelos jornalistas, que podem ser ao vivo ou gravadas. Uma característica dos principais telejornais é que eles continuam sendo transmitidos ao vivo, pois isso dá um tom de atualidade e permite a realização de entrevistas em diversos pontos do país e do mundo.

Souza (2015) afirma que o telejornalismo buscou outros formatos, além do telejornal,

por isso mantém-se em evidência em todas as grades de programação. São programas de debate e entrevista mediados pelos jornalistas da rede, e também os documentários e reportagens especiais, que ocupam os departamentos de jornalismo das emissoras (SOUZA, 2015, p.113).

Para o pesquisador, dentro do gênero telejornalismo há formatos que se firmam como gêneros por sua importância. O próximo tema a ser abordado é o hibridismo que está diretamente ligado com os conceitos de gêneros que foram apresentados.

#### 8.1.1.5 Hibridismo

A hibridização também está inserida no Jornalismo pelos diferentes formatos de conteúdos que surgiram a partir da formalização dos produtos. O termo faz relação com o que é híbrido, ou seja, algo que é formado por mais de um elemento. Neste caso, seriam os gêneros televisivos que acabam se mesclando.

Antônio Granado e Dora Santos Silva (2021), no artigo *Hibridismo e Jornalismo*, salientam que hoje a condição de híbrido é indissociável do ecossistema mediático, pois define a fusão de linguagens, modelos e práticas. Entretanto, segundo os autores, o hibridismo não é novo no Jornalismo. Eles explicam que



a essência do hibridismo (ou hibridez) é mesmo essa: algo formado a partir de elementos diferentes; na gramática, significa uma palavra formada por elementos de línguas diferentes; na música, uma peça que une o clássico ao popular, e por aí fora. Os sistemas mediáticos sempre foram híbridos, variando na extensão ou no tempo (GRANADO e SILVA, 2021, p.9).

No artigo *Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro – A Liga e o Espetáculo Pseudo Jornalístico*, as autoras Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Bruna Vanessa Dantas Ribeiro seguem na mesma linha, ressaltando que a hibridização é a marca da televisão moderna. Segundo elas,

em meio há um ritmo frenético de produção e consumo, as fronteiras entre categorias se apagam, gêneros se misturam, formatos se fundem para formar novos formatos híbridos que se estabelecem em um espaço entre gêneros e contribuem com a espetacularização (TEMER, RIBEIRO, 2015, p.3).

Nesse sentido, Elizabeth Bastos Duarte, no artigo *Televisão: entre gêneros/formatos e produtos* (2003), reforça que a condição natural de toda a produção para a televisão é a complexidade e a hibridação. Ela explica que o conteúdo se expressa simultaneamente por meio de diferentes linguagens sonoras e visuais. A autora afirma também que as diferentes lógicas que presidem a produção televisiva são as responsáveis por muitas das características dos textos televisivos em geral: complexidade, hibridação, fragmentação, intertextualidade, repetição, etc. A respeito das produções televisivas, Duarte (2003) destaca que

a par da complexidade, esse tipo de produção opera com a superposição de diferentes níveis de hibridação, estabelecendo-se pela apropriação, numa espécie de processo intertextual que se alimenta de referências, alusões, repetições. Mas, ao transpor, colar e fundir diferentes sistemas, esse tipo de processo opera verdadeiras perfusões que apaga as origens, constituindo-se nos elementos fundantes (1) de uma nova gramática de formas de expressão: a gramática televisiva ; (2) de novos gêneros e formatos : aqueles compatíveis com o processo comunicativo que manifestam (DUARTE, 2003, p. 2).

A hibridação está presente de diversas formas nas produções jornalísticas e acima, foram apresentadas pela autora algumas de suas características. A partir da compreensão do que é categoria, gênero, formato e da influência da hibridização na criação de novos produtos, será possível compreender as etapas de produção do conteúdo jornalístico audiovisual, assunto do próximo subtítulo.

## 8.2 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO AUDIOVISUAL

Nos telejornais com o formato do programa Bom Dia Rio Grande, as pessoas buscam informação sobre o que acontece a sua volta. É por meio do trabalho dos jornalistas que as notícias chegam ao público. Por isso, é importante analisar quais são as etapas de produção do conteúdo jornalístico audiovisual.

Segundo Olga Curado, em sua obra *A Notícia na TV - O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo* (2002, p.15), “a notícia é a informação que tem relevância para o público. A importância de um acontecimento é avaliada pelo jornalista, que julga se o fato é notícia e deve ser divulgado”. Além disso, ela explica que a notícia revela como os fatos se passaram, identifica os personagens envolvidos, localiza geograficamente onde ocorreram ou ainda estão ocorrendo, descreve as circunstâncias e contextualiza a situação a fim de traçar uma perspectiva.

De acordo com Vera Íris Paternostro, no livro *O texto na TV* (2006), um dos pontos mais importantes no telejornalismo é a imagem. Para ela, “a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde sua função. O papel da palavra não é brigar com a imagem” (PATERNOSTRO, 2006, p.86).

Para se elaborar uma reportagem jornalística de televisão é preciso passar por algumas etapas. Inicialmente, segundo Curado (2002), deve-se escolher quais informações poderão se tornar pautas, para depois definir quais serão as escolhidas. De acordo com ela, “a pauta é um conjunto de dados que dão partida a uma reportagem” (CURADO, 2002, p.40). A autora também destaca que a pauta de televisão só existe se puder ser proposta em três linhas. Sucinta, ela mostra uma notícia completa que deverá ser desdobrada.

Depois da escolha da pauta, passa-se para a produção da reportagem. A tarefa do produtor, segundo Curado (2002), é marcar as entrevistas, identificar as fontes de imagens, reunir o arquivo sobre o assunto, roteirizar a pauta, propor a forma como a matéria deve ser estruturada e, por fim, encaminhar essa produção ao repórter, no caso de a matéria justificar a presença de um. Conforme a autora, a pauta

contém um *lead* com a notícia concisa e a sequência de entrevistas ou de filmagens a serem feitas. Ao fim, resume em poucas linhas a proposta e o ângulo da reportagem. A pauta deve incluir uma boa pesquisa com dados relevantes avivando os antecedentes dos fatos para contextualizar a matéria (CURADO, 2002, p. 44).

Quando a equipe vai a campo, a experiência permite que o repórter enxergue a matéria de um modo diferente do produtor. Curado (2002) explica que quando há algum conflito entre a expectativa da pauta e da produção e editores com o que está sendo feito, a equipe deve informar a redação. Depois de falar do produtor, é importante destacar outra peça importante, que é o repórter. Para a autora, ele é o líder de uma equipe externa e suas funções são basicamente dar o ritmo ao time, discutir as necessidades do trabalho em campo, reunir as informações, fazer as entrevistas e produzir o texto da reportagem.

Nas gravações de imagens e entrevistas, o repórter conta com o cinegrafista. Segundo Curado (2002), ele é o olho do telespectador, tem a curiosidade do repórter juntamente com a sensibilidade do artista fotográfico. Sua função é captar as imagens que irão ao ar. Entretanto, para a autora, “o bom cinegrafista não se limita a cumprir uma pauta que designa cenas a serem filmadas. Procura compreender contexto e enfoque da matéria” (CURADO, 2002, p.50).

Os autores do livro *Manual de Telejornalismo – Os segredos da notícia na TV*, Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2002), destacam que a entrevista em televisão tem o poder de transmitir o que o Jornalismo impresso não consegue, que é a exposição da intimidade do entrevistado. Segundo eles, os gestos, o olhar, o tom de voz, o modo de se vestir e a mudança no semblante influenciam o telespectador. Um dos destaques dos autores é a necessidade de preparo a respeito do que será perguntado.

Sobre a importância da entrevista, Curado (2002, p.98) afirma que ela “é o mecanismo do qual se obtêm respostas a perguntas feitas a alguém em benefício de um público. Portanto, como disse Voltaire, é preciso assegurar que façamos perguntas que sejam perguntas e não perguntas que sejam respostas”. Para a autora, a entrevista é a maior fonte de informação jornalística. Apesar de haver meios como a pesquisa, a entrevista continua sendo o elemento mais forte, pois tem uma relação dinâmica com a autoridade que possui a informação, é ela que pode esclarecer os fatos.

Depois de estar com as gravações e entrevistas em mãos, o próximo passo é o da edição deste material. Segundo Barbeiro e Lima (2002), a edição é a montagem final da reportagem que vai ao ar no telejornal. Para eles, “editar uma reportagem para a TV é como contar uma história, e como toda a história a edição precisa de uma sequência lógica que pelas características do meio exige a combinação de imagens e sons” (BARBEIRO e LIMA, 2002, p.100). Já Paternostro (2006) afirma que a edição exige sensibilidade, concentração, criatividade, dedicação, habilidade, paciência e fidelidade às informações.

Curado (2002) comenta que para chegar do material bruto até o conteúdo pronto é preciso passar por uma série de etapas:

- a) *Avaliação do conjunto de informações:* nesta etapa devem ser reunidos todos os dados colhidos durante a reportagem, considerando a hierarquia das informações que serão usadas em diferentes partes da matéria;
- b) *Decupagem:* o repórter avalia o material bruto das gravações e entrevistas e separa o que pretende utilizar;
- c) *Roteirização:* a reportagem deve ser estruturada a partir da sequência das imagens e das falas que vão compô-la;
- d) *Redação:* levando em conta as imagens e as entrevistas, deve ser escrito o texto base da reportagem;
- e) *Outros recursos:* com as imagens, texto e roteiro em mãos, é preciso verificar se há necessidades adicionais para ilustrar a reportagem, como o uso de gráficos, mapas e animações, que podem contribuir com a compreensão da notícia;
- f) *Gravação do texto:* nesta etapa deve ser gravado o texto que vai sobrepor as imagens que já foram selecionadas;
- g) *Montagem:* o desafio aqui é adequar o texto e imagens a uma única narrativa. São diversas dicas para uma boa edição, tais como evitar juntar movimento com movimento e não usar imagens semelhantes ou em sequência, no mesmo plano. Além disso, a autora afirma que o bom conhecimento dos programas de edição pelo profissional faz a diferença na qualidade do material;
- h) *Áudio e vídeo:* neste momento, é preciso verificar se nenhum som de fundo

está se sobrepondo e atrapalhando a compreensão da reportagem.

Sobre a redação, segundo Barbeiro e Lima (2002), o texto jornalístico deve ser claro, conciso, direto, simples e objetivo, isso em qualquer veículo de comunicação. Entretanto, a televisão e o rádio, por exemplo, tem uma característica que é a instantaneidade, o que torna necessário que a notícia seja entendida pelo receptor no momento em que é transmitida, caso contrário, não se alcança o principal objetivo que é passar a informação. Os autores afirmam que o texto para televisão precisa ser coloquial. Ao escrevê-lo, o jornalista deve ter em mente que está contando uma história, mas o que há de fundamental é o casamento da palavra com a imagem.

Seguindo a mesma linha, Paternostro (2006) afirma que para escrever um texto de televisão inicialmente é preciso saber quais imagens estão disponíveis, pois elas devem ser correspondentes às informações que estarão no texto. No processo de escrita, é necessário cuidar para não ser descritivo, já que a imagem tem este papel. Além disso, devem ser escolhidas palavras precisas, de modo que o texto responda as seis perguntas clássicas no Jornalismo: Quem? Quê? Quando? Onde? Como? Por quê? A dica da autora é sempre ler em voz alta o próprio texto. Dessa forma, será possível perceber o que precisa ser modificado.

A fim de que o texto tenha um bom ritmo, Paternostro (2002) sugere que as frases sejam curtas, pois isso facilita a compreensão, além de dar um sentido de ação à notícia, passando a informação sem rodeios. E é preciso dar atenção também à pontuação, porque, segundo a autora, dá o embalo para o texto, permitindo intervalos, pausas e a entonação da voz. Isso vai auxiliar na respiração do locutor e no entendimento do texto.

Além de dicas para o texto, os autores salientam importantes passos da edição de vídeo, imprescindíveis para um bom resultado final. Nesse sentido, Paternostro (2006) afirma que o primeiro passo é conhecer o material bruto, decupá-lo, mas sem deixar passar nenhum detalhe. Segundo ela, “ao final de uma boa decupagem, você vai ter noção da matéria. O que sobra, o que falta, o que é para ser destacado, o que pode ser ignorado. Qual é a melhor sonora, qual imagem deve ser valorizada. Como começar e como terminar a edição” (PATERNOSTRO, 2006, p. 163).

Com o roteiro em mãos, o editor precisa visualizar a reportagem. Conforme Barbeiro e Lima (2002), a edição precisa de equilíbrio, uma vez que um *off* longo

seguido de sonora curta, por exemplo, quebra o ritmo da reportagem. Para os autores, a cobertura do *off* deve ser feita pelo editor da matéria e pelo editor de imagens, pois os dois juntos têm mais condições de contruir a reportagem. Um cuidado necessário também é com os pulos de imagem, cortes brutos de um local para outro, o que provoca um efeito desagradável para o telespectador.

Seguindo a mesma linha, Paternostro (2006) afirma que a edição de matérias para telejornais tem uma narrativa linear. Entretanto, qualquer narrativa precisa de iscas para prender a atenção do telespectador. Outra questão que deve ser bem analisada é a necessidade ou não do repórter aparecer na matéria. Segundo a autora, depende de cada situação. Ela acrescenta que a edição de uma matéria é totalmente subjetiva, uma vez que nunca haverá duas edições iguais do mesmo assunto feitas por editores diferentes.

Após a finalização da edição, o material deve ser exportado e estará pronto para ser exibido no telejornal ao vivo. Curado (2002) afirma que os telejornais devem iniciar com o foco em manter e estimular os telespectadores a não mudarem de canal. Logo no começo, são apresentadas as principais manchetes. E quem chama as reportagens gravadas e também as entradas ao vivo de repórteres é o âncora. Heródoto e Lima (2002) destacam que o âncora é o apresentador que acompanha e participa da rotina de produção do programa. Devido a isso, muitas vezes ele também é o editor-chefe. Sob o mesmo ponto de vista, Curado (2002) destaca que o âncora conhece toda a cadeia de produção jornalística, sendo um editor, um produtor, um pauteiro, um apurador e um repórter.

Apesar de existirem certas características da apresentação de programas de televisão, a pandemia da covid-19 trouxe algumas mudanças. No artigo *Pandemia e informação: o que mudou na cobertura dos telejornais locais do Nordeste?*, os autores Vitor Belém, Giovana Mesquita, Lívia Cirne, Fabiana Siqueira e Paulo Cajazeira (2020) chegaram a algumas conclusões. Segundo eles, deixaram de ser realizadas entrevistas no estúdio e no seu lugar foi utilizado um software para entrevistas ao vivo e, além disso, aumentou o tempo de estúdio. Os autores salientam também a participação dos repórteres diretamente de suas casas e a gravação de entrevistas feitas pelos próprios entrevistados. No próximo subtítulo, serão apresentadas mais informações sobre os impactos da covid-19 na comunicação e no telejornalismo.

### 8.3 IMPACTOS DA COVID-19 NA COMUNICAÇÃO E NO TELEJORNALISMO

Em março de 2020, o Brasil começou a sentir os impactos da propagação da covid-19 pelo mundo. O vírus foi descoberto na China e logo se espalhou pelos demais países, tanto que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou<sup>1</sup>, em 11 de março de 2020, a ocorrência de uma pandemia em razão da rápida disseminação do novo coronavírus. O Brasil, assim como os demais países, se viu diante de um novo modo de vida, com cuidados sanitários e distanciamento social em todos os setores da sociedade.

Na obra *Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise* (2020), os pesquisadores Luiz Artur Ferraretto e Fernando Morgado, do Núcleo de Estudos de Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, afirmam que a partir do anúncio da pandemia pela OMS tudo mudou e foi preciso flexibilizar os parâmetros técnicos aprendidos em todas as áreas de atuação. Eles comparam os desafios do momento atual, em relação à prática jornalística, com os da cobertura de uma guerra ou com os da atuação em zonas de conflitos urbanos entre autoridades policiais e criminosos. Para os autores, a regra básica é a mesma: a sobrevivência do profissional em primeiro lugar. Isso afeta um dos cânones da profissão: estar no palco do acontecimento para narrar as ações dos protagonistas com o máximo de detalhes possíveis” (FERRARETO e MORGADO, 2020, p.16).

No artigo *Jornalistas e produção de notícias na pandemia: percepções profissionais em redações do Rio de Janeiro* (2020), Sonia Virgínia Moreira e Simone Candida Lima destacam que foi impactado o modo de produção da notícia. E segundo elas, além disso, o jornalista, em seu trabalho, carregava vários medos: o de se contaminar, o de morrer, o de levar o vírus para casa depois de um dia de trabalho e o de perder o emprego durante ou após a pandemia. Há também a questão do isolamento, “pois uma característica de qualquer redação [...] é a de ser um ambiente que propicia principalmente a troca, incentivada inclusive pela disposição do local de trabalho, sem paredes ou divisórias” (MOREIRA e LIMA, 2020, p.10).

As autoras, conforme os números de contaminação foram crescendo, ressaltam que os jornalistas acabaram sendo colocados em *home office* (trabalho de casa) pela

---

<sup>1</sup> Disponível em: < <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml> > Acesso em 17 jun 2021.

maioria dos jornais. Alguns profissionais que trabalham na televisão continuaram a circular nas ruas para a apuração das matérias, mas adotando diversos cuidados. Elas pontuam as mudanças: “o público passou a acompanhar os noticiários com repórteres mascarados e imagens de baixa qualidade, com gravações a partir de videochamadas ou depoimentos dos entrevistados usando câmeras de celular” (MOREIRA e LIMA, 2020, p.4).

Em seu artigo *As fases da cobertura da pandemia no telejornalismo local do Rio de Janeiro* (2020), os pesquisadores Ana Paula Goulart de Andrade, Cláudia Thomé, Edna de Mello Silva e Marco Aurelio Reis pontuam que as mudanças na rotina de produção de conteúdos jornalísticos não foram incorporadas simultaneamente, houve um fluxo de inserção. Primeiramente, veio o *home office*, depois o repórter começou a usar dois microfones, um para ele e outro para o entrevistado e, em seguida, as máscaras para repórteres em coberturas externas.

Outros destaques citados pelos autores ficam para as sonoras em aplicativos, seguidas de participação ao vivo de repórteres, que também inauguraram novas formas e estruturas no noticiário. Quanto à participação dos repórteres nos telejornais de dentro de suas casas, eles afirmam que “o ao vivo em *home office* trouxe para a cobertura um outro efeito, não de transmissão no local do fato, mas de abertura de espaços privados para dar as notícias mais recentes ao público” (ANDRADE et al., 2020, p.5).

As autoras Moreira e Lima (2020) realizaram uma pesquisa em meios de comunicação do Rio de Janeiro entre 8 de abril e 20 de maio de 2020. A partir dos dados, observaram que todos, exceto um produtor de telejornal, informaram que estavam em trabalho remoto e indicaram aumento da carga horária, dificuldade de conciliar a vida doméstica com as atividades de apuração e redação, problemas de infraestrutura, tais como *Internet* com baixa velocidade e ruídos na comunicação com a chefia.

Outros resultados obtidos foram que a pandemia alterou a rotina de produção de notícias e a própria rotina doméstica. Conforme Moreira e Lima (2020), isso impactou nas formas de interação com a equipe, na perda de agilidade de apuração, na dificuldade de concentração ou de relaxamento depois do cumprimento da pauta diária. Elas também destacam outros dois reflexos no trabalho dos jornalistas entrevistados:



a reconfiguração dos fluxos de produção nas redações dos diversos meios, com a convergência de repórteres de diversas editorias em esquemas de força-tarefa para apuração de notícias relacionadas aos casos de Covid-19, e a expansão do espaço/tempo de cobertura do tema com a implantação do trabalho remoto na maioria das empresas (MOREIRA e LIMA, 2020, p.12).

As pesquisadoras também relatam que a chegada da covid-19 intensificou a apuração via aplicativos e redes sociais, ferramentas que se tornaram essenciais no trabalho dos repórteres. Para elas, a antiga imagem de que o repórter é aquele que está em busca das informações nas ruas começa a ser modificada pelas novas práticas.

Práticas essas que realmente mudaram, é o que relatam Michele Negrini e Silvana Copetti Dalmaso, no artigo *Coronavírus e Telejornalismo: As Diferentes Temporalidades Que Perpassam as Rotinas do Fantástico* (2020). Segundo elas, no atual período de pandemia observa-se reportagens mais longas, com tempo maior de fala de repórteres e de entrevistados. As autoras também pontuam que as fontes de informação passaram a falar diretamente de suas casas por meio de plataformas online.

A revisão bibliográfica desses temas é relevante para trazer as primeiras percepções sobre o assunto, visando a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso no próximo semestre. Os próximos conteúdos deste projeto de pesquisa tratarão sobre o roteiro dos capítulos da monografia e cronograma de estudos.

## **9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS**

### **1 INTRODUÇÃO**

### **2 METODOLOGIA**

#### **2.1 MÉTODO**

##### **2.1.1 Pré-análise**

##### **2.1.2 Exploração do material**

##### **2.1.3 Tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação**

#### **2.2 TÉCNICAS**

##### **2.2.1 Pesquisa bibliográfica**

##### **2.2.2 Entrevista**

##### **2.2.3 Observação simples**

###### **2.2.3.1 Objeto de Estudo**

###### **2.2.3.2 *Corpus* da pesquisa**

### **3 GÊNEROS E FORMATOS DE PROGRAMAS DE TV**

#### **3.1 CONCEITO**

#### **3.2 CATEGORIA INFORMAÇÃO**

##### **3.2.1 Gênero Debate**

##### **3.2.2 Gênero Documentário**

##### **3.2.3 Gênero Entrevista**

##### **3.2.4 Gênero Telejornal**

#### **3.3 HIBRIDISMO**

### **4 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO AUDIOVISUAL**

### **5 IMPACTOS DA COVID-19 NA COMUNICAÇÃO E NO TELEJORNALISMO**

### **6 ANÁLISE DE CONTEÚDO**

### **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## 10 CRONOGRAMA

	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Capítulos 3 e 4	<b>X</b>				
Capítulos 5 e revisão metodológica		<b>X</b>			
Análise de conteúdo			<b>X</b>		
Revisão geral				<b>X</b>	
Entrega do TCC				<b>X</b>	
Apresentação					<b>X</b>

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Paula *et al.* **As fases da cobertura da pandemia no telejornalismo local do Rio de Janeiro**, 2020. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0560-1.pdf>>. Acesso em: 16 de jun 2021.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BELÉM, Vitor *et al.* **Pandemia e informação: o que mudou na cobertura dos telejornais locais do Nordeste?** 2020. Disponível em: <[https://www.academia.edu/download/65031241/2580\\_10273\\_1\\_PB.pdf](https://www.academia.edu/download/65031241/2580_10273_1_PB.pdf)>. Acesso em: 02 jul 2021.

CURADO, Olga. **A Notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão : entre gêneros/formatos e produtos**. 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/29392547598621364344690064304561456918.pdf>>. Acesso em: 2 jun 2021.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

FERRARETO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise**. Rio de Janeiro: Válega, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GLOBO PLAY. **Bom dia Rio Grande**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/bom-dia-rio-grande/t/f6BjjDQWvS/>>. Acesso em: 6 abr 2021.

GRANADO; SILVA. Hibridismo e Jornalismo. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 21, n. 38. Disponível em: <<https://impactum-journals.uc.pt/mj/issue/view/462/197>>. Acesso em: 2 jun 2021.

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. **OMS declara pandemia de coronavírus**. G1, 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml> >. Acesso em: 15 jun 2021.

MOREIRA, Sonia Virgínia; LIMA, Simone Candida. **Jornalistas e produção de notícias na pandemia: percepções profissionais em redações do Rio de Janeiro**. 2020. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2560/1319>>. Acesso em: 16 jun 2021.

NEGRINI, Michele; DALMASO, Silvana Copetti. **Conavírus e Telejornalismo: As Diferentes Temporalidades Que Perpassam as Rotinas do Fantástico**. 2020. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0220-2.pdf> >. Acesso em: 17 jun 2021.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de Telejornalismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 2015.


STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

TEMER, Carolina Rocha Pessoa; RIBEIRO, Bruna Vanessa Dantas. **Hibridismo no Telejornalismo Brasileiro – A Liga e o Espetáculo Pseudo Jornalístico**. 2015. Disponível em: < <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1084-1.pdf> >. Acesso em: 02 jun 2021.

## ANEXOS

### ANEXO A – PRIMEIRO CONTATO COM SIMONE LAZZARI, DANIELA UNGARETTI, MARIANA PESSIN E TAINARA ALBA VIA E-MAIL

**TCC - Os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande**

 Daniela Affonso  
Qui, 15/07/2021 14:01

Para: Mariana Pessin; Daniela Ungaretti; Simone Lazzari  
Cc: Alexandra Freitas; Shirlei Paravisi; Tainara Alba

Boa tarde, tudo bem?

Me chamo Daniela Affonso, estudo Jornalismo na Universidade de Caxias do Sul e estagio no Pioneiro e na Gaúcha Serra. No momento estou desenvolvendo meu Trabalho de Conclusão de Curso, vou analisar os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande. Uma das técnicas utilizadas na pesquisa é a da entrevista, por isso pretendo entrevistar as apresentadoras Daniela Ungaretti e Simone Lazzari (os recortes que vou analisar são da época em que Daniela apresentava), a editora-chefe Mariana Pessin e a repórter Tainara Alba. Gostaria de saber se aceitam contribuir com o meu estudo, saibam que seria uma honra. A entrevista pode ser no formato que ficar mais viável, seja um questionário por e-mail ou uma entrevista via Google Meet, por exemplo.


Desde já agradeço a atenção e aguardo um retorno!

Abraço!

Daniela Affonso

### ANEXO B – CONTATO COM SIMONE LAZZARI VIA E-MAIL

**Questionário TCC Impactos da pandemia no Bom Dia Rio Grande**

 Daniela Affonso  
Seg, 30/08/2021 11:53

Para: Simone Lazzari

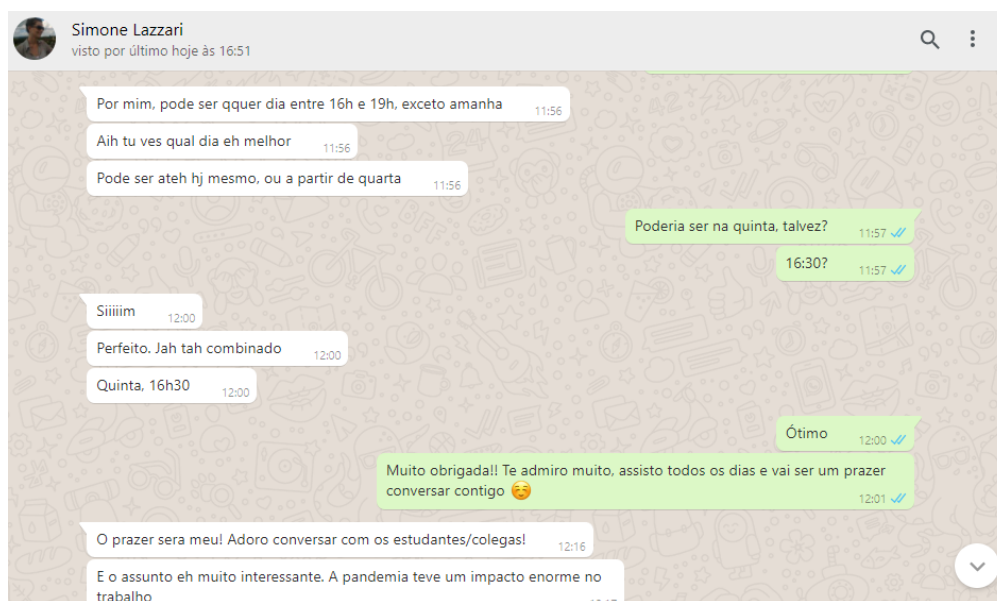
Bom dia Simone,

Claro, se uma vídeo-chamada fica melhor para ti, entro em contato contigo pelo WhatsApp e você me diz o dia e horário que fica melhor.

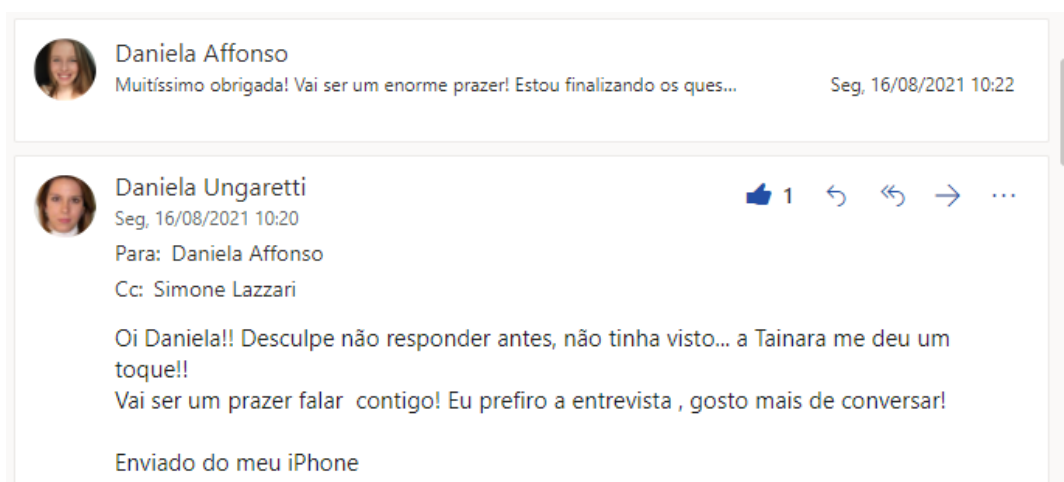
Beijos,

Daniela Affonso

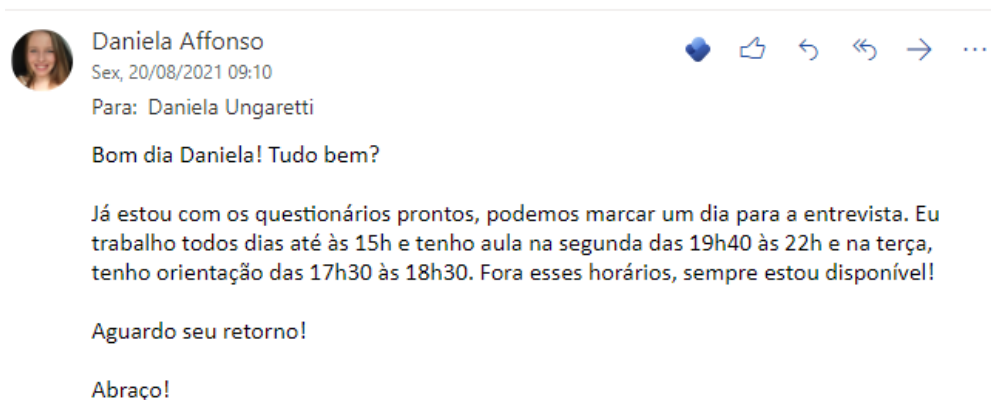
## ANEXO C - AGENDAMENTO DA ENTREVISTA COM A SIMONE LAZZARI PARA O DIA 2 DE SETEMBRO DE 2021



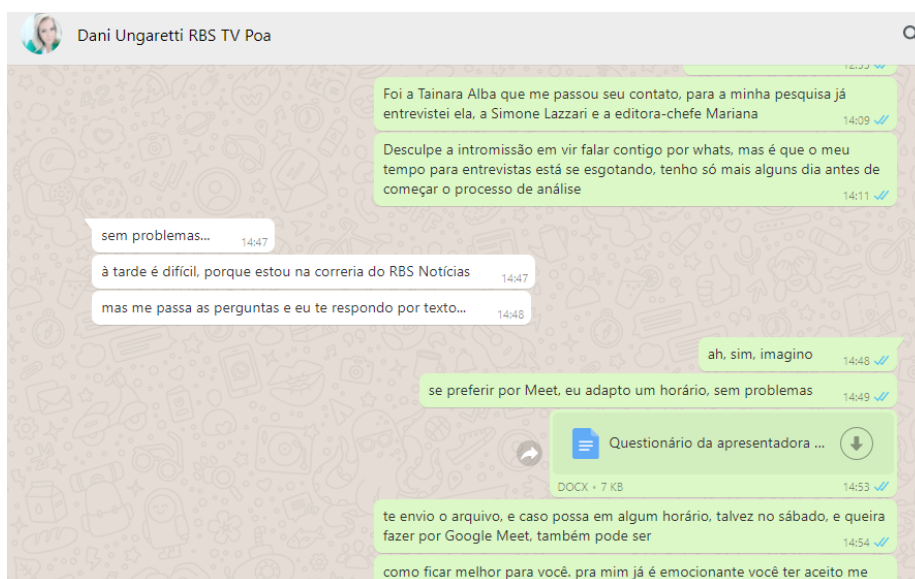
## ANEXO D – PRIMEIRO RETORNO DA DANIELA UNGARETTI VIA E-MAIL



## ANEXO E – TENTATIVA DE AGENDAMENTO DA ENTREVISTA *ONLINE* COM DANIELA UNGARETTI




## ANEXO F – CONVERSA NO *WHATSAPP* COM DANIELA UNGARETTI, QUE OPTOU POR RESPONDER O QUESTIONÁRIO POR TEXTO, NO DIA 21 DE SETEMBRO





## ANEXO G – RETORNO DA MARIANA PESSIN E AGENDAMENTO DA ENTREVISTA

TCC - Os impactos da pandemia da covid-19 na rotina de produção do programa Bom Dia Rio Grande

 Daniela Affonso  
Sex, 20/08/2021 09:12  
Para: Mariana Pessin

Bom dia Mariana!

Meus questionários estão prontos, podemos marcar a entrevista. Eu trabalho todos os dias até às 15h e tenho aula na segunda das 19h40 às 22h e na terça das 17h30 às 18h30. Fora esses horários sempre estou disponível.


Aguardo seu retorno!

Abraço!

...

[Responder](#) | [Encaminhar](#)

---


 Mariana Pessin  
Seg, 26/07/2021 09:53  
Para: Daniela Affonso

Oi, Daniela. Eu aceito participar por Google Meet.

Abraços,

**Mariana Pessin**  
Editora-chefe do Bom Dia Rio Grande

## ANEXO H – COMBINAÇÃO NO DIA DA ENTREVISTA, 9 DE SETEMBRO DE 2021, COM MARIANA PESSIN

 Mariana Pessin Editora Chefe Bom Dia  
visto por último hoje às 17:02

Acredito que você já tenha retornado de férias, gostaria de marcar o dia da nossa entrevista 08:27 ✓

Você  
eu trabalho sempre até às 15h e tenho aula na segunda às 19h40 e na terça orientação das 17h30 às 18h30, fora isso, estou disponível  
por mim pode ser em qualquer horário e dia a não ser esses 08:27 ✓

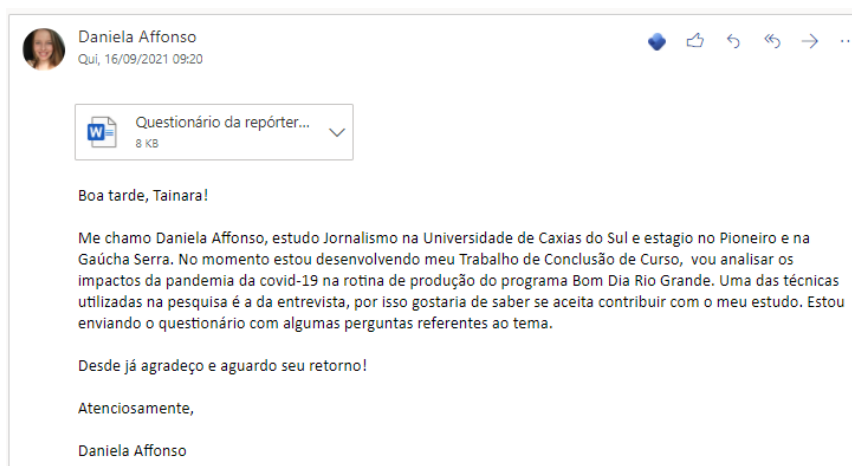
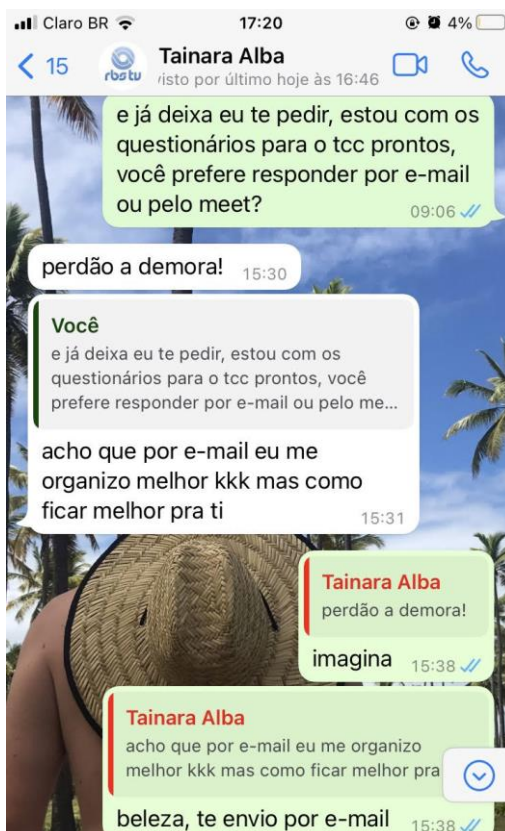
Oi, Daniela. Posso hoje, 17h30. Pode ser? 09:03

Claro 09:03 ✓  
pode ser por google meet? 09:03 ✓


Sim. Só me mandar o link. 09:04


ótimo!! Obrigada!! 09:04 ✓  
Olá!! 17:25 ✓  
link da nossa conversa 17:25 ✓  
<https://meet.google.com/Jni-ebmg-pop> 17:25 ✓

## ANEXO I –ENVIO DO QUESTIONÁRIO PARA TAINARA ALBA NO DIA 20 DE AGOSTO



## ANEXO J – ENVIO DOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS DA TAINARA ALBA NO DIA 20 DE SETEMBRO

 Tainara Alba  
Seg, 20/09/2021 13:40  
Para: Daniela Affonso

 Questionário da repórter...  
24 KB

Oiii Dani!





Perdão a demora em te dar retorno! Essa mudança deu bastante trabalho e bagunçou o meu planejamento do mês.

Espero que eu tenha atingido as tuas expectativas, respondi com carinho. Parabéns pela escolha do tema! Depois, vou querer ver teu TCC, hehe.

Se precisar de algo mais, é só me chamar!

Beijão

**Tainara Alba**  
Jornalista

    ...